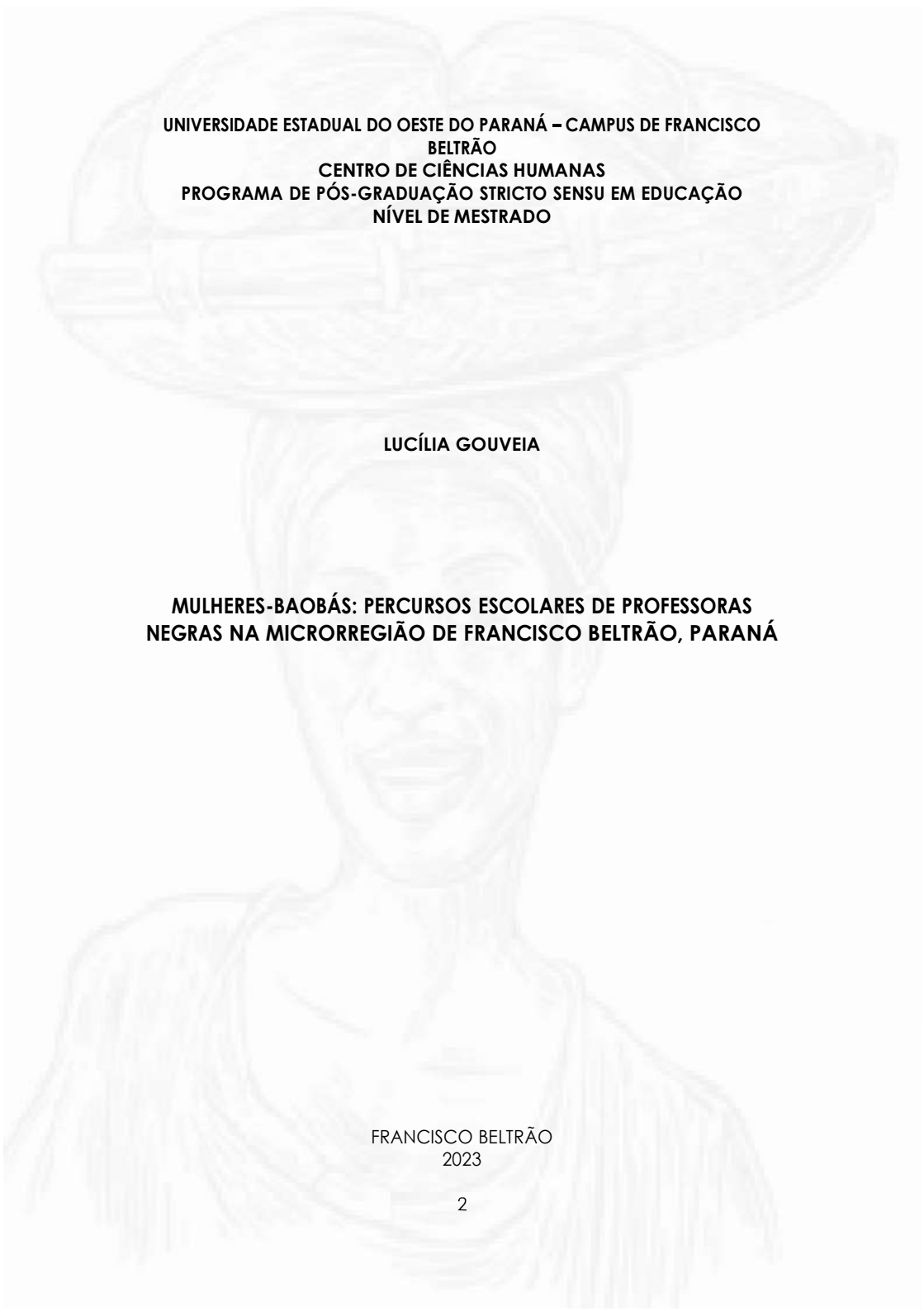


MULHERES-BAOBÁS



**PERCURSOS ESCOLARES DE
PROFESSORAS NEGRAS NA
MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA
DE FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – CAMPUS DE FRANCISCO
BELTRÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO**

LUCÍLIA GOUVEIA

**MULHERES-BAOBÁS: PERCURSOS ESCOLARES DE PROFESSORAS
NEGRAS NA MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ**

**FRANCISCO BELTRÃO
2023**

LUCÍLIA GOUVEIA

**MULHERES-BAOBÁS: PERCURSOS ESCOLARES DE PROFESSORAS
NEGRAS NA MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, Área de concentração: Educação, Linha de pesquisa: cultura, processos educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação

Professora Orientadora:
Dra. Sônia Maria dos Santos Marques

FRANCISCO BELTRÃO

2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Gouveia, Lucília

Mulheres Baobás: Percursos Escolares de Pofessoras Negrasna Microregião de Francisco Beltrão, Paraná / Lucília Gouveia; orientadora Sônia Maria dos Santos Marques. -- Francisco Beltrão, 2023.
264 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Francisco Beltrão) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Educação para as Relações Étnico-Raciais. 2. Professoras Negras. 3. Mulheres Baobás. 4. Biografias. I. dos Santos Marques, Sônia Maria, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCÍLIA GOUVEIA

TÍTULO DO TRABALHO: MULHERES-BAOBÁS: PERCURSOS ESCOLARES DE PROFESSORAS NEGRAS NA MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado, da UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, Área de Educação, Linha de Pesquisa 01: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

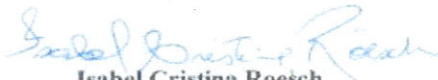
COMISSÃO EXAMINADORA



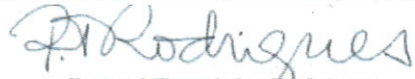
Sônia Maria dos Santos Marques (Orientadora)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/FB)



Fernanda Cordeiro de Almeida Faust



Isabel Cristina Roesch
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Cascavel)



Raquel Terezinha Rodrigues
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Francisco Beltrão, 24 de novembro de 2023

RESUMO

GOUVEIA, Lucília. **Mulheres-Baobás**: percursos escolares de professoras negras na microrregião de Francisco Beltrão, Paraná, 2023. 264 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2023.

A investigação foi desenvolvida na Universidade Estadual do Oeste do Paraná no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de Pesquisa Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores vinculada as atividades do Grupo de Estudos Etno-Culturais. Na pesquisa "Mulheres-Baobás: percursos escolares de professoras negras na microrregião geográfica de Francisco Beltrão, Paraná", apresentamos as biografias de professoras negras nominadas, mulheres-baobás. A partir das narrativas dos seus percursos educativos organizamos o problema de pesquisa expressa na pergunta: quais os percursos escolares de mulheres, docentes negras atuantes na microrregião de Francisco Beltrão? Para a escrita do texto nos valem da metáfora como forma de estabelecer as conexões entre as vivências das mulheres negras professoras, sujeitas da pesquisa e a árvore do Baobá que conecta diferentes temporalidades estabelecendo relações entre ancestralidade e a forma como se conectam ao tempo presente e concebem perspectivas futuras. Os objetivos demarcados para a pesquisa foram: objetivo geral, conhecer percursos escolares das mulheres baobás; e os objetivos específicos: identificar as Mulheres-Baobás da microrregião de Francisco Beltrão, conhecer as biografias e narrativas das Mulheres-Baobás, educadoras negras; Compreender como a temática da educação das relações étnico-raciais compõe o cotidiano escolar das mulheres negras e professoras; Os instrumentos de coleta de informações foram: entrevista narrativa, registro fotográfico, análise documental, diário de campo. Os autores que deram suporte teórico-metodológico para a investigação: Alberti (2004), Bauer, Gaskell (2008), Evaristo, (2005, 2016, 2020, 2022), Larrosa (1998, 2014) Minayo (2001), Errante (2000), dentre outros. No decorrer da investigação percebemos que as docentes, no seu percurso escolar, vivem entre a (re)existência e visibilidade (que a prática docente suscita) e a invisibilidade (que por vezes a sociedade impõe). A partir da totalidade material coletado podemos afirmar que as Mulheres-Baobás rememoraram momentos da infância, juventude e na vida adulta. Mostraram como o racismo emoldurou decisões profissionais, práticas pedagógicas, relações interpessoais e identidade étnico-racial. As sujeitas foram surpreendidas pelo teste Genera e perceberam as interseções entre suas histórias e percurso escolar.

Palavras-Chave: Mulheres-Baobás; Biografias de professoras negras; Educação para as relações Étnico-raciais.

ABSTRACT

GOUVEIA, Lucília. **Baobab Women**: school journeys of black teachers in the micro-region of Francisco Beltrão, Paraná, 2023. 264 f. Dissertation (master's in education) - University of Western Paraná, UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2023.

The investigation was carried out at the State University of Western Paraná in the Postgraduate Program in Education in the line of Culture Research, Educational Processes and Teacher Training linked to the activities of the Ethno-Cultural Studies Group. In the research "Women-Baobabs: school paths of black teachers in the geographic microregion of Francisco Beltrão, Paraná", we present the biographies of black teachers named, women-baobabs. Based on the narratives of their educational paths, we organize the research problem expressed in the question: what are the educational paths of women, black teachers working in the micro-region of Francisco Beltrão? To write the text, we used metaphor as a way of establishing connections between the experiences of black women teachers, research subjects and the Baobab tree that connects different temporalities, establishing relationships between ancestry and the way they connect to the present time and conceive future perspectives. The objectives set out for the research were: general objective, to understand the educational paths of baobab women; and the specific objectives: identify the Baobab Women of the Francisco Beltrão microregion, learn about the biographies and narratives of the Baobab Women, black educators; Understand how the theme of education of ethnic-racial relations makes up the daily school life of black women and teachers; The information collection instruments were: narrative interview, photographic record, document analysis, field diary. The authors who provided theoretical-methodological support for the investigation: Alberti (2004), Bauer, Gaskell (2008), Evaristo, (2005, 2016, 2020, 2022), Larrosa (1998, 2014) Minayo (2001), Errante (2000), among others. During the investigation we realized that teachers, in their school career, live between (re)existence and visibility (which teaching practice raises) and invisibility (which society sometimes imposes). From all the material collected, we can say that the Baobab Women recalled moments from childhood, youth, and adulthood. They showed how racism shaped professional decisions, pedagogical practices, interpersonal relationships, and ethnic-racial identity. The subjects were surprised by the Genera test and realized the intersections between their stories and school career.

Keywords: Baobab Women; Biographies of black teachers; Education for ethnic-racial relations.

RESUMEN

GOUVEIA, Lucília. **Mujeres Baobab**: jornadas escolares de docentes negras en la microrregión de Francisco Beltrão, Paraná, 2023. 264 f. Tesis (Maestría en Educación) - Universidad del Oeste de Paraná, UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2023.

La investigación se realizó en la Universidad Estadual del Oeste de Paraná en el Programa de Postgrado en Educación en la línea de Investigación Cultura, Procesos Educativos y Formación Docente vinculado a las actividades del Grupo de Estudios Etnoculturales. En la investigación "Mujeres-Baobabs: caminos escolares de profesoras negras en la microrregión geográfica de Francisco Beltrão, Paraná", presentamos las biografías de profesoras negras denominadas mujeres-baobabs. A partir de las narrativas de sus trayectorias educativas, organizamos el problema de investigación expresado en la pregunta: ¿cuáles son las trayectorias educativas de las profesoras negras que trabajan en la microrregión de Francisco Beltrão? Para escribir el texto utilizamos la metáfora como forma de establecer conexiones entre las experiencias de las profesoras negras, sujetos de investigación y el árbol Baobab que conecta diferentes temporalidades, estableciendo relaciones entre la ascendencia y la forma en que se conectan con el tiempo presente y conciben perspectivas futuras. Los objetivos planteados para la investigación fueron: objetivo general, comprender los caminos educativos de las mujeres baobab; y los objetivos específicos: identificar a las Mujeres Baobab de la microrregión Francisco Beltrão, conocer las biografías y narrativas de las Mujeres Baobab, educadoras negras; Comprender cómo el tema de la educación de las relaciones étnico-raciales conforma el día a día escolar de las mujeres y docentes negras; Los instrumentos de recolección de información fueron: entrevista narrativa, registro fotográfico, análisis de documentos, diario de campo. Os autores que deram suporte teórico-metodológico para a investigação: Alberti (2004), Bauer, Gaskell (2008), Evaristo, (2005, 2016, 2020, 2022), Larrosa (1998, 2014) Minayo (2001), Errante (2000), entre otros. Durante la investigación nos dimos cuenta de que los docentes, en su carrera escolar, viven entre la (re)existencia y la visibilidad (que la práctica docente suscita) y la invisibilidad (que la sociedad a veces impone). De todo el material recopilado, podemos decir que las Mujeres Baobab recordaron momentos de la infancia, la juventud y la edad adulta. Mostraron cómo el racismo moldeaba las decisiones profesionales, las prácticas pedagógicas, las relaciones interpersonales y la identidad étnico-racial. Los sujetos quedaron sorprendidos por la prueba Genera y se dieron cuenta de las intersecciones entre sus historias y su carrera escolar.

Palabras clave: Mujeres Baobab; Biografías de profesores negros; Educación para las relaciones étnico-raciales.

Dedicatória

Dedico essa a minha família com saudades dos meus pais (in memória): Marcionília Vieira Gouveia, mulher negra, guerreira, pobre, lavadeira, passadeira, empregada doméstica, vendedora de Avon e de várias peças (vestimentas, enxovais), tudo para ajudar no sustento da família. Momento de lançar palavras a minha mãe: - Mãe, a senhora não sabia juntar as letrinhas, mas tinha outras inteligências guardava tudo na memória o que vendia, recebia, calculava contávamos por centavos e ensinava a Matemática da vida. - A senhora "costurou a vida com fios de ferro" e ajudou a perceber o prazer e a responsabilidade pelo que se faz.

Ao pensar os percursos dos sujeitos da pesquisa, rememoro o itinerário de minha mãe: mulher negra de Salinas, Minas Gerais, que sentiu na pele a segregação racial, mas, que esperançava um mundo mais justo. Quando ingressei na universidade mesmo desconhecendo o universo acadêmico todas as noites me esperava nos corredores da universidade o momento de ir para as aulas. Nesse momento é como se conversasse com ela, dizendo: - você, mãe mulher negra sobreviveu a tantas formas de racismo, preconceitos e discriminações. Você foi forte e me ensinou ser resistência! Com toda simplicidade, mas, com toda sua braveza de mulher negra de Minas Gerais dizia: - "que eu era encardida, chata, e eu logo respondia: Sabia que sou sua filha". Sou o que sou porque herdei a sua genética e suas mazelas. Ela sempre dizia: - fuça (cara, jeito, parecência), do seu pai, mas não, eu sou a sua fuça: persistente, corajosa e trabalhadora.

Ao meu pai Christiano Gouveia, de Araraquara, São Paulo, pai amado, corajoso, foram tantas batalhas, [...]", são milhares de memórias de dores, amores, afetos e desafetos.

Aos meus irmãos João Carlos, Ocimar, Moacir e Ademir, minhas cunhadas: Rosa, Janete, Rose e Márcia e aos meus sobrinhos amados:

Adriane, Rodolfo, Murilo, Cristiane, Isadora, Ocimar Júnior, Lucas, André, Julia Gabriela. Maria Eduarda (in memória) e o mais novo sobrinho que nasceu em 2023, Artur. Aos esposos e esposas dos meus sobrinhos. Aos sobrinhos netos: Gustavo, Maria, Gabriel, Júlia, Pedro, Aurora e Maria Júlia.

Agradecimentos

Escrever os agradecimentos implica uma profusão de sensações: desprendo um sorriso negro, lágrimas cobrem o rosto, mãos gelam, todo o corpo vibra. Agradeço, a Deus, as santidades e divindades que permitiram estar no mundo e com os fios da Baobá tecer narrativas, entrelaçar palavras e compor um texto.

A gratidão se estende às antepassadas/os africanas/os e afrodescendentes, que lutaram pelas ações afirmativas para a população negra, pelo ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, marcada pela conquista da Lei Nº10.639/2003, pela igualdade racial, por uma educação para a população negra. Essa gratidão habita o texto e se traduz em tentativa de trazer os que me antecederam nas palavras, frases, sentenças, imagens. Esse texto é uma tentativa de apresentar vozes, movimentos, discursos, presenças negras.

Ao decidir pela metáfora, irrompeu o Baobá, como fonte de inspiração, como encontro ancestral, enraizamentos e florescimentos das raízes africanas.

Por vezes, tive vontade de desistir do sonho! Mas, como desistir desta oportunidade? Muitos braços me abraçaram, secaram minhas lágrimas e disseram: você consegue, segue em frente! Assim prossegui minha travessia, explorando meu desejo de escrita.

Há quem diga que é fácil agradecer, mencionar nomes, pessoas, instituições. Confesso que tenho medo de esquecer de mencionar as pessoas, os espaços e as ancestralidades que me ajudaram a suportar os momentos solitários, e o empenho em laborar a escrita. Esse processo foi intenso e solitário!

A família Lombardi que acolheram nas horas mais difíceis das nossas vidas. Em especial a minha amada tia Alice (in memória), que sempre teve um grande carinho por nós [...]. Acredito que vocês lembram de todas as histórias vivenciadas[...]", eterna gratidão.

A família Prandi, seu Edgar Prandi (in memória), família não

consanguínea, mas, um fio de baobá nos uniu neste trajeto de vida. Agradecida por todos os momentos vividos juntos, por toda acolhida.

Aos meus amigos de Tocantins: Solange Machado (in memória), Adolfo, Fernanda Almeida Torres Sinigálha, Adelmides José da Mata, Osvalda Dias de Oliveira da Mata, Laércio Teixeira da Mata e Selma Dias Rodrigues Teixeira, vocês me acolheram no estado de Tocantins, município de Dianópolis, com tanto carinho, agradeço eternamente. Mas, a vida é uma viagem e atravessei o Rio Tocantins e vim para o Rio Marrecas em Francisco Beltrão. Agradeço ao amigo para todas as horas João Garcia Voght e a Maria Meurer, Dona Mariazinha uma pessoa pequena na estatura, mas, gigante de afetos que me acolheu em sua pensão com tanto carinho. Obrigada, Dona Maria e toda sua família, a senhora mora no meu coração.

Agradeço a Professora Odete Aparecida Serraglio, que aceitou a indicação do professor Luiz Roberto Prandi para eu trabalhar na UNIPAR. Obrigada!

Na UNIPAR, fiz amigos e amigas que me enchem de alegria: Dirce, Vera, Denise, Claides, Rosa, Aneli. Nos encontramos até hoje e recordamos as histórias e experiências vividas. Relembramos, espaços, pessoas, relações: sentimentos e saudades. E aos sobrinhos de Francisco Beltrão, Júlia Fernanda, Laís Amanda e João Vitor e seus pais: Maria Irenilda Ranunci Fernandes e Sérgio Bueno Fernandes.

Agradeço a Instituição UNIOESTE e todos os professores do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação. É importante citar os nomes para o registro desta história, então agradeço as professoras: prof.^a Dr^a Roseli Pilonetto, prof.^a Dr^a Cecilia Maria Ghedini, prof.^a Dr^a Carina Merkle Lingnau, Prof.^a Dr^a Sônia Maria dos Santos Marques, Prof.^a Dr^a Suely Aparecida Martins e os professores: pref.^o Dr^o Carlos Antônio Bonamigo, pref.^o Dr^o Clésio Acilino Antonio, pref.^o Dr^o Eduardo Nunes Jacondino, vocês não mediram esforços para que eu permanecesse no Programa e finalizasse a tarefa proposta. Vocês

dedicaram tempo, conhecimento, presença.

Agradeço a Assistente do Programa Zelinda Bedenaroski Corrêa e a coordenadora Prof.^a Dr^a. Janaina Damasco Umbelino.

Ao Grupo de Estudos Etno-culturais por acreditar para além da Lei Nº 10.639/03, que já produziram tantos frutos nestes anos de existência.

Quero imensamente agradecer a minha orientadora Dr^a Sônia Maria dos Santos Marques, mil palavras para descrever sobre o quanto você é importante, pegou na minha mão e conduziu até o fim do mestrado, uma conquista que pensava que não merecia, e você acreditou e chegamos. Dr^a Sônia, Mulher-Baobá, obrigada pela oportunidade do encontro, pela doçura das palavras, pela delicadeza dos gestos e pelo jeito formalmente doce. Foi um prazer ter você como minha orientadora.

Agradeço a FAMPER, por me acolher num momento tão necessário. Obrigada, família Reichert. E todos os amigos e amigas que tenho nesta instituição.

Aos professores da rede estadual e em especial aos meus alunos do presente e do passado que caminharam comigo até aqui. Alunos da modalidade Educação Especial, do Curso de Formação de Docentes, alunos de todos os cursos que já ministrei aulas. Com carinho pelo curso de Pedagogia da FAMPER. São tantas narrativas sobre estes percursos escolares que as palavras falham em traduzir o vivido, feito e sentido.

E agora é a vez de agradecer as mulheres-Baobás que aceitaram fazer parte da pesquisa, mulheres que narraram suas memórias, histórias, seus percursos escolares. Suas narrativas foram potentes. Gratidão, mulheres-Baobás: Adriana de Pinto Lima, Anaildes do Nascimento Casa, Celina Terezinha Carvalho, Francielly Soares Mafioletti, Ingrid Mayara Spiss Andrade, Iracema de Lourdes Carvalho, Lúcia Tânia Neves da Rocha, Nara Maria Pena, Onira de Fátima Carvalho, Rita de Cássia dos Santos Lima, Selvina Januária Sezinandi. Vocês são as Baobás da microrregião de Francisco Beltrão. Agradeço!

Vocês embalaram, desafiaram, tencionaram, e me puxaram para o mestrado, para a pesquisa, para compreender os intensos movimentos vividos por vocês (e talvez me veja neles). O enraizamento provocado pela pesquisa de alguma forma também solidificou minhas raízes acadêmicas que se fincam cada vez mais para manter-me de pé. A todas vocês, meus profundos e sinceros agradecimentos.

Agradeço as professoras que fizeram parte da Banca de Defesa desta Dissertação, Mulheres-Baobás que compartilharam conhecimentos: Prof. Dr^a Carina Merkle Lingnau, Dr^a Fernanda Cordeiro Faust, Dr^a Isabel Cristina Roesch, Prof Dr^a Raquel Terezinha Rodrigues e a orientadora Prof Dr^a Sônia Maria dos Santos Marques. Vocês são os fios da Baobá que costuram e sustentam a docência e, por meio da pesquisa lançam novas sementes no solo.

Neste espaço de agradecimentos quero dizer obrigada a professora Clemilda Santiago Neto, da Secretária Estadual de Educação – SEED, Curitiba, que na fase de identificação e criação de acervo documental para a dissertação, prontamente forneceu os dados relevantes para a pesquisa.

Agradeço as amigas/os que vibraram e emanaram sinceros desejos que tudo desse certo, por entenderem e respeitarem as distâncias e ausências, os momentos de reclusão e por terem me ouvido e ajudado como puderam nas transcrições e revisses técnicas: Adriane Gouveia, Celiane De Cesaro, Willian Canova dos Santos e Amanda Pavan.

Agradeço a artista plástica Maria das Graças Damschi, professora e amiga que contribuiu com as obras de artes e a Jaqueline Contini que fez os quitutes para a Muvuca de Fotos e estava sempre amparando com seus quitutes nos momentos da escrita.

Acredito que este momento da escrita é fundamental ressaltar a energia que é a nossa força vital para a travessia no mestrado e agradeço a Sabrina Machado, a Jussandra Cattaneo, que estão no

processo de escrita e dizer venceremos.

E agradeço mesmo a quem não está escrevendo um texto acadêmico, mas me acompanhou neste trajeto, sobretudo aquelas/es que caminharam mais próximos ao longo do curso, sabem das dores e delícias, vividas e sentidas nesta travessia.

Enfim agradeço a natureza, por me permitir estar em conexão com as minhas raízes e os meus ancestrais, ao sol por iluminar meus dias, a lua por cintilar minhas noites, as chuvas, os rios e pelas águas que lavam minha alma. Todos, todas e todxs que passaram na minha vida e conhecem minha travessia sabem que foram momentos tensos, mas, necessários para realizar a investigação e compor este texto.

LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

ADN	Ácido desoxirribonucleico
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
COVID-19	Coronavírus
DNAEBs	Descendentes de Negros Africanos Escravizados no Brasil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EN	Entrevista Narrativa
EJ	Estatuto da Juventude
FLIP	Festa Literária Internacional de Paraty
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais.
MNU	Movimento Negro Unificado no Brasil
MN	Movimento Negro
ONU	Organização das Nações Unidas
QPM	Quadro Próprio do Magistério
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TEN	Teatro Experimental Negro
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro Oeste
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SINPRO/DF	Sindicato dos Professores do Distrito Federal
SNP	Single nucleotide polymorphism

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Baobá, símbolo de Madagascar	37
Imagem 2 DNAfro	76
Imagem 3 Representação da herança baobá	91
Imagem 4 Andikra sankofa ideograma africano	116
Imagem 5 Decoração do espaço que se realizou a muvuca de fotos	121
Imagem 6: Livro: Cabelo de Lelê	131
Imagem 7: Pintura de Jean-Baptiste Debret	200
Imagem 8: A Redenção de Cam	215

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01: Baobá na Praça da República de Pernambuco	38
Fotografia 02: Árvore, frutos da Baobá	41
Fotografia 03: Mulher-Baobá Francielly.....	77
Fotografia 04: Professora Onira com o teste Genera.....	83
Fotografia 05: Mulheres-Baobás Iracema, Lúcia e Lucília.....	101
Fotografia 06: Organização da mesa de quitutes.....	123
Fotografia 07: Roda de Conversa.....	125
Fotografia 08: As três irmãs professoras Celina, Iracema e Onira.....	146
Fotografia 09: Conceição Evaristo.....	148
Fotografia 10: Família Carvalho.....	151
Fotografia 11: A infância e a escola.....	156
Fotografia 12: Ensino Fundamental da Baobense Francielly.....	157
Fotografia 13: Baobá Ingrid e a Escola.....	160
Fotografia 14: O batizado da Mulher-Baobá Ingrid.....	164
Fotografia 15: Formatura em Música.....	180
Fotografia 16: Trabalho do broto de Baobá Adriana - Corais de Música.....	182
Fotografia 17: O tempo e o Trabalho.....	183
Fotografia 18: Árvore baobá de Recife.....	192

Lista de Mapas

Mapa 01 - Porcentagem de docente que se autodeclararam pretos e pardos no Estado do Paraná	67
Mapa 02: Exemplo de mapa do Genera Básico.....	75
Mapa interativo 03: Teste Genera – Mulher- Baobá Francielly.....	79
Mapa interativo 04: Teste Genera – Mulher- Baobá Francielly	80
Mapa interativo 05: Teste Genera – Mulher- Baobá Ingrid.....	81
Mapa interativo 06: Teste Genera – Mulher- Baobá Ingrid.....	82
Mapa interativo 07: Teste Genera Mulher-Baobá Onira.....	85
Mapa interativo 08: Localização origem Iracema Mulher-Baobá.....	87
Mapa Interativo 09: Herança genética da Mulher-Baobá Iracema.....	88
Mapa interativo 10: Teste Genera da Mulher- Baobá Rita de Cássia.....	91
Mapa interativo 11: Teste Genera da Mulher- Baobá Rita de Cássia.....	93
Mapa interativo 12: Teste Genera da Mulher- Baobá Selvina.....	95
Mapa interativo 13: Teste Genera da Mulher- Baobá Selvina.....	96
Mapa interativo 14: Teste Genera Mulher- Baobá Adriana.....	98
Mapa interativo 15: Teste Genera da Mulher- Baobá Lúcia.....	100
Mapa Interativo 16: Demonstrativo DNA Mulher-Baobá Lúcia.....	104
Mapa interativo 17: População Negra e Comunidades Quilombolas do Paraná.....	200

Lista de quadros

Quadro 01 - Número de docentes que se autodeclararam pretos e pardos no Estado do Paraná.....	68
Quadro 02 : Descrição das categorias étnico-raciais segundo IBGE.....	136

Lista de gráficos

Gráfico 1-Exemplo de como pode se processar a herança genética.....90

Gráfico 02: População que autodeclaram por "raça" e cor.....137

PREÂMBULO

Há muito e muito tempo atrás, no continente africano, Deus estava criando o mundo. Ele já tinha construído a terra, a grama e até mesmo algumas flores e lagos, quando resolveu criar a primeira árvore. Então, Deus foi lá e criou o Baobá – uma árvore muito grande e grossa – ao lado de um dos lagos. Depois Ele criou outras árvores. O Baobá é a primeira árvore da Terra! Eu o criei grande, resistente e longevo porque quero que ele ajude os humanos a evoluírem, quando eu os trouxer para cá. É por isso que um Baobá viverá 6 mil anos! Deus tinha criado uma árvore que era capaz de atravessar os milênios, acumulando toda a sabedoria ancestral e entendimentos importantes sobre a vida e os humanos, mas o Baobá não estava feliz com isso. Ele não entendia... Baobá olhava pelo reflexo do lago, via outros tipos de árvores e reclamava com Deus: - Por que aquela árvore tem folhas amarelas e eu não tenho? – Para você eu não quis dar folhas amarelas, Baobá! Mas eu quis que você fosse alto. Você pode ter 30 metros de altura porque eu te criei para poder ver mais longe. Você não precisa de folhas amarelas para isto! – Ah, entendi. Mas por que aquela outra tem uma flor rosa e eu não tenho? – Baobá, eu te criei para ser sábio! Você pode viver mais do que qualquer uma delas. – Isso não é verdade! Você já criou outras árvores que podem viver bem mais do que eu. Porque aquela tem o tronco diferente do meu? - Baobá, o seu tronco é assim porque você pode armazenar 120 litros de água dentro de você – isso permite que você sobreviva a períodos difíceis. Mas o seu tronco também é assim porque ele precisa ser oco, para que seja possível guardar as memórias de todas as gerações da vida dentro de você. Eu criei cada uma das árvores para alguma coisa. Todas vocês são diferentes, não queira que vocês sejam iguais, Baobá. A diversidade é o segredo da vida e da natureza. Mas já tem outras árvores que são melhores do eu! – Baobá, meu filho, entenda uma coisa. Não tem porque ficar se comparando com as outras árvores. Você é especial e único para mim. Você é um Baobá. Cada árvore eu criei para uma coisa, lembre-se. Além do mais, você foi o primeiro que eu criei, tem algo muito especial nisso, te dei tudo o que eu tinha de bom,

mas depois eu fui me aprimorando. Olhe, a sua semente leva 10 anos para germinar. Isso é muito tempo! Precisei, por exemplo, criar árvores que crescessem mais rápido, mas elas morrem mais rápido também e aprendem menos sobre a vida.... Mas isso não é justo, de jeito nenhum! Eu queria ser como as outras árvores que vejo pelo reflexo do lago. Deus então foi se enfurecendo porque Baobá não entendia a sua importância. E para que ele parasse de ver as outras árvores e se comparar com elas, Deus resolveu virá-lo de cabeça para baixo. E o que ficou para cima foram as raízes, enquanto a copa e as folhas do Baobá ficaram enterradas. – Baobá, me desculpe. Mas fiz isso com você para você aprender a olhar para si e não para as outras árvores. Você é especial porque é justamente quem você é, um Baobá. Tenho certeza de que se você parar de olhar as outras árvores, vai conseguir descobrir como é importante ser você. Não precisa ter inveja, meu filho, você é único e especial para mim. Passou algum tempo até que Baobá conseguisse entender quem ele era. Então, Deus voltou e perguntou: - Meu filho, já conseguiu ver a si próprio?

– Sim. Eu sou o Baobá! A Árvore mais antiga e sábia do mundo. Eu nasci junto com o mundo, por isso, serei a conexão entre os homens e você. – Exatamente! Você é a árvore da vida. A vida será muito importante para os homens. Você deve entendê-los e entendê-la. – Eu sou grande desse jeito porque sou um pilar, o pilar do mundo e da resistência... Resistência ao tempo e todas as experiências que podem vir dele! Sejam boas ou ruins, por isso sou como sou e tenho as características que tenho – porque posso sobreviver e aprender. Então, posso ensinar. – Sim, é isso mesmo, Baobá! Você é magnífico! Acho que já posso te desvirar então... não faça isto, por favor! Acho que devo ficar exatamente como estou. Ficamos mais sábios quando estamos de cabeça para baixo, além do mais... será mais fácil conversar com os humanos nessa posição, minha boca está mais próxima do solo. – Tudo bem, então, Baobá! Como você preferir... O importante é ser você. E foi assim que Deus criou o Baobá. E é por isso que até hoje as pessoas se encantam por ele, porque quando o avistam de longe vem que ele está de ponta cabeça; e

quando se aproximam, percebem que ele está exatamente como deveria estar: **porque, assim, elas conseguem ouvir os conselhos de Baobá sobre a vida, sobre crescer e transcender. Afinal, todas as memórias do mundo estão guardadas no seu tronco oco.** Não há sabedoria da vida que não esteja dentro do tronco de um Baobá (IANCOSKI, 2020, s/p).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	26
INTRODUÇÃO.....	30
I. LANÇAR A SEMENTE NO SOLO: AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO	36
1.1. Axé! das mulheres baobás: Entrevistas narrativas	49
1.2. Mulheres-baobás: Vozes da sabedoria: Sujeitos da pesquisa	58
1.3. Imagens e registros das mulheres- baobás:	646
1.4. A escrita sobre a escrita: caderno de Campo.....	66
1.5. Entrelacando os fios de baobás: redes documentais	67
1.6. Ancestralidade das mulheres-baobás: Teste Genera	73
 2. MULHERES-BAOBÁS: RAMIFICAÇÕES, NARRATIVAS E IDENTIDADES	109
2.1 “Muvuca de fotos”: interações identitárias em diálogo.....	119
1.2. Infâncias e juventudes negras: espaços, vozes, personagens.....	150
1.3. Os Brotos da Baobá: juventudes negras/pretas e pardas.....	178
 3. O PILAR DO MUNDO: MULHER, NEGRA, DOCENTE E OS DESAFIOS DE (RE)EXISTÊNCIA	190
3.1 Mulher Negra: existência e re(existência)	201
3.2 Enegrecer à Docência: práticas pedagógicas e o antirracismo.....	225
 4. MULHERES-BAOBÁS: ASPERSÃO DE SEMENTES BAOBÁS NA MIGRO REGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO	221
5 REFERÊNCIAS	227
6. APÊNCICES.....	230

APRESENTAÇÃO

Quando eu morder
a palavra,
por favor
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o amago das coisas.
(Conceição Evaristo)

"Morder a palavra" é isso que me coloco como tarefa: fazer o exercício de escrita, encontrar expressões que possam sintetizar histórias, fazeres, percepções, experiências, encontros, desencontros.

O que narro na sequência são fragmentos de minha história individual, familiar (ainda que reconheça os traços sociais que a permeiam), cruzamentos de vivências de Mulher-Baobá jogada no mundo.

A árvore Baobá que uso como metáfora no texto da dissertação me acompanha nesta narrativa como enraizamento de Mulher-Baobá que se lança no mundo e vai deixando suar marcas, suas memórias, compartilhando tempos e espaços. É com esta impressão que começo a narrar o percurso escolar. Quando chegou o ensino médio, fazer o que não era um sonho viável, devido a necessidade de trabalhar como empregada doméstica para o auto sustento e ajudar nas despesas da família. Nesta situação foi necessário cursar me adaptar às possibilidades e realizar ensino médio: Básico em Comércio. Sempre questionava Comércio para quem? Como? Curso vazio, que girava a roda das incertezas, do desespero de ser estudante trabalhadora e que cursou três anos de ensino noturno, porque a única oportunidade de educação que se insinuava. Na vida diurna passava pelas peleias de ser empregada doméstica, filha de pais que fizeram um casamento interracial, que viveram as mazelas da pobreza, da

falta de moradia, de alimentação e de recursos financeiros para fazer os filhos estudar mesmo em escolas públicas.

Consegui deixar a profissão de empregada doméstica com a ajuda de uma prima que trabalhava na época na Inspetoria, atual Núcleo Regional de Educação que me indicou para atuar como docente de uma escola do campo no Bairro Mundo Novo a 10 quilômetros de Jesuítas, município do interior do Paraná. Foram dois anos na Escola Estadual Visconde de Mauá (em paralelo cursava o Magistério).

Em 1990 ano em que meu pai desenvolveu um câncer fiquei desempregada. E agora Lucília? Era a pergunta que me inquietava. Naquele momento: incertezas, inquietações. Mas, as raízes profundas e todas as divindades me protegeram e prossegui.

Assim, num belo dia nos meados do mês de maio fui convidada por uma amiga para trabalhar na Escola Especial de Jesuítas atual Escola Charles R. B. Santos, E-EI EF Modalidade Educação Especial, na função de auxiliar do fonoaudiólogo lembro de suas palavras: "não adianta ser amiga da diretora se não desenvolver um bom trabalho com crianças". - Pensei vou me empenhar! Permaneci por 11 anos. Neste tempo espaço fiz o curso de Adicional na área da Surdez na UNIOESTE, campus de Toledo. Foram 1005 horas de curso, tantas idas e vindas para permanecer no curso foram diversos movimentos de resistir para não desistir, senti a cor da fome que era amarela como diz Carolina Maria de Jesus. Consegui concluir o curso!

Na sequência dois vestibulares para Pedagogia em universidades particulares, não conseguia permanecer. Sou a única filha mulher, e as normas do patriarcado, naquele momento dizia que mulheres não precisavam estudar.

Fui estudar em Umuarama, na Universidade Paranaense – UNIPAR, universidade particular. Mais uma vez a indignação de ser pobre e questionava: - porque o direito a educação para os povos pobres se desvanece? Mas, com a política nacional de financiamento da educação superior em 1992, tive a proteção dos orixás e mais uma vez o professor e Doutor Luiz Roberto Prandi, e a professora Doutora Maria Aparecida

Monteiro, auxiliaram na burocracia de conseguir o financiamento. Foram 3 anos no curso de Pedagogia, conclui em 1995 e em 1996, com mais autonomia financeira fiz um ano de Orientação Educacional, para complementar o curso de Pedagogia.

Fiz duas especializações em instituições particulares e a única pós-graduação na universidade pública, Unioeste em 2012, não consegui concluir por conflitos pessoais. Mas, com as disciplinas que cursei contribuíram para me reconhecer enquanto mulher negra que "a gente precisa desse entendimento; eu falo isso porque eu sou uma mulher que cresceu embranquecida, e me tornei mulher.

A formação da identidade foi uma construção política, histórica e cultural com lutas internas que se manifestaram em movimentos externos que implicaram em assumir cabelo e uma estética afrodescendente e negação do embranquecimento que marcou fortemente várias gerações de mulheres na sociedade brasileira.

Consegui vivenciar a docência em Jesuítas por 13 anos (trabalhando com alunos surdos) e em seguida mudei para Tocantins, fui morar no município de Dianópolis. Morei aproximadamente um ano neste estado acolhedor com riquezas culturais que aproximavam das minhas raízes.

Retornei para o Paraná na região Sudoeste em 2002 como docente em curso de Pedagogia. novos momentos se desenharam com auxílio do professor Luiz Roberto Prandi, denomino-o como um orixá que me protegia e me reconhecia como Mulher-Baobá, em momentos que ainda questionava a resistência que está associada à docência negra.

A presença de mulheres negras na educação superior é recente e resulta da luta por visibilidade e pelo direito à educação. Não está relacionada ao pertencimento étnico-racial, mas, a situação econômica, que a população negra foi submetida. Foi um marco ser a primeira professora negra da Universidade Paranaense – campus Francisco Beltrão.

Era necessário compreender o Brasil, o Paraná e o município de Jesuítas, de Francisco Beltrão e Marmeleiro e interseccionalizar a sociedade com os mais diversos marcadores: gênero, raça, classe, sexualidade.

Com a escrita da dissertação as minhas memórias emergiram em espaços delineados pelo poder da escrita, mesmo com todas as dificuldades encontradas rasuraram a cena dos grandes feitos e permitiram a composição da escrita dos percursos escolares das mulheres-baobás que entrecruzaram e mostraram as aproximações de ser mulher, negra, empobrecida e que formamo-nos professoras com objetivos de contribuir com a educação de outras pessoas negras.

E no dia 24 de novembro de 2023, o dia tão esperado: a Defesa da dissertação de Mestrado. Estava rodeada de amigos/amigas, familiares e online e presenciais. A Banca composta por Mulheres-Baobás, mulheres que se autodeclararam negras, que fizeram suas contribuições na leitura do texto e que compreendiam a emoção daquele dia que começou com mãos frias, expectativa, compartilhamento. À medida que o ritual acadêmico avançava a sensação de segurança se adensava.

Foram diversas misturas sentimentos e emoções que experienciei neste dia: medo, alegria, segurança/insegurança [...] tive a certeza que os meus ancestrais estavam felizes, pois, ver uma mulher, negra chegando neste lugar foi porque encontrou outras mulheres negras que contribuíram para a formação, seguraram na mão e tensionando conhecimentos, crescendo como o baobá vigoroso que estende seu galhos em muitas direções.

Tenho certezas que o percurso foi longo a transformação como Mulher- Baobá foi radical: ampliação da crença na educação como força vital, seiva que encharca existência transformando-a em mundo de possibilidades pois, tal como reitera Conceição Evaristo “quero mascar, rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o tutano. do verbo”.

INTRODUÇÃO

O momento chegou! Ingresso no mestrado, tempo para realizar uma investigação que fizesse transparecer as vozes das Mulheres-Baobás. Nesse movimento tivemos uma sensação de medo e ansiedade, emoções que entrecruzavam vários sentimentos: orgulho, alegria, prazer de ouvir, de ver; temor da escrita, desejo de encontrar palavras que fossem expressado meu pensamento e de cada uma das mulheres que participaram da investigação. Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão, dois sentimentos se mesclaram: a sensação de regozijo de lograr aprovação; o temor diante do desafio que se delineava - escrever uma dissertação, realizar uma pesquisa. Assim, ao ingressar no programa de pós-graduação, em uma instituição pública de qualidade foi momento marcante no meu percurso acadêmico e história pessoal.

Me orgulho de estudar nessa instituição que estudo desde 1992 (fazendo o curso adicional nível de ensino médio) para trabalhar com pessoas surdas e alguns anos mais tarde frequentando uma pós-graduação lato sensu que por diversos motivos não conclui.

Também tive o privilégio de ser professora colaboradora nos cursos de Pedagogia, Geografia e Medicina ministrando a disciplina de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), Educação Inclusiva e Estágio Supervisionado.

E agora, no mestrado a continuação da formação acadêmica parece que sou levada a retomar um percurso, fortalecer a ideia de produzir pesquisa que coligue a experiência docente e discente com a das Mulheres-Baobás que participaram da pesquisa.

As Mulheres-Baobás selecionadas para a pesquisa, são plurais quanto de origem regional do Nordeste do Brasil, Oeste do Paraná, Centro do Rio Grande do Sul, dentre outras) e se alocaram no Sudoeste do Paraná como área de residência, trabalho, formação familiar, território de sonhos.

Foram muitos os movimentos, memórias, emoções e sensações que vivemos para o selecionarmos as Mulheres-Baobás que fizeram parte

da pesquisa. Para tanto, adotamos critérios que pareciam pertinentes para demarcar quem comporia a investigação: ser mulher, auto identificar-se como negra, ser professora e atuar como docente na educação básica. Desse modo, participaram professoras que atuam ou atuaram na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial e professora aposentada.

E aqui estamos! registrando os percursos, a metodologia da pesquisa e nos emocionando com cada fase que se delineou trabalho. E como diz Marques: "pontuar a escrita é fazer como os passarinhos a beber água: bico no pote e bico para cima, a contemplar o desfile das nuvens" (MARQUES, 2006, p.19).

No decorrer das entrevistas fizemos como os passarinhos, bebemos as palavras de cada entrevista, contemplamos e releemos as narrativas e avistamos as nuvens em busca e inspiração para liar os fiosque permitissem compor a investigação.

Neste movimento, nos aproximamos da metáfora e da multiplicidade de significados que ela enseja. Daí decorreu a decisão de nomearmos as sujeitas da pesquisa de Mulheres-Baobás. Tal decisão, está associada à riqueza de informações históricas, geográficas, botânicas e conhecimentos ancestrais associados ao Baobá¹. As árvores Baobás evidenciam a permanência (no sentido na longevidade), e a mudança (muitas gerações acompanham as alterações que a árvore passa). Tais questões levam a pensar que "Baobás nos ensinam a não desistir", a se enraizar e espalhar seus galhos, como braços que se estendem para o outro.

As Baobás² evidenciam a relação Brasil-África: é uma conexão de

¹ Usamos como preâmbulo um texto que apresenta significados e possibilidades interpretativas da Baobá, pois, a árvore é carregada de simbologias para os povos africanos. Considerada a árvore da vida ou do esquecimento. As árvores Baobás remetem também um conceito de memória relacionado a ancestralidade. A árvore é um dos símbolos fundamentais das culturas africanas tradicionais. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-das-culturas-africanas/>>. Acesso dia 13 de out.de 2022.

² A palavra Baobá sempre estará em letra maiúscula, devido a relevância para esta pesquisa e fortalecerá o sentido feminino, pois, estamos realizando a pesquisa

memórias, ancestralidades e pertencimentos. Nestes termos, o baobá é uma árvore considerada potente para inspirar conhecimentos sobre o continente africano e para aprofundar saberes sobre os povos diaspóricos que vieram da África. Abordar as construções identitárias das Mulheres-Baobás nesta perspectiva implicou em conhecer os processos identitários das Mulheres-Baobás e analisar as trajetórias individuais de cada Mulher-Baobá professora, do mesmo modo entender como essas diversas histórias se coadunam com o vivido pelo conjunto dos negros brasileiros.

O problema de pesquisa foi expresso no questionamento: **quais os percursos educativos Mulheres- Baobás atuantes na Educação Básica na microrregião de Francisco Beltrão?** A pesquisa teve como objetivo geral conhecer os percursos escolares das Mulheres-Baobás; e os objetivos específicos: identificar as Mulheres-Baobás da microrregião geográfica de Francisco Beltrão, conhecer as biografias enarrativas das Mulheres-Baobás, educadoras negras.

Esta pesquisa na linha de Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, teve como motivação reconhecer as histórias de vida das sujeitas e demarcar sua presença neste espaço educacional, visibilizando quem são as Mulheres-Baobás na microrregião de Francisco Beltrão e trazer à população, histórias, biografias de Mulheres-Baobás que participam ativamente da construção política, educacional e sociocultural da região. Na história educacional brasileira nós, Mulheres-Baobás que alcançamos o ensino superior e adentramos no campo educacional fomos diversas vezes invisibilizadas.

Na produção desta escrita os corações precisaram ser fortes, pois rememorar os percursos das Mulheres-Baobás é emocionar-se com as aproximações entre as sementes, brotos, tronco, folhas e frutos da baobá. Ser baobá na sociedade ainda com o forte patriarcado colonialista faz se necessário ter a consciência espiritual fortalecida e como diz Lancoski "o importante é ser você. [...] E é por isso que até hoje as pessoas se encantam

com mulheres negras.

por ele, porque o avistam de longe[...] (LANCOSKI, 2020, s/p).

Tal como a autora anuncia e como referimos anteriormente o movimento vivido no processo da escrita e análise foi complexo e exigiu recriações, que investigasse o próprio percurso escolar, tendo por vezes, experiências que se aproximam ou afastam de as sujeitas ter posição de abertura para a multiplicidade de vozes que a pesquisa exigia.

Desse modo, cabe compreender como as Mulheres-Baobás nasceram como sujeitas sociais, valoram vivências e experiências que marcaram os diferentes percursos transformados em sabedoria que correlacionam as diferentes partes do baobá.

Desse modo, na primeira seção "Lançar a semente no solo: as escolhas metodológicas da investigação" apresentamos o desenho metodológico, ou seja, lançamos a semente na terra, damos a conhecer as escolhas de pesquisa, mostrando as decisões e os movimentos que empreendemos no sentido de construirmos o processo investigativo e de arvorar a investigação. Neste elã, apresentamos os instrumentos de coleta de informações, justificamos o uso da metáfora, apresentamos as entrevistadas, mostramos o significado da análise documental e do diário de campo para o movimento investigativo

Na segunda seção, "Mulheres-Baobás: ramificações, narrativas de vida, identidades em construção" apresentamos as narrativas de vida como ramificações das Mulheres-Baobás que emolduram suas identidades nos percursos educativos. Organizamos um momento de encontro entre as sujeitas que nominamos *Muvuca de fotos* com a proposta de promovermos interações entre as sujeitas. Foi uma oportunidade ver tantas Mulheres-Baobás reconhecendo o próprio poder, relatando trajetórias, (re)conhecendo o percurso das outras, compartilhando emoções nesse reexistir cotidiano

Na terceira seção "*O pilar do mundo: mulher, negra, docente e os desafios de (re)existência*" mostramos como, no contexto de vida dessas mulheres existir e resistir estão em constante relação.

Por fim, nas "Mulheres-Baobás: aspersão de sementes na micro região

de Francisco Beltrão" voltamos o olhar para o problema, questões de pesquisa e objetivos procurando evidenciar o significado do registro das vozes dessas mulheres, de conhecer os percursos educativos (escolares e não-escolares) rompendo invisibilidade histórica, deixando marco visível, que como o Baobá, pode ser avistado de longe e dilata suas marcas para além da existência individual, ajuda a ver o cenário educativo com espaço potente para combater o racismo que impregna o tecido social brasileiro.



*Eu sou a folha que desprendeu da Baobá
Cruzando oceano sou sopro do cachimbo da vovó
Sentada na calçada sem contar o tempo, é Orixá
Pois sabe ela quem governa seu bumbiar
A leveza de quem se expande por inteiro
Porque nunca se apartou da natureza
Caio Prado*

I-LANÇAR A SEMENTE NO SOLO: AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO

A Baobá é a primeira árvore da Terra! Eu o criei grande, resistente e longo porque quero que ele ajude os humanos a evoluírem, quando eu os trouxer para cá. É por isso que um Baobá viverá 6 mil anos (IANCOSKI, 2020, s/p)

As observações sociológicas, históricas, políticas e econômicas referem-se, fundamentalmente à vivência daquelas que são protagonistas de base, do que às teorias codificadas que indicam, a priori, o que esse fenômeno é ou deveria ser. Nestes termos, é que enfrentamos o desafio de escrita. A decisão de procurar na metáfora uma forma de expressão que traduzisse a fala das sujeitas, demarcasse a ancestralidade e, ao mesmo tempo, apreendesse a potência que se percebe no percurso de vida dessas mulheres, professoras, negras. Ainda que cientes da dificuldade de tal percurso decidimos pelo uso da metáfora como potência capaz de expressar os achados da pesquisa.

A metáfora para Maffessoli pode ser considerada

um jogo das imagens que transporta a emoção coletiva e o prazer dos sentidos, a metáfora, tomada em seu sentido etimológico, permite compreender o "transporte" do sentido. Ela exerce, assim, o mesmo papel que o ritual nas sociedades primitivas: o de mobilizar a energia social (MAFESSOLLI, 1998, p. 240)

Assim, decorreu a decisão de nomear as sujeitas da pesquisa como Mulheres-Baobás. Com essa metáfora trouxemos a imagem de algo que marca a paisagem, que resiste, que demarca sua presença e existência, que anuncia algo que se projeta para o futuro, sem desconsiderar a ancestralidade que a constituiu.

Neste sentido, (Gauthier, (2014, p. 135) afirma que "a metáfora liga arte e ciência, pois a invenção, por aproximação, de estruturas heterogêneas é a base de potentes efeitos de verdade em várias áreas da prática social".

Desse modo, o uso da metáfora como forma de dar a conhecer as relações entre as Mulheres-Baobás no processo investigativo pareceu potente por permitir expressar as interfaces das Mulheres-Baobás na sociedade brasileira.

Como processo cognitivo, a metáfora é um raio que gera uma nova categoria de conhecimento envolvendo dois campos de saber, alterando nossa compreensão de um como do outro e, sobretudo, realizando um deslocamento no pensamento, uma fuga criadora em direção a terras novas. Ela favorece processos intelectuais intuitivos. Isso é particularmente relevante nos estudos culturais, quando interferem campos de saber e aprendizagem heterogêneos (GAUTHIER, 2014, p. 135)

Desse modo, escrever usando a metáfora como figura de linguagem tem a função de atentar para a multiplicidade de possibilidades que o seu uso enseja. Sobre a questão, Maffessoli (1988, p.38), afirma que é

[...] preciso encontrar um meio de expressão que saiba exprimir a polissemia de sons, situações, gestos, que constituem a trama social. Walter Benjamim dizia serem três os estágios de uma boa prosa: um estágio musical em que é composta, um estágio arquitetônico em que é construída, enfim um estágio têxtil em que é tecida.

A poética presente na criação verbal dos participantes da pesquisa funciona como marcador cultural e socialmente vivido: na produção coletiva de um mundo metafórico, ou melhor na interferência de metáforas referidas a mundos semânticos heterogêneos. O grupo das mulheres da pesquisa elabora ficções de si, desenha modelos de uma realidade sem dúvida complexa. O dispositivo de pesquisa deve, nesse momento, ser suficientemente potente para catalisar a expansão poética desse processo de metaforização e, em seguida, favorecer sua análise pois o,

ser humano, como a árvore, possui raízes que o fixam às profundezas sombrias da terra e, como espírito e luz, alteia-se no ilimitado espaço azul infinito. Vive entre a terra e o céu, entre o sensível e o inteligível (ALVAREZ, 2013, p. 29)

Assim, na dissertação usamos o Baobá, como metáfora do dito, não-dito, sentido, das Mulheres-Baobás e a partir, da multiplicidade de

possibilidades de análise, produzimos imagens e analogias usando a metáfora escolhida

Com tantas benesses naturais, ao baobá foi destinado lugar central em muitas aldeias africanas. Estando literalmente no espaço central das aldeias, junto a ele se reúnem conselhos de anciãos a contar histórias e transmitir conhecimentos à comunidade, sendo local privilegiado de encontros e desencontros destas sociedades. Os baobás são referência a não organização das relações sociais. Ele testemunha o que se passa na comunidade ao longo de diversas gerações, sendo repositórios de experiência ancestral. Torna-se guardião de tradições e árvore reverenciada em nome da tradição (MACHADO, 2016, p.18)

No site pensamento verde, a "árvore Baobá se divide em oito diferentes espécies, seis delas nativas de Madagascar, na África, uma proveniente do Oriente Médio e outra que surgiu na Austrália. Todas as espécies, no entanto, existem em outros países, incluindo o Brasil" (Redação Pensamento Verde, 2014, s/p.).

No mesmo espaço on-line encontramos a informação de que "no Brasil há uma centena de Baobás que se distribuem em diferentes unidades da federação: Alagoas, Ceará, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso e Rio de Janeiro são os estados onde há baobás plantados. A árvore Baobá como uma força da natureza, segundo Matê (2017, p. 34) o nome "baobá, ou *baobá*" vem do árabe *bu bibab* que significa "o fruto de muitas sementes do idioma árabe e quer dizer "pai de muitas sementes". Outro significado atribuído "na língua portuguesa de Angola [...] chama-se imbondeiro, do quimbundo *mbondo*, seu nome científico é *Adansonia digitata* porque o primeiro botânico a descrever a Baobá foi o francês Michel Adanson (1727-1806)" (MATÊ, 2017, p. 34)".

Imagem 1: Baobá, símbolo de Madagascar



Fonte: Imagem disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/baoba/>³. Acesso dia 19 de out. de 2022.

Olhar para a imagem da Baobá é de surpreende a grandiosidade, simbolização da vida, da memória e da resistência dos povos africanos. Abraçar uma Baobá pode exigir vários homens, mulheres, e crianças entrelaçadas no caule que representa a fortaleza.

Os velhos baobás africanos de troncos enormes suscitam a impressão de serem testemunhas dos tempos imemoriais. Os mitos e o pensamento mágico-religioso yorubá⁴ têm na simbologia da árvore um de seus temas recorrentes. Na sua cosmogonia, a árvore baobá surge como o princípio da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material. As árvores “[...] estão associadas a ìgbá ì wà ñû – o tempo quando a existência sobreveio – e numerosos mitos começam pela fórmula ‘numa época em que o homem

³ Baobá: conheça a impressionante árvore nativa da África. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/baoba/>>. Acesso dia 19 de out. de 2022.

⁴ Ler o artigo na íntegra: Baobá – árvore símbolo das culturas africanas. Baobá na tradição yorubá. A tradição yorubá fala na existência de nove espaços – orun mýsûúsán -, estando quatro deles localizados sob a superfície da Terra – ìrun isalû mýrûûrín Disponível em: <https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-das-culturas-africanas/>. Acesso dia 30 de set. de 2023.

adorava árvores'...". Uma das versões do mito cosmogônico relata que foi através do Òpó-orun-oún-àiyé – o pilar que une o mundo transcendente ao imanente – que os deuses primordiais chegaram ao local onde deveriam proceder o início do processo de criação do espaço material. Este pilar – muitas vezes simbolizado pela árvore ou por seu tronco – é uma figura de origem, é um signo do fundamento, do princípio de todas as coisas, elemento de conexão entre a multiplicidade dos "mundos".

A fotografia a seguir, mostra uma das árvores Baobás brasileiros que está em Pernambuco. A árvore, é potência e representa a cultura africana que vive no Brasil. E o que esta árvore representa? resistência, memórias, identidades, religiosidades enfim, são tantas simbologias, que escreveríamos longas laudas, sobre a história da Baobá.

Fotografia 01: Baobá na Praça da República de Pernambuco



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora: 23/02/2022⁵.

⁵ A fotografia do Baobá da Praça da República de Pernambuco faz parte do arquivo pessoal das pesquisadoras. O professor Drº George Lando fez a fotografia a pedido das pesquisadoras e enviou por WhatsApp no dia 22 de março de 2022.

O Baobá é essencial para a cultura africana, chamou nossa atenção uma árvore cujo tamanho: altura, tronco, galhos, folhas, flores e frutos são utilizados nas diversas culturas africanas. As árvores Baobás também são considerados por alguns biólogos como as árvores mais antigas da Terra pois "os Baobás povoam a África há muito tempo, e são como muitos corações abraçados: fortes, embaláveis. Mas também são retorcidos, como as voltas de uma história"(SISTO, 2007, p.136).

Observar a fotografia da Baobá de baixo para cima lembra a imagem de um coração. Em verdade, o coração do ser humano é semelhante a esta árvore prodigiosa: cheio de riquezas e benefícios. Porém também, muitas vezes se fecha, por não ser valorizado.

O que ressalta na lenda que o Baobá confiou na lebre e abriu seu coração e a lebre que se achava muito esperta retirou do Baobá tudo que podia para levar para sua esposa e a hiena morria de inveja de ver a esposa da lebre contar as histórias[...].De repente, parece que o Baobá pressentiu o perigo! Rapidamente fechou seu tronco e seu coração, e a hiena ficou lá, presa para sempre. E morta! É por isso que o Baobá não abre mais seu imenso tronco; nem para os homens, nem para os animais. Ninguém sabe dos intermináveis tesouros que há em cada uma dessas enormes árvores. Mas de uma coisa todo mundo ficou sabendo: desde esse dia, tudo ficou mais difícil para as hienas. Elas se viram, de repente, obrigadas a vagar pelo mundo à procura de carne. Nada do que é vivo serve, pois elas só comem carne morta. E os baobás continuam desafiando o tempo e os homens. E os homens podem ainda escolher, se querem ser como os baobás ou como as hienas [...] (SISTO, 2007, p. 136 -140)

As Lendas são narrativas transmitidas oralmente, visando explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, misturando fatos e imaginário ou fantasias, que se modificam no umbrático popular.

[...]uma vez mais de modo antecipador, indica, num atalho ao mesmo tempo audacioso e sugestivo, que as metáforas não devem ser senão metáforas racionais, símbolos da universal transformação das coisas. Graças a estas o poeta pode passar alguns dos degraus insensíveis da vida não, os saltar ao seu bel-prazer, e dá, em apoio a isso, uma série de comparações utilizadas pelo poeta. É possível, em função de nossa hipótese o devir estético do mundo –

extrapolar tal observação e mostrar que essa progressão não se limita unicamente ao poeta, mas se aplica a toda análise social (MAFFESOLI, 1998, p. 237-238).

Muitos pesquisadores, historiadores, folcloristas, afirmam que as lendas são frutos da imaginação popular, porém, como sabemos as lendas em muitos povos são "os livros na memória dos mais sábios". De acordo Waldman, (2012, p. 225) "o Baobá assegura que independentemente do que vier a acontecer, ele é repositório da experiência ancestral, cujos ensinamentos, são permanentemente (re)apresentados às novas gerações".

O escritor Mia Couto (2015, s/p), afirmou que "a árvore Baobá não é só um ser biológico é também uma oportunidade de cruzar as histórias, pois todas as árvores estão ligadas com rituais, com histórias é como se de fato houvesse uma raiz que penetrasse o lado humano". E nada mais humano que saber que os povos negros foram escravizados e que no navio negreiro trouxeram a semente da árvore Baobá, junto as saudades, lembranças, histórias de vida, resistências. Destacamos a importância da Baobá para as memórias, as simbologias, a ancestralidade, identidade, entrelaçamento de culturas dos povos africanos. A Baobá é a árvore do esperar e é poderosa, serve também para a alimentação e como tratamento de saúde.

A Baobá, símbolo da africanidade, incorpora como vimos múltiplas prefigurações, subsidiadas, é claro, por suas qualidades naturais intrínsecas. Virtudes estas que expressam, em si mesmas, a aspiração africana em manter suas raízes e resistir às forças que pretendem desqualificá-la, inferiorizá-la e oprimi-la. Assim, o Baobá continua a inspirar as novas gerações de africanos e afro-descendentes na afirmação de sua identidade. Mais do que uma árvore, o Baobá tornou-se um símbolo civilizatório, baluarte da memória africana, no seio do qual muitas comunidades encontram abrigo e esperança (WALDMAN, 2012 p. 231)

A polpa da fruta, sementes, folhas, flores, raízes e casca das árvores baobás são comestíveis e têm sido estudadas por cientistas por suas propriedades para a utilização dos seres humanos.

Fotografia 02: Árvore, frutos da Baobá



Fonte: Arquivo pessoal – releitura realizada pelo aluno João Marcelo⁶. Dia 11 de setembro de 2023.

O desenho acima mostra uma parte da árvore, fruto do Baobá e uma gamela⁷, utensílio doméstico utilizado na sociedade brasileira. De acordo Waldman, a Baobá é mais que uma árvore que faz parte da paisagem, ela é o símbolo dos povos africanos que serve também de alimentos e todas as partes da árvore são aproveitadas

os atrativos da árvore não se resumem às suas características naturais. Aspectos práticos contribuem com generoso quinhão de deleites. A árvore é fonte de alimento: as folhas podem ser consumidas na forma de cozidos, saladas ou como tempero (picadas ou em pó); o fruto agridoce – conhecido como múkua em Angola – é rico em vitamina C (seis vezes mais que as laranjas) e em cálcio (duas vezes mais do que o leite de vaca); com as sementes secas, se faz um substancioso mingau; quando torradas, se transformam em fira-gosto (WALDMAN, 2012 p. 224)

⁶ Ao longo do texto apresentamos fotografias de releituras realizadas por discentes do Ensino Fundamental e Médio que participam da Sala de Recursos Colégio que atuo como docente. À medida que desenvolvíamos as ações de pesquisa, propusemos atividades que tematizaram a metáfora usada na investigação. A decisão de apresentar a produção discente resultou em envolvimento e mobilização que a temática produziu na minha prática pedagógica e na forma como os discentes acolheram tal proposta.

⁷ De acordo com algumas leituras a gamela tem sua origem no século XVIII, mais especificamente em 1870, quando os utensílios de cozinha e acessórios domésticos em geral eram fabricados pelos povos escravizados, principalmente por meio de madeiras retiradas das árvores das fazendas nas quais trabalhavam e que os ajudavam em suas tarefas diárias.

Para os pesquisadores a madeira do Baobá é utilizada para fazer instrumentos musicais, do seu cerne se obtém fibra fortíssimo, com a qual se tecem os fios, cordas e linhas. Ao reportar a copa do Baobá Waldman

refere práticas associadas a que espaço: se reúne o conselho dos anciãos, atuam os contadores de história, as pessoas fofocam e os namorados se encontram. A árvore é o palco de acertos e desacertos, onde as pessoas se unem e se separam. Seja lá o que for, o Baobá testemunha tudo o que de importante acontece na aldeia. Cenário por excelência dos eventos marcantes da comunidade, o Baobá setorna eixo da vida social. Exatamente por isso ele é, acima de tudo, a árvore da aldeia (WALDMAN, 2011, p. 225)

Os homens e mulheres escravizados também buscavam algo que os fortalecessem em terras brasileiras. E encontraram crenças religiosas trazidas dos lugares em que viviam na África que os amparavam e contribuíam no sentido da existência.

Para alguns povos africanos, se alguém ao morrer for enterrado dentro do tronco de uma baobá, se diz que seu espírito permanecerá lá enquanto a árvore estiver viva.

Outra lenda diz que os galhos da Baobá são habitados por espíritos. Talvez estas lendas sejam originadas no misticismo africano de manifestações animistas (que honram as almas, incorporam espíritos) e, justificam a sacralização desta árvore

Dignificados enquanto marco identitário, os Baobás confirmam um mandato repassado por gerações que habitam o reino dos antepassados, ciosamente resguardado em nome da tradição. Assim, bem mais do que uma árvore, o Baobá é, por excelência, o guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser, suas aspirações, expectativas de vida e religiosidade (WALDMAN, 2011, p. 225)

Virtudes estas que expressam, em si mesmas, as aspirações africanas em manter suas raízes e resistir às forças que pretendiam desqualificá-la, inferiorizá-la e oprimi-la.

Assim, o Baobá continua a inspirar as novas gerações de africanos e afrodescendentes na afirmação de sua identidade. Mais do que uma árvore, o Baobá tornou-se um

símbolo civilizatório, baluarte da memória africana, no seio do qual muitas comunidades encontram abrigo e esperança (WALDIMAN, 2011, p. 230-231).

Desse modo, construímos argumentação que mostre relação entre a metáfora escolhida e as sujeitas da pesquisa. As protagonistas da pesquisa, Mulheres-Baobás entrecruzam diversas histórias: de alegria/tristeza, espiritualidade/potência, beleza/resistência, cultura/música/poesia, diversidade/diferenças.

Nestas moções é necessária disciplina, paciência, negociação com o tempo para que o texto se organize e produza os resultados esperados ou quem sabe surpresas pelo novo que se delineou.

De qualquer forma, foi complexo começar o movimento de escrita, pois, fixar as letras no papel (jogar com as acepções) de forma a produzir algo com significado, mas que deve liar a multiplicidade de vozes. Talvez seja possível estabelecer aproximações entre esta atividade e o plantio da Baobá. Aquele que semeia, bem provável que não veja a árvore adulta, o máximo que conseguirá é acompanhar parte do seu crescimento. É para um coletivo que planta, para aqueles que virão, quando joga a semente na terra, já sabe que está executando uma tarefa na qual estará presente em uma das etapas, sabe que desencontrar-se-á ausente de muitos estágios que a planta passará, mesmo assim se lança na tarefa de propelar as sementes no solo e empreender ações para fazer germinar.

Em vista disso, a realização da investigação começou como motilidade de jogar na terra uma semente de Baobá. Aquele que decide plantá-la realiza sequência de movimentos: inicia raspando a superfície das sementes de baobá com uma lixa, mas somente o suficiente para expor a camada interna branca que possuem. Esse processo é conhecido como escarificação e é imprescindível para facilitar que a umidade passe através da casca dura das sementes. Tal processo torna possível a germinação, sem arranhar a semente tornando-a permeável a umidade não há germinação.

Talvez, na escrita do texto façamos movimento similar, precisamos olhar a superfície e ver os movimentos (teórico-metodológicos) que

permitam a germinação desta semente, a produção de um texto.

Podemos pensar o processo de escolhas metodológicas como escarificação no qual vamos conhecendo abordagens, explorando as possibilidades para selecionar melhor forma para produzir a investigação. Tal como afirmado, a metáfora da Baobá será usada no processo de escrita e para referir-se as entrevistadas: Mulheres-Baobás. Mulheres com enraizamento profundo, com galhos que se abrem nas práticas educativas que realizam (na educação também o sujeito ensementa, na maior parte das vezes não vê o resultado da sua ação). Essas sementes também tiveram dificuldades para germinar em uma sociedade racista (brotar e afirmar-se, autodeclarar-se negra, assumir uma identidade que demarcava lugar social periférico, foi movimento complexo vivido por cada entrevistada). A possível analogia entre as biografias das mulheres selecionadas e a Baobá foi se avigorando à medida que empreendíamos a investigação.

Outra questão que nos inquietou no início do processo de escrita foi a relação entre Mulheres-Baobás e as pesquisadoras. No entanto, entendemos que mesmo que se advogue em favor da premissa de que a entrevistadora deva possuir experiência prévia com o tema escolhido, Antoinette Errante (2000, s/p) destaca que "a falta de experiência a respeito do tema estudado teve efeitos positivos no processo investigativo". O mais valioso foi que as entrevistadas se dispuseram a explicar trajetórias, narrando suas histórias, experiências rememorando seus percursos escolares.

Nossa memória permite-nos tanto lembrar quanto esquecer. A qualquer momento, nós podemos lembrar, esquecer, e reinventar certos aspectos de nosso passado pessoal e coletivo porque "cada uma das memórias individuais e... coletivas tenta validar a visão do passado que se tornou importante... no presente[...]" (ERRANTE, 2000, p. 162)

Assim, conversar com as Mulheres-Baobás foi perceber como se movimentaram nos espaços procurando antigos e atuais lugares, registrar suas vozes, avistar fotografias que compõe o acervo pessoal das entrevistadas e que mostram certa ambiência, realizando registros fotográficos que

mostrassem interação das mulheres baobás, entre outros[...] são momentos, nos quais podemos circundar o que foi investigado.

Neste movimento, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomençar a brotar em rizoma. A demarcação não depende aqui de análises teóricas que impliquem universais, mas, de uma pragmática que compõem multiplicidades ou conjuntos de intensidades da vida. No coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar. Ou “então é um elemento microscópico da árvore raiz, uma radícula, que incita a produção de um rizoma” (DELEUZE, GUATARRI, 1995, p. 23).

Os movimentos para conhecer as Mulheres-Baobás, exigiram responsabilidade e ética com a pesquisa. Onde podemos ver as Baobás as quais faremos analogias metafóricas?

As metáforas usando a árvore Baobá foram expostas não apenas para dar visibilidade, mas, também porque é a partir da reflexão acerca das narrativas que construímos a pesquisa assim “a metáfora é o vínculo privilegiado que transporta os sentidos da vida cotidiana de um mundo semântico para um outro, participando da (co)construção de agenciamentos coletivos de enunciação” (GAUTHIER, 2014, p.135).

A investigação foi desenvolvida usando aportes da História Oral. Sobre a questão, Errante (2000, p.142) afirma que “esse interesse na narração em primeira pessoa parece provir de nossas questões éticas e epistemológicas no que diz respeito à representação e à voz”. Desse modo, pensar sobre os percursos escolares das Mulheres-Baobás, implicou em rasurar narrativas da história oficial e adentrar em terreno ainda por conhecer. Conforme refere Alberti (2004, p.194),

a grande riqueza da história oral está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado tomados como dados objetivos capazes de incidir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre o nosso entendimento do passado.

Outra questão significativa que a autora apresenta está associada a

"representação e a voz" visto que, as Mulheres-Baobás ao falarem deram a conhecer a forma como se veem, e como se percebem no interior deste mundo. Ademais, por meio da narrativa as Mulheres-Baobás expressaram posicionamentos, demarcaram diferenças, por vezes demonstram a força da normatividade e suas construções intersubjetivas.

Desse modo, as histórias orais suscitam uma "dinâmica das histórias coletivas e pessoais, emergem a voz e a identidade como o resultado da interação entre o historiador (o entrevistador) e o narrador (o informante)" (ERRANTE, 2000, p.143). No caso da investigação realizada essa relação se estabeleceu a partir de uma história de vida com proximidades como sujeito (mulher negra), atividade laboral (Mulheres-Baobás atuando como docentes na educação básica) e como história negada (população das Mulheres-Baobás persistentemente invisibilizadas). Assim, de alguma forma, a relação entre entrevistadora e as Mulheres- Baobás estavam inter-relacionadas. Daí a conclusão de que o processo de entrevistas na história oral foi tão adensado.

Outro fator a se considerar nesse processo foi a ideia de memória, visto que o sujeito que narra de alguma maneira opera as lembranças e rememorações (o que deseja lembrar, o que não deseja, o que cria no movimento de olhar para o passado). Assim, a "história como experiência vivida" (ERRANTE, 2000, p.146) pode fazer emergir histórias de sub-representação.

A investigação se configura como uma pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. Nesse sentido,

O trabalho de história oral deixa-me sentindo que estou perpetuamente a receber "prendas" e eu nunca me esqueci do quão privilegiada me sentia porque pessoas quase que completamente estranhas estavam partilhando

suas vidas comigo. Por um breve momento, cada possibilidade conduziu-me a concluir que não havia experiência individual ou coletiva - nenhuma voz - que uma boa história oral não captasse. "Caçando "memórias, eu pensava, não era diferente do trabalho no arquivo: se eu cavasse bastante, eu poderia eventualmente encontrar qualquer memória e soltar qualquer voz (ERRANTE,2000, p. 143)

As memórias estão guardadas nos troncos, nos galhos, nas sementes, nas raízes e nas folhas do Baobá. Acontece o mesmo com as sujeitas da pesquisa.

E para adentrar nas narrativas das histórias das Mulheres-Baobás foi preciso coragem, destemor, rigorosidade, sensibilidade para construir uma relação ética e estética com as sujeitas da pesquisa.

Os instrumentos de coleta selecionados foram: entrevistas narrativas, registro fotográfico, caderno de campo, análise documental, questionários e entrevista narrativa.

1.1 Axé! das Mulheres-Baobás: Entrevistas narrativas

As entrevistas narrativas consistem em possibilidades para considerar a existência de múltiplas subjetividades que compõe os percursos de cada Mulher-Baobá. As memórias, não são lineares, pois, o tempo passado se confunde e se mistura com os acontecimentos presentes.

Então com a abundância e axé buscaremos nas memórias, que são labirínticas, móveis e movediças, e fundamentalmente complexas (ainda guarda certa marginalidade enquanto documentos históricos, justamente por não admitir certezas irrefutáveis) na tentativa de identificar os percursos escolares e as histórias de vidas das Mulheres-Baobás.

Nessa forma de entrevista, é conveniente permanecer atenta aos comportamentos e aos discursos das Mulheres-Baobás. Ao gravarmos as entrevistas foi possível observar os gestos, expressões e emoções, anotadas no diário de campo, para compor a percepção que tinha do campo. A filmagem/gravação, foi importante, uma vez que as imagens puderam

revelar pontos de vista importantes para análise e que são indicativos da aparição de comportamentos relacionados à ocultação verbal. Antoinette Errante (2000, p. 159) destaca os seguintes procedimentos que podem ser desencadeados no processo de investigação:

Mitigação: uma palavra ou frase que tenta minimizar a importância ou a dor de uma experiência; Abstração: quando o narrador começa a falar de um evento de maneira enviesada, usando linguagem passiva para deslocar o agente, ou referindo-se a “eles” mais do que se referindo a alguém diretamente; Negação - do sentimento ou da experiência. (Isso é normalmente acompanhado por explicações prolongadas de seus sentimentos); Defensiva: ou irritação, usualmente resultando sentimentos de vulnerabilidade ao ser “desmascarado” pelo entrevistador (Isso pode ser acompanhado de pequenas frases, em rápida sucessão); Distração: o narrador muda a discussão a partir de uma questão ou experiência que evoca emoção; Fugas Verbais: assinaladas por mudanças nos padrões de expressão verbal incluindo respostas curtas e longas pausas [...]. Experiências dolorosas também podem estar escondidas por trás de generosas pistas paralinguísticas inconscientes (Retzinger, 1991). O mais comum nas histórias orais moçambicanas era baixar o volume [da voz] (ERRANTE, 2000, p. 159).

Ao lermos sobre as reflexões da autora que identificou as potências e adversidades que aconteceram nos processos de pesquisa, percebemos que são diversos os movimentos que exigem a atenção da pesquisadora iniciante. Em tais movimentos é significativo atentar para cada gestualidade, para as estratégias que envolvem mitigação, negação, defensiva, distração e fugas verbais. Assim, necessário ter uma atenção aumentada para as palavras emitidas pelas Mulheres-Baobás, perceber o entorno e as histórias de vida que aparecem e transparecem nas narrativas. Deste modo, à medida que realizamos a investigação percebemos a complexidade desse processo.

Nestes movimentos, rever e considerar a trajetória histórica, cultural, social de cada Mulher-Baobá foi uma necessidade que compôs a realização da pesquisa, pois sem destacar a história de cada uma estaríamos fortalecendo a negação da palavra, o que é marca histórica em relação

aos povos negros.

A necessidade de enfatizarmos as matrizes africanas em nossa cultura se justifica pela depreciação, invisibilização e negação histórica da cultura negra em nosso país, fruto do sistema colonialista e escravocrata, bem como a negação das matrizes africanas como campo de conhecimento epistemológico. Preconceito e discriminação que geraram um grande desconhecimento da riqueza dos conteúdos que herdamos das matrizes africanas, relacionados à vida, ciência, espiritualidade, natureza, à cultura, à filosofia, à relação entre pessoas e à história da humanidade (MACHADO, 2016, p.23.)

Como diz Fanon (2008, p. 26) [...] "pretendemos, nada mais nada menos, que liberar o homem de cor de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro".

Ressaltamos que a existência destes dois campos não significa que o branco está de um lado da história e o negro do outro. Mas, que o segundo se encontra em condições desfavoráveis, pois, não foram retirados do seu país de origem e para serem escravizados no Brasil. De maneira que até nos dias de hoje vivemos com as "feridas da discriminação racial" (NASCIMENTO, 2016, p.95). Ao contrário de tudo que os colonialistas pensam os negros e negras foram o motor para a construção deste país.

Nestes termos, para fazer a mudança de estruturas conceituais herdadas do colonialismo convém mostrar a história como uma postura epistemológica a partir dos aportes da decolonialidade. Fanon (2008, p.15) argumentava que

a colonização requer mais do que a subordinação material de um povo. Ela também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem. Ele identifica isso em termos radicais no cerne da linguagem e até nos métodos pelos quais as ciências são construídas. Trata-se do colonialismo epistemológico. No começo da obra, Fanon anuncia que gostaria de transformar o negro em um ser de ação. Isto é importante por causa das barreiras à liberdade em ambientes racistas e coloniais. O problema torna-se mais agudo no capítulo sobre a psicopatologia, onde Fanon mostra que o mundo moderno não tem uma noção coerente sobre o que seja uma pessoa negra normal ou um adulto negro. O comportamento patológico é

frequentemente apresentado como autenticamente" negro. Caso um negro ou uma negra não se comportem como tais, seriam considerados "inautênticos", o que resulta em uma confirmação da patologia.

Ao longo do percurso histórico brasileiro, as expressões culturais e os conhecimentos compartilhados pelas comunidades negras e de origem africanas pouco ou quase nunca foram difundidos nos estabelecimentos de ensino e na historiografia oficial brasileira, embora haja a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de Educação Básica, possível por meio da Lei número 10.639, promulgada pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 09 de janeiro de 2003.

A Lei 10.639/2003 foi a primeira a ser sancionada pelo governo democrático e popular que se iniciava, como resposta aos movimentos reivindicatórios de décadas sobre o papel e o tratamento da participação africana e afro-brasileira na história e na cultura brasileira e mundial serem conteúdo de ensino obrigatório no Ensino Fundamental, Médio e Superior. Logo a seguir, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer 03/2004 e a Resolução 01/2004 que ampliaram para todas as etapas e modalidades tais indicações e explicitaram os fundamentos e caminhos via para enraizar esta mudança no cenário educacional.

No ano seguinte, 2004, foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade -SECAD - como secretaria no Ministério da Educação cuja proposta era executar uma nova agenda de diversidade e inclusão social e atuar transversalmente nas demais secretarias e nas políticas educacionais. Ao longo dos anos, ampliou sua atuação e os efeitos sobre as políticas educacionais de inclusão social e as específicas de igualdade racial foram significativos.

A fim de aprofundar o tema e estabelecer orientações às instituições de ensino, o Ministério da Educação publicou em 2004 a Diretriz Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, na qual confirma a necessidade de políticas

de reparação, bem como busca a desmistificação da democracia racial no país. Não apenas, o texto explicita uma série de equívocos comuns no momento da abordagem da questão racial como direciona os professores quanto ao tratamento adequado do tema nos espaços educativos formais.

Com o advento de Lei nº 10.639/2003, muito se tem produzido de livros paradidáticos contendo a temática relativa à realidade da população negra-brasileira e, em maior monta, de conteúdos associados a educação para as relações étnico-raciais.

O volume de obras e materiais diversos cresceu significativamente nos últimos anos. Certamente, desse conjunto, muitas obras servirão para instigar os alunos a novos voos no campo da leitura e, quiçá, à revelação de novos talentos de uma vertente infanto-juvenil negro-brasileira. Sem nos iludir, é preciso que o senso crítico acenda suas luzes em face dessa produção, pois o racismo não dá trégua e não poupa as crianças, jovens, adultos e idosos que não fazem parte da cultura eurocentrada.

Com a democracia jurídica, o esforço para alterar as mentalidades encontrou grande apoio, porém as noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes, e os argumentos da exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação (SILVA, 2010, p.13)

Consideramos a lei 10.639/2003, um marco histórico para os povos negros pois, estamos amparadas por esta legislação para mudar os currículos escolares. Na história do Brasil sempre tivemos profissionais que resistiram e lutaram para tornar o país menos racista e neste sentido, há convergência entre diversos pesquisadores e pesquisadoras que atuam na construção de uma identidade positiva, sem estigmas ou estereótipos em relação aos 53% da população brasileira que são negros e pardos

Reforçamos que um dos aspectos relevantes que nos traz a Lei 10.639/03 é o do restabelecimento do diálogo, rompendo-se o monólogo até então instituído, que trazia por referência o falar o fazer escolar com base em um único valor civilizatório.

A lei, portanto, rompe com a ideia de subordinação racial no campo das ideias e das práticas educacionais, e propõe re-conceituar pela escola, o negro, seus valores e as relações raciais na educação e na sociedade brasileira (BRASIL, 2005, p.12).

Como algumas Mulheres-Baobás fizeram parte das escolas nestes períodos de aprovação das leis supramencionados é relevante observar nas narrativas a importância desta lei para amparar os direitos educacionais dos povos negros, pois abriram espaços democráticos para a busca da equidade educacional.

Com o advento de Lei Nº 10.639/2003, muito se tem produzido de livros paradidáticos contendo a temática relativa à realidade da população negro-brasileira e, em maior monta, de conteúdo africano. O volume de obras cresceu significativamente nos últimos anos. Certamente, desse conjunto, muitas obras servirão para instigar os alunos a novos voos no campo da leitura e, quiçá, à revelação de novos talentos de uma vertente infanto-juvenil negro-brasileira. Sem nos iludir, é preciso que o senso crítico acenda suas luzes em face dessa produção, pois, o racismo não dá trégua e não poupa as crianças, jovens, mulheres ou seja todos as pessoas negras que habitam neste país.

Ainda em pleno século XXI, vivemos em uma sociedade racista, sexista, homofóbica, misógina e para a cultura colonizadora precisamos também das leis que contribuam para a (trans)formação humana.

A Mulher-Baobá Ingrid referiu na sua entrevista que a Lei 10.639/03 e a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Estas legislações impuseram aparato jurídico que provocou mudanças no ingresso no ensino superior por meio das cotas raciais.

Ela cursou Pedagogia na Faculdade de Ampère - FAMPER, e teve a disciplina de Educação das Relações Étnico-raciais. Foi na academia que autoafirmou-se negra e desenvolveu sua autoestima e, a partir da autoafirmação, começou posicionar-se perante diversos momentos de exclusão, preconceito e discriminação. Ingrid relatou um caso que aconteceu no Centro de Educação Infantil de Francisco Beltrão onde

trabalha. Presenciou a fala de uma professora contra a Lei 10. 639 de 2003 e a Lei de Cotas ela narra que

[...] esses dias inclusive uma professora conversando sobre cotas. E, eu entrei por cota racial no concurso público e eu lembro que na sala de aula uma professora questionando isso eu falei: -olha professora Graças a Deus que existe porque senão não teria nenhuma preta nessa escola. Daí ela parou, olhou e falei para ela: - olha se observar eu sou a única professora preta nessa escola então sou referência para alguns alunos que estudam aqui (EN Mulher-Baobá Ingrid, 15 de novembro de 2020).

A entrevistada relatou que a Lei nº 12.990 de 9 de junho de 2014, que dispõe a reservar vagas no serviço público para as pessoas que se autodeclararam negras, pardas e indígenas é um aparato jurídico que minimiza a exclusão, pois garante 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos precisam ser reservadas e preservadas para pessoas que se autodeclararam negras. Com amparo legal de acordo com o Artigo 2º

Poderão concorrer às vagas reservadas a candidatos negros aqueles que se autodeclararem pretos ou pardos no ato da inscrição no concurso público, conforme o quesito cor ou raça utilizado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2014).

As Mulheres-Baobás expuseram suas narrativas de forma dialógica, utilizando as habilidades individuais e compartilhando vivências, percepções e ações associadas ao seu percurso escolar. Nesse contexto as narrativas se transformam em expressão de cidadania e inclusão, pois

[...] o conceito de narrativa em um sentido amplo, e não apenas como relato de uma ação no tempo. Ainda que o conceito seja muitas vezes empregado para designar o desenvolvimento de uma ação que termina diferente que começou, convém tomá-lo também como trabalho da linguagem em produzir racionalidades (ALBERTI, 2004, p.93).

As entrevistas realizadas com as onze Mulheres-Baobás, que se autodeclararam negras provocaram registro das narrativas de histórias de vida,

resistências, lutas para viver e conviver num ambiente carregado de diversos tipos de preconceitos, racismo e exclusões.

Trabalhar com Entrevistas Narrativas foi uma possibilidade de ir além da aparência, de aprofundar descrições e análises da constituição das mulheres-Baobás que se produziu na relação com o seu entorno

O ser humano é atravessado pela cultura, suas narrativas são construídas nos processos vivenciados e experienciados na sua singularidade e subjetividade. Nestes termos, as histórias ocupam o lugar da nossa inquietude, o vazio essencial e tremula em que se abriga nossa ausência de destino (LAROSSA, 1998, p. 26)

Não há experiência humana que não possa ser expressa em forma de uma narrativa, existem diversas formas de narrar. Narra-se um fato, uma história, um mito, uma lenda. Então escolher as Entrevistas Narrativas – EN para esta escrita foi fazer emergir as narrativas das experiências das Mulheres-Baobás, dos percursos escolares e um conjunto de ações que presentificam a história das Mulheres-Baobás. Para tanto, nas entrevistas narrativas, a ênfase recaiu sobre algumas categorias previamente definidas: família, infância, os períodos de escolarização, escolha profissional e a atuação docente.

Para fazer as entrevistas narrativas, as entrevistadoras selecionaram tópicos-guias para auxiliar nas narrativas e nos processos mnemônicos. As EN, foram gravadas e transcritas.

Assim a pesquisa contou com onze Mulheres-Baobás e os critérios para a seleção das sujeitas foram: que se autodeclararam negras, que atuassem como docente da educação básica, que tivessem como proposta a discussão da temática da educação para as relações étnico-raciais na sua prática pedagógica, tempo de atuação docente (selecionamos algumas no início de carreira e outras com muitos anos de magistério).

As Mulheres-Baobás atuam nos municípios de Ampére, Francisco Beltrão, Planalto e Verê. A área de atuação e a formação inicial são diversificadas (Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental,

Ensino Médio e Ensino Superior e da modalidade Educação Especial).

As sujeitas que compuseram o grupo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE que foi organizado no google formulários, foi e enviado o link para cada uma, com o uso do aplicativo *WhatsApp*). Todas fizeram a devolutiva do TCLE e aceitaram participar da pesquisa. Para o processo de agendamento foi realizado uma tabela (apêndice 1) de acordo com a possibilidade/disponibilidade das Mulheres-Baobás. As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma *Teams* e foram gravadas com a autorização das Mulheres-Baobás.

Na transcrição, tivemos cuidados metodológicos para o processo de reprodução textual do material audiovisual produzido pela entrevista. Atentamos para categorias como ocultação verbal, as reações emocionais do entrevistado, assim como outras observações pertinentes, foram inseridas em uma coluna própria (no processo da transcrição), junto a passagem que houve manifestação emocional.

1.2. Mulheres-Baobás: sujeitas da pesquisa

Para escrever sobre as vozes das Mulheres-Baobás, trouxemos o poema da escritora Conceição Evaristo que visualizamos como Mulher-Baobá:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(In: *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25)

As vozes da ancestralidade ecoaram nas narrativas que presenciamos e na forma como cada uma deu significado ao vivido.

Para começar a investigação, destacamos a apresentação da proposta de estudo aos grupos envolvidos em uma reunião organizada via o aplicativo *Teams* para estabelecermos uma situação de troca. Assim as Mulheres-Baobás participantes da pesquisa tiveram esclarecimento sobre a investigação: apresentamos o problema, a metodologia e os objetivos da investigação. Atentas ao fato que "a arquitetura do trabalho se situa na

temporalidade pois todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo". Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro" (FANON, 2008,p.29).

Foi preciso ter em mente que a busca das informações estava inserida num jogo cooperativo, em que cada momento foi uma conquista baseada no diálogo pois fugia à obrigatoriedade que situava as Mulheres-Baobás. Com isso, queremos afirmar que tomamos o cuidado para que as Mulheres-Baobás não se sentissem sob pressão, pois, os procedimentos foram pensados em uma lógica de interação.

As Mulheres-Baobás ficaram satisfeitas e agradecidas pela participação na pesquisa, visto que o tema da investigação foi pouco explorado na região.

Pelas narrativas das Mulheres-Baobás e experiência pessoal parece que o Sudoeste do Paraná, ainda vive uma realidade europeizada, marcada pela colonialidade⁸ que requer mais do que a subordinação material de um povo, pois, tal como afirma Kilomba no prefácio do livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*

Enquanto as mulheres brancas podem ter um status oscilante, isto é, podem ser elas próprias e as outras para os homens brancos: pois não são os homens, mas são brancas. O homem negro, que é homem, mas não é branco, não tem acesso ao patriarcado, pois este é definido pela branquitude e torna o outro. A mulher negra, não sendo nem branca, nem homem, neste esquema colonial representa então uma dupla ausência que a torna absolutamente inexistente. Pois ela serve como outra de outrs, sem status suficiente para a outridade (PREFÁCIO KILOMBA, 2020, 15-16)

As Mulheres-Baobás relataram suas experiências pois, "as palavras com

⁸ O atual padrão de poder mundial consiste na articulação entre: 1) a colonialidade do poder, isto é, a idéia de "raça" como fundamento do padrão universal de classificação social básica e de dominação social; 2) o capitalismo, como padrão universal de exploração social; 3) o Estado como forma central universal de controle da autoridade coletiva e o moderno Estado-nação como sua variante hegemônica; 4) o eurocentrismo como forma hegemônica de controle da subjetividade/ intersubjetividade, em particular no modo de produzir conhecimento (QUIJANO, 2002, p. 1).

que nomeamos o que fazemos, o que somos, o que pensamos, o que percebemos ou sentimos são mais do que simplesmente palavras" (LARROSA, 2020, p.17).

Essas Mulheres-Baobás compartilharam como a maioria do conjunto da população negra um desconhecimento da sua origem: sabem que tem origem africana, mas não conseguem identificar de quais países da África vieram seus ancestrais, tão pouco conseguiam localizar espacialmente esta origem. Tal desconhecimento, compõe o epistemicídio que demarca a forma como se estruturaram as relações decorrentes do colonialismo, pois, tal como assinala Fanon (2008, p.29) "tentaremos descobrir as diferentes posições que o preto adota diante da civilização branca".

Na sequência, apresentamos brevemente as Mulheres-Baobás⁹, que participaram da pesquisa:

⁹ Em função da pandemia de Covid 19 recompomos formas e organização da pesquisa, as atividades foram realizadas de forma digital via e-mail, WhatsApp, plataforma teams devido situação pandêmica.



Anaildes do Nascimento Casa

Nasceu 08 de setembro de 1962 em Salvador na Bahia. É casada, tem um casal de filhos. Fez o Magistério em 1983, em 1984 completou o curso de Pedagogia, fez mais de quatro pós-graduações lato sensu e a primeira foi em Psicopedagogia em 1996. Tem mais de 33 anos de experiência profissional. Nas escolas/colégios em que você atua teve duas professoras negras. No momento está atuando no Ensino Médio e modalidade Educação Especial.



Celina Terezinha Carvalho

Nasceu dia 10 de outubro de 1964, no Estado do Paraná, no município de Ampere. Celina não tem filhos, é solteira, concluiu o Magistério em 1982, em 2002 concluiu sua primeira graduação. Fez mais de quatro pós-graduações Linguagem e Códigos e Suas Tecnologias, em 2007. Tem mais de 30 anos na vida docente. Nas escolas/colégios em que atuou e atua relata ter conhecido seis professoras negras. Como pedagoga trabalha no Anos Finais do Ensino Fundamental. Disse, que: "ser professora negra é Superação".



Francielly Soares Mafioletti

Nasceu dia 27 de agosto de 1983, estado do Paraná, no município de Cascavel. É casada e tem dois filhos. Fez o Ensino Médio Geral, concluído em 2000. Sua primeira graduação foi Educação Física (2005). Possui duas pós-graduações e a primeira foi em Educação Especial (concluindo 2002). Tem experiência na área docente de 18 anos. Na sua formação universitária teve professoras negras e também nas escolas/colégios em atua ou atuou teve 3 professoras negras. Atualmente é professora da Educação Especial nos Anos Finais e no Ensino Médio.



Nara Maria Pena

Nasceu em 29 de outubro de 1961, no município de Restinga Seca – Rio Grande do Sul. É solteira, tem uma filha. Fez o Ensino Médio Geral (concluído em 1986). Fez ensino Superior o curso de Farmácia (concluindo em 1994), fez duas pós-graduações (a primeira em 1994). Fez o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), (concluiu em 2014). Atua na Educação Profissional e Tecnológica e tem entre 24 a 27 anos de docência. Na sua vida estudantil não teve professoras negras e hoje trabalha com 4 educadoras negras.



Onira de Fátima Carvalho

Nasceu dia 4 de julho de 1962, no município de Francisco Beltrão/Paraná. É solteira, não tem filhos. Fez o Magistério (concluiu em 1980), graduada em Matemática (concluindo em 1991). Fez pós-graduação em Educação Especial (1996). Teve professoras negras na formação escolar. Nas escolas/colégios em que você atuou teve 4 professoras negras. Trabalhou entre 33 e 36 anos, hoje é professora aposentada.



Selvina Januária Sezinand

Nasceu dia 11 de novembro de 1964 em Verê – Paraná. Tem filhos e seu estado civil é solteira. Magistério (concluído em 1991) e em 1996 concluiu a primeira graduação, tem duas pós-graduações lato sensu e a primeira foi em Educação de Jovens e Adultos (1998). Tem experiência na docência entre 27 a 30 anos. Na sua trajetória escolar não teve professoras negras. Hoje trabalha com 2 educadoras negras. Trabalha na Educação do Campo em Verê e nos Anos Iniciais.



Ingrid Mayara Spiss Andrade

Nasceu dia 26 de maio de 1997, em Campinas, São Paulo. É solteira, não tem filhos. Fez o curso de Formação Docentes (concluído em 2015). Fez Curso de Pedagogia (término 2019). Tem duas pós-graduações e a primeira é em Gestão Escolar concluindo em 2021. Tem na docência é entre 6 e 9 anos. Teve professoras negras somente no ensino superior. No Centro de Educação Infantil onde trabalha somente ela é professora negra.



Iracema De Lourdes Carvalho

Nasceu dia 24 de agosto de 1966 em Ampére/ Paraná. É casada sem filhos. Concluiu o Magistério em 1986 e a primeira graduação em Geografia (concluiu em 1991). Tem duas pós-graduações Ensino de Geografia (1998). Fez o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) em 2017. Tem experiência na docência entre 30 e 33 anos (atuou nos Anos Iniciais Finais do Ensino Fundamental). Na graduação teve professoras negras. Nas escolas/colégios em que atua ou atuou teve duas professoras negras.



Lucia Tânia Neves da Rocha

Nasceu dia 24 de outubro de 1977, no município Salto do Lontra/ Pr. Não tem filhos. Fez o Magistério (concluindo em 1996). Fez Curso de Pedagogia (2000), tem duas pós-graduações: Supervisão, Orientação (conclusão em 2002) e Gestão Escolar. Tem experiência na área educacional entre 21 a 24 anos atuando na Gestão Escolar e na Educação Profissional e Tecnológica. Teve educadoras negras no seu percurso escolar, atualmente trabalha com quatro professoras que se autodeclaram negras.



Rita de Cassia dos Santos Lima

Nasceu dia 30 de novembro de 1966, no Rio de Janeiro, é casada tem filhos. Fez o Ensino Médio Geral (concluiu em 1984). Fez Curso de Pedagogia (2007). Tem duas pós-graduações lato sensu e a primeira é em Educação para as Relações Étnico-raciais. Atua na docência entre 9 e 12 anos. Docente no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio Profissionalizante. Nas escolas/colégios em que atua tem somente ela como professora negra.



Adriana Pinto de Lima

Nasceu dia 28 de agosto de 1972, no município de Francisco Beltrão (não tem filhos). Finalizou o Magistério em 1990. Fez licenciatura em Geografia concluída em 1995. Fez duas pós-graduações lato sensu (a primeira concluiu em 1996). Atua como professora há mais de 30 anos (atuou na Educação Infantil, Anos iniciais e Finais do Ensino Fundamental e na educação Profissional Tecnológica). Na sua trajetória de estudante teve 3 professoras negras.

1.3. Imagens e registros das Mulheres-Baobás

O registro fotográfico foi uma forma de coletar informações que permitissem conhecer determinadas ambiências, coligar imagens guardadas no acervo pessoal das Mulheres-Baobás e acessar arquivos que por vezes estavam esquecidos pelas próprias mulheres. Ademais, as imagens fotográficas podem ser elementos que favorecem a evocação e, por conseguinte as narrações. Desse modo, o registro fotográfico. É o relê que aciona nossa imaginação para dentro de um mundo representado (tangível, ou intangível) [...]". Desse modo, o registro fotográfico é fonte considerável de informação. No entanto, há que considerar que "[...] na sua condição de registro documental do mundo visível do aparente, porém moldável de acordo com nossas imagens mentais, nossas fantasias e ambições, nosso conhecimento e ansiedades, nossas realidades e nossas ficções (KOSSOI, 2009, p. 53)

Assim, se constituiu, como as demais fontes em possibilidades de interpretações. Nesse sentido, o registro visual ampliou o conhecimento do estudo porque nos proporcionou documentar momentos ou situações que ilustraram o cotidiano vivenciado.

Como escreveu Conceição Evaristo no Poema: Recordar é preciso:

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos A
memória bravia lança o leme: recordar é preciso. O
movimento vaivém nas águas-lembranças dos meus
marejados olhos transborda-me a vida, salgando-me o rosto
e o gosto. Sou eternamente naufraga, mas os fundos
oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam. Uma paixão profunda é a boia que me
emerge. Sei que o mistério subsiste além das águas
(Disponível em: <<https://encantoliterario.com.br/segunda-poetica-recordar-e-preciso-conceicao-evaristo/>>.s/p.
Acesso dia 08 de set. 2023)

Tal como referido pela autora "*a memória bravia lança o leme: recordar é preciso*", por meio dos registros articulamos conceitos e ampliamos as informações sobre a investigação. O registro fotográfico aconteceu de duas formas: primeiro, o registro realizado pelas pesquisadoras (realizado dia 04/12/2021) com objetivo de aproximar as Mulheres-Baobás e criar um espaço no qual a significação fosse compartilhada.

O segundo momento foi colher as fotografias, constantes nos acervos pessoais das entrevistas, que foram cedidas para uso no trabalho, pois, a chamada “fotografia documental” abrange “o registro fotográfico sistemático de temas de qualquer natureza captadas do real, no entanto, existe, em geral, um interesse específico, uma intenção, no registro de algum assunto determinado” (KOSSOI, 2009, p. 53).

1.4. A escrita sobre a escrita: caderno de campo

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite (MACHADO, 2014, p. 68)

Le Goff (2003, p. 536) indica que “[...] o termo latino *documentarium*, deriva de *docere* ‘ensinar’, evoluiu para o significado de ‘prova’ e é amplamente usado no vocabulário legislativo, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica” (LE GOFF, 2003, p. 536).

Nesses termos, a análise documental proposta não teve a função de provar ou demarcar verdade histórica inquestionável, tão pouco averiguar e comparar as vozes das Mulheres-Baobás, em relação ao material documental reunido. Apresentou-se como um instrumento indispensável para o êxito das atividades propostas, tornou-se processo de escrita detalhando informações, observações, percepções, insight bem como as reflexões que surgiram durante o processo de investigação. É a forma de registro diário de tudo que diz respeito ao assunto pesquisado: datas, referências consultadas, endereços, transcrições, conversas mantidas com pesquisadores, pareceres da orientadora dentre outros movimentos

atinentes ao processo investigativo. Procuramos fazer o máximo de registros possíveis que pudesse substanciar a investigação.

Como o próprio nome revela, o diário é um instrumento ao qual recorremos em qualquer momento da rotina de escrita do trabalho realizado. Para usar uma analogia poderíamos dizer que se constitui em “amigo silencioso” que, quando acionado pode oferecer informações sobre o percurso investigativo. Desse modo consideramos que a sua importância não pode ser subestimada nos movimentos da pesquisa.

1.5. Entrelaçando os fios de Baobás: redes documentais

Os fios¹⁰ das Baobás são produzidos a partir das cascas dos baobás. Usando com a metáfora podemos entrelaçar com as redes documentais que fortalecem e transformam dados em informações, conhecimentos, sabedorias, reapresentam referências que por vezes, foram silenciadas e tiveram suas histórias não registradas. Para Toni Morrison

Devemos tudo ao outro. Devemos aos outros nossa língua, nossa história, nossa arte, nossa sobrevivência, nossa vizinhança, nossa relação com a família e com os colegas, nossa capacidade de desafiar as convenções sociais, bem como suportá-las (MORRISON, 2020, p.77)

Os fios da Baobá entrelaçam situações que emolduram os corpos negros e os protegem das amarras da branquitude. O que fizemos foi reunir materiais documentais que permitiram conhecer determinados contextos, complementar informações que apareciam nas falas das entrevistadas reunindo fontes para compor a pesquisa que a abarque a complexidade que objeto suscita.

Le Goff (2003), destaca o significado de questionar a fonte

¹⁰ A casca da árvore também possui propriedades medicinais e suas fibras são amplamente utilizadas para fazer fios, cordas, cordas para instrumentos musicais, linhas de pesca, cestas, redes e armadilhas. Sucurana, da Silveira Monik. O baobá. Disa Silveira Suçuarana. Disponível em: <https://www.infoescola.com/plantas/baoba/>. Acesso dia 15 de nov. de 2022.

documental. O autor argumenta que os documentos, ao longo de sua trajetória, sofreram alterações, interrupções, acréscimos e decréscimos, que propiciam possíveis alterações do discurso inicial.

No desenvolvimento da investigação analisamos a Lei 10.639/2003, um documento relevante para a educação, pois alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Sobre o documento, apresentamos o seu contexto de produção e os desdobramentos e processo de implementação. Depois de tantos anos já há pesquisas que analisam a forma como se estruturou e as mudanças que se produziram (ou não) no interior da escola. Também voltamos o olhar para Lei Nº 11.645/08 e demais normativas sobre a temática. Os documentos associados aos percursos escolares dos sujeitos também foram analisados para complementar informações.

No desenvolvimento do trabalho de pesquisa tivemos curiosidade de conhecer informações sobre professoras que se autodeclararam negras e que atuam em escolas estaduais da educação básica. Solicitamos os números para os órgãos competentes e não obtivemos êxito. Diante de tal fato buscamos informações com a professora Clemilda Santiago Neto, que ocupa a função de Técnica Pedagógica da Secretaria de Estado da Educação do Paraná que forneceu as informações necessárias para a realização da pesquisa.

Quadro 01- Número de docentes que se autodeclararam pretos e pardos no Estado do Paraná.

NRE	SEXO	COR	RAÇA	TOTAL GERAL
		PRETA	PARDA	
APUCARANA	FEMININO	85	14	1.152
APUCARANA	MASCULINO	41	17	355
AREA METROP. NORTE	FEMININO	182	56	1.954
AREA METROP. NORTE	MASCULINO	150	47	1.034
AREA METROP. SUL	FEMININO	209	57	2.454
AREA METROP. SUL	MASCULINO	136	37	1.002
ASSIS CHATEAUBRIAND	FEMININO	36	4	340
ASSIS CHATEAUBRIAND	MASCULINO	12	3	95
CAMPO MOURÃO	FEMININO	129	23	863
CAMPO MOURÃO	MASCULINO	47	7	230
CASCADEL	FEMININO	196	27	1.720
CASCADEL	MASCULINO	72	27	506
CIANORTE	FEMININO	66	7	562
CIANORTE	MASCULINO	22	2	168
CORNELIO PROCOPIO	FEMININO	92	17	923
CORNELIO PROCOPIO	MASCULINO	43	8	250
CURITIBA	FEMININO	157	79	3.699
CURITIBA	MASCULINO	155	69	1.741
DOIS VIZINHOS	FEMININO	26	4	364
DOIS VIZINHOS	MASCULINO	12	7	129
FOZ DO IGUAÇU	FEMININO	170	45	1.292
FOZ DO IGUAÇU	MASCULINO	103	26	521
FRANCISCO BELTRÃO	FEMININO	91	15	1.124
FRANCISCO BELTRÃO	MASCULINO	40	5	294

GOIOERE	FEMININO	79	12	391
GOIOERE	MASCULINO	19	2	84
GUARAPUAVA	FEMININO	97	10	882
GUARAPUAVA	MASCULINO	54	7	350
IBAITI	FEMININO	39	4	424
IBAITI	MASCULINO	11	1	110
IRATI	FEMININO	38	6	747
IRATI	MASCULINO	19	0	228
IVAIPORA	FEMININO	82	10	752
IVAIPORA	MASCULINO	27	5	228
JACAREZINHO	FEMININO	56	18	797
JACAREZINHO	MASCULINO	25	10	253
LOANDA	FEMININO	89	16	148
LOANDA	MASCULINO	35	3	123
LONDRINA	FEMININO	251	77	2.307
LONDRINA	MASCULINO	154	43	1.009
MARINGA	FEMININO	269	61	2.115
MARINGA	MASCULINO	110	27	590
PARANAGUA	FEMININO	141	28	999
PARANAGUA	MASCULINO	58	12	436
PARANAVAI	FEMININO	129	21	772
PARANAVAI	MASCULINO	47	14	210
PATO BRANCO	FEMININO	112	14	1.097
PATO BRANCO	MASCULINO	43	8	280
PITANGA	FEMININO	32	2	441
PITANGA	MASCULINO	23	5	155
PONTA GROSSA	FEMININO	127	43	1.928
PONTA GROSSA	MASCULINO	94	22	756
TELEMACO BORBA	FEMININO	68	12	646
TELEMACO BORBA	MASCULINO	26	6	208

TOLEDO	FEMININO	147	23	1.202
TOLEDO	MASCULINO	73	16	458
UMUARAMA	FEMININO	165	38	985
UMUARAMA	MASCULINO	66	6	292
UNIAO DA VITORIA	FEMININO	35	2	675
UNIAO DA VITORIA	MASCULINO	27	9	260
WENCESLAU BRAZ	FEMININO	40	8	411
WENCESLAU BRAZ	MASCULINO	15	5	158
TOTAL		5.368	1.198	48.024

Fonte: Acervo do Departamento de Estado e Direitos Humanos. Equipe da Educação das Relações étnico Raciais e Educação Escolar Quilombola.

Em relação ao quadro acima é conveniente alguns esclarecimentos. Primeiro, o quadro expressa o número de professores estaduais nos diferentes núcleos de educação que atuam no ensino fundamental II e ensino médio. desse modo nesses números não aparecem os professores que atuam no ensino fundamental I e educação infantil que estão sob a responsabilidade dos municípios. Segundo, ainda que no estado do Paraná existam sete universidades, não aparecem nesses números porque o ensino superior está organizado em outra secretaria de estado.

Ao olharmos o quadro percebemos que na microrregião de Francisco Beltrão que é lócus da pesquisa encontramos 91 professoras que se autodeclararam pardas e 15 que se autodeclararam pretas. Em relação aos professores 40 se autodeclararam pardos e 5 se autodeclararam pretos. Esses números permitem considerar que ao entrevistar 11 mulheres, docentes negras atuantes na educação básica temos um número relevante ainda que este não se constituía em foco da investigação.

De qualquer modo a partir da leitura do quadro podemos depreender que, nas escolas estaduais da microrregião de Francisco Beltrão atuam 106 professoras que se autodeclararam pretas e pardas e 45

docentes do sexo masculino¹¹ que se declaram pretos e pardos.

As informações quantitativas podem auxiliar para que possamos conhecer o contingente de docentes negros a partir desse marcador da autodeclaração étnico-racial.

1.6. Ancestralidade das mulheres-baobás: teste Genera

Ancestralidade

Ouçã no vento
O soluço do arbusto:
É o sopro dos antepassados.
Nossos mortos não partiram.
Estão na densa sombra.
Os mortos não estão sobre a terra.
Estão na árvore que se agita,
Na madeira que geme,
Estão na água que flui,
Na água que dorme,
Estão na cabana, na multidão;
Os mortos não morreram...
Nossos mortos não partiram:
Estão no ventre da mulher
No vagido do bebê
E no tronco que queima.
Os nossos mortos não estão sob a terra:
Estão no fogo que se apaga,
Nas plantas que choram,
Na rocha que geme,
Estão na casa.
Nossos mortos não morreram.
Birago Diop – poeta africano

O poema acima foi retirado do livro: *Pele da cor da noite*, da escritora Vanda Machado e Oliveira (2013) que faz a apresentação do livro. No texto há uma delicadeza, vigor e destemor em reapresentar as raízes africanas e demarcar as religiões de matriz africana como suporte da identidade nacional. Para o autor, o livro

'*Pele da cor da noite*' tem também a delicadeza e a força de produzir mundos; tem a coragem do anúncio e o

¹¹ Conveniente assinalar que as informações recebidas o Departamento de Estado e Direitos Humanos não aparecem outras nomeações de gênero e as informações foram organizadas com base nos documentos que recebemos a partir de um ofício encaminhado ao órgão do mesmo modo convém esclarecer que a denominação pretos e pardos segue o que estabelece o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE.

testemunho como exemplo; tem a beleza como destino e produto; tem a sabedoria de saber de si mesma, comunitariamente... Àqueles que têm na pele a cor da noite, sabem que educar é tornar-se semelhante aos ancestrais. O brilho dourado de uma só mulher, nesse livro, é o luminar de todo um povo que traz na superfície de sua pele a profundidade de sua história (OLIVEIRA, 2013, p. 13)

No livro e no poema Birago Diop fortalecem a importância dos antepassados na constituição de si. Nesse sentido, o uso do Teste Genera para identificar a origem geográfica se constitui como um recurso que auxilia a fazer uma identificação ao longe. Evidentemente que pensar ancestralidade implica em lançar um olhar sobre o conjunto das práticas culturais, história, memória, relações familiares dentre muitos marcadores étnico e culturais. No entanto o processo de escravização, extirpou esta possibilidade dos povos que chegaram como sujeitos escravizados.

Sabemos que, atualmente é possível, a partir da coleta de material genético, obter alguns indicativos que permitem mapear regiões geográficas prevalente na análise do material biológico. Daí adveio a decisão de identificar a ancestralidade de cada Mulher-Baobá. O Laboratório GENERA fica localizado no município de São Paulo e realiza testes de DNA que permitem fazer este mapeamento global. Com o teste GENERA foi possível a busca da ancestralidade global de parentes da linhagem paterna e materna que proporcionaram leitura dos pontos do DNA de cada Mulher-Baobá, de cada uma das participantes da pesquisa.

As Mulheres-Baobás receberam no endereço residencial o seu kit de Teste GENERA Básico, fizeram a coleta e enviaram os materiais para análise. O resultado do Teste de DNA foi entregue através de um mapa interativo, por e-mail individual que poderia ser acessado na plataforma do Laboratório GENERA.

Os testes Genera realizado pelas Mulheres-Baobás demonstraram as ramificações profundas e nesta via de entendimento, a robustez da árvore Baobá e a capacidade em sobreviver por séculos.

E diversas personalidades realizaram o teste Genera

Personalidades como Emicida, Djamila Ribeiro e Monique Evelle também já compartilharam suas experiências com os testes. Muito antes de eles se tornarem mais acessíveis, em 2007, a BBC Brasil reuniu nove celebridades negras do país para fazer seus mapeamentos genéticos um projeto em parceria com o Laboratório Gene, do médico mineiro Sérgio Pena, batizado de Raízes Afro-brasileiras. Os resultados indicaram, por exemplo, que Seu Jorge tem 13% de genes europeus, que o DNA de Milton Nascimento são 99,3% africano e que a ginasta Daiane dos Santos tem “uma composição equilibrada” entre genes europeus, africanos e indígenas. Na época, a cantora Sandra de Sá falou sobre a importância de rastrear suas origens: “Tudo o que estou fazendo na minha vida é em relação à África, inclusive na música” (PAYNO, 2020, s/p)

Ainda Trabalhamos com o exemplo de Sandra de Sá que de acordo com o teste tem 96,7% africana, 2,1% europeia, 1,1% ameríndia. Do lado paterno foi identificado um amplo grupo mais raro, presente também nos Zulus¹² da África do Sul e em outros grupos da África Ocidental.

Nessa conexão com a ancestralidade se fortalece a metáfora da árvore baobá. O Baobá alonga sua presença para além da história de um sujeito ou geração: mudam as paisagens, os sujeitos, as práticas culturais, mas a árvore permanece como testemunha de uma vida. Talvez o teste tenha essa função, testemunhar para as sujeitas da pesquisa, marcas da presença desta ancestralidade para além da familiaridade conhecida.

As Mulheres-Baobás manifestaram alegria com a realização do teste, afirmaram ter sentido diversas emoções que há muito tempo não sentiam: sentiram pulsar a vida que atravessou várias gerações. Com o teste conheceram suas raízes, a partir da pesquisa sabem que seus antecedentes vieram de diversos lugares da África. E como diz a lenda que está no preâmbulo: “Eu a criei grande, resistente e longevas porque quero que ajude os humanos a evoluírem, quando eu os trazer para cá. É por isso que

¹² “Zulus da África” são povos que vivem onde hoje se encontra a África do Sul, Lesoto, Suazilândia, Zimbábue e Moçambique. Antigamente, mantinham formas de sobrevivência baseadas em guerras. Lutaram, por exemplo, contra a invasão dos britânicos e dos povos Bôeres, ainda no século XX. Hoje em dia, o poder político dentro da tribo funciona de forma restrita. Em síntese, o povo Zulu corresponde a um total de 23,4% da população da África do Sul. Isso significa, aproximadamente, 44,3 milhões de pessoas. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/zulus/>.

um Baobá viverá 6 mil anos" (IANKOSKI, 2020).

A hipótese científica mais aceita atualmente para a origem da humanidade é de que a espécie humana moderna (chamada de *Homo sapiens*) surgiu na África, há cerca de 200 mil anos, depois de um processo evolutivo de milhões de anos.

Investigamos a ancestralidades e a conexão com os antepassados a partir de uma amostra do DNA, esse recurso permitiu descobrir de quais regiões do mundo vieram, de onde são os ancestrais e traçarmos o caminho percorrido por há dezenas e milhares de anos.

Este teste biológico sofre críticas contundentes de especialistas, porque entendem que reportar traços biológicos pode encaminhar retrocesso em relação a análises que entendiam raça como marcador biológico e não como construção social, posição sobrejamente aceita nas ciências humanas.

Assumimos este conceito de raça como produção social. Tivemos a curiosidade e propusemos as Mulheres-Baobás a realização do teste GENERA. Ao receber o resultado do teste a entrevista da Rita de Cássia, emocionou-se e disse:

Minha história está viva. Este documento mostra que a minha história, não está apagada. Eu sabia que um dia iria descobrir um pouco mais da minha história! E com essa pesquisa você, Lucília e Sônia, oportunizaram este conhecimento que tem um significado imensurável para mim, um sonho realizado! (Mulher-Baobá, Rita de Cássia, 2021)

Ao ler esta fala da entrevistada e observamos o quanto nós povos negros não temos conhecimentos sobre nossos ancestrais. Parece que a identidade regional é a única acessível: somos paulistas, cariocas, paranaenses [...]. Para a população negra foi negada uma raiz mais profunda. Quem eram os nossos ancestrais trazidos a força para este continente? Onde estavam antes de serem apanhados em África embarcados a força em navios e trazidos para esse lugar?¹³

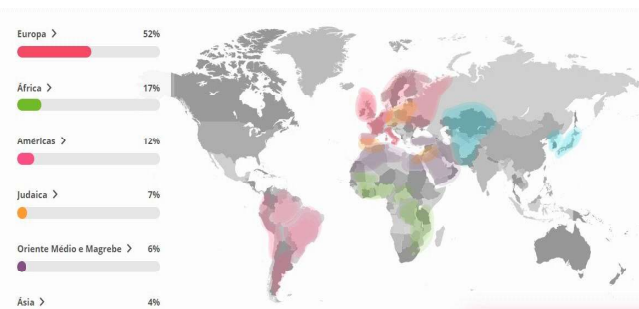
¹³ Trata-se, e claro, de uma concepção fechada de "tribo", diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido e estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta.

Desse modo, procurou-se certa ancestralidade, visto que aqueles que vieram para o Brasil como escravizados foram separados de sua história e ancestralidade. A oportunidade de fazer o teste e rememorar os antepassados fortaleceu a autoestima das Mulheres-Baobás da pesquisa e intensificou o desejo para aprofundar os conhecimentos sobre a ancestralidade

A ancestralidade remete não ao passado descolado do presente e do futuro, pois deve ser compreendida a partir da ideia do tempo circular, não-linear, onde passado, presente e futuro estão intrinsecamente conectados. Remete ao reconhecimento de valores e sentidos que nos conformam, que dão sentido à nossa autopercepção no mundo. Ancestralidade que envolve a dimensão espiritual, passando pelo corpo e pela natureza (MACHADO, 2012, p.94)

O Teste de Ancestralidade Global mostrará qual a origem do nosso DNA. Os resultados são vistos em cada mapa, no qual estarão indicadas as áreas de onde vieram nossos ancestrais, com suas respectivas porcentagens. A plataforma é interativa e também contará um pouco sobre os processos de migração que podem ter influenciado na vinda dos ancestrais para o Brasil.

Mapa 02: Exemplo de mapa do Genera Básico



Fonte: Disponível em: <https://www.genera.com.br/blog/o-que-vem-em-cada-pacote-da->

Esse cordão umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". E, claro, um mito com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história (HALL, 2003, p. 29).

genera/. Acesso dia 27 de nov. de 2021.

O cordão umbilical do povo brasileiro com mais de 50% da população está vinculado ao Continente Africano e concordamos com Hall (2003, p.30) quando afirma que

Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. Em vez de um pacto de associação civil lentamente desenvolvido, tão central ao discurso liberal da modernidade ocidental, nossa "associação civil" foi inaugurada por um ato de vontade imperial (HALL, 2003, p.30).

Imagem 02: DNAfro¹⁴



Fonte: Disponível em: <https://www.genera.com.br/blog/painel-dna-afro/>. Acesso dia 27 de set. de 2023.

¹⁴ O DNAfro é Genera lança painel especializado na genética de pessoas afrodescendentes a Genera, em parceria com a agência de afroturismo Brafrika, lançou o painel DNAfro, com características desenvolvidas principalmente com estudos científicos conduzidos com populações africanas e afrodescendentes. O intuito do painel DNAfro é fazer com que você consiga explorar, de maneira ainda mais aprofundada, o seu organismo e os seus cuidados com a saúde a partir da análise de novos estudos e novos marcadores genéticos. Disponível em: <<https://www.genera.com.br/blog/painel-dna-afro/>>. Acesso dia 27 de set. de 2023.

A imagem acima mostra esta conexão entre DNA e enraizamento. Os testes de DNA começaram a se popularizar no Brasil na metade de 2019, mas nem toda a população negra conseguem fazer, pois os custos podem ser considerados altos se considerarmos a situação socioeconômica da população negra no Brasil.

Fotografia 03: Mulher-Baobá Francielly



Fonte: arquivo constante no acervo pessoal da pesquisadora, 04/12/2021.

Para a Mulher-Baobá Francielly o teste se reveste em possibilidade de ampliar o conhecimento de suas raízes, meio que decifrando mistérios que os antigos de sua família não poderiam contar.

Francielly fez a seguinte narrativa após receber o resultado do seu teste:

Eu me senti muito lisonjeada pela escolha para realizar o teste Genera. Ter colocado como sugestão para fazer o teste gerou uma imensa curiosidade e alegria para saber qual era a minha descendência. Já que eu me auto reconheço como parda. Geralmente as pessoas falavam: Ah! mas, você não é tão morena assim como se eu não fosse o suficiente para me auto reconhecer quem eu sou e quem eu me vejo? Então ao realizar o teste Genera foi de imensa satisfação e ansiedade para saber o resultado. E para saber qual que era a minha descendência. E realmente quem que eu poderia dizer e de onde eu vim. Quais são as minhas reais origens? Porque o falar é uma coisa. E eu não tive o os meus avós paternos, não tive contato, a minha vó paterna eu até tive, mas eu era muito pequena quando ela faleceu e meus pais eram separados. Meu pai abandonou a gente quando eu tinha oito anos,

então eu não sabia real da minha descendência. Os meus avós paternos, dos maternos eu sei a minha vó era dizia que era italiana. Que tinha descendência italiana, meu vô negro, mas, assim tudo muito superficial, então eu fiquei muito contente realizar o teste muito ansiosa para saber o resultado (Mulher-Baobá, Francielly, 10 de setembro de 2023)

Ficou evidente na narrativa da Mulher-Baobá Francielly a mitigação das vivências e experiências que passou durante sua infância, adolescência, juventude e agora na vida adulta, sentiu-se aliviada como a realização do teste Genera, pois, os resultados comprovaram que a sua ancestralidade também vieram da África como de outros países europeus, mas, para ela alivia para poder confirmar que ela é negra de pele clara e reúne os fenotípicos de pessoa negra e com esta afirmação aumentou a autoestima deixando-a mais empoderada.

A Mulher-Baobá Francielly 55% de Europa, 22% de Ibéria, 11% de Itália, 9% de Europa Ocidental de Balcãs 7%, Basco 4%, e de Sardenha 3%, África 20%, Judaica 10% e Américas 9%. Na investigação não tomamos como objetivo fazer leitura biológica do mapa interativo do sujeito, mas registrar a percepção do sujeito a partir do recebimento do resultado do mapa.

Segue abaixo os mapas interativos do teste Genera:

Mapa interativo 03: Teste Genera – Mulher- Baobá Francielly

Linagem Materna

O recurso Linagem Materna indica a sua haplogrupo materna, isto é, a rota percorrida pelos seus ancestrais matrilíneos ao longo do tempo. A partir de uma análise do DNA mitocondrial (mtDNA), é possível traçar o caminho que eles fizeram há mais de 100 mil anos. Esta ferramenta considera apenas a sua linhagem matrilinear, ou seja, a sua mãe, sua avó materna, sua bisavó materna, trisavó materna e, assim, sucessivamente, até milhares de anos atrás.

Compartilhe seus resultados:

Sobre este relatório



O teste de linhagens indica qual a rota percorrida pelos seus ancestrais. Para descobrir a rota da sua linhagem materna, é feita uma análise do DNA mitocondrial (mt-DNA), um conjunto de haplogrupos encontrados nas mitocôndrias. Esses haplogrupos são um grupo de alelos (formas alternativas de um determinado gene) que carregam as características genéticas herdadas pelo pai e pela mãe. Assim, mesmo que o DNA tenha sofrido alguma mutação, é possível rastrear a origem e o caminho do seu haplogrupo materno ao longo de mais de 100 mil anos.

Seu haplogrupo: M



Derivado da linhagem L3, o haplogrupo M corresponde a uma ramificação muito robusta, surgindo na África entre 60 e 80 mil anos atrás e espalhando-se por muitos continentes. Acredita-se que esse haplogrupo represente o início da saída dos humanos modernos da África, em particular dispersando-se pelo Oriente Médio e pela sul da Ásia, rumando pela costa do Oceano Índico. Por ser uma linhagem muito antiga e pouco frequente, não corresponde tão bem aos grupos étnicos atuais encontrados ao redor do planeta.

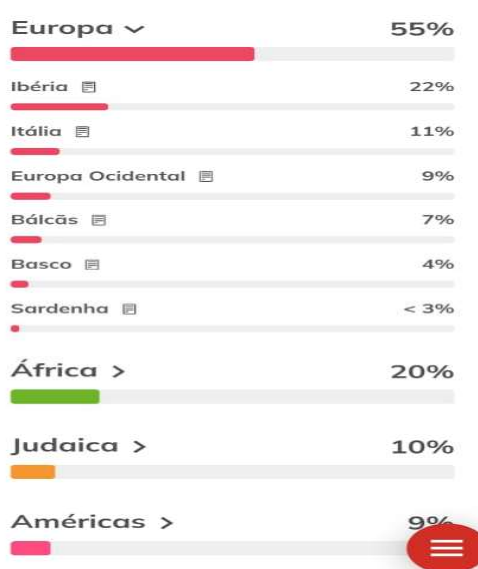
Eva mitocondrial 200 a 99 mil anos



Todas as linhagens de mtDNA tem origem em uma só mulher. Ela não era a única nem a primeira humana viva naquela época, mas sua linhagem mitocondrial é a única que existe nos dias de hoje, sendo a ancestral de todos os humanos vivos. Pesquisadores a chamam de "Eva Mitocondrial" ou "Eva biológica".

Fonte: arquivo pessoal de Mulher Baobá Francielly, material cedido para a pesquisa.

Mapa interativo 04: Teste Genera – Mulher- Baobá Francielly



Fonte: arquivo pessoal da Mulher-Baobá, cedida para a pesquisa

Segue a narrativa da Mulher-Baobá Francielly após olhar o mapa interativo

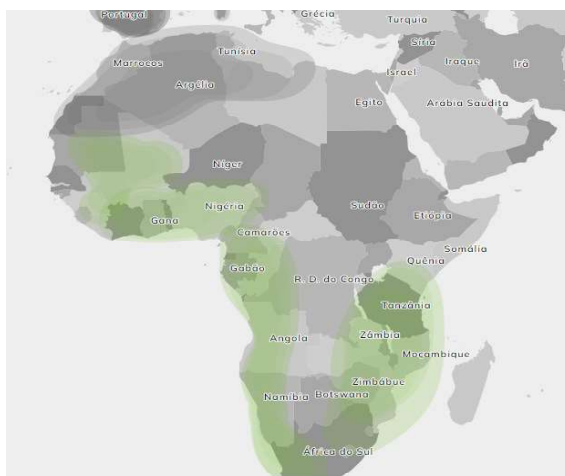
Quando chegou o resultado eu tive uma imensa curiosidade em saber qual era a minha real descendência e também buscar de qual região do mundo era aqueles países. Porque veio de um país de nacionalidade europeia. Então realmente buscar qual era a descendência e quais as possibilidades dentro da minha família que foi feito foram realizado essa imigração. E como vieram parar aqui? Então foi um teste que me deixou muito feliz em saber as minhas origens e quando alguém falar eu tenho como comprovar onde eu vim (Mulher-Baobá, Francielly, 10 de setembro de 2023)

Quando a Mulher-Baobá Francielly, afirmou que depois do teste Genera tem como comprovar que sua ancestralidade está em diversos países. Para esta narradora tem mais um significativo. Diz ouvir constantemente “não é tão negra”. A partir da visualização do mapa interativo diz ter mais elementos para construir uma argumentação que ajude a sustentar essa identidade que assume. Como é possível perceber essa ferramenta permite que o sujeito vislumbre a diversidade étnica que

o constitui e do mesmo modo faça a escolha política que significa afirmar ser negro no Brasil. Pois, tal como afirma Cristiane Sobral (2011, s/p) "se você se enxergar diante de um espelho negro, aprenderá a conviver com as suas sombras, com as suas luzes, alterando a sua percepção. Isso influenciará decisivamente a sua existência". Francielly afirma que muitas vezes teve embates com a figura que enxergava no espelho: Quem era? qual sua origem? Era insuficiente para ser branca, não era negra o bastante para ser negra. Que lugar ocupava?

E a Mulher-Baobá Ingrid, encaminhou o link¹⁵ do seu teste Genera, assim foi possível visualizar todos os documentos que eve direito por meio do teste genera.

Mapa interativo 05: Teste Genera – Mulher- Baobá Ingrid



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa.

Ao observar o mapa genético de Ingrid, percebemos que totalizou uma porcentagem de: 60% de Europa, 28% de África: 9% de Oeste da África, Mande 7%, Leste da África 7%, Costa de Minas 10%; Oriente Médio e

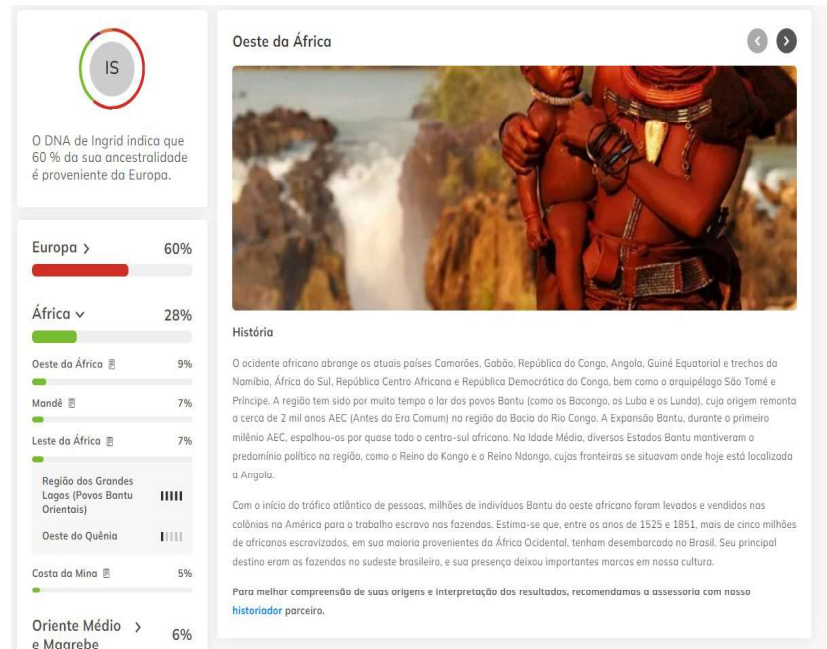
¹⁵ Segue o link do teste Genera da Mulher-Baobá Ingrid (<<https://exames.genera.com.br/global?c=PMxNkWIpjayDRX5web&cc=cd8a7d9276a65afa698b902774255fcd57a781acbc7fae53b24b593012325e23>>).

Magrebe 6%. Após receber o resultado do teste Genera, disse: “Achei interessante o fato do meu DNA ter passado por tantas culturas diferentes” (Ingrid, 13 de setembro de 2023).

Das 11 Mulheres-Baobás pouquíssimas tiveram a oportunidade de conhecer os avós paternos ou avós maternos. Tal fato, também situa dificuldades para narração de si por meio da memória. O movimento mnemônico propiciado pela convivência com os seus mais “antigos” de alguma maneira recebeu o alheamento em relação a esta história familiar.

Junto com os percentuais que localizam geograficamente em relação a sua origem aquele que realiza obtém informações genéricas sobre o lugar.

Mapa interativo 06: Teste Genera – mulher- Baobá Ingrid



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa

Com o tempo vamos esquecendo da nossa árvore genealógica e

filogenética¹⁶ que mostra as relações evolutivas entre sujeitos, linhagens, populações, espécies etc.

Fotografia 04: Professora Onira com o teste Genera



Fonte: arquivo constante no acervo pessoal da pesquisadora, 04/12/2021

Recebemos o resultado do teste da Mulher- Baobá-Onira e ela relatou que

Eu fiquei com um pouco de dúvida. Porque ele colocou Costa da Mina, foi de lá que partiu a maior parte do povo que foi escravizado no Brasil, então parece óbvio, não seguro. Ainda mais, nós três tivemos origens diferentes. Pode? (Mulher-Baobá Onira, 19 de setembro de 2023).

Como é possível perceber a entrevistada manifesta preocupação e desconfiança em relação ao teste. Na primeira alocução entende que se a localização geográfica indicada é a que veio a maior parte dos escravizados trazidos para o Brasil. Para a professora, parece que tal acento joga com este aspecto da localização, sem precisar de fato a origem visto que independente do país africano os pontos de saída na África eram concentrados nos principais portos de embarque. Daí a obviedade apontada pela depoente. Outra questão alegada é a diferença entre

¹⁶ Para aprofundar mais sobre o tema genealogia e filogenia ler o artigo: Filogenia. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/filogenia-que-isto.htm>> Acesso 13 de set. de 2023.

origens que aparece no seu teste e das suas duas irmãs.

Sobre a questão levantada por Onira, é significativo demarcar que a inferência de ancestralidade geográfica depende dos bancos de dados genéticos disponíveis. Desse modo é com base nesses materiais usados como referência de representação dos grupos populacionais.

Ao sabermos de suas dúvidas, poderíamos dizer que a questão é compartilhada por diversos cientistas que pesquisam a origem da humanidade. O teste de ancestralidade é realizado comparando segmentos do genoma de uma pessoa com segmentos genômicos (disponíveis em um banco de dados) de sujeitos que atualmente habitam as diferentes regiões do mundo. Tal questionamento também aparece na literatura e poesia, como no verso, abaixo

Grito de mãe

Sou a mãe África soprando em todos os horizontes
Procuro os meus filhos perdidos no tempo
Para onde foram?
Tanto em vão seguir as suas pegadas
Procuro-os nos navios encalhados no mar
Até nas grutas mais profundas dos oceanos
Desesperada, choro e rezo: onde foram?
E aguardo que o céu me traga uma resposta
(CHIZIANE, 2018, p.42)

Olhar o mapa interativo da Mulher- Baobá Onira com 69% do DNA africano mostra o grito da mãe África que encontra seus filhos que foram esparramados por diversos países, os quais foram escravizados pelos senhores colonialistas. Saber de onde viemos nos honra e dizer com alegria eu descendo do continente africano, assim posso responder com orgulho qual a origem da gente.

Mapa interativo 07: Teste Genera Mulher-Baobá Onira



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa Mulher-Baobá

A Mulher-Baobá Onira tem a genética de 14% de Europa; 11% de Américas, 5% de Oriente Médio e Magrebe, 2% Judaica, 14% de Europa. Da África: 13% de leste da África, 14% de Oeste da África, 41% de Costas e Mina englobando 69%.

Os termos Costa da Mina e Guiné por vezes se confundem, tendo não raro o mesmo significado em um único documento. Define uma região da África Ocidental localizada no golfo da Guiné, onde atualmente se encontra o Benim (antigo Daomé), Togo e parte de Gana. A sociedade que ali floresceu a partir do século IV encontrou seu auge em torno dos séculos IX e X da era cristã, com a exploração do ouro, que existia em abundância. Com o tempo, a região ficaria conhecida pelos portugueses como Costa do Ouro. Em 1470, navegadores lusos alcançam a região, estabelecendo o comércio de ouro (Disponível em: <http://historialuso.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6099:costa-da-mina&catid=2071&Itemid=121>22 de novembro de 2021> Acesso dia 17 de setembro de 2023)

Deste modo, podemos inferir que ao pensarmos as denominações geográficas precisamos refletir sobre as temporalidades que eram associadas a essas regiões, de tal forma que dependendo do ano, século

essas regiões eram denominadas de maneira diferenciada. Então ao observarmos as porcentagens da Mulher-Baobá Onira, notamos que o material genético está associado a diversos países do Continente Africano. E qual a origem da gente com relação à África? Na letra de uma música do grupo Palavra Cantada encontramos também esta perplexidade quando afirmam: "Áfricas ficam na África que fica lá E aqui África ficará"

África

Quem não sabe onde é o Sudão
Saberá
A Nigéria, o Gabão, Ruanda
Quem não sabe onde fica o Senegal
A Tanzânia e a Namíbia
Guiné-Bissau?
Todo o povo do Japão
Saberá
De onde veio o leão de judá
Alemanha e Canadá, saberão
Toda a gente da Bahia, sabe já
De onde vem a melodia, do ijexá
O sol nasce todo dia, vem de lá
Entre o Oriente e o Ocidente
Onde fica?
Qual a origem da gente?
Onde fica?
África fica no meio do mapa do mundo
Do Atlas da vida
Áfricas ficam na África que fica lá
E aqui África ficará
Basta atravessar o mar
Pra chegar
Onde cresce o Baobá
Pra saber
Da Floresta de Oxalá
E malê
No deserto de Alah
Do ilê
Banto mulçumano nagô, Yorubá
Entre o Oriente e o Ocidente
Onde fica?
Qual a origem da gente?

Onde fica?
África fica no meio do mapa do mundo
Do Atlas da vida
Áfricas ficam na África que fica lá
E aqui África ficará

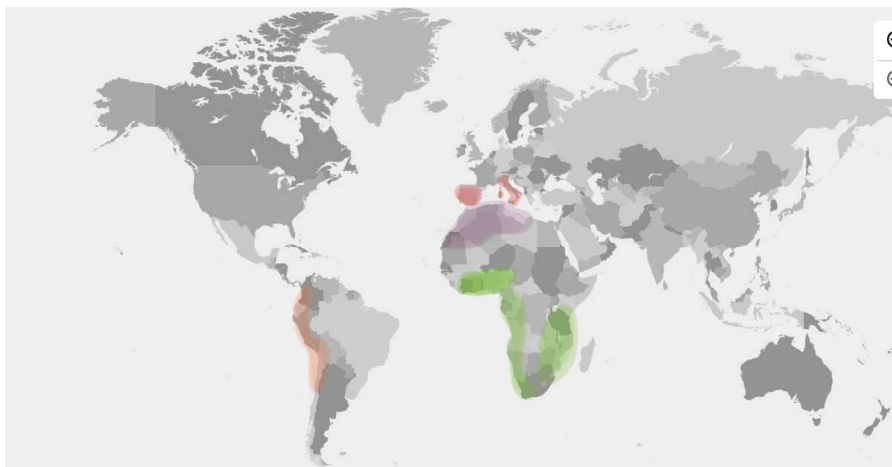
Fonte: Palavra Cantada- África. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/palavra-cantada/978932/>. Acesso dia 20 de set de 2023.

A Mulher-Baobá Iracema enviou o resultado do teste Genera, após a insistência o que fez levantar a hipótese de uma certa descrença em relação aos resultados do teste Genera ou, também poderia ser, como ressalta escritora Antoniette Errante, (2000, p.159) um sentimento de negação e ou defensiva que pode ter provocado com os resultados do teste Genera.

Os resultados do teste foram 20% da Europa, 72% da África, sendo, 44% da Costa da Mina, 15% Leste da Àfrica, 13% do Oeste da Àfrica, 7% Américas, e menos de 2% do Oriente Médio e Magrebe.

Mapa interativo 08: localização origem Iracema Mulher-Baobá

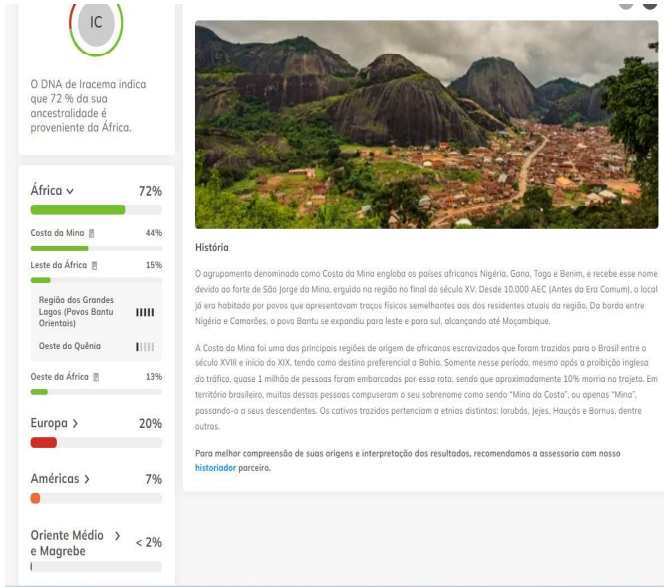


Fonte: arquivo pessoal de cada Mulher-Baobá, cedida para a pesquisa

Neste mapa aparece pintado de colorido os países e regiões dos quais a entrevistada teria origem. Em cinza, os lugares que não há relação com seu material genético.

A partir desta informações, Iracema, tal como suas irmãs (Onira e Celina) questiona: Como é possível que filhas do mesmo pai e da mesma mãe os resultados sejam diferentes? Vale lembrar que o DNA¹⁷ ou ADN podem ser diferentes ácido desoxirribonucleico, um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos. Se você herdar muitos SNPs associados a um grupo específico, receberá uma alta porcentagem de etnia para esse grupo. Se seu irmão herdou menos SNPs para esse grupo, ele receberá uma porcentagem menor. observem o mapa abaixo:

Mapa Interativo 09 - Herança genética da Mulher-Baobá Iracema



Fonte: arquivo pessoal de cada Mulher-Baobá, cedida para a pesquisa.

¹⁷ Para compreender melhor algumas questões genéticas. Disponível em: <<https://www.codigoadn.pt/Teste-de-ADN-entre-Irmaos-meios-irmaos>>. Acesso dia 20 de set.de2023.

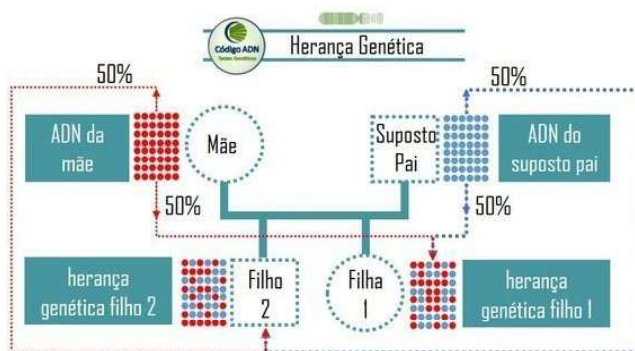
Tal como referimos o mapa da entrevistada indica que 72% é da África, 20 % é da Europa e 2% do Oriente Médio. Esses percentuais são bem diferentes de suas irmãs. Buscamos elementos para compreender tal questão:

Os seres humanos possuem 23 pares de cromossomos ao todo, sendo 22 deles *autossômicos* – ou seja, não relacionados ao sexo biológico do indivíduo – mas estes pares não são idênticos. Como esses cromossomos autossômicos (e os cromossomos sexuais), são herdados de nossos pais, o que ocorre é uma mistura de informações genéticas que acaba sendo passada por gerações ao acaso, fazendo com que **50%** dessa informação genética seja proveniente da nossa **mãe** e os **50%** restantes do nosso **pai**. Dessa maneira, o máximo de DNA que podemos **herdar de uma avó é 25%** e, consequentemente, de **bisavós, 12,5%**. Durante o nosso processo de reprodução, especificamente durante a meiose, ocorre a **recombinação gênica**, ou seja, a troca aleatória de material genético. A grande contribuição da meiose para a **variabilidade genética** é a capacidade de combinar de modo diferente os genes herdados dos pais. Por conta disso, a não ser que sejam gêmeos idênticos, irmãos sempre terão algumas diferenças no seu código genético, sendo possível, então, que não herdem a mesma ancestralidade genética. Por isso, quando fizer seu teste de ancestralidade com seu irmão e se deparar com resultados diferentes, entenda que isso é perfeitamente normal e respaldado na genética. Inclusive, evolutivamente falando, é um dos fatores que contribui para aumentar a variabilidade genética da prole¹⁸.

Nestes termos, na "recombinação gênica" ou seja, há um processo arbitrário de recomposição dos elementos genéticos que foram herdados dos pais. De tal modo, que mesmo irmãos têm resultados que podem ser diferentes quando submetidos a um teste genético. Essa questão pode ser explicitada no gráfico abaixo.

¹⁸ Fonte: <https://www.genera.com.br/blog/resultado-da-ancestralidade-de-irmaos-diferente/#:~:text=Por%20isso%2C%20quando%20fizer%20seu,a%20variabilidade%20gen%C3%A9tica%20da%20prole.>

Gráfico 1-Exemplo de como pode se processar a herança genética



Fonte: <https://www.codigoadn.pt/Teste-de-ADN-entre-Irmaos-meios-irmaos>. Acesso dia 20 de setembro de 2023.

Então podemos dizer que a África está nos genes brasileiros com maior ou menor quantidade genética, porque a origem dos quase 5 milhões de escravizados africanos que chegaram aos portos de Rio de Janeiro, Salvador e Recife contribuíram para a formação do povo brasileiro.

Os resultados confirmaram que foram três as regiões da África – a Oeste, a Centro-Oeste e a Sudeste – que mais exportaram mão-de-obra africana para o país até 1850, quando o ministro da Justiça do Império Eusébio de Queirós formulou uma lei tornando crime o tráfico de escravos. Até aí, nada muito novo, e a genética apenas corrobora as informações históricas a respeito de uma das situações mais cruéis a que um ser humano pode submeter outro. Já se sabia que o Brasil foi um dos poucos, se não o único, países das Américas a receber africanos de todas as origens¹⁹(ZORZETO, 2020, s/p)

Assim temos as heranças genéticas, culturais, históricas, religiosas, que formam a sociedade brasileira e cada um que nega a ancestralidade dos

¹⁹ A África nos genes do povo brasileiro: Análise de DNA revela regiões que mais alimentaram o tráfico de escravos para o país. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-africa-nos-genes-do-povo-brasileiro/>. Acesso dia 4 de outubro de 2023.

povos africanos, fazem a negação do Brasil constituído, com altíssimo desenvolvimento feita pelas mãos dos povos escravizados.

Imagem 03: Representação da herança Baobá



Fonte:Disponível em: <https://www.seuamigofarmaceutico.com.br/artigos-e-variedades/genetica-da-arvore-da-vida-eaposbaobaepos/746>. Acesso dia 4 de outubro de 2023.

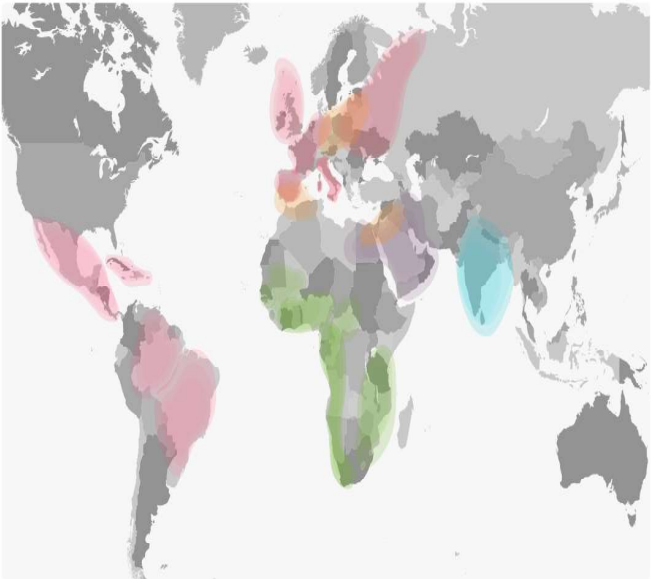
Ao observar o mapa da Mulher-Baobá Rita de Cássia, encontramos o seguinte resultado: 57% de África: 20% de Costa da Mina, 18% com a Oeste da África, 8% de Leste da África, senegâmbia 8%, mando 3% , 2%, Europa 31%: da Itália 11% , Ibéria 9% , Sardenha 5%, leste europeu 3% , Europa Ocidental 3%.

Mapa interativo 10 - Teste Genera da Mulher- Baobá Rita de Cássia

Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa



Rita de Cássia Dos Santos Lima



Na sequência, apresentamos visualizamos algumas informações da região de proveniência do material genético da depoente.

Mapa interativo 11: Teste Genético da Mulher- Baobá Rita de Cássia

Oeste da África

África 57%

Oeste da África 18%



História

O ocidente africano abrange os atuais países Camarões, Gabão, República do Congo, Angola, Guiné Equatorial e trechos da Namíbia, África do Sul, República Centro Africana e República Democrática do Congo, bem como o arquipélago São Tomé e Príncipe. A região tem sido por muito tempo o lar dos povos Bantu (como os Bacongo, os Luba e os Lunda), cuja origem remonta a cerca de 2 mil anos AEC (Antes da Era Comum) na região da Bacia do Rio Congo. A Expansão Bantu, durante o primeiro milênio AEC, espalhou-os por quase todo o centro-sul africano. Na Idade Média, diversos Estados Bantu mantiveram o predomínio político na região, como o Reino do Kongo e o Reino Ndongo, cujas fronteiras se situavam onde hoje está localizada a Angola.

Com o início do tráfico atlântico de pessoas, milhões de indivíduos Bantu do oeste africano foram levados e vendidos nas colônias na América para o trabalho escravo nas fazendas. Estima-se que, entre os anos de 1525 e 1851, mais de cinco milhões de africanos escravizados, em sua maioria provenientes da África Ocidental, tenham desembarcado no Brasil. Seu principal destino eram as fazendas no sudeste brasileiro, e sua presença deixou importantes marcas em nossa cultura.

Português do Brasil

"Moleque", "cachaça", "dengo" e "cocoilo" estão entre as palavras de origem Bantu que figuram entre as mais pronunciadas na nossa língua - também chamadas de bantulismos. O que pouca gente sabe é que a influência que os idiomas africanos exercem sobre o português brasileiro vai muito além do vocabulário: mesmo nossa pronúncia, com muita mais ênfase nas vogais do que nas consoantes (ao contrário do português lusitano), bem como o ato de pronunciar as vogais de maneira mais aberta, são marcas linguísticas oriundas dos mais de quinhentos anos de intercâmbio cultural entre falantes europeus e africanos.

Futebol Bacongo

Os falantes do idioma quicongo são conhecidos como Bacongo, e abrangem uma gama de etnias muito presentes no norte de Angola e nos dois Congos. Como atitude de fortalecimento de sua identidade étnica, de maneira a superar fronteiras e segregações religiosas, eles costumam organizar campeonatos e torneios esportivos - especialmente de futebol - em que os times e torcidas são definidos por agrupamentos étnicos.

Referências e leituras adicionais:

CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimoniomaterial.php?id=214>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MARTIN, Phyllis. *Leisure and Society in Colonial Brazzaville*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VANSINA, J. 'New Linguistic Evidence and 'The Bantu Expansion'. *The Journal Of African History*, [s.l.], v. 36, n. 2, p.173-195, jul. 1995. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s0021853700034101>.

Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa.

A entrevistada afirmou que realizou o teste no início, mais para contribuir com a pesquisa do que por uma curiosidade genuína. No entanto, o momento que recebeu o resultado foi impactada pelas informações contidas e pela possibilidade de informações identitárias que o documento oferecia.

Quando a Lucília propôs o teste para a dissertação, confesso que fiz para poder contribuir com os estudos e a pesquisa que ela fazia. Só que nunca imaginei o impacto que o resultado teria sobre mim. Acho que fiquei uns 30 minutos lendo e relendo... Desde criança sabia que "não teria" uma árvore genealógica. O único sobrenome de meus familiares que podia dar um indício de identificação de antepassados, era a minha avó: Andrade. Ela era muito pequena quando os pais vieram de Portugal para o Brasil. Mas que tinha os Nunes, Santos e Lima²⁰ (Mulher- Baobá, Rita de Cássia, 13 de

²⁰ Para conhecer mais sobre as origens dos sobrenome indicamos: Disponível em:

setembro de 2023).

Rita de Cássia narrou com emoção e a alegria os resultados do Teste Genera

A partir do exame de DNA eu posso afirmar, em alto e bom som, que sou AFRICANA. Que descendo das filhas de Eva. Que não sou descendente de ex-escravos. Sério! Depois do nascimento de meus filhos, esse foi o momento mais mágico que vivi. Saber de onde vim, porque gosto disso e não daquilo; porque gosto de determinados tipos de cores e tecidos... Minha memória se encontrou com minha genética! (Mulher- Baobá, Rita de Cássia, 13 de set. de 2023).

Quando lemos a narrativa da Mulher-Baobá Rita de Cássia concordamos Hall (2003, p. 28) quando diz que,

Presume-se que a identidade cultural seja, fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável! a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades os legados do Império em toda parte podem forçar as pessoas a migrarem, o que causa o espalhamento a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.

O autor chama atenção para os aspectos socioculturais e constitui a identidade dos sujeitos. Do mesmo modo, tece críticas as essências ou procura genéticas. No entanto, em contexto de desenraizamento historicamente produzido esse situar-se em um território implica em possibilidades de reconhecimento. O sujeito deixa de identificar-se somente em termos continentais e começa a situar-se em contornos geográficos menores. Talvez o poder desse mapeamento tenha, como a função produzir uma representação de enraizamento (mesmo que seja como imaginário). Somos uma humanidade mutante e formamos nossa identidade carregada de temporalidades (passado, presente e futuro). Para Hall (2003, p. 29).

<https://blog.meudna.com/origem-dos-sobrenomes-i/Sobrenomes mais comuns no Brasil: descubra suas origens> Acesso dia 23 de setembro de 2023.

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade as origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". E, claro, um mito com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado as nossas vidas e dar sentido a nossa história.

Em contexto afro diaspórico a procura desta origem pode encaminhar para explicação essencialista, de outro lado pode ser fator de afirmação e produção de um imaginário que nos conecta aqueles que vieram antes de nós, antes da escravização e que de alguma forma ajuda a compor a resistência ao racismo e confere mais longevidade a história deste coletivo. Essa história amplia as insurgências, aproxima da cosmovisão africana, mobiliza práticas de aquilombar (juntar-se para resistir) em constante movimento de denúncia a colonialidade que estendeu as marcas do colonialismo sobre a sociedade brasileira.

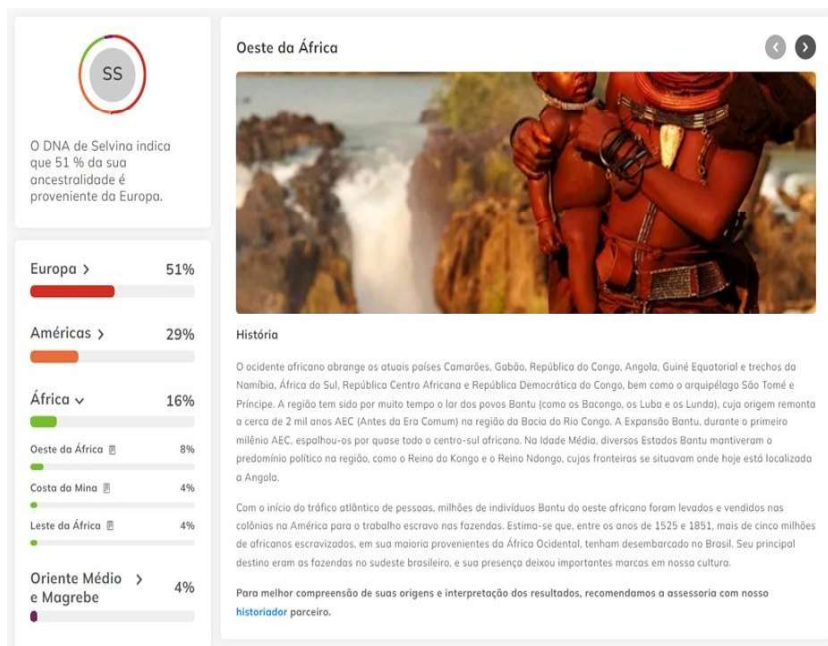
A Mulher-Baobá Selvina fez o teste Genera e o encaminhou para a pesquisadora.

Mapa interativo 12: Teste Genera da Mulher- Baobá Selvina.



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa.

Mapa interativo 13: Teste Genera da Mulher- Baobá Selvina.



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa.

O resultado do teste Genera da mulher-Baobá Selvina mostrou que 51% da ancestralidade é da Europa, 29% das Américas; 16% da África; Oeste da África 8%, Costa da Mina 4%, Leste da África E Oriente Médio e Magrebe 4%.

Tivemos a impressão de que a Baobá Selvina esperava um resultado diferente, pois, ela se autodeclara negra, atua como militante das questões da educação das relações étnico-raciais. Pareceu-nos, que o resultado a decepcionou, o que implicou na forma como o compartilhou. e nesta região do sudoeste do Paraná sofre com as mazelas da discriminação, dos preconceitos, por ser mulher, negra, de origem empobrecida e superou diversos obstáculos, como por exemplo:

"[...]Assim depois veio um pessoal de fora que não conhece não sabe qual que é a função da gente E eu não sou contra quem faz limpeza, eu acho assim que todo trabalho é gratificante, digno. A gente precisa de todas as profissões. Mas, assim teve uma vez eu estava na escola e logo que comecei a trabalhar no Bairro Progresso, chegou padre e mais os seminaristas ali na escola. Eles pensaram que eu era a Dona Marlene, eu falei para eles, mas eu sou professora eu não sou servente. A Marlene que é a servente, mas ela está lá na cozinha pode ir lá que você vai encontrar ela. Pelo fato da minha cor ele achou que eu era servente. Então às vezes as pessoas que deveria ter o respeito a educação não têm. Ele chegou já discriminando [...]. A gente então é bem complicado a situação. Desde assim você sair em outros lugares, entrar no comércio. A gente sabe que a gente que está sempre sendo rebaixado! Eles vão atender o branco primeiro porque o negro não tem dinheiro, não vai ter condições de gastar muito. Então é bem complicado essa situação da cor, todas as pessoas ficarem discriminando a gente pela cor, que a gente tem ou não tem dinheiro para pagar por aquilo que a gente compra e isso não é verdade (EN Selvina, 18 de novembro de 2021).

A Mulher-Baobá Selvina vivência os preconceitos de cor e classe social. No fragmento a professora, no espaço em que desempenha atividade laboral é confundida com outra profissional que atua no mesmo espaço. O que causa desconforto na entrevistada é a fixação do lugar social que deveria ocupar. Percebemos na sua narrativa que no imaginário do padre a Selvina seria a servente e só poderia sê-lo. A Baobá Selvina questiona: "De onde deveria vir o respeito? Ele não vem!

As vivências com o preconceito foram contínuas.

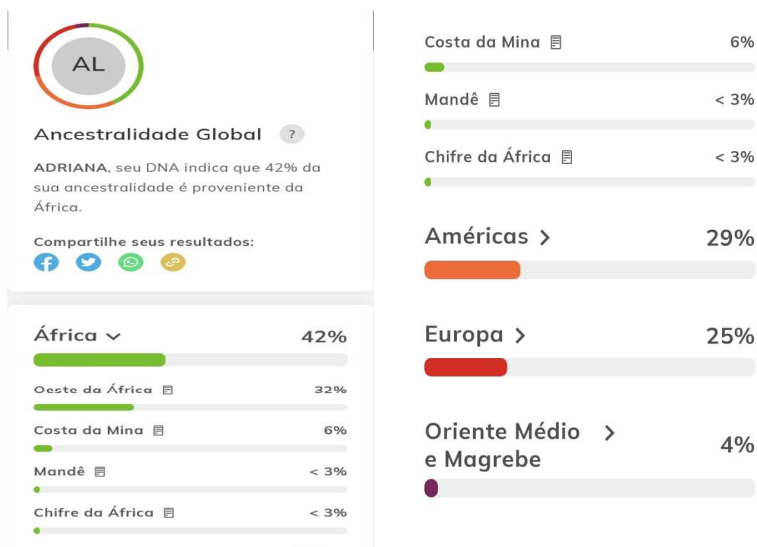
Eu tive uma visita no dia que meu pai estava doente. Um senhor aqui da comunidade mais a netinha dele que morava em Pato Branco. Quando era férias eles vinham passar as férias[...] e ele foi visitar meu pai que estava doente e levou a menininha e ela pediu para ir ao banheiro. Fui levá-la no banheiro não ia deixar o avô levar[...], aí ela falou: -apesar da tua cor eu gostei de você! Eu quero dizer como que essa pequena ela devia ter uns 6 anos. Mas, ela já tinha o preconceito da cor. Eu era preta, mas, mesmo assim ela gostou de mim[...]" (EN Selvina, 18 de novembro de 2021).

Na narrativa da Mulher-Baobá Selvina transparece a forma como os diferentes grupos étnicos foram hierarquizados em um sistema classificatório

e excludente.

A Mulher-Baobá Adriana enviou o resultado do teste no qual consta que 42% da sua ancestralidade veio da África: 32% Oeste da África, Costa da Mina 6% Costa de Mina, menos 3% Mandê, menos de 3% Chifre; Da América 29%, Europa 25%, Oriente Médio e Magrebe 4%.

Mapa interativo 14: Teste Genera Mulher- Baobá Adriana



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa.

O teste Genera pode ser um ponto de referência para composição da identificação. Souza (1983) em sua obra Tornar-se Negro, afirma que ser negro é um vir a ser, e não é uma condição dada a priori. Para tanto, é importante reconhecer a História contada e a forma como a branca foi se instituindo como referência.

Assim, veremos que os brancos criaram o colonialismo, o imperialismo, o anti-semitismo, o nazismo, o stalinismo, a escravidão e muitas outras formas de despotismo e opressão. E tantas outras formas de despotismo e opressão ao longo da história o negro também sabe que o branco criou a escravidão e a pilhagem as guerras e as destruição dizimando milhares de vidas (SOUZA, 1983, p.4).

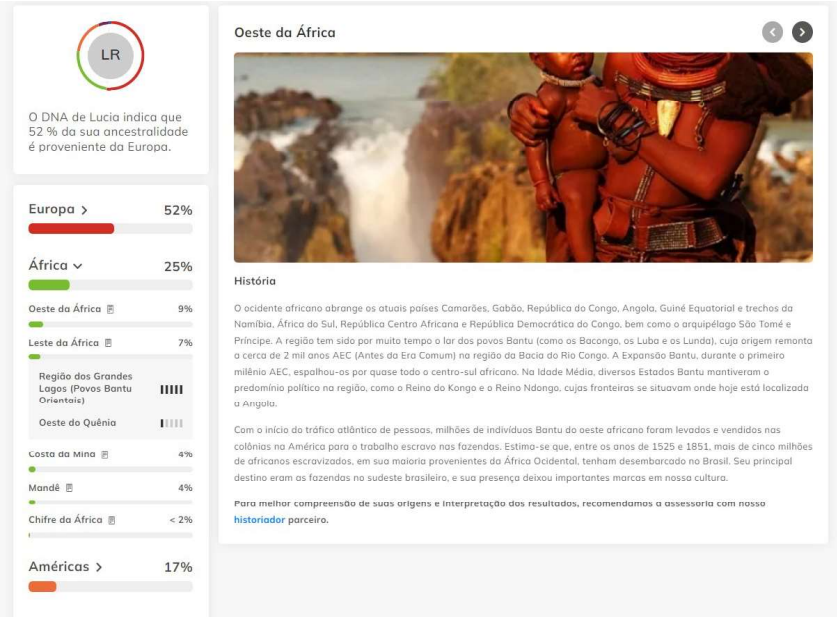
Essa crítica a forma como tradicionalmente a história foi contada é fundamental nos processos de identificação visto que essa narrativa produziu subjetividades e formas de entender como se estabeleciam essas relações interétnicas

A partir do momento em que o negro toma consciência do seu racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar esse corpo que se opõe a construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar (SOUZA,1983, p.6).

Souza (1983) refere os processos de vigilância e controle sobre o corpo negro. Mostra que “para o psiquismo do negro em ascensão, que vive o impasse consciente do racismo, o importante não é saber viver, e pensar o que poderia vir a dar-lhe prazer mas o que é desejável pelo branco”(SOUZA,1983, p.7). Sobre a questão a Mulher-Baobá Adriana em determinado momento da entrevista disse que sentia vergonha de sua mãe. Sempre trabalhando na casa dos patrões. Não tinha tempo para ela por que precisava trabalhar todo o tempo. Ela ficava mais na casa dos patrões da mãe a quem designou “pais de criação”. Disse que a mãe trabalhou 50 anos para esta família. Admite que via a casa dos patrões como sua, no entanto não poderia convidar os colegas para irem em “sua casa”: na dos patrões não poderia convidá-los, na casa da mãe (que ficava no pátio da casa dos patrões) não queria convidá-los. Essa percepção faz ver que a forma como as relações se estabeleciam tendo por base o sistema assimétrico construído pelo racismo.

A Mulher-Baobá Lúcia também realizou o teste Genera Os resultados foram: 52% da Europa, 25% da África, 9% Costa da África, 7% Leste da África, 4% da Costa de Minas, 4% de Mande, menor que 2% da Costa da África e 17% das Américas. Como mostra o mapa abaixo:

Mapa Interativo 15- Demonstrativo DNA Mulher-Baobá Lúcia



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa.

Lúcia relatou via *whatsApp* que: “fiquei surpresa com o reultado. Achei que teria maior porcentagem da África!”. Há, no resultado do teste, certa perplexidade por que a entrevistada se autodeclara negra. No entanto, sabemos que a identidade que o sujeito assume está diretamente relaconada a produção de uma subjetividade, como o sujeito se vê, se correpondência entre a postura política assumida e o teste de DNA realizado.

Fotografia 05: Mulheres-Baobás Iracema, Lúcia e Lucília



Fonte: arquivo constante no acervo pessoal da pesquisadora, 04/12/2021.

E identificar-se negra é uma tarefa eminentemente política que exige como condição imprescindível a contestação do modelo advindo das figuras da branquitude

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento, que o aprisiona em uma imagem inferior e alienada, na qual inadvertidamente ele se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada a priori, com a mesma beleza, com a mesma naturalidade que é concedida ao branco, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. Tornar-se negro, portanto, ou consumir-se em esforços por cumprir um veredito impossível desejo do outro – de vir a ser branco: são as alternativas genéricas que se colocam ao negro brasileiro que responde positivamente ao apelo da ascensão social (SANTOS, 1983, p. 77).

Passados mais de quarenta anos da obra da escritora Neuza Santos

Souza constata-se permanência do racismo (nas diferentes formas que ele se apresenta nas atividades cotidianas) dos dispositivos de poder, dos comportamentos racistas que dificultam que a população negra tenha acesso aos bens materiais e simbólicos.

Duas Mulheres-Baobás não entregaram os resultados de teste Gené e apresentaram justificativas: Anaildes teve problemas com as tecnologias talvez seja porque para entrar no site e fazer o cadastro tem passos a seguir e os erros no acesso impediram que acessasse as informações... Também a Mulher-Baobá Nara relatou que não fez o teste, devidos a motivos pessoais. É necessário ressaltar que alguns projetos percorrem nos espaços federal, ou estadual como no caso o proposto pelo vereador Antônio Donato (PT), através do Projeto de Lei (PL)²¹ 258/21 o Programa São Paulo DNA África, com a finalidade de permitir que Descendentes de Negros Africanos Escravizados no Brasil (DNAEBs) tenham acesso a testes gratuitos de DNA e Mapeamento Genético de Ancestralidade. A PL prevê que esses testes sejam feitos na rede municipal de saúde podendo acontecer via parceria com entidades públicas ou privadas. E ressaltamos que é fato que os povos pretos/negros no Brasil não sabem de onde vieram.

A diáspora africana foi sangrenta e após a abolição seguiu um processo de apagamento da história que tem sido reiterado das mais diversas formas. Sobre a questão, convém rememorar que na História do Brasil o ministro das Finanças Rui Barbosa, em 1899, ordenou a incineração de todos os documentos, inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros e assim por diante relacionados a escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados. Assim supunha apagar a “mancha negra” da história do Brasil. Com consequência lógica desse fato, não possuímos hoje os elementos indispensáveis a compreensão e análise da

²¹ O presente Projeto de Lei autoriza o Poder Executivo a criar o Programa São Paulo DNA África e a promover, a título de reparação histórica, testes de DNA e Mapeamento Genético para localização de origem geográfica e familiar dos munícipes que queiram e que sejam Descendentes de Negros Africanos Escravizados no Brasil (DNAEBs Disponível em: <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/justificativa/JPL0258-2021.pdf>>. Acesso dia 29 de set. de 2023.

experiencia africana e de seus descendentes no país" (NASCIMENTO, 2016, p. 93).

O Brasil é o país do continente americano que mais recebeu africanos escravizados e parece que a história dos povos pretos começou nos navios negreiros, como se o passado não existisse. Isso é o oposto do que acontece com os outros povos que ajudaram a compor a identidade da população brasileira, que tiveram seus registros preservados.

O teste Genera da Mulher-Baobá Lucília, indica que 67% da sua ancestralidade é proveniente da Europa; 20% da África, sendo: 9%, leste da África, região dos grandes lagos dos (Povos Bantus) orientais, 6% Costa da Mina, 4% Oeste da África, menos de 2% do Mande; 8% das Américas e 5% do Oriente Médio e Magrebe.

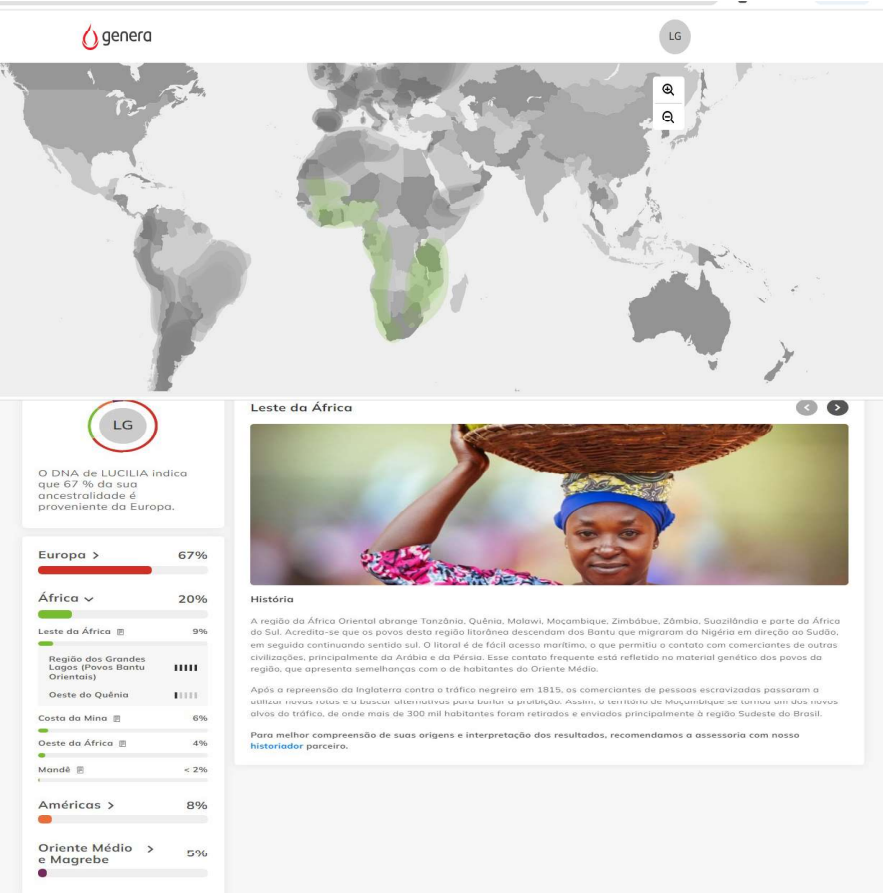
Saber que tenho ancestralidade predominante europeia, não me deixa menos negra, pelo contrário proporcionou a visibilidade da ancestralidade. Até o momento dizia que meu pai era paulista e a mãe mineira. Agora sei de onde veio a ancestralidade: dos povos Bantus que foram os primeiros negros vindos da África para o Brasil. Há mais de 400 anos e trouxeram consigo tradição cultural e religiosa que se enraizou no Brasil.

Assim, sua importância também está na construção da religiosidade do país, responsáveis pelas primeiras práticas de sincretismo afro-religioso e pioneiros nas religiões de matrizes africanas, principalmente a Umbanda e o Candomblé.

Quando jovem, não entendia a forma de viver a religiosidade da minha mãe; apegada a Santa Bárbara, São Sebastião, São Jorge. Hoje identifico marcas do sincretismo religioso nas suas práticas religiosas resistência cultural dos povos escravizados.

Ainda que no mapa interativo apareça que minha ancestralidade africana representada 20% do DNA considero que para além do DNA está a minha pele negra, a identidade que foi construída ao longo da trajetória de vida, das relações que estabeleci pela vivência, como fruto de um casamento interétnico.

Mapa interativo 16: Teste Genera da Mulher-Baobá Lucília



Fonte: arquivo pessoal da Mulher-Baobá Lucília.

Identificar-se negra é uma tarefa eminentemente política que exige como condição imprescindível a contestação do modelo advindo das figuras da branquitude

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento, que o aprisiona em uma imagem inferior e alienada, na qual

inadvertidamente ele se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada a priori, com a mesma beleza, com a mesma naturalidade que é concedida ao branco, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. Tornar-se negro, portanto, ou consumir-se em esforços por cumprir um veredito impossível desejo do outro – de vir a ser branco: são as alternativas genéricas que se colocam ao negro brasileiro que responde positivamente ao apelo da ascensão social (SANTOS, 1983, p. 77).

Passados mais de quarenta anos da obra da escritora Neuza Santos Souza constata-se permanência do racismo (nas diferentes formas que ele se apresenta nas atividades cotidianas) dos dispositivos de poder, dos comportamentos racistas que dificultam que a população negra tenha acesso aos bens materiais e simbólicos.

E como diz Conceição Evaristo

[...]Invento? Sim invento, sem menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração de fato, alguma coisa se perde e por isso acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso[...] (EVARISTO, 2023, p. 8).

Ser Mulher-Baobá Lucília na região sudoeste do Paraná significa rememorar experiências, tensões e vivências complexas, pois, em diversos espaços de trabalho tive o desprazer de sentir as dores dos preconceitos. Uma frase marcante desta experiência foi quando disseram após alguns meses de trabalho que a partir daquele momento, estava incluída. Mas, por que está inclusão aconteceu somente meses de trabalho? Convém salientar que neste momento já havia realizado projetos de ensino e extensão que no meu entender, já era parte daquele coletivo.

Outra vivência foi em 2018, quando não aceitei as ordens das branquitude, fui considerada, deselegante, autoritária, simplesmente pelo fato de ter conhecimentos diferentes e desejar fazer a diferença quando é oportunizado ocupar funções que somente mulheres brancas ocupam.

Em 2021, em plena pandemia outra situação marcante de racismo²² este episódio doeu demais, talvez porque estávamos vivendo um momento pandêmico com muitas perdas de amigos e familiares e concordamos com a escritora Conceição Evaristo quando afirma que uma Mulher-Baobá um espelho negro, que nos fortalece para registrar, através de diversas narrativas, falas e transformá-las em escrevivências das Mulheres-Baobás da região sudoeste do Paraná.

Tenho escutado várias vezes que não existe mais racismo. Não podemos deixar o mito da democracia racial nos subjetivar. Se tal fato ocorre, perdemos a capacidade de resistência.

Reafirmamos que a decisão em fazer o teste Genera alcançou o objetivo proposto, a partir dos testes as Mulheres-Baobás tiveram possibilidade de reafirmar que suas ancestralidades e saber que, tal como afirma Santos (2005, p. 227) "os anos se sucedem como os eixos no leito do rio, mas a história de vida continua a corrente que só a nascente e o mar conhecem a sua totalidade".



*Eu sou a folha que desprende da Baobá
Cruzando oceano sou sopro do cachimbo da avó
Sentada na calçada sem contar o tempo, é Orixá
Pois sabe ela quem governa seu bumbão
A leveza de quem se expande por inteiro
Porque nunca se apartou da natureza*
Caio Prado

parecia desconhecido do quadro de leitura brasileira.

Nossos poetas negros e negras foram embranquecidos pelas escritas das branquitudes. Como por exemplo nas escolas passam a ideia de que Machado de Assis é um homem branco, não falaram da sua identidade como poeta, escritor, negro. Omitiram sua cor, movimento que potencializou visão eurocêntrica. Como também temos a invisibilidade de Luiz Gama, filho de mãe negra escravizada com um pai branco, resultado de um casamento interétnico

Apesar sob nenhum modo diminuir o sofrimento e as opressões dos homens negros escravizados, é óbvio que as duas forças, o sexismo e o racismo, intensificaram e aumentaram os sofrimentos e as opressões da mulher negra. A área que mais claramente revela a diferenciação entre o status dos escravos homens e as mulheres escravas é a área do trabalho. O homem negro foi inicialmente explorado como um trabalhador dos campos; a mulher negra foi explorada como uma trabalhadora dos campos, uma trabalhadora das tarefas domésticas, uma criadora de animais e como um objeto dos assaltos sexuais dos homens brancos (bell hooks, 1981 p.18)

Nesta seção daremos a conhecer as ramificações, narrativas de vida e identidades em construção das Mulheres-Baobás que fizeram parte da pesquisa.

Resgate
Sou negra ponto final
Devolvo-me a identidade
Rasgo a minha certidão
Sou negra
Sem reticências
Sem vírgulas
Sem ausências
Sou negra balacobaco
Sou negra noite cansaço
Sou negra
Ponto final.

Alzira Rufino (Revista EIXO, de 2014, p.19).

Alzira Rufino é poeta, contista, enfermeira de graduação, ativista. A mulher luta na causa do empoderamento da mulher negra, combate ao racismo com várias publicações em *Cadernos Negros*. Sua literatura é empenhada em promover a cultura afro-brasileira, a autoestima da

população negra e o combate a todos os tipos de discriminação racial. Outra particularidade é o ponto de vista adotado na escrita dos seus textos que ressalta o olhar negro e enfatiza o olhar negro e feminino.

A poesia de Rufino que por meio de elementos poéticos, a começar pela ausência do uso de qualquer pontuação, busca uma retomada incisiva em torno de sua identidade, assume uma ordem direta dentro do tecido poético. Com este recurso, o da ausência de vírgulas, reticências, ponto-final – a voz lírica marca o território da nossa ancestralidade, do espaço como sujeito e de como queremos ser tratadas e vistas na sociedade brasileira e em outros lugares.

Esse exercício poético de Alzira Rufino realiza-se por meio dos caminhos da consciência de si e de seu espaço como mulher negra. Os três primeiros versos afirmam "sou negra, está é minha identidade, rasgo minha certidão", à autora reafirma a necessidade de romper com os limites interpostos ao ser quem se é.

Do ponto de vista da poetisa a identidade legitimadora é aquela construída a partir das instituições dominantes da sociedade com o fim de expandir sua dominação.

O sexismo colonial dos homens brancos patriarcais poupou os homens negros escravos da humilhação da violação homossexual e outras formas de assalto sexual. Enquanto o sexismo foi um sistema social que protegeu a sexualidade dos homens negros, ele (socialmente) legitimou a exploração sexual das mulheres negras. A escrava negra viveu em constante consciência da sua vulnerabilidade sexual e em perpétuo receio que algum homem, branco ou negro, tivesse o direito sobre ela de lhe assaltar e vitimizar. Linda Brent na sua narrativa de experiência de escrava expressa a sua consciência do dilema da mulher negra: "A escravatura foi terrível para os homens; mas foi muito mais terrível para as mulheres. Superando a opressão comum a todos, elas tinham danos, sofrimentos, e mortificações peculiarmente próprias" (bell hooks, 1981, p.19)

A partir dessa perspectiva a mulher negra escravizada estava submetida a exploração sexual. Seus corpos estavam subjugados a

constantes violências: física, psicológica, sexual. O conjunto de normas sociais instituída na sociedade patriarcal, organizada a partir da preponderância do homem branco demarcava umas sobreposições de controles sobre as mulheres negras escravizadas. Já a identidade se constitui como foco de resistência e enfrentamento por parte dos sujeitos sociais ou grupos estigmatizados e/ou desvalorizados

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. Avento aqui a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem (CASTELLS, 2002, p. 23-24)

Neste caso, é pertinente para nós, pensarmos no território pesquisado no trânsito entre a identidade de resistência e a identidade de projeto, pois a construção da identidade da comunidade, sócio historicamente constituída nas relações processadas durante a fuga ao escravismo e como enfrentamento/embate com o racismo parece denotar uma expressão e vivência identitária demarcada pela recorrência a relação comunitária e a valorização do legado cultural e material dos ancestrais como forma de enfrentar o racismo que lhe é direcionado enquanto grupo étnico-social.

Focalizando a fundamentação teórica no campo da afrodescendência, pensamos as identidades afrodescendentes, construídas a partir de matrizes africanas em sua história, sociopolítico e cultural, das relações que se configuram nas vivências em sociedade. Consideramos que a sua existência e as suas formas de representação têm as marcas das relações desenvolvidas ao longo dos séculos de exploração coordenada pelo escravismo e racismos. Portanto, as identidades têm um caráter histórico

e cultural

A identidade negro-brasileira mira também o amanhã, por conta de ser animada por um ímpeto renovador. Ela opera para deixar de ser o que foi forçada a ser para tornar-se uma dimensão liberada, um território conquistado no campo da cultura e do imaginário nacional, em que as premissas racistas sofrerão contínuos ataques poéticos visando à reversão de suas mentiras impostas como verdades desqualificadoras dos atributos físicos e culturais da população negro-brasileira (SILVA, 2010, p.94)

Outra identidade singular que tem sido bastante evocada ultimamente no âmbito das ciências sociais – que adota como referente a população negra, os chamados afro-brasileiros ou afrodescendentes – é a identidade negra. Alguns autores preferem essa denominação à de identidade étnica/racial ou mesmo de identidade étnico-racial, por considerarem que com isso estariam "mais próximos dos processos sociais, políticos e culturais vivenciados historicamente pelos negros e negras na sociedade brasileira" (GOMES, 2002, p. 38).

Somos naturalmente diferentes uns dos outros: os filhos diferentes dos pais, assim como de seus compatriotas ou dos indivíduos do resto do mundo. A variação é naturalmente imprescindível à transformação evolutiva. Mas ao contrário da distinção dos fenômenos como mero princípio lógico do conhecimento, a diversidade implica um conhecimento da diferença, que supõe a sua pluralidade numérica e espacial, assim como a atribuição de uma identidade a ser sensivelmente reconhecida. Sem o reconhecimento no plano dos afetos não se cria a solidariedade imprescindível à aproximação das diferenças (SODRÉ, 2017, p.20)

Quando escolhemos a Lenda da Baobá para fazer parte do preâmbulo deste texto concordamos com Larrosa (1998, p.92) que diz

[...]que toda obra literária cobiça um silêncio, uma obscuridade. E isso se que diferencia sua linguagem da linguagem não literária, dessa linguagem arrogante e dominadora que pretende iluminar e esclarecer, explicar, dar conta, das coisas, dizer tudo (LARROSA, 1998, p.92).

Um trecho desta lenda nos remete a identidade, ancestralidade e a história até mesmo de sentimento de menos valia e podemos comparar

quando nós pretas e pretos temos uma identidade baseada embranquecimento racial, mesmo com as características físicas, fenotípicas não aceitamos a nossa cor pois, na história nos foram negadas a positividade de ser negra e supervalorização dos povos descendentes de europeus.

A identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nascemos com uma definição biológica, ou seja, homens ou mulheres. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais e raciais, se construirá uma identidade social para esses diferentes indivíduos, homens, mulheres, brancos e negros. E essa identidade social será construída a partir de elementos históricos, culturais, religiosos, e psicológicos (CARNEIRO, 1993, p.9)

Na desconstrução de estereótipos, as dicotomias e suas ilusões constituem a chave a ser girada para desvendamento por isso mais uma vez reafirmamos a importância do conhecimento para fazer esse giro. Não precisamos nos comparar a ninguém, somos todos diferentes de acordo com nossas histórias, cada um com sua importância na re-construção do tecido social

Baobá, meu filho, entenda uma coisa. Não tem por que ficar se comparando com as outras árvores. Você é especial e único para mim. Você é um Baobá. Cada árvore eu criei para uma coisa, lembre-se. Além do mais, você foi o primeiro que eu criei, tem algo muito especial nisso, te dei tudo o que eu tinha de bom, mas depois eu fui me aprimorando. Olhe, a sua semente leva 10 anos para germinar. Isso é muito tempo! Precisei, por exemplo, criar árvores que crescessem mais rápido, mas elas morrem mais rápido também e aprendem menos sobre a vida[...]" (IANCOSKI, 2020, grifo meu).

Pensando neste trecho da lenda com a linguagem poética, conserva-se como fonte infinita de sentidos que cada ser humano é único, nas suas singularidades e subjetividades. Neste sentido, cabe, mostrar que a nossa ancestralidade por meio do contato direto com a árvore, e destacar a importância da Baobá como um ícone de afirmação da identidade cultural, histórica e religiosa dos povos africanos

Por vezes buscamos na arte segurança, um abrigo onde encontramos ordem, serenidade, buscamos beleza reconhecível, até tradicional, antecipando que a forma artística nos conduza dos nossos eu mundanos para uma profundidade que também habitamos. Na arte também buscamos por vezes perigo, o fascínio do estranho, compreendendo subitamente o que há de insólito no familiar. Vamos à arte para sermos incitados, movidos a reavaliar pensamentos que dávamos como certos, para aprender outros modos de ver e ouvir. Para sermos excitados. Provocados. Perturbados (MORRISON, 2020, p. 372).

Vamos adentrar na arte da palavra, da escrita das lendas, da música entre outras tantas formas de fazer e pensar, arte buscando uma linguagem que possa existir e colaborar para que o sujeito possa dizer.

Ser considerada uma Baobá remete a identidade e de acordo com a história dos 522 anos de Brasil que é uma construção das identidades que caracterizam a sociedade e o povo brasileiro. Impossível pensar em identidades, sem fazer menção aos povos, culturas e etnias que aqui protagonizaram o ser brasileiro.

Dignificados enquanto marco identitário, as Baobás confirmaram um mandato repassado por gerações que habitam o reino dos antepassados, ciosamente resguardado em nome da tradição

Complementando, seria meritório argumentar que o Baobá não pode ser restringido à condição de mera recordação do passado da comunidade ou dos grupos. Pelo contrário, para o mundo africano e afrodescendente ele é o próprio símbolo de uma identidade imorredoura, que resistiu a todas as intempéries da História. Nesta senda, tanto quanto a memória ancestral, o Baobá permanece em seu posto: imbatível, ativo e atuante (WALDIMAN, 2011, p. 231)

Assim, bem mais do que uma árvore, a Baobá é, por excelência, o guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser, suas aspirações, expectativas de vida e religiosidades.

Baobá uma árvore originária de diversos países da África, precisamos mostrar as ramificações no Brasil e como a contribuição de diversos

cientistas estão contribuindo para a (des)construção da colonialidade e de acordo com HALL (2003), em alusão ao artigo publicado por quando este se pergunta sobre "quando foi o pós-colonial", perguntamo-nos quando foi o decolonial? Em resposta à sua pergunta

Hall secundariza a tentativa de uma explicação temporal em favor de uma explicação que enxerga o pós-colonial como uma abordagem crítica que se propõe a superar a crise de compreensão produzida pela incapacidade de antigas teorias e categorias de explicar o mundo. Os "pós" do pós-colonial não significam que os efeitos do domínio colonial foram suspensos quando concluiu o domínio territorial sob uma colônia. Ao contrário, os conflitos de poder e os regimes de poder-saber continuaram e continuam nas chamadas nações pós-coloniais. Diante disso, na resposta de Hall, o que será distintivo no pós-colonialismo será a capacidade de fazer uma releitura da colonização, bem como o tempo presente a partir de uma escrita descentrada, da diáspora; ou ainda global, das grandes narrativas imperiais do passado, que estiveram centradas na nação (HALL, 2003, 109)

A árvore Baobá, como os mesmos a concebem, têm diversos ramos espalhados e integrados, formando uma rede de povos interconectados. Como diz no poema de Caio Prado²³

Eu sou a folha que desprende da Baobá
Cruzando o oceano, sou sopro do cachimbo da vovó
Sentada na calçada sem contar o tempo, é orixá
Pois sabe ela quem governa seu bumar
A leveza de quem se expande por inteiro
Porque nunca se apartou da natureza, um corpo só

Livre, tenho duas cabeças como o pássaro africano sankofa
Eu olho pra trás e reconheço o futuro
Fincado no agora, resplandece o amanhã
Sou forte ainda como a folha, Baobá
Quem venta e guia nunca erra a direção
Sou uma árvore inteira de olho atento e pé no chão
Baobá
Baobá

Eu sou a folha que desprende da Baobá
Sou sopro no oceano, cachimbo da vovó
Sentada na calçada sem contar o tempo, é orixá
Pois sabe ela quem governa seu bumar

²³ Caio Prado - Baobá (Clípe Oficial) 204.795 visualizações 4 de dez. de 2020 Clípe oficial de "Baobá", de Caio Prado.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UHe8mKml4nU>. Acesso 03 de set. de 2022.

A leveza de quem se expande por inteiro
Porque nunca se apartou da natureza, um corpo só

Livre, tenho duas cabeças
Como o pássaro africano sankofa
Eu olho pra trás e reconheço o futuro
Fincado no agora, resplandece o amanhã
Sou forte ainda como a folha, Baobá
Quem venta e guia nunca erra a direção
Sou uma árvore inteira de olho atento e pé no chão
Baobá
Baobá
Eu sou a folha que desprende da Baobá
Sou uma árvore inteira de olho atento e pé no chão
Eu sou a folha que desprende da Baobá
Sou uma árvore inteira de olho atento e pé no chão
Eu sou a folha que desprende
Sou uma árvore inteira de olho atento e pé no chão
Eu sou a folha, Baobá
Sou uma árvore inteira de olho atento e pé no chão

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caio-prado/baoba/> Acesso dia 3 de set.
2022.

Ao ler, ouvir as metáforas presentes no texto acima sentimo-nos como em uma viagem para o continente, mas também provoca inquietudes sobre os mais de trezentos anos de escravização que dizimaram povos indígenas, negros, mulheres, crianças e homens

Metáforas e símiles é tão importante quanto escolhê-los. Certas frases essenciais podem ser escritas para conter informações ocultas que completam, invadem e manipulam a leitura. O nãoescrito é tão significativo quanto o escrito. E as lacunas que são deliberadas, e deliberadamente sedutoras, quando preenchidas pelo leitor "certo" produzem o texto em sua inteireza e atestam sua vida afetiva (MORRISON, 2020, p.445)

O andikra "Sankofa" é um ideograma africano representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar).

Não importa quão longe estejas, hás de retornar para casa. É o símbolo da importância de aprender com o passado. O Sankofa transmite mensagens como: Volte e pegue, ou retorne e aprenda com o passado. Não é nenhum tabu retornar e pegar o que se esqueceu, sempre se pode corrigir

os erros, para ir adiante é preciso retornar ao passado. Assim como nós reivindicamos este símbolo, ele já foi apropriado por outras entidades do movimento negro e tem sido largamente reivindicado por outras tantas. Trata-se, na realidade, de metalinguagem, o símbolo significando a ele mesmo. Além do pássaro, há outro símbolo que representa o Sankofa, é o de um coração. Esse provérbio ensina a sabedoria do aprendizado com o conhecimento do passado e do aperfeiçoamento que isso produz. Ou seja, a sabedoria de aprender com o passado, para ajudar a melhora do futuro (Coletivo Cultural, 2012, s/p) <<https://ccsankofa.wordpress.com/2012/09/01/sankofa-simbolo-adinkra/>> Acesso dia 20 de maio de 2021.

Na dedicatória de Negras Memórias, consta como sua definição: "nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás". E o intelectual Abdias do Nascimento aprofundou seu conceito: "retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro"

Imagem 04: Andikra "Sankofa ideograma africano



Fonte: Arquivo pessoal, releitura realizada pelo aluno Luiz Felipe. Dia 10 de setembro de 2023.

O desenho acima é uma releitura realizada por um aluno da Educação Especial uma forma de agradecer os sujeitos que fazem parte do nosso dia a dia, pois, acreditamos que não é possível estudar sem pensar nos alunos que temos. E assim a nossa formação continuada afeta os alunos que são considerados os sujeitos do trabalho diário. Ser professora pesquisadora exige urgentemente políticas públicas de investimentos humanos. Lamentavelmente o que é observado e vivido no cotidiano do fazer pedagógico é uma contradição governamental e travamos um embate conosco e com as políticas governamentais.

O Sankofa está presente nas entrevistas narrativas, que se manifestaram na “Muvuca de Fotos”, nos escritos no Diário de Campo, nas leis que propõem o ensino da História e cultura africana afro-brasileira.

Retornamos diversos momentos nos quais e as mulheres-Baobás participantes da pesquisa tiveram seus primeiros contatos com um grupo de mulheres negras nos seus rostos estavam estampados o orgulho, resistência e negritude e certa sensação de segurança por encontrar um grupo de partilha que talvez fosse capaz de entender suas experiências vividas nestes percursos de ser mulher, negra e professora.

2.2 “Muvuca de fotos”: interações identitárias em diálogo

Então descrevemos a “Muvuca de fotos” cujo nome foi intencional, pois, minha mãe na infância dizia: “não quero muvuca aqui em casa com seus primos”, com esta expressão ela tinha o cuidado que nós não juntássemos com os primos não negros, pois sempre nossas brincadeiras acabavam em choro e reclamações das minhas tias, (encontros e desencontros compunham o sentido atribuído pela minha mãe) ou seja tinha muitas brincadeiras, risadas, mas também desencontros e desconfortos. Mas, na investigação nos aproximamos do sentido literal do tempo para representar o pretendido neste encontro.

No dicionário Mvúka, de origem banta e língua quicongo, significa aglomeração ruidosa de pessoas como forma de lazer e celebração. Usamos a palavra “Muvuca de fotos”, com o objetivo de aglomerar as professoras negras, para dialogar sobre suas experiências e por meio de um encontro prazeroso, fazer emergir as vozes, presença, olhares, proximidades distâncias manifestadas pelas Mulheres-Baobás neste encontro e que foram registradas no Diário de Campo.

A “Muvuca de fotos” foi momento de trocas de experiências, expressões de amizade e o conhecimento das pessoas que compõem o grupo de Mulheres-Baobás da microrregião do Sudoeste.

No site Carta Capital, (2017, s/p.), diz que “língua é viva e se move entre

cidades, estados, países e continentes. Se move de dentro para fora, pelas bordas, no meio de um rio. Transforma dor em carinho. Tem cor, tem história". Então a língua faz parte da herança cultural e fui buscar em diversos dicionários o significado da palavra "MUVUCA" e encontramos em alguns dicionários que a palavra MUVUCA, significa: confusão e algazarra.

Tal procedimento evoca memória relacionada a vida privada a lembrança de que tive a oportunidade de registrar meus momentos de vida particular a partir da oitava série. Anteriormente era difícil acesso a fotografias mesmo de situações familiares. Naquele contexto era incomum registros fotográficos em função tecnologias disponíveis, dos preços para fazer tal registros e porque tal prática não estava presente no cotidiano das vivências familiares. Hoje sou admiradora de fotografia seja como registro histórico, seja como documento para a constituição de acervo pessoal e familiar. Em relação ao cotidiano há de se reconhecer que existe uma pedagogia do estar-junto, tal como afirma Marques

Desenvolvemos o argumento de que essa composição articula uma pedagogia, rizoma da vida diária, fundada e fundante de estar juntos. Nessa composição, há contiguidade de duas expressividades a existência social como textura e a marcação de itinerários de pesquisa e apreensão do social de estar juntos (MARQUES, 2010, p.75)

É neste contexto que pensamos na organização da "Muvuca de Foto", na preparação dos quitutes e na decoração do ambiente, na confecção do convite, e com toda a facilidade que as tecnologias nos permitiram enviamos o convite pelo grupo do aplicativo *WhatsApp* e solicitamos a confirmação de pessoas a confirmação de presença das convidadas.

Apesar de que ainda em 2021, vivíamos em tempos, de pandemia do COVID 19, decidimos pela forma do encontro presencial resguardando todos os cuidados exigidos pelas autoridades sanitárias. Naquele contexto vivíamos processos de polarização em que se confrontam dois posicionamentos: negacionistas considerados detratores da ciência e

cientistas considerados defensores dos protocolos sanitários. No entanto, importante considerar que o experimentado na sociedade é mais complexo que as polarizações que os tempos labirínticos que exigem posicionamentos e, ao mesmo tempo, maturidade para fugir das simplificações.

A muvuca de fotos foi realizada com todas as Mulheres-Baobás que já tinham tomado a segunda dose da vacina.

Somente a professora Adriana Lima, não esteve presente neste dia com uma justificativa, pois precisou cuidar da sua mãe que tem sérios problemas de saúde. Ficou marcada sua sessão de fotografias para um outro dia a partir da disponibilidade da entrevistada.

A professora Vanessa Furtado Fontana²⁴ realizou as fotografias de registro da presença das Mulheres Baobás. Essas impressões e descrições foram registradas no Diário de Campo. Sobre a questão convém voltar atenção que assevera Andrade Novikof (2006, p.23) quando diz que

Na fotografia, tudo o que é reservado são blocos de sensações. As sensações são os encontros das forças no corpo, antes de se transmutarem em uma representação ou conceito. Elas agem em níveis que são determinados pelos órgãos dos sentidos. Ora ela é um toque, ora um som, um sabor. No momento em que atinge todos os sentidos ao mesmo tempo, há um momento total ou um páthos, que é o instante máximo da sensação. "O olho da máquina fotográfica não é nada mais do que olho humano que procura expressar uma sensação.

Desse modo, fotografias são fontes documentais relevantes para a pesquisa porque demarcam fatos, acontecimentos, indicam lugares. Há que se considerar que tal forma de registro não é totalizante (como nenhuma outra) mas permite complementar informações que coligadas com os demais instrumentos de coleta são fundamentais para a mostraçõ do conjunto coletado.

²⁴ Professora Vanessa Furtado Fontana é professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, foi convidada para fazer o registro fotográfico para garantir a qualidade das imagens coletadas e para que pudesses concentrar atenção as gestualidades e tudo que circundava o que aconteceu naquele momento.

Destarte, as fotografias registram os vividos expressam marcas do visível. Convém salientar que isso não significa que se identifique a fotografia como raio X dos objetos ou das personagens retratadas, mas afirmo que reside exatamente aí a possibilidade de adensar a pesquisa, a multiplicidade de interpretações que enseja seus receptores ao longo da história (KOSSOI, 2009).

Desse modo, o registro fotográfico da Roda de Conversas durante as narrativas das docentes realizaram as apresentações pessoais e foram significativas para a pesquisa, pois nesse movimento registramos quando os sujeitos narram os acontecimentos que marcaram sua história e os percursos da vida escolar, dialogaram com os demais sujeitos, percebiam a singularidade de sua trajetória e as particularidades de outras entrevistas, reconheciam similaridades e, de certa forma, formavam uma comunidade de partilha.

O ambiente na qual se realizou a “Muvuca de fotos” foi organizado com releituras de obras de arte realizadas pela artista plástica Maria das Graça de Oliveira Damschi.

Na exposição tinha outra releitura de Di Cavalcanti “As negras da paz” uma representação da região sul, sudeste, norte e nordeste.

Imagem 5: Decoração do espaço que se realizou a “Muvuca de fotos”.



Fonte: arquivo constante no acervo pessoal da pesquisadora, 04/12/2021.

Também foram expostas, neste dia, fotografias que contavam uma parte do meu percurso escolar dos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Magistério e o Ensino Superior e o álbum de fotografia da formatura no curso de Pedagogia. Neste contexto, a mostração do meu acervo tinha por finalidade ampliar o movimento de partilha com as docentes negras participantes da investigação. Assim, a fotografia emerge como produção de certa ambiência (reconfigurada a partir do presente). Tal percepção é corroborada Kossoy, (2005) quando diz, que as fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do eferente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e desaparecem. O mesmo ocorre com os autores, fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive [...] (KOSSOY, 2005, p. 43).

Na organização do espaço para a Muvuca das fotos colocamos referências bibliográficas que compuseram a pesquisa, o globo terrestre, dentre outros objetos que tinham por objetivo produzir espaço propício a narração.

As Mulheres-Baobás trouxeram seus registros fotográficos realizados nas suas trajetórias. Cada Mulher-Baobá assinou um termo de compromisso de que estavam cedendo imagens fotográficas para uso na investigação que pode ser usada na pesquisa, pois, toda fotografia que apreciamos se refere ao passado. (KOSSOY, 2005).

Como podemos perceber, para o autor, toda fotografia, congela de alguma forma um acontecimento passado. Convém lembrar cada imagem abre uma possibilidade infinita de interpretações

Quando falo em passado quero dizer que o momento vivido é irreversível e que as situações, sensações e emoções que vivemos estão registradas no nosso íntimo sob a forma de impressões. Essas impressões, com passar do tempo se tornam etéreas nubladas longínquas. Se tornam fugidias com o enfraquecimento de nossa memória e desaparecem, por fim,

com o nosso desaparecimento físico (KOSSOY, 2005, p. 42-43).

A fotografia, obviamente, não guarda essas impressões elas situam-se invisível, além da imagem fixada na folha de papel. São emoções que não podem ser gravadas materialmente, residem no olhar do observador, na percepção que o sujeito, associa aquela imagem.

Acreditamos que a roda de conversa adicionada como os quitutes feitos pela profissional Jaqueline Contini, contribuíram para a organização dos alimentos que fizeram parte da Muvuca de fotos.

Fotografia 6: Organização da mesa de quitutes.



Fonte: arquivo constante no acervo pessoal da pesquisadora, 04/12/2021.

No Brasil, o milho fazia parte do dia a dia dos povos indígenas antes mesmo da chegada dos colonizadores, que aproveitavam todas as partes do vegetal. Hoje temos na nossa memória o bolo de fubá dos nossos ancestrais e esta receita vai sendo aprimorada conforme a sociedade se industrializa.

A canjica uma deliciosa herança dos Tupinambás, povos indígenas brasileiros que habitavam o litoral, quando os europeus chegaram nos começos do século XVI. Temos a opinião de estudiosos da língua portuguesa. Para esses peritos, o termo canjica não é indígena, veio importado da África junto com os escravos.

A canjica é uma iguaria típica presente nas festas juninas e julinas, faz parte da culinária brasileira, também pode ser consumida o ano inteiro. Saborear a canjica mais simples as mais elaboradas valorizam as culturas originadas dos povos indígenas, africanos e portugueses. Segundo alguns estudiosos o termo canjica é oriundo do quimbundo Kanjika, ou pode ser um termo tupi acanjic.

O Brasil abriga grandes diversidades de culturas. Há lugares, por exemplo, que usam outras palavras para nomear a canjica. Nas regiões Norte e Nordeste, por exemplo, o prato é entendido como mingau, e tem o nome de Mungunzá. Já, na região Sudeste do Brasil, o nome do prato feito de milho branco cozido é canjica. Como também é conhecida no Centro-Oeste.

Assim, o munguzá ou mungunzá é uma iguaria afro-brasileira ou, mais precisamente, afrobaiana, a cultura culinária africana é a principal referência da comida baiana. Basta ver o mukunza ou ebó, comida ritual na cultura Jeje-Nagô, presente no candomblé. Mu'kunza, no dialeto africano kimbundo se traduz em português como «milho cozido» (semsal ou qualquer tempero (CASCUDO, 2004, p. 204).

No Brasil, a receita foi enriquecida com nosso leite de coco baiano, em alguns lugares com amendoim e ganhou ares adocicados e aromatizados com cravo e canela, o que imagino ser uma influência da doçaria portuguesa. Trata-se de um genuíno prato brasileiro porque agrega as três culturas.

Outros quitutes foram servidos bolo de banana, aveia e castanha do Pará, bolo de fubá com goiabada, torta salgada de aveia.

Com o ambiente organizado foram chegando as professoras e na recepção observamos uma certa estranheza, pois estava explícito a admiração das participantes em encontrar com 12 mulheres negras, em um mesmo espaço, professoras das diversas etapas da educação básica e fases que marcaram a diversidade geracional das educadoras escolhidas. Essas marcas evidenciaram por idade, tempo de serviço na educação básica,

estado civil, linguagens, vivências e experiências de vida, acesso aos direitos "universais" como educação, família, moradia, cultura, e espaços de lazer. Nos organizamos em forma de Roda de Conversa.

Fotografia 7: Roda de Conversa



. **Fonte:** arquivo constante no acervo pessoal da pesquisadora, 04/12/2021.

A primeira pessoa a se expressar-se foi Rita de Cassia:

Sou mulher negra, casada com Jaci Poli, homem branco, tenho dois filhos, Ramom que mora fora do Brasil e Cristofer que está aqui conosco. Sou pedagoga, a Lucília foi minha primeira professora negra no Ensino Superior no curso de Pedagogia, na minha escolaridade não tive referências de educadoras negras. Fui encontrar a primeira professora negra na etapa do Ensino Superior. Eu fui aluna da Lucília e que neste grupo de mulheres negras tenho a honra ter sido professora da participante da pesquisa Ingrid. A Lucília precisa fazer o mestrado não só por ela, mas por nós mulheres negras que encontramos ao longo da caminhada vários obstáculos para não ter o acesso a formação *stricto sensu*. E o tema é fantástico: Mulheres-baobás e os percursos escolares, histórias invisíveis de educadoras negras que contribuíram para a história e para a sociedade que não nos vê como pessoas potentes de conhecimentos. Super apoio a Lucília neste mestrado e que no

primeiro semestre passou por dificuldades para permanecer no programa devido à falta de incentivo das políticas públicas dos governos estadual e federal (EN Rita de Cássia, 16 de novembro de 2021).

Como diz Sueli Carneiro "os pretos cabiam numa Kombi, com folga," (2021, p.69), a afirmação reporta sobre a quantidade de pretos e pretas que estudavam na USP no período da ditadura militar eram poucos, ou seja, a maioria dos povos negros não tinham acesso à educação, por isso a baobá Rita, teve uma única professora negra somente com aproximadamente seus quarentas anos quando foi fazer Pedagogia em Francisco Beltrão em uma instituição particular.

É de admirar ter professora negra na rede de ensino privada e pública, pois, sabemos bem como é presente o preconceito e em todos os espaços e sempre precisamos provar que somos competentes e temos o direito de ser o que quisermos ser, e trabalhar onde as oportunidades são cavadas como o apoio de poucas pessoas que acreditam nas mulheres negras.

Nos locais de trabalho que predomina a cultura europeia faz se necessário romper com os grilhões mentais diários dos colonialistas.

Podemos ter um balaio cheio de adjetivos potentes, mas para a cultura eurocêntrica "continuamos pretas", como diz mais uma vez a grande filósofa e militante Sueli Carneiro, "entre a esquerda e a direita contínuo preta²⁵". Preta é a nossa cor de pele, é identidade, são raízes da ancestralidade, as parecenças²⁶ de cor de pele, tipo de cabelo das

²⁵ "Entre esquerda e direita eu continuo preta" foi retirada do livro: Continuo Preta: A Vida de Sueli Carneiro, biografada pela jornalista Bianca Santana, 2021. Uma potente obra para compreender Sueli Carneiro que é uma das principais intelectuais públicas brasileiras. Em mais de quarenta anos de ativismo, ela vem combinando escrita, academia e intelectualidade para qualificar uma luta política que enegreceu o feminismo no Brasil e, ao mesmo tempo, colocou as mulheres como protagonistas do movimento negro.

²⁶ "Parecenças, significa de acordo com o dicionário on-line: <https://www.dicio.com.br/parecenca/> Característica de ser parecido com; que demonstra a aparência semelhante. Acesso dia 10 de set. de 2023. Mas, a renomada escritora, professora Conceição Evaristo tem um livro potente: Histórias de leves enganos e parecenças, Editora Malê, 2016.

mulheres negras

A escritora Giovana Xavier (2019, p. 27), ressalta que

O Brasil conta hoje com um número considerável de mulheres negras que movimentam estruturas, alcançando lugares inesperados para quem é, historicamente, objetificada, com sua intelectualidade negada".

Giovana Xavier cita a sobrinha da escritora Conceição Evaristo: "o cheirinho de sucesso," (2021, p. 27), que exalam das nossas carreiras. Esses cheirinhos de sucesso, de intelectualidade negra incomodam as pessoas que muitas vezes não fizeram os percursos da sua carreira profissional mesmo estando em condições mais favoráveis que a maioria das mulheres negras.

Reportamos que ao poema: me gritaram negra", porque assim nos sentimos todas as vezes que adentramos em um espaço onde a cultura da branquitude é predominante e assim nós transgredimos e ocupamos os espaços que também são nossos.

Evidencia-se no poema abaixo as vozes do preconceito, reconhecer-se negra, de fortalecer as características identitárias, de emoções, de ódio, de autoidentificação, de esperanças, ...

Me gritaram negra", de Victoria Santa Cruz

Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
"Por acaso sou negra?" – me disse
SIM!
"Que coisa é ser negra?"
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam

Negra!
 E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
 e mirei apenas minha carne tostada
 E retrocedi
 Negra!
 E retrocedi . . .
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Neeegra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 E passava o tempo,
 e sempre amargurada
 Continuava levando nas minhas costas
 minha pesada carga
 E como pesava!...
 Alisei o cabelo,
 Passei pó na cara,
 e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Neeegra!
 Até que um dia que retrocedia, retrocedia e que ia cair
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra!
 E daí?
 E daí?
 Negra!
 Sim
 Negra!
 Sou
 Negra!
 Negra
 Negra!
 Negra sou
 Negra!
 Sim
 Negra!
 Sou
 Negra!
 Negra
 Negra!
 Negra sou
 De hoje em diante não quero
 alisar meu cabelo
 Não quero
 E vou rir daqueles,
 que por evitar – segundo eles –
 que por evitar-nos algum disabor
 Chamam aos negros de gente de cor
 E de que cor!
 NEGRA
 E como soa lindo!
 NEGRO
 E que ritmo tem!
 Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro
 Afinal
 Afinal compreendi
 AFINAL
 Já não retrocedo
 AFINAL
 E avanço segura
 AFINAL
 Avanço e espero
 AFINAL
 E bendigo aos céus porque quis Deus
 que negro azeviche fosse minha cor
 E já compreendi
 AFINAL
 Já tenho a chave!
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO
 Negra sou!

Fonte: Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/content/gritaram-me-negra>>. Acesso dia 10 de setembro 2023.

Expomos o poema, da professora, escritora, folclorista, poeta, que nasceu em La Vitoria, província de Lima, Peru, no ano de 1922, a arte e a cultura afro-peruana a rodeava. Declama seu poema “Gritaram-me negra” em referência a experiência de preconceito vivida ainda criança dentro de um grupo de amigos que a expulsaram simplesmente por ser negra.

A Baobá Ingrid também vivenciou a experiência de declamar o poema: Gritaram me negra! na Universidade Federal da Fronteira Sul de Realeza, Paraná, em uma atividade no Dia da Consciência Negra, em que o curso de Pedagogia da Faculdade de Ampére – FAMPER foi convidado a participar dos debates calorosos sobre: mulheres negras na região Sudoeste do Paraná. Foi um momento impactante, pois, muitos dos presentes no auditório não conheciam a potência do poema em forma de denunciar a discriminação que as mulheres negras vivenciam desde a infância.

Fazer os registros da narrativa da Mulher-Baobá Ingrid contribuiu para fortalecer que todas as histórias de mulheres negras importam, independente do fator geracional. Ingrid relatou que seus pais fizeram um

casamento inter-racial, somos um país miscigenado, mas, ainda atualmente essa forma de escolha conjugal continua enfrentando os desafios do racismo e por vezes até hostilizações sociais são vivenciadas.

[...]sou a mais nova do grupo, sou filha de pai preto e mãe branca, nasci em São Paulo, vim morar em Ampére, depois Realeza, fiz Magistério em Santa Izabel. Minhas primeiras professoras negras foram a Lucília e a Rita. Não gostava dos meus cabelos, sempre mantive eles amarrados. Minha mãe, sempre nos ensinou a nos defender, ela sabia que iríamos sofrer preconceitos na escola. Minha mãe sempre nos deixava bem arrumadinhas eu e minhas irmãs. Tenho uma irmã branca de outro casamento da minha mãe. Com meu pai somos três meninas negras. Fiz Pedagogia na FAMPER, trabalho no CMEI de Francisco Beltrão e sou a única professora negra. Muito importante para as crianças desde pequenos saberem que pessoas negras existem e podem ser o que elas quiserem[...]" (EN, Mulher Baobá INGRID, 15 de novembro de 2021).

No momento a EN, a Baobá Ingrid, emocionou-se ao narrar como sua mãe a preparava para a defendê-la de alguns acontecimentos relacionados a cor da pele, os cabelos, os vestuários. Ela disse que os cabelos estavam sempre amarrados porque acreditava que os cabelos soltos causavam mais impactos, deixava-a mais visível onde as características fenotípicas que reúne incomodariam ainda mais a sociedade.

A mais jovem Mulher-Baobá sentiu-se empoderada quando soltou seus cabelos e percebeu,

E vou rir daqueles,
que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum dissabor
Chamam aos negros de gente de cor
E de que cor!
NEGRA
E como soa lindo!
NEGRO

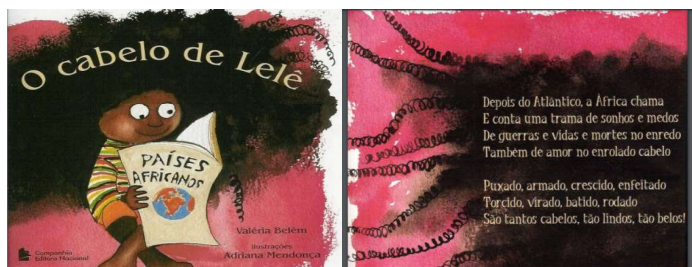
(Trecho do poema: Me gritaram negra)

A Baobá Ingrid observou que no seu local de trabalho as professoras escolhem as crianças para pentear os cabelos, primeiro penteando os

cabelos das crianças brancas deixando as crianças com cabelos encaracolados de lado. Inconformada com a observação ela provoca um diálogo entre a professora e a criança e fortalece a autoestima das pessoas que estão neste meio onde o preconceito é sutil, pois, diversas crianças com cabelos encaracolados, carapinha que estão nas Escolas precisam de referências para formar a sua identidade.

Quando a Ingrid fala sobre seus cabelos encaracolados lembramos do livro: O cabelo de Lelê de Valéria Belém, acreditamos que as literaturas infantis deveriam estar em todas as salas de aulas para que as professoras, crianças conhecessem e auto reconhecessem através da literatura como ferramenta de desconstrução de estereótipos arcaicos sem cunho científico e com forte ideologia dominante. A educação precisa movimentar mais, pois, são vidas e falas que importam.

Imagem 06: Livro: O cabelo de Lelê



Fonte: Disponível em: <https://atempa.org.br/wp-content/uploads/2018/11/o-cabelo-de-lele.pdf>. Acesso dia 09 de setembro de 2023.

Também ressaltamos outras literaturas potentes que surgiram para desconstruir estereótipos como as transmitidas nas literaturas de Monteiro Lobato²⁷.

Tivemos a oportunidade de conhecer o livro Neguinha Sim²⁸, tanto na

²⁷ Literatura e racismo: Uma análise sobre Monteiro Lobato e sua obra. Seu livro de contos, *Urupês*, considerado por parte da crítica seu ponto alto, finaliza condenando gravemente a miscigenação ("o caboclo é o sombrio urupê de pau podre") e criando a polêmica figura do Jeca Tatu. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/tag/dossie-monteiro-lobato-2/>>

²⁸ Segue a sinopse do livro Neguinha sim: A alegre e contagiante canção que celebra a identidade e a ancestralidade negras agora em formato de livro ilustrado. A personagem desta história-canção é neguinha, sim! E muito, muito, muito feliz! Afinal,

literatura como na voz na voz de Izzy Gordon: “*Neguinha, sim! O meu cabelo é pixaim, meu black power fica assim, e quer saber? Eu sou muito, muito feliz. Ele brilha com o sol, o meu cabelo faz um caracol e ele é bonito em Paris, Dacar, São Luís e Maceió*”. Literatura uma potência para construir uma infância com autoestima elevada, sem medo de ser feliz e sem sofrer as dores do preconceito.

A cada dia que passa, mais meninas, meninos, adolescentes, jovens e mulheres passam pela aceitação do cabelo crespo e cacheado, e diversos mitos e preconceitos vão sendo desconstruídos. Mesmo assim, a conversa ainda não chegou a todos, e muitas pessoas ainda reproduzem discursos ultrapassados, com comentários danosos que podem afetar a autoestima de quem possui os fenotípicos negros, fazem comentários que disseminam ainda mais o preconceito.

Destacamos que tudo está da nossa cabeça aos pés, o nosso corpo é

território livre, ancestral e contemporâneo, dinâmico e tradicional é a cabeça. Lugar que revela o homem, seu grupo social, sua história, a cabeça define a identidade e traduz o sentimento de pertencimento a um grupo. Pentear mostrar os cabelos é comunicar, receber reconhecimento da cultura, manifestar beleza e padrão estético (LODY, 2004, p. 59)

Como dizer que os cabelos afros agora estão na moda? Para as mulheres de cabelos enrolados, crespos, carapinha, não significa estar na moda, mostram as raízes da ancestralidade

Tocar a cabeça, pentear cabelos, organizar esteticamente penteados são atividades tão antigas e tão importantes como as mais notáveis descobertas do homem. A cabeça (e tudo que ela representa) une o mundo contemporâneo à

seu nariz é belo como as ondas do mar, seus olhos são de jabuticaba e ela tem um cabelo brilhante como sol... Essa menina honra e celebra sua ancestralidade, e sabe que carrega uma bagagem incrível e um futuro repleto de possibilidades. Nas páginas deste livro, a canção *Neguinha, sim!*, de Renato Gama, especialmente conhecida na voz de Izzy Gordon, ganha traços e cores de Bárbara Quintino e exalta as identidades de todas as crianças negras. No final, o livro ainda traz a partitura e a cifra da canção para que pequenos e grandes leitores possam cantar e celebrar juntos com muita música, alegria e inspiração. Indicado para leitores a partir de 4 anos Disponível em: <https://www.livrariaflorence.com.br/produto/livro-neguinha-sim-gama-226900>. Acesso 16 de set.2023.

ancestralidade, relaciona as pessoas com os mitos criadores, identifica e distingue povos e sociedade (LODY, 2004, p. 98)

E fazer as escrituras da Mulher-Baobá Ingrid potencializou a visibilidade da beleza e da intelectualidade negra que está se construindo e podemos usar o *hashtag* da Giovana Xavier *#pedagogapretadoscabelosencaracolados*, sua profissão fortalecerá a outras que estão por vir, pois, de acordo com sua narrativa sempre sonhou ser professora.

Parafraseando Mia Couto após ler a entrevista exclusiva ao Lunetas²⁹, o escritor moçambicano disse que "Escutar histórias é tão vital quanto comer ou respirar", escutar e escrever as narrativas das Mulheres-Baobás foi necessário comer diversas guloseimas para controlar a ansiedade e fez se necessário respirar e controlar as emoções que as narrativas provocaram.

Continuaremos com as narrativas potentes das Mulheres-Baobás e a Celina, disse que nasceu em Ampére, e depois de casada foi morar no estado do Mato Grosso, Sinop e que

Nunca tive professoras negras, somos bastante discriminadas, nos comparam como outras pessoas negras e dizem que nós não somos negras, dizem "aqueles lá é negro". O classicismo é forte, os filhos dos compadres eram mais atendidos pelos professores, pois os professores nem chegavam perto da gente. Me tornei professora negra para ficar próximo das crianças negras (EN, Mulher-Baobá Celina, 16 de novembro de 2021)

Celina disse que se tornou professora para ficar próximo das crianças negras é quebrar com o colonialismo, e dizer que os sonhos ganham expressões de ser uma pessoa que dará volta as durezas e as indiferenças carregadas de preconceitos. As narrativas da Baobá Celina aproximam das escrituras de Carolina Maria de Jesus no livro: Diário de Bitita

²⁹ A natureza está dentro de nós': Mia Couto fala sobre novo livro. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/mia-couto/>> Acesso dia 30 de set. de 2023.

[...] A minha professora dizia no fim da aula; — Eu quero falar com os meus alunos pretos, é assunto muito importante. Os brancos saíam, e nós ficávamos. Ela dizia: — Estou notando que os meus alunos brancos são mais estudiosos do que os meus alunos pretos. Os brancos não erram quando escrevem. Lavam as mãos quando vão pegar nos livros. Os desenhos então, que primor! eles capricham, e ganham cem todos os dias [...] (JESUS, 1986, p.115)

As narrativas são potentes ao entrecruzar as escritas das autoras negras observamos que temos longos trajetos a percorrer, porque as cicatrizes estão invisíveis e para curar precisamos falar sobre as dores, os amores, as flores que cada Baobá produziu e que darão as sementes que podem germinar neste solo fértil.

A Mulher-Baobá Celina disse "nós negros e negras não tivemos o direito a educação de forma linear" foram processos cavados com luta, pois, no período colonial a educação era destinada aos grupos dominantes para formar os filhos dos patrões, ou seja, dos europeus e seus descendentes que detinham o poder.

E estas prerrogativas, estas imunidades, estas concessões deixavam os predominadores mais autoritários. O filho do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos dos ricos eram criados nos colégios internos. Era uma época em que apenas a minoria é que recebia instruções. A minoria alfabetizada desaparecia (JESUS, 1986, p. 41)

Na época imperial que se estende até 1889, ano após a abolição formal os povos escravizados, os negros não eram considerados cidadãos.

No ano de 1925, as escolas admitiam as alunas negras. Mas, quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição. Mas se o negro não passava de ano, as mães iam procurar as professoras e diziam: — A senhora não deixou meu filho entrar no segundo ano porque ele é negro, mas ele já sabe ler e escrever o a-b-c. Os filhos de Júlio Borges passaram de ano, as netas de José Afonso também. Se eu pudesse com mau-

olhado estragar a vida de uma professora como a senhora!
As professoras não respondiam (JESUS, 1986, p. 41)

Acreditamos no atraso de acesso à educação somente para a elite porque não tivemos professoras negras nos nossos percursos escolares.

Precisamos garantir o acesso, a permanência e a terminalidade dos estudos e parafraseando a escritora Giovana Xavier, faz se necessário proteger as histórias das Carolinas Marias de Jesus, das Conceições Evaristo, das Marias Firminas, entre milhares de mulheres intelectuais negras e mostrar que nestes troncos de baobá tem uma riqueza enorme.

A narrativa da Mulheres-Baobá Francielly, disse que no Arraiá³⁰ de Cascavel tem mais presença de pessoas negras do que em Francisco Beltrão, mas,

sou formada em Educação Física, vim de Cascavel lá tem mais negros do que aqui. Aqui me dizem que não sou tão preta assim! Minha família é bem desestruturada, fui conhecer meu pai maistarde, ele separou da minha mãe, nunca deu atenção para nós (EN, Mulher-Baobá Francielly, 15 de nov. de 2021)

As populações dos dois municípios cresceram significativamente de acordo com o último censo de 2022, e precisamos ter cuidado com os números que eles mostram, pois, existe uma negação da negritude em um país que é considerado o segundo país mais negro depois da África. Diariamente presenciamos estratégias de genocídios dos homens e mulheres negras.

Para Abdias Nascimento as pontes étnicas estão enfraquecendo, pois,

situado no meio do caminho entre a casa grande e a senzala, o mulato prestou serviços importantes à classe dominante. Durante a escravidão ele foi capitão do mato, feitor usado noutras tarefas de confiança dos senhores, e,

³⁰ "Arrai+9+á da branquitude" conceito construído por Giovana Xavier no livro: Você pode substituir mulheres negras como objetos de estudo por mulheres negras contando sua própria história. Editora Malê, 2019.

mais recentemente, o erigiram como símbolo da nossa "democracia racial". Nele se concentram as esperanças de conjurar a "ameaça racial" representada pelos africanos. E estabelecendo o tipo de mulato como primeiro degrau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil (NASCIMENTO, 2016, p. 83)

Concordamos com Abdias Nascimento, que as pontes étnicas por um grande espaço e tempo quiseram enfraquecê-las, mas, as sementes, galho, folhas, troncos, frutos de baobás que foram plantadas estão aqui para transgredir uma cultura colonial machista³¹, homofóbica, classista, racista.

Porém, a despeito de qualquer vantagem de status social como ponte étnica destinada à salvação da raça ariana, a posição do mulato essencialmente equivale àquela do negro: ambas vítimas de igual desprezo, idêntico preconceito e discriminação, cercados pelo mesmo desdém da sociedade brasileira institucionalmente branca[...]" (NASCIMENTO, 2016, p. 83)

Com o Censo IBGE de 2022, são cinco categoria que aparecem em ordem alfabética: amarela, branca, indígena, parda, preta. Os pretos são descendentes dos africanos e brancos dos europeus. Os pardos são frutos da miscigenação dessas etnias. As categorias são:

Quadro 02: Descrição das categorias étnico-raciais segundo IBGE

Amarelo se refere à pessoa que se declara de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana
Indígena é a pessoa que se declara indígena, seja as que vivem em aldeias como as que vivem fora delas, inclusive em áreas quilombolas e

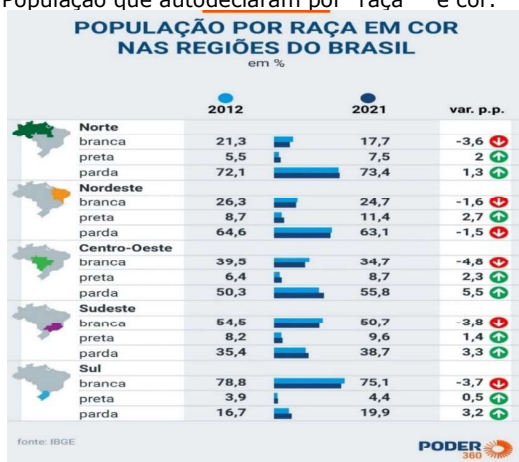
³¹ [...] A criação de palavras novas (neologismos) é uma forma de renovação do léxico. [...]". Recebemos no Ciberdúvidas a seguinte pergunta: a palavra «bota-abaxismo» existe? Se não existe, podia existir. A palavra está bem formada. O sufixo -ismo e o seu correspondente, -ista, são muito produtivos: -ismo designa doutrinas, sistemas ou modos de proceder e pensar (fascismo, positivismo, budismo); -ista designa o partidário dessa doutrina ou modo de pensar (fascista, positivista, budista). A palavra é, aliás, usada pelo primeiro-ministro José Sócrates: (não se combate a crise com pessimismo e muito menos com bota-abaxismo e com o negativismo de quem quer dizer mal de tudo) (RTP 1, 25/01/09). A criação de palavras novas (neologismos) é uma forma de renovação do léxico, motivada por necessidades comunicativas ou expressivas: designar um conceito novo ou tornar o discurso mais apelativo ou persuasivo. Disponível em: <in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://ciberdúvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/os-ismos-dos-istas/2051>> (consultado em 10-09-2023).

em cidades.
Branco é quem se declara branco e possui características físicas historicamente associadas às populações europeias.
Pardo se refere a quem se declara pardo e possui miscigenação de raças com predomínio de traços negros.
Preto é a pessoa que se declara preta e possui características físicas que indicam ascendência predominantemente africana.

Fonte: Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/que-categorias-o-censo-ibge-utiliza-para-raca-e-cor>. Acesso dia 23 de setembro de 2023.

Com este último senso demonstra que a proporção de população negra e parda no Brasil de 2012 a 2021, aumentou de 45,6% para 47%. O gráfico abaixo mostra as populações declaradas por regiões do Brasil.

Gráfico 02: População que autodeclararam por “raça³²” e cor.



³² Raça: conceito de raça tem origem na Botânica e na Zoologia para classificar espécies de seres vivos e foi utilizada na Idade Medieval para designar classes sociais diferentes. No Iluminismo do século XVII, pensamento que buscava explicar os fenômenos naturais e sociais a partir da racionalidade, a palavra passou a ser utilizada para classificar a diversidade humana em grupos com características físicas em comum, inicialmente tendo a cor da pele como critério principal, dividindo a humanidade em três raças: branca, preta e amarela. Apenas na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento da genética e da biologia molecular, ficou comprovado não haver diferenças biológicas entre os seres humanos que justifiquem a classificação por raças[...]”(MUNANGA, 2003, s/p.). Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>> Acesso dia 8

Fonte: Jornal Nacional, 22/07/2022 Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/populacao-cresce-com-mais-pessoas-negras-e-pardas/> Acesso: 08 de out. de 2022.

Entre os que se declaram pardos não houve variações significativas. Foram 45,3% em 2022 (45,6% em 2012). É o maior grupo racial brasileiro. Já a população branca diminuiu. De 46,3% em 2012, este grupo agora é 42,8%.

Houve uma queda da população branca em todas as regiões do Brasil, sendo mais significativa no Sul, onde em 2012 representava 78,8% da população, para 72,8% em 2022. Indígenas e quilombolas têm um censo específico. Os dados também foram colhidos em 2023 e devem ser divulgados em breve.

Historicamente, a ideia do pardo como uma “cor e raça” surgiu no Brasil durante o período colonial. Nesta época, o pardo era entendido como uma “casta social” intermediária, estando os brancos (europeus) no topo desta “cadeia racial hierárquica” e os pretos (escravizados) na condição mais excluída. De modo geral, a cor parda também é usada para qualificar a tonalidade que varia entre o amarelo e o marrom escuro. Exemplos: “Eu quero um envelope pardo”.

De acordo com a EN da Mulher-Baobá Francielly

No concurso público nas vagas oferecidas pelas cotas me questioneei: sou preta mesmo? Ir ao supermercado as pessoas sempre iam atrás da gente para [...] Sempre temos que trabalhar mais que os outros, para provar que somos bons. Sou simples, somente hoje que me arrumei para a muvuca de fotos (EN, Mulher-Baobá Francielly, 15 de novembro de 2021)

A Mulher-Baobá Francielly se questionava se era preta porque o conceito de preto na cultura eurocêntrica precisa ser negro retinto, pois, não conseguem enxergar que ser preta é uma questão de identidade, de autodeclaração, de ancestralidade, de heteroidentificação de como as pessoas nos veem em diversos espaços.

A Mulher-Baobá Celina durante as EN apresentou-se dizendo: Sou a Celina, sou professora aposentada, tenho 55 anos, sou negra, tenho uma

filha com o pai branco.

Morei no Estado de Mato Grosso- Sinop e lá não tinha tanta discriminação como aqui. Voltei para Ampére onde estou até hoje.

Uma das memórias emocionantes da Celina são as brincadeiras de escola, de ser professora

[...] nossas brincadeiras preferidas era brincar de escola e nos pegávamos o carvão que a mãe colocava o pão no forno. A gente pegava o carvão e era nosso giz, então aquele caixote lá era todinho escrito, então duas eram as alunas e outra era a professora. A gente revessava, porque todo mundo queria ser a professora. então a gente escrevia, e as vezes a gente esquecia de apagar, e o pai dava uma bronca daquelas! Porque ficava tudo preto de carvão. Nós fazíamos conta e interpretação de texto era uma escola. Nós transformávamos em uma escola[...] (EN, Mulher-Baobá, Celina, 16 de novembro de 2021)

A escolha de ser professora se dá por uma pluralidade de marcas que foram deixadas durante a trajetória das mulheres Baobás na Educação Básica, ou até mesmo no mundo do trabalho.

E durante a EN ficou claro que para a Baobá Celina, brincadeira era coisa séria que já projetava desde a infância em ser professora.

Os recursos utilizados nas brincadeiras no período da infância foram (carvão, caixote) brinquedos que davam sentidos para as brincadeiras de ser professora.

A família da Mulher-Baobá Celina aproxima com a Carolina Maria de Jesus que é narrada no livro Diário de Bitita,

Os oito filhos do meu avô não sabiam ler. Trabalhavam nos labores rudimentares. O meu avô tinha desgosto porque os seus filhos não aprenderam a ler, e dizia: — Não foi por relaxo de minha parte. E que na época que os seus filhos deveriam estudar não eram franqueadas as escolas para os negros. Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforcem-se para aprender. E nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho (JESUS, 1986, p. 53)

Ao reportamos sobre a educação brasileira para os povos

escravizados sabemos que historicamente foi totalmente negada e necessitou de lutas para conquistar este direito. Na narrativa de Bitita evidencia que não era “relaxo” as pessoas pretas não ter estudo e sim foram bloqueados os direitos a educação.

A Mulher-Baobá Anaildes na sua EN disse que,

nasci em Salvador, sou filha de pais negros, casei-me com homem não negro paranaense e vim morar em Salgado Filho região Sudoeste do Paraná. Lugar de muito frio [...]. O clima daqui era muito frio, judiou bastante de mim. Demorei para acostumar-se com tantas geadas, cobertores e roupas para aquecer o frio. Comecei na docência em Salgado Filho, porque eu tinha o magistério para alunos da quinta e sexta série, as pessoas diziam: ela tem o magistério e pode dar aulas. Trabalhei em sala multisseriada. Ministrei a disciplina de Inglês. Da carga horária de dez horas passou para vinte, trinta horas de trabalho. Minha sogra descendente de italianos teve dificuldades para me aceitar, e no final da vida disseram: Tenho sempre que pedir perdão para minha nora, nunca pensei que fosse cuidar tanto de nós, apesar de tudo que fizemos para você (EN, Mulher -Baobá, Anaildes, 18 de novembro de 2021)

Logo no início da narrativa aparece os casamentos interétnicos/inter-racial a qual parece mais prudente chamarmos de casamentos interétnico, pois para as mulheres negras o conceito de raça está carregado de preconceito

Segundo a literatura especializada, as relações inter-raciais iniciaram-se no Brasil, no âmbito da vida privada, desde os primórdios da colonização – principalmente a partir do estupro e de outras formas de violência cometidas por “homens brancos” portugueses contra “mulheres negras” ou “indígenas”. O censo de 1960 apontou que, naquele ano, 8% dos casamentos eram “inter-raciais” no País. Em 2010, esse percentual saltou para 31%. Ou seja, quase um terço das uniões matrimoniais realizadas no Brasil acontecem entre pessoas que se auto classificam como sendo de “raças diferentes”. “O fenômeno é muito comum entre as classes mais pobres, porém raríssimo entre as classes ricas (ARANTES, 2017, s/p)

As culturas são mutantes e interferem no conhecimento dos alimentos para sobrevivência enquanto no Sul chamamos de mandioca, aipim no

Nordeste chamamos de macaxeira. A Baobá relata que:

[...]nunca tinha morado praticamente na roça, não conhecia mandioca, nunca tinha visto um pé de mandioca, não sabia nem como arrancava, achavaestranho, e mais estranho ainda achavam meu sogro e sogra e falavam: como assim não sabe arrancar um pé de mandioca!? [...] (EN, Mulher -Baobá, Anaídes, 18 de novembro 2021)

Este alimento segundo os estudiosos espalhou pelo mundo a partir de Portugal e suas colônias, principalmente africanas. Este alimento já era plantado pelos povos indígenas e serviam como alimento do dia a dia e tem origem brasileira.

Anaídes veio para Sudoeste do Paraná como uma profissão instituída na Educação Básica o que oportunizou adentrar no mundo do trabalho. Parece que a Baobá Anaídes veio para a cultura que autodenomina europeia. Trouxe para a região sudoeste do Paraná uma bagagem acadêmica que não tinha na região interiorana de Salgado Filho.

A família onde a Mulher-Baobá- Anaídes adentrou tinha uma cultura eurocêntrica, com descendentes de italianos e que em Salgado Filho predomina a cultura europeia, inviabilizam os empobrecidos, negros, negras, e os povos indígenas. Parece que somente após anos de convivências foram aceitar que a mulher negra, trazia na sua cultura a bondade e competência para ser esposa, dona de casa e professora e ser subserviente aos olhos do seu sogro e sogra.

Para Marques, "as narrativas são energias vitais descrita como trajeto de movimento orbicular que vai reinscrevendo histórias [...]" (2008, p,34). Quando a Mulher-Baobá narra que

Eu limpava casa, passava pano no chão com os pés aquele jeito baiano de limpar! Poderia me aposentar em 2021, mas as políticas mudaram e distanciou um pouco para conquistar este direito, mas enquanto as ancas estiverem indo[...] meus filhos têm orgulho de mim (EN, Mulher -Baobá, Anaídes, 18 de novembro de 2021)

Parece que a Pedagogia de estar-junto num casamento interétnico

exigia uma certa forma de subserviência de agradar as pessoas e conquistá-las de forma que exigiria mostrar competência para também ser dona de casa. Essa narrativa aproxima das narrativas das mulheres negras do Bairro do Rocio de Palmas, Paraná, comunidade Quilombola

O cuidado com a casa a forma que a moradia enquanto construção, estava estruturada, a significação da narrativa e da memória como elemento de continuidade[...] a constante era mostrar a casa limpa[...] a mulher se vale da descrição da casa para dar entender outras características que ela considera expressiva na história do grupo étnico-racial [...] (MARQUES, 2008, p,114)

Dá a impressão de que as mulheres negras precisam ser boas donas de casa, limpinhas. Essa perspectiva reproduz um discurso étnico que precisam sempre agradar os brancos e mostrar que ainda não saiu da senzala, lugar onde os brancos no seu inconsciente gostariam que estivessemos ainda.

A narrativa Mulher-Baobá Nara, evidenciou que as histórias da professora sempre foram de luta, mas, que teve a presença paterna e materna e que incentiva estudar para mudar o percurso da vida e não se tornar também empregada doméstica, uma profissão digna e sofrida que e a baobá Nara presenciava na sua casa. A profissão da sua mãe era cansativa, exaustiva e que muitas vezes retornava do trabalho de forma entristecida e não sonhava para suas filhas a vida dela

[...]Meu pai era pedreiro e estudou até o terceiro ano, minha mãe empregada doméstica e analfabeta. Eles sempre diziam que os filhos iriam estudar. Me formei em Farmácia, trabalhava de manhã e estudava a tarde, trabalhei em casa de família. Sai da casa da patroa porque ganhei uma bolsa de estudos.Quando falei para a patroa que não iria mais morar e trabalhar com ela ~~tsair~~ para estudar ela me disse: tinha certeza de que isso iria acontecer,que este dia chegaria, você é uma pessoa diferente. Mesmo assim continuei trabalhando em casa de família até concluir farmácia e formar [...] (EN, Mulher-Baobá, Nara, 20 de novembro 2021)

Nara fez a narrativa potente que “sempre tive o sonho de ter uma casa bonita. Nunca pude participar de nenhum esporte, embora eu gostasse,

não podia participar porque tinha que trabalhar". As decisões eram limitantes ao trabalho, pois precisava sobreviver. Os dilemas das mulheres negras são os entraves enfrentados no dia a dia, mesmo supostamente ter acabaram a escravidão, novos mecanismos de diferenciação são utilizados para a formulação de padrões e parâmetros de status social baseados na raça, no gênero e nas diferentes classes.

No diário de campo ficou registrado a narrativa da Mulher-Baobá Lucia

sou professora Lúcia, o pronunciamento de ser professora pré-identifica [risos]. Descobri desde pequena que era negra e o preconceito sempre esteve presente, o pai era preto e a mãe branca. Não perco a oportunidade de dialogar sobre: morena, negra, termos pejorativos. Quantos aluninhos podiam espelhar em nós. Eu tive na terceira série uma professora negra. [...] Tive a Naia (Anaildes) como professora do Magistério, mulher negra, nordestina. [...] Lúcia continuou dizendo que o aluno que não quer aprender é para este aluno que olho em primeiro lugar. Muitos se decepcionavam quando me veem como diretora, negra e gorda. Hoje as pessoas do bairro mudaram muito e ainda precisa mudar porque, temos pessoas africanas, haitianas no bairro e na escola devido a SADIA que é uma empresa produtora de alimentos frigoríficos do Brasil. As pessoas vêm de seus países para trabalhar e ter melhores condições de vida. Não podemos ser negros e ser mais que outros negros, temos que pegar nas mãos dos outros, nos unir e fortalecer ((Diário de Campo: Mulher-Baobá, Lúcia, 4 de dezembro de 2021)

A narrativa da Baobá Lúcia, nos traz a importância dos espelhos negros, para fortalecer a autoestima, da construção da identidade e da relevância de ver pessoas negras na luta no trabalho e na profissionalização. Também destaca que é professora e está sempre trabalhando dentro das perspectivas da educação inclusiva tendo um olhar pedagógico para os alunos com dificuldades para aprender.

A Mulher-Baobá disse "o outro se decepciona quando vê uma diretora negra e gorda", o importante é como a Baobá Lucia se vê e não como o outro a ver, pois, sabemos que o olhar do outro pode estar carregado de preconceitos e estereótipos.

A baobense tem o direito e o dever de ser ela mesma. Se os outros que olham para ela não estão preparados para enxergar e aceitar enquanto totalidade, é porque possivelmente ainda não entraram em contato com suas próprias vulnerabilidades, e estão presos a um imaginário de quem são ou foram construídos pelas ideias dos colonizadores.

Por isso, expressar, posicionar-se faz a diferença para a baobense florescer, e colher belos frutos. Como disse na sua EN: quando um aluno diz: “professora estou fazendo Administração”! Esses são frutos da Baobá, que floresceram e deu bons frutos apesar dos espinhos do preconceito está sempre na luta combatendo os preconceitos e promovendo debates enquanto gestora para minimizar o racismo.

A baobense Lúcia tem uma prática ubuntu³³ que é uma filosofia africana: “Eu sou porque nós somos”. Sendo uma humana, e a natureza humana, implica compaixão, resiliência, empatia, partilha e respeito.

A Baobá Lucia está sempre baobando sobre a importância de trabalhar a Lei 10639/2023, com o objetivo de formar alunos com mais conhecimento da diversidade cultural, pois, no Colégio onde é diretora recebe os alunos haitianos e africanos e acredita que somente a forma.

Podemos observar a narrativa da Baobá Onira que sofreu preconceito na escola e precisava ser defendida pelas irmãs mais experientes

[...]sou a Onira, professora aposentada, sofri muito preconceito na escola meus amigos tinham comportamentos e atitudes preconceituosas, minhas irmãs sempre me defenderam. Nunca passamos fome, porque o meu pai tinha um sítio, mas passamos outras necessidades. Para ir para a escola tínhamos que ir a pé. Quando comecei a dar aulas tinha que fazer tudo, o lanche era feito na minha casa, minha mãe deixava pronto no fogão de lenha e a professora escolhia quem eram os alunos que iam buscar a merenda. Estudei em Palmas fiz Letras e trabalhei até me aposentar na Educação Especial na Sala de Recursos[...] (EN, Mulher-Baobá, Onira, 04 de

³³ Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. Disponível em: < <https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>> Acesso em 30 de setembro de 2023.

dezembro de 2021)

O preconceito, o racismo, a discriminação sejam de gênero, classe, sexo e cor é uma erva daninha que precisa ser destruída para não prejudicar as pessoas e contaminar os ambientes.

A escritora diz que

o racismo é um empreendimento acadêmico e sempre foi. Não é em nada como a lei da gravidade ou as marés oceânicas. É uma invenção de nossos líderes menores, nossos acadêmicos menores – e de nossos principais empreendedores. Pode ser desinventado, desconstruído[...]" (MORRISON, 2020, p. 10)

Se as pessoas aprenderam ser racista de acordo com os contextos históricos poderiam também dar um giro de 360 graus na sua cultura e fazer diferença, reconhecer a diversidade brasileira e re-contruir uma sociedade mais humanizada com ações afirmativas desde a infância até a vida adulta.

A muvuca de fotos intensificou ainda mais após a roda de conversa, cada pessoa sentiu-se livre para fazer suas fotografias individuais e coletivas.

Três irmãs, mulheres, professoras negras na sua liberdade de estar na muvuca de fotos, fizeram o registro acima que evidencia que ser docente é uma das profissões que dá prazer, sofremos para tornarmos-na professora, que resiste aos preconceitos e estereótipos que domina na sociedade e a forma como essas mulheres são vistas. Na cidade onde moram, achavam que elas eram baianas, ficam surpresos quando dizem que são de Ampére. Parece que este município não poderia ter pessoas negras, mas são os negros e negras que também fizeram o movimento de retirantes na busca de lugares melhores.

Fotografia 08: As três irmãs professoras Celina, Iracema e Onira



Fonte: arquivo constante no acervo pessoal da pesquisadora, 04/12/2021.

Essa negação a palavra que o conjunto dos negros passaram e que se adensou quando se referiu as mulheres negras, parece movimento histórico irreversível. Pois, as perspectivas de silenciamento avolumam as vozes, diversificam os dizeres e afirmam que o domínio da palavra, da narrativa tal como escreve Conceição Evaristo quando cunha o termo *escrevivência* é

É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “*escrevivência*”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em *escrevivência*, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a *escrevivência*, não, a *escrevivência* é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a *escrevivência*. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande (EVARISTO, 2020, s/p)

Assim a *escrevivências*³⁴ sobre as Mulheres-Baobás, professoras negras

³⁴ No Roda Viva, a jornalista Vera Magalhães recebe a escritora, poetisa e ensaísta Conceição

da microrregião de Francisco Beltrão é emergência na contemporaneidade, pois, de acordo com a escritora Conceição Evaristo a escrita das narrativas e das histórias das mulheres negras precisam

É incomodar. É jogar no rosto da casa-grande o que é que nos foi feito e, inclusive, marcar esse presente que ainda tem essa marca do passado, se você pensa na condição em que se encontra a grande maioria da coletividade negra brasileira, e não só a brasileira como a diaspórica. Basta a gente olhar o que acontece com o negro nos Estados Unidos para ter certeza de que não é só no Brasil. Tem aí uma escrita ou uma proposta de escrita – e eu torno a afirmar que não é só no campo literário –, uma proposta em que tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível. Você brinca com as palavras para dar um soco no estômago ou no rosto de quem não gostaria de ver determinadas temáticas ou de ver determinadas realidades transformadas em ficções (EVARISTO, 2020, s/p)

De acordo com Conceição Evaristo a aposta no uso da noção de escrevivência como um instrumento metodológico tem um motivo que merece destaque entre os já elencados. Ela se presta a uma subversão, da produção de conhecimento, pois, além de introduzir uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, apresenta-se por meio da entonação de vozes de mulheres subalternas e de sua posicionalidade na narração da sua própria existência.

O título é inspirado na fala de Vítor Eduardo Severo da Silva, estudante da Escola Municipal Morro da Cruz, em Porto Alegre – RS.

Evaristo. Ganhadora do Prêmio Jabuti de Literatura, em 2015, Conceição Evaristo é um dos nomes mais importantes da literaturabrasileira atual. Autora, entre outras obras, de "Becos da Memória", "Olhos D'Água", "Insubmissas Lágrimas de Mulheres" e o romance "Ponciá Vicêncio", desde o ano passado faz parte do Conselho Editorial organizado pela Companhia das Letras para coordenar o relançamento da obra de outra importante escritora brasileira: Carolina de Jesus. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>>. Acesso 18 de maio de 2022.

Em encontro com a escritora, em 2018, ela perguntou para uma turma do Ensino Fundamental o que significava *escrevivência*³⁵; e Vítor, de apenas seis anos, respondeu: “É escrever de nós”.



Fotografia 09: Conceição Evaristo

Fonte: Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/conceicao-Evaristo-75-anos-estou-cansada-mas-agradeco-a-vida/>. Acesso dia 02 de set.2022.

Compreende-se, assim, a “*escrevivência*” enquanto uma dinâmica de “*resistência no campo político-discursivo*”, do “*espaço não-negociável da língua e da linguagem que a cultura dominante pretende exercer sobre a cultura negra*” (EVARISTO, 2009, p. 22). Trata-se da reivindicação de um espaço negado no campo de uma linguagem que também construímos. Desse modo, as personagens de *Olhos d’água*, como nas produções literárias afro-brasileiras de maneira geral, são encarnações do “*negro vida*”,

Em tempos de assentimento aos sentimentos ou às vontades de outrem e de profundos retrocessos quanto ao acesso a direitos fundamentais, as *escrevivências* despontam como uma metodologia e

³⁵ O seminário *A Escrivência de Conceição Evaristo* é uma iniciativa do Itaú Social em parceria com a MINA Comunicação e Arte que nasce a partir do Projeto Oficina de Autores – Memórias e Escrivências de Conceição Evaristo, lançado em 2018 pelo Itaú Social. O seminário busca ampliar o debate sobre o conceito de *Escrivência* criado por Conceição Evaristo há 25 anos e marca o lançamento da publicação “*Escrivência – a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*”. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/seminario-a-escrivencia-de-conceicao-evaristo/>. Acesso 8 de jun. De 2022.

uma ética de pesquisa que aposta na escrita como forma de resistência. Trabalhar sobre as nossas histórias de vida, não como objeto passivo da pesquisa, mas, como potência artística, inventiva, profissional. Por meio da escrita literária, evidenciamos os percursos das mulheres negras como protagonistas de suas(nossas) próprias histórias. Para Conceição Evaristo: "A escrevivência não é a escrita de si, porque está se esgotando no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade"

[...] invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da memória é verdade, nada que está narrado em Becos da memória é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência[...] (EVARISTO, 2012, p.12)

No contexto, ao entrecruzar histórias individuais e coletivas produzimos imagens do percurso individual de cada uma das mulheres-baobás do mesmo modo que ampliamos o conhecimento sobre o vivido pelo conjunto das mulheres negras, crianças e homens negros. Esse movimento revela uma história que precisa ser contada para que possamos denunciar as ausências e anunciar o significado da presença negra para qualquer história que pensemos em contar do Brasil.

2.2. Infâncias e juventudes negras: espaços, vozes, personagens

Cada árvore eu criei para uma coisa, lembre-se. Além do mais, você foi o primeiro que eu criei, tem algo muito especial nisso, te dei tudo que eu tinha de bom, mas depois eu fui me aprimorando. Olhe, a sua semente leva 10 anos para germinar. Isso é muito tempo! Precisei, por exemplo, criar árvores que crescessem mais rápido (IANCONSKI, 2020).

Nesta subseção referimos, na metáfora do baobá, as Sementes da Baobá, as Sementes da vida, dos sonhos dos desejos, da arte, da música, da

poesia.

A metáfora de plantar, cuidar será explorada ara ensementar faz se necessário olhar para as sementes, admirá-las, ver a robustez de cada uma e pensar: "Para cada semente darei um nome! Temos milhões de sementes esparramadas pelo mundo afora, mas para cada uma precisamos olhar vendo-a nas suas diferenças, não existe duas sementes iguais as diferenças são constituidoras da vida.

A liturgia dos africanos e de seus descendentes prestou-se objeto de ciência (antropológica, sociológica, psiquiátrica, psicanalítica), no panorama dos estudos brasileiros nenhum deles deu a palavra ao negro. Este na modernidade, assim como na antiguidade europeia sempre foi dito como o aneu logon, isto é, sem voz, com várias outras formas de conhecimento submetidas ao colonialismo ocidental o saber ético cosmológico dos africanos sempre experimentou o silêncio imposto pela linguagem hegemônica (SODRÉ, 2017 p.13)

Como é possível perceber, para o autor, o silenciamento constituiu a experiência histórica dos negros submetidos ao processo de colonização e colonialidade. Deste modo, ao nos utilizarmos da metáfora, pensaremos em todas as mulheres-baobás como sementes, diversas na sua constituição, no seu percurso educativo, mas compartilhando um mesmo tempo no qual o racismo é marca, que de forma indelével produz a existência dessas mulheres.

Está ideia de criança como ser social, criador de cultura, com outro jeito de olhar a realidade, é recente. Mesmo tendo sido o primeiro país da América Latina a normatizar a concepção sustentada pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989, com enfoque na proteção integral da criança e do adolescente, com a aprovação do ECA, isso ainda não significa uma compreensão das diferentes infâncias pelo estado brasileiro.

A criança é vista como sujeito universal, sem reconhecer as diferentes identidades (raça, classe social, etnia, gênero, pertencimento territorial); uma universalidade que busca um modelo "branco", gerando políticas universais pautadas na "branquitude"

Compreender a criança negra como sujeito de conhecimento e de direitos e colocar a relação entre infância e questão racial como um dos eixos centrais de um currículo emancipatório implica reconhecer a diversidade racial na sua dimensão afirmativa, como parte da existência humana (GOMES, 2019,p.8).

Na infância já vivenciamos os problemas de racismo, classismo, rememorar que as diferentes infâncias tiveram mais dificuldades para o acesso e a permanência na educação. Ainda sentimos na pele a exclusão racial.

Fotografia 10: Família Carvalho



Fonte: Arquivo pessoal 4 de dezembro de 2021

Na fotografia acima mostra a família de: Celina, Onira e Iracema, juntas com seus irmãos e pais. Rememorar nossas vivências e experiências enquanto famílias negras é saber também que os poucos registros realizados devido à falta de acesso aos recursos tecnológicos da época e a Baobá Iracema narra

[...]Meus pais também são pioneiros aqui de Ampére eles vieram do Rio Grande do Sul. Meu pai e minha mãe vieram de sertão lá próximo de Getúlio Vargas. Dessa região ali, o meu avô já morava aqui a mãe veio para cá com 19 anos e daí meu avô veio também naquela época a muitos anos atrás e começaram a "colonizar" até esse sítio que nós temos também foi da época da colonização que nós ficamos lá [...]
(EN Mulher-Baobá Iracema, 18 de novembro de 2021)

A família Carvalho no município de Ampére preserva suas raízes ancestrais e que generosamente compartilha a herança cultural da qual é herdeira, "as Carvalhos", nos permitem crer na força e no potencial transformador da mais remota instituição social da humanidade. Oxalá outras famílias continuem formando seus clãs, inspirando e enriquecendo as histórias de luta, competência e vitória das famílias negras brasileiras.

Observamos que para as sementes negras, pretas e pardas ter o direito a educação foi processo complexo, destacamos a narrativa da Baobá Iracema sobre o percurso escolar na infância

uma escolinha bem próxima à casa onde nós morávamos questão de uns 400 a 500 metros. Em torno disso onde eu fiz meus anos iniciais. Eu aprendi a ler e escrever nessa escolinha bem perto de casa, essa escola era multisseriada, tinha todas as séries juntas e a professora que trabalhava conosco morava na cidade. Todos os dias ela se deslocava até a escola para trabalhar. A minha mãe os meus pais faziam o lanche para nós lá nossa casa porque na escola era difícil não tinha como fazer não tinha fogão [...]. Então a minha mãe preparava o lanche e quase na hora do lanche a gente ia buscar[...] (EN Mulher-Baobá Onira, 25 de novembro de 2021)

As chamadas escolas multisseriadas ou uni docentes eram constituídas por uma sala e uma professora, localizadas em sua maioria na zona rural dos municípios com menor população. Estas instituições, foram de grande importância para a educação brasileira, são as responsáveis pela alfabetização da maior parte da população rural no período de infância das Mulheres-Baobás da pesquisa.

A partir desta narrativa, nos perguntamos: sempre teve escola para as pessoas negras/pretas e pardas? Escrever sobre educação para os povos negros, escravizados no Brasil no período colonial e imperial é abordar a história da exclusão e das desigualdades sociais que perduram até os dias atuais

[...]conhecer a história da educação do negro brasileiro, em seus aspectos de exclusão, resistência e inclusão, com o exercício de seus direitos. A história da educação do negro é a história de um conjunto de fenômenos. Parte da

concepção do veto ao negro; percorre os caminhos da articulação de consciência dos seus direitos; ressignifica a função social da escola; recupera os movimentos, no sentido de organizar suas experiências educativas e escrever uma história social da educação do negro; e revela imagens que não conhecemos, embora os indicadores sociais e educacionais nos deem muitas pistas acerca da moldura do quadro (ROMÃO, 2005, p.12)

Então de acordo com Jeruse Romão³⁶, podemos compreender que a educação brasileira não foi pensada para os povos negros desde o período que o Brasil foi "descoberto" e em algumas literaturas os historiadores optam por "Achamento do Brasil" ou "Invasão do Brasil" pelos povos europeus entre portugueses, holandeses, espanhóis e ingleses

A expressão "descobrimento do Brasil" está carregada de eurocentrismo (valorização da cultura europeia em detrimento das outras), pois desconsidera a existência dos índios em nosso país, antes da chegada dos portugueses. Portanto, optamos pelo termo "chegada" dos portugueses ao Brasil. Esta ocorreu em 22 de abril de 1500, data que inaugura a fase pré-colonial. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/colonia/>> Acesso 08 de set.de2023)

Historiadores como Capistrano de Abreu usam o termo descoberta em um sentido sociológico, ou seja, é algo novo para aquele que está descobrindo, isto é, para a Europa.

Faz se necessário compreender o passado para entender o presente e desejar um futuro mais promissor para os povos que representam a diversidade cultural brasileira, valorizando todos os povos que contribuíram para o desenvolvimento do país.

Assim, hoje a questão das críticas ao eurocentrismo aparece nos estudos pós-coloniais porque pressupõe a necessidade de descolonizar os currículos e as formas como tradicionalmente esta questão foi tratada nos espaços escolares e não escolares. Tal abordagem possibilita novas análises

³⁶ História da Educação do Negro e outras histórias/Organização: Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. 278p. (Coleção Educação para Todos)

sobre objetos estéticos, espaços educativos (formais e não-formais), literatura e outras formas de expressão artística. Na esteira dessa reflexão, parte da teoria social latino-americana e seus representantes vêm reivindicando na contemporaneidade um giro, um rompimento com o ocidental-centrismo, teocentrismo, egocentrismo e seus reflexos no saber. Essa demanda surge pela expansão do argumento pós-colonial e dos estudos epistemológicos que movimentam os saberes decoloniais

No cotidiano, assumimos o peso de nossas vidas e com ela as dificuldades de existir, de viver. Cada qual a seu modo. A vida das mulheres que vivenciam situações de violência doméstica demonstra quão difícil pode ser o dia a dia. O medo de ser agredida novamente, o temor de sair ou permanecer em tais situações, a relação da mulher com seus filhos, que por vezes presenciavam as agressões que a mãe sofre, a inquietação com relação às formas de subsistência e às possibilidades de inserção no mercado de trabalho, a incerteza de saber se seus filhos terão o que vestir, o que comer, onde estudar. E, muitas vezes, mais preocupadas com eles do que consigo mesmas, muitas mulheres assumem o peso do cotidiano inteiramente sozinhas, sem avistarem saídas para encontrarem possibilidade de viver a vida sem violência (CRISTOVON, 2019, p.101)

As sementes infâncias viveram em espaços nos quais as práticas de violências eram cotidianas o em que o discurso de gênero que subjetivavam o entorno curvavam para o patriarcado. Embora as sementes viessem de um ambiente violento, não justifica que em pleno século XXI ainda a violência faça parte das vivências das infâncias das Baobás.

[...]Eu tinha 8 anos então nós tínhamos uma vida muito boa, eu estava em colégio, fiz a primeira série no colégio particular. Depois que os meus pais se separaram daí eu acho que meu pai entrou em bastante atrito com a minha mãe. Ele não verificou assim muitas das condições que a gente iria ficar naquela separação. Eu acho que eles estavam muito brigando, tanto é que meu pai agrediu minha mãe, na separação, o motivo foi esse. Ele deu um soco na cara dela, ficou roxo e daí a gente foi morar em uma outra casa. Daí nós começamos a passar por muita dificuldade [...] muita, muita dificuldade. Moramos em uma casa que era de pedrinha, não tinha forro era um frio, frio. Então a gente passou por muita dificuldade a mãe pegava cesta básica né de

ajuda, [...] (EN Mulher-Baobá Francielly, 15 de novembro de 2021)

Para a entrevistada a vivência dessa experiência é significativa na forma como ela vê o mundo. Primeiro, vivia uma situação econômica que permitia se diferenciar do conjunto da população negra mais pobre.

Em período curto presenciou a agressão a mãe, a mudança radical na situação econômica, a impossibilidade de permanecer na escola particular que frequentava. Para a entrevistada, além da separação familiar se iniciava um período que a mãe precisa contar com as políticas públicas de distribuição de alimentos para garantir a sobrevivência da família. Em sua fala transparece também uma característica das sociedades patriarcais: a partir da separação os pais se descomprometem com a subsistência dos filhos. Cabe a mulher garantir as condições materiais e afetivas para a sobrevivência dos filhos. No pequeno fragmento aparece violência doméstica contra as mulheres, precarização das condições cotidianas de sobrevivência, necessidade de aceitar novas formas de acesso à educação formal, barreiras para acesso aos bens materiais e simbólicos.

De acordo com as narrativas apontaremos situações as mais variadas. Algumas delas se repetem, de maneira contumaz, no sistema educacional brasileiro, em que é possível encontrar trajetórias escolares marcadas por interrupções, percalços, “desistências”, idas e vindas da escola formal, da educação privada para a pública, como as apontadas pela depoente.

É bastante conhecida a afirmação de que a memória é resultado de uma operação que se efetua no tempo presente, e por ele está conformada. Isso quer dizer que o acesso ao passado não se dá de forma direta e cristalina, mas se constitui numa releitura do vivido, para a qual contribuem as experiências que lhe foram posteriores, e que compõem a reelaboração ativada pela memória.

No seu trabalho de seleção, a memória retém fragmentos do passado, sempre sujeitos à reorganização que possa lhes dar coerência na narrativa, seja ela individual ou coletiva (LE GOFF, 1992, POLLAK, 1992). Da

coletânea das entrevistas e dos depoimentos, foi possível extrair algumas informações expressivas, capazes de iluminar os meandros que se interpõem entre a formulação de políticas de acesso à educação escolar e os passos efetivos de sua realização. Ao mesmo tempo, evidenciam-se as áreas de sombra, as zonas intocadas por essas políticas e a profundidade dos mecanismos atuantes na interdição do direito à escola, como política deliberada para excluir determinados grupos do processo de educação formal.

Fotografia 11: A infância e a escola



Fonte: Fotografia constante no acervo pessoa da entrevistada Francielly. Cedida e digitalizada dia 18/12/2021.

A fotografia acima mostra os percursos da semente da Baobá e mostra vestindo um uniforme branco e azul marinho e nas mãos uma bolsa escolar. A mãe tirou a fotografia e acreditamos que seria para documentar os percursos da baobense, embora a qualidade da fotografia não estar carregada de foto shop pois naquela época a tecnologia que tínhamos disponível fazíamos alguns registros que consideramos importante para eternizar na história.

A mãe que fez a fotografia e a baobá, narrou que tinha 7 anos de idade, frequentava a primeira série e estudava em

escola particular em Cascavel. E disse que naquela época seus pais eram casados e tinham condições financeiras um pouco melhor, meu pai que mantinha a casa. Foi um período muito bom da vida. Em um ano depois desta foto as coisas despencaram, meu pai separou arrumou outra mulher, ficamos totalmente e as coisas despencaram. O salário da minha mãe não dava conta de manter a casa ela trabalhava de serviços gerais (EN Mulher-Baobá Francielly, 15 de novembro de 2021)

E as fotografias abaixo mostram a baobense no primeiro ano do Ensino Fundamental, ela estudava no Colégio Nossa Sra. Auxiliadora EI, EF e Ensino Médio, situada no centro de Cascavel, Paraná. De acordo com a baobaense: "Quando os meus pais estavam juntos tinham mais recursos financeiros e investiam na educação na rede particular, uma escola mantida pelas freiras".

Fotografia 12: Ensino Fundamental da Baobense Francielly



Fonte: Fotografia constante no acervo pessoa da entrevistada Francielly. Cedida e digitalizada dia 18/12/2021.

Com a narrativa da baobense poderíamos facilmente associar a violência relacionada ao percurso particular da entrevistada aquilo que foi vivido pelo seu grupo de referência.

E ressaltamos que a violência iniciou quando os europeus arrancaram as sementes, os brotos, os galhos, os troncos, as folhas, as frutas e as flores do Baobá dos países de sua origem, Senegal, Nigéria, Costa do Marfim, Serra da

Leoa, Gana, Libéria, dentre outros. Falta informações, não entendi a ligação? Se vai estabelecer esta ligação histórica

Sobre a questão, Flávio dos Santos Gomes (2020) na Enciclopédia Negra dos escritores trouxe referências sobre homens e mulheres negros e nos proporcionou conhecimentos sobre a história do Brasil, da colonização aos dias atuais, a fim de restabelecer o protagonismo e a visibilidade das e dos Baobás.

Na obra Enciclopédia Negra, temos mais de quinhentos e cinquenta personagens entre mulheres, homens que fizeram a história brasileira. As personagens que compõem a enciclopédia são profissionais liberais; mães que lutaram pela alforria da família durante o processo de escravização; ativistas e revolucionários, curandeiros, médicos; líderes religiosos que reinventaram outras Áfricas no Brasil, pessoas cujas feições e histórias foram apagadas pela história.

A Enciclopédia Negra, foi ilustrada por trinta e seis artistas negros, negras e negres que criaram retratos inspirados pelos verbetes reunidos em um belíssimo caderno de imagens. Desse modo, o livro se transforma em repositório seguro de experiências individuais e coletivas e em fonte para os profissionais, pesquisadores que podem recorrer na fonte que serve como inspiração e orientação para emergir novas histórias.

A semente Baobá Selvina relata sua travessia para ter acesso à educação na infância

Na verdade, de primeira à quarta série eu sempre morei perto da escola [...]. Erámos em quatro irmãos e agente era pobre também. Eu acho que foi bem difícil para a gente continuar os estudos porque às vezes a gente não tinha nem roupa para ir para a escola. Dependendo da temperatura. Então assim também a questão da alimentação, muitas vezes assim eu cansei de dormir sem jantar, levantar e não ter nada para comer. Mesmo assim eu ia para escola. Aí pertoda do recreio eu pedindo para a professora para ir em casa porque na época não tinha lanche. Se meu pai tinha conseguido trabalho, tinha comprado farinha alguma coisa para mãe fazer (EN Mulher-Baobá, SELVINA, 18 de novembro de 2021).

Quando lemos a narrativa da Mulher-Baobá Selvina observamos o percurso, a resistência e persistência permanecer na escola. Na narrativa

percebemos que embora a residisse perto da escola, a situação econômica dos pais dificultava sua permanência uma vez que precisava sair mais cedo na expectativa que o pai tivesse conseguido o recurso para comprar o alimento necessário à sua alimentação.

E quando falamos a palavra semente/infância no imaginário das pessoas pode vir à tona, brinquedos, brincadeiras, lembrar das músicas infantis, dos parques, festas, da escola, dos desenhos infantis, das vestimentas adequadas aquela idade, das tecnologias como se fosse uma fase em que aquele ser humano está protegido das dificuldades da vida evidentemente que imaginar tal situação exigiria que a pessoa descolasse de forma delirante da realidade brasileira,

No Brasil existem uma diversidade de sementes umas que são amadas, outras abandonadas por seus pais biológicos ou mesmo pelo Estado; sementes/crianças com deficiências, crianças indígenas, quilombolas, crianças negras, crianças que passam fome, que não tem moradia, crianças que trabalham na rua para sua sobrevivência, entre uma ampla proporção quando o assunto é semente/infância.

Como destaca Larrosa

à infância não é outra coisa senão objeto de estudo de um conjunto de saberes mais ou menos científicos, a coisa apreendida por um conjunto de ações humanas [...]. Nós sabemos o que são as infâncias na pluralidade ou tentamos saber[...] (LARROSA 1998, p. 230).

Para o autor há que se debruçar sobre esta multiplicidade que nominamos infância. Desse modo essa ideia de captar os contornos do que seja o conceito, como se constrói? em que condições nos posicionamos para estudá-lo, entendê-lo a partir dessa percepção do outro.

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que sempre além de qualquer tentativa de captura inquieta a segurança dos nossos saberes, questiona o poder das nossas práticas e abre o vazio em que se abismo o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento (LARROSA, 1998, p. 230).

A infância, entendida como o outro, não é o que já sabemos, mas tampouco é o que ainda não sabemos. Nestes termos, precisamos sair do egocentrismo do conhecimento para ter a possibilidade de a medida em que encarna o surgimento da alteridade. A infância nunca é o que sabemos (é o outro dos nossos saberes), mas por outro lado, é portadora de uma verdade a qual devemos nos colocar à disposição para escutar "a minha infância como acredito que grande parte da maioria das famílias negras não foi um percurso fácil eu vim de uma família muito pobre" (EN Mulher-Baobá, Nara, dez, 2021).

Já a Mulher-Baobá Ingrid durante a EN, mostrou diversas fotografias das pessoas que compõem sua família e pediu para expor suas raízes, "não gostaria que as fotografias evidenciassem somente a mim, pois, é uma oportunidade única de expor e demonstrar minhas raízes com orgulho"

Então aqui a primeira fotografia é da sua formatura no pré-escolar. A pose favorita do ritual anual da fotografia escolar resgata e põe em funcionamento certos elementos que, do ponto de vista do simbolismo compartilhado, revelariam o que realmente acontece nas instituições escolares quando finda uma etapa da escolaridade. A baobense segurando criança segura um canudo azul do diploma na mão, está com o capelo, e vestes vermelhas. No fundo, fotografia aparece um pedaço da bandeira do Brasil. No sorriso da Baobense Ingrid a alegria do momento vivido.

A escola é inegavelmente um marco fundamental das nossas vidas, onde começamos desde muito cedo a criar amizades, lembranças que irão moldar de forma fundamental a nossa personalidade. Na segunda foto a Ingrid está com seus pares e a professora, acreditamos que ter estas fontes documentais partiu da valorização e da importância da educação para ela e seu familiares.

Fotografia 12: Baobá Ingrid e a Escola



Fonte: Fotografia constante no acervo pessoal da entrevistada. Cedida, digitalizada dia 18/12/2021. (EN, 15 de nov. de 2021).

Para Kossoy (2005), a fotografia é uma forma de expressão cultural, na qual foram registrados do tempo, aspectos como religião, costumes, habitação, enfim acontecimentos sociais de diversas naturezas, que são documentados por meio da imagem.

Em Realeza eu lembro que nos primeiros dias de aula também não é um município assim que eu gostava muito de morar porque não, não mudavam muito do que era no interior de Ampére, eu lembro que até hoje assim eu acho muito injusto mas o meu primeiro dia de aula minha mãe sentou comigo eu já estava pronta para ir para escola e ela sentou comigo para mim falar algumas coisas que podiam acontecer e como que eu teria que reagir aí ela me falou que algumas pessoas iam falar da minha cor que iam falar do meu cabelo iam falar do meu nariz e aí ela de alguma forma queria me defender, e hoje olhando eu acho muito injusto porque que eu com 8 anos de idade 9 eu tinha de ter esse tipo de ensinamento antes de pisar numa escola e é tipo os meus amigos não e eu lembro que eu na escola e eu escutei tudo aquilo que a minha mãe tinha me preparado para ouvir (EM Mulher-Baobá Ingrid, 15 de novembro de 2021)

A Mulher-Baobá Ingrid em sua entrevista trouxe à tona o preconceito vivido na infância e na escola e da mesma forma reforça a importância da

ação de sua mãe no fortalecimento da sua autoestima. Sua mãe se casou com homem negro de uma família com catorze filhos (homens pretos e mulheres pretas). Relatou que as vezes para o preconceito e a discriminação não ser tão forte sua mãe (branca) assumia um sistema de proteção para tentar salvaguardar a filha da violência racista.

As Mulheres-Baobás demonstraram nas EN que são filhas de mães brancas ou pais pretos, pais brancos e mães pretas que seus avós eram filhos de portugueses, ou descendentes de europeus e precisamos ressaltar que devido o "mito da democracia racial" os casamentos inter-raciais aconteceram em grande proporção e Abdias Nascimento (2016, p. 74)), ressalta que, "as mulheres negras receberam uma herança cruel: ser objeto de prazer dos colonizadores. O fruto deste covarde cruzamento de sangue é que agora é aclamado e proclamado como o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira".

Das mulheres baobás que relataram sua história disseram: que seu pai era preto e sua mãe branca, ou mãe preta e pai branco. Ressaltamos que os "casamentos inter-raciais" aconteceram desde o Brasil Colônia e também podemos observar no teste Genera as nossas ancestralidades, ou seja, nós carregamos a genética da Europa à África ou da África e Europa. Torna-se evidente os "intercasar" uma palavra usada por Abdias Nascimento, (2016, p.74) e diz que esta palavra é menos apropriada para designar um tipo de interação sexual.

Sobre as pesquisas de casamentos inter-raciais "as estatísticas mostram que a tão proclamada "tendência" dos brancos no Brasil para o "intercasamento" como negros permanece uma ficção social contemporânea" (Nascimento, 2016, p.75).

A mulher mulata era considerada o objeto de prostituição e assim Abdias Nascimento, ressalta que a raça negra foi restituída com baixo preço, pois, conhecemos o ditado popular e as práticas racistas que dizem "mulher branca é para casar, negra é para trabalhar e mulata para fornicar". Neste contexto histórico observamos a violência sexual

que praticavam com as mulheres negras.

Os ideólogos da democracia racial" são, com efeito incansáveis, não arriam a bandeira do intercasamento. Vão em frente ativamente fazendo o elogio que advoga implicitamente a prostituição e o estupro sistemático e permanentemente da mulher africana e de suas descendentes no Brasil (NASCIMENTO,2016, p. 76)

Ainda Nascimento nos mostra que o processo de miscigenação, fundamentado na exploração sexual, foi erguido como um fenômeno de puro e simples genocídio da mulher negra mito da "tendência inata" do português para misturar o sangue e formar uma sociedade este fenômeno é um puro genocídio.

Para Nascimento, (2016, p.84) a política dos colonizadores de incentivar o processo imigratório foi um instrumento básico nesse processo de embranquecimento do país e limitar o crescimento da população negra.

Então podemos dizer que existiu a inter-relação entre os povos negros, indígenas e europeus, permeado de violência, física, psicológica, social e cultural.

Na entrevista narrativa Ingrid disse: "toda minha família paterna é preta e a minha família materna é descendente de alemães, então minha mãe é bem branquinha [...]". Ao referir uma característica da sociedade brasileira - a miscigenação, a depoente mostram como as situações de violência eram presentes em sua família. Deste modo, a entrevistada reforça a ideia de que ser negra significava que sua mãe era acionada constantemente para tentar impedir que sua filha experimentasse as dificuldades interpostas pelo racismo.

Fotografia 14: O batizado da Mulher-Baobá Ingrid



Fonte: EN, mulher- Baobá Ingrid, 15 de novembro de 2021.

O nascimento demilhares de crianças não é algo trivial?

Nascem o outro, ou os outros! E é um outro porque é sempre algo diferente da materialização de um projeto, da satisfação de uma necessidade, do cumprimento de um desejo, do complemento de uma carência ou do reaparecimento de uma perda (LARROSA, 1998, p.234)

Acredita-se que o nascimento de uma semente/criança poderá ser comparado há uma viagem para um lugar chamado mundo. Por isso (Larrosa, 1998) "diz que o nascimento não é um momento que se possa situar numa cronologia, mas aquilo que interrompe toda cronologia". Assim a Baobá mostrou a fotografia do seu batizado, onde estão seus pais, suas irmãs, tios e padrinhos.

A Baobá Ingrid explica que a fotografia algumas memórias de 26 anos atrás pessoas da família paterna, o pai do lado direito, Ingrid está no colo da mãe, porque era o dia do seu batizado do lado da minha mãe está minha irmã branca a mais velha das quatro. que somos, fruto do primeiro casamento da minha mãe, a de vestido vermelho é a prima. Tem o tio e a tia que foram meus padrinhos, a minha avó e uma outra tia. Aqui mostra o casamento interétnico dos pais da Baobá (Diário de Campo, 04 de dezembro, de 2021)

Existem neste mundo pós-moderno diversas formas de preconceitos

de discriminação: socioeconômica, de religião, de sexo, de gênero, de profissão, de idade, de etnia, de “raça”, de cultura, de nacionalidade etc.

As discriminações têm diversas maneiras de se expressar: evitação, rejeição verbal (piada, brincadeira e injúria), agressão ou violência física, segregação e tratamento desigual.

[...]A primeira vez assim que eu descobri que eu era diferente mesmo foi um dia que a minha mãe e eu fomos visitar uma família ali na comunidade. A família branquinha. Reluzia no sol eu lembro que a mãe tinha uma menina e a mãe também em casa minha mãe foi lá tomar chimarrão e levou eu junto. A mãe da menina eu lembro assim até hoje ela bem branquinha do olho azul. Uma mulher linda e a menina a cara dela e a gente se sentou na área. A minha mãe e a mãe da menina tomando chimarrão e a mãe dela falou assim brinca com a Ingrid. Brinca com ela filha e daí eu lembro que a menina olhou para mim e falou: eu não vou brincar com ela. A mãe dela falou assim, mas porque não? Tem que brincar! E daí ela falou: não ela tá suja e foi estranho escutar aquilo porque eu estava limpinha [...] (EN, Mulher-Baobá, Ingrid, 15 de novembro de 2021)

A Mulher-Baobá Ingrid foi uma semente que resistiu e que rompeu com os dados estatísticos acima, mas traz na sua memória vivências/e experiências de racismo e as marcas que poderiam ser evitadas caso a equidade não se apresentasse como uma miragem.

[...]Eu lembro que até hoje eu acho muito injusto, mas o meu primeiro dia de aula minha mãe sentou comigo. Eu já estava pronta para ir para escola e ela sentou comigo para falar algumas coisas que podiam acontecer e como que eu teria que reagir. Aí ela me falou que algumas pessoas iam falar da minha cor, que iam falar do meu cabelo, iam falar do meu nariz. Aí ela de alguma forma queria me defender e hoje olhando eu acho muito injusto porque que eu com 8 anos de idade 9 eu tinha de ter esse tipo de ensinamento antes de pisar numa escola. E é tipo os meus amigos não. Eu lembro que na escola eu escutei tudo aquilo que a minha mãe tinha me preparado para ouvir. Então eu sabia o que que eu vou fazer ou não fazer. Ficar quieta, escutar se tiver que é muito forte que a gente falar para professora e esperar que a professora fizesse alguma coisa. Então desde cedo assim eu aprendi [...] muito amiga defende assim contra algumas falas ruins em relação a minha cor, o meu cabelo e eu lembro que eu não

gostava de soltar o cabelo porque toda vez que eu soltava meu cabelo parecia que era uma aberração, toda vez que eu soltava cabelo lembro das piadas. Falas assim ruins! Em relação a ele que tinham muita ofensa e foi assim na educação no ensino fundamental. Ali nos primeiros anos e foi assim também quando eu mudei para o fundamental. Parece que era ainda pior: eu lembro que nunca parava ficava, sempre pior; e eu lembro que crescendo além da escola depois fui vendo isso em outros lugares eu não tinha o direito. A minha mãe sempre falava sai de casa arrumada, sai de casa arrumada, mas eu sei que tipo não era por causa do meu jeito que eu estava vestida era para que não chamasse mais atenção (EN, Mulher-Baobá, Ingrid, 15 de novembro de 2021)

Na fala da entrevistada são muitas as questões que transparecem: a preocupação e o cuidado da mãe para que não sofresse e se surpreendesse com a discriminação no espaço social; a advertência, ainda antes do primeiro dia de aula, de que naquele espaço passaria por constrangimentos; a indicação como reagir às falas, expressões e práticas que viveria no cenário escolar. Outro fator que chama atenção é o cabelo como marcador étnico-racial. A Mulher-Baobá, diante dos acontecimentos na escola, começa a usar o cabelo preso como se assim pudesse se invisibilizar diante do olhar racista.

Para a entrevistada, à medida que a escolarização se ampliava, aumentavam também os fatores que a diferenciavam dos demais, o medo do riso, da palavra rude, do distrato dos colegas. É significativo perceber que vivia regulada por esse olhar do outro. A mãe para protegê-la exigia que andasse com vestes bem compostas, meio que desejando que assim o racismo se dissipasse.

A história narrada pela Mulher-Baobá Ingrid repete algo que muitas meninas ouviam de suas mães: - cuida do teu cabelo, de tua roupa, esteja sempre limpa.... Esse discurso materno tinha a função de minimizar os danos que o racismo provocava. De acordo com MARQUES (2008) a narrativa de Ingrid

Há uma constante na fala: a preocupação em mostrar quão limpa era casa. Parece mesmo que é essa característica física associava-se um atributo moral. A mulher se vale da descrição da casa e do entorno para dar entender outras

características que ela considerava expressivas na história do grupo étnico-racial predominantemente no bairro. Vejamos: O terreiro limpinho, a ação dos moradores e tornar o chão limpo contínuo, ficava bom de varrer, o ato de tornar a casa fresquinha, a cozinha como lugar de permanência, afastada das demais peças da casa: os bancos de madeira ariados com palha de aço constitui-se numa narrativa da qual a limpeza subjaz como elo encadeador do discurso na sequência a limpeza parece com significante que reproduz um discurso de raça etnia do qual a casa é tomada com uma metáfora de identificação (MARQUES, 2008, p. 115)

A mãe de Ingrid tinha uma preocupação com a filha em andar sempre limpinha, com os cabelos amarrados devido a discriminação racial dirigido às características físicas, a cor, e os cabelos e o cuidado seria para ela não vivenciar a exclusão. O preconceito que tem raízes no “padrão estético” apresentado historicamente na construção do imaginário coletivo tem consequências prejudiciais à saúde física e mental de mulheres e homens negros, exigindo a ampliação de políticas públicas destinadas a garantir a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos.

Ingrid narra que

[...] minha família paterna é preta e a minha família materna é descendente de alemão, então minha mãe é bem branquinha[...]. Aqui meu pai preto e minha mãe bem branquinha e essas aqui são as minhas irmãs, a mais velha que é filha só da minha mãe então ela é bem branquinha também., A do meio que também puxou para minha mãe então ela era um pouco mais clarinha que a gente e eu e a mais nova que éramos bem a cara do meu pai então a gente são as mais pretinhas assim da família (EN, Mulher-Baobá, Ingrid, 15 de novembro de 2021)

Na narrativa da Ingrid evidencia o casamento inter-racial e as relações étnico-raciais vivenciadas no seio familiar. A narrativa faz lembrar a história infantil: da escritora: Ana Maria Machado, Menina bonita do laço de fita, essa história mostra aos pequenos que todos somos iguais e que precisamos saber lidar com as diferenças. A apresentação mostra uma linda menina negra que desperta a admiração de um coelho branco e que deseja ter uma filha tão pretinha como ela. Com a evolução tecnológica já temos em

vídeo³⁷, essas produções contribuem para desconstruir o racismo nos espaços escolares.

A mãe da Ingrid como diz ela: “[...]a minha família materna é descendente de alemão, então minha mãe é bem branquinha[...]”, e a branquitude da mãe dela não gerava preconceitos, ela foi uma pessoa fundamental para educar as filhas e protegê-las das maldades do preconceito

E é isso só que ainda a gente era pequena então às vezes não sentia muito, a minha mãe era bem consciente assim, eu acho que só não passei por momentos ainda mais difíceis porque a minha mãe era branca. Então a gente era meio que as vezes sentia isso, que era aceito porque a minha mãe ia na frente né, a nossa casa é mais matriarcal, então a gente financeiramente foi mais puxado para minha mãe questões familiares, muitas dificuldades com pai então sempre foi uma casa mais matriarcal (EN, Mulher-Baobá, Ingrid, 15 de novembro de 2021)

Considerando que “efetivamente, o “preconceito de cor” é uma idiotice, uma iniquidade que deve ser erradicada” (FANON, 2008, p. 43). O preconceito faz parte de um arsenal complexo que brotou do seio da situação colonial.

Com o mito do matriarcado nos lares afro diaspóricos, é um espaço propício para discutir sobre o racismo que determina as hierarquias de gênero em nossa sociedade. Podemos pensar em novas formas de sociabilidade, e não somente nas opressões estruturais de modo isolado, faz com que possa explorar uma variedade de novos modelos de masculinidade negra para se opor ao ideal patriarcal supremacista branca, colonial, que, consequentemente, é machista, sexista e misógina,

³⁷ Um dos grandes sucessos da renomada autora de literatura infantil Ana Maria Machado, o livro “Menina bonita do laço de fita” virou uma animação e está disponível on-line, é um curta metragem de animação adaptado de obra homônima. A produção é da Oger Sepol Produções e a direção de Diego Lopes e Claudio Bitencourt. O filme aborda o aspecto racial e o não-preconceito, através da convivência harmoniosa de indivíduos de raças e cores diferentes. Para isso, conta a história de um coelho que, apaixonado pela cor negra de sua vizinha, faz tudo para ficar igual ela. Depois de várias tentativas frustradas, acaba encontrando a felicidade ao se casar com uma coelha preta e ao ter filhos brancos, pretos e malhados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UhR8SXhQv6s&t=231s>. Acesso dia 7 de out. de 2023.

especialmente para com mulheres negras e com os homens negros.

Os colonizadores fizeram uma guerra dos sexos, potencializando o sexo masculino, hetero, branco, perfeito, mas, podemos girar a roda e chamar de "matriarcado brasileiro", "matriarcado colonial", "matriarcado africano" isso não quer dizer que a tarefa da mulher é destinada, exclusivamente, à maternidade como tem rotulado alguns pensamentos etnocentristas.

E a mãe da Ingrid assumiu uma postura matriarcal e podemos referir a outros conceitos importantes

Assim, neste trabalho, apropriar-me-ei do conceito de sociedade matriarcal com dois eixos: a matrilinearidade e a matrifocalidade. Os termos parecem ser semelhantes, mas não os são. O segundo refere-se a um grupo ou sociedade onde a mãe ocupa a posição do "centro", ao passo que o pai ocupa a do "secundário" ou ausente (grifo meu, 2023)

Apesar dessas posições, a mãe e o pai compartilham os espaços de poder; já o primeiro, por seu turno, se refere a uma organização na qual a linhagem é calculada através da linha materna (matrilinearidade) que é uma práxis política na cultura africana. Onde a mãe é o eixo nas relações familiares, sociais e culturais.

No matriarcado africano³⁸,

A mulher é comparada à terra porque lá ela é o âmago da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação do/a filho/a e alimenta princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra (CHIZIANE, 2013, p. 199)

Na sociedade matriarcal africano a mulher é vista como a mãe da vida e a força da produção da riqueza. Isso não quer dizer que a tarefa da

³⁸ Matriarcado, matrigestão e o poder feminino - Contos e histórias negras. Esse vídeo busca compreender o matriarcado, a forma como ele foi estudado, as novas interpretações do matriarcado a partir de uma perspectiva afrocêntrica. Busca compreender a forma como esse matriarcado ocorreu na África e seu impacto na população afro-diaspórica. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mW1NEZicHAE>>. Acesso dia 7 de out. de 2023.

mulher é destinada, exclusivamente, à maternidade como tem rotulado alguns pensamentos etnocentristas. E mais uma vez trazemos a literatura de Paulina Chiziane para triturar os conceitos colonialistas,

Começo a admirar esta mulher. A forma prática como ela resolve os problemas da vida. A sua sinceridade. A frontalidade. Ela não teme as bocas do mundo. É senhora de si e faz tudo o que lhe apetece. Resiste. Luta. Decide. Escolhe. E conquista da vida o seu pedaço de chão. Um chão estéril, mas o seu pedaço de chão. Ela sabe escolher a terra fértil onde germinará flor, perfumada e sem espinhos. E escolhe as mãos delicadas que a irão colher: as que agradam e as que cuidam. — És uma mulher dura. — Uma mulher é educada para ser sensível como a boneca de porcelana, que se desfaz em cacos na simples queda. Preparada para a fineza e delicadeza, mas os homens dão-nos carícias com mãos rijas como ferro e nos quebram ao simples toque. (CHIZIANE, 2004, p. 252)

A escritora moçambicana Paulina Chiziane defendeu que “a língua portuguesa, para ser de todos os povos que a falam, precisa de tratamento, limpeza e descolonização”, dando como exemplo a maneira como algumas palavras surgem definidas nos dicionários³⁹.

Patriarcado vem da combinação das palavras gregas *pater*, que significa pai, e *arkhe*, que significa origem ou comando. A palavra “patriarcado” traduz-se literalmente como a *autoridade do homem* representada pela figura do pai. O termo foi utilizado por muito tempo para descrever um tipo de “família dominada por homens”. Isso ocorria principalmente em sociedades agrícolas que levavam em consideração o gênero. O grande agregado familiar patriarcal incluía mulheres, crianças, escravos e servos domésticos, todos sob o domínio de um ou mais homens (NETO, Carlos, Cientista Social Disponível em: <https://www.significados.com.br/patriarcado/>. Acesso dia 8 de out.de 2023)

O patriarcado é um sistema que criou raízes em nossa sociedade, ele

39 “A língua portuguesa precisa de tratamento, limpeza e descolonização”, diz Paulina Chiziane. Disponível em: < <https://www.forbesaficalusofona.com/a-lingua-portuguesa-precisa-de-tratamento-limpeza-e-descolonizacao-diz-paulina-chiziane/>> Acesso dia 8 de out.de 2023.

inferioriza mulheres e oferece a dominação aos homens e causam diversos tipos de violências, físicas, psicológicas, sexual, patrimoniais, contra as mulheres

Ressaltamos a Dissertação da Maria Izabel Cabral da Silva⁴⁰, com o título: A Intergeracionalidade Quilombola: O caso da Comunidade Adelaide Maria Trindade Batista em Palmas – Pr, com orientação da Professora Dr^a Sônia Maria Marques dos Santos, traz o conceito de Matrilial e chamou bastante atenção da banca e dos presentes.

Fizemos um breve recorte sobre estes conceitos potentes que poderá servir para descortinar os preconceitos estabelecidos na cultura eurocentrista.

A história da Mulher-Baobá Adriana

"[...]Papai eu não conheci. Não sei o nome dele. Eu sou de Francisco Beltrão. Minha mãe sempre foi uma pessoa muito humilde e trabalhou como empregada doméstica a vida toda [...]. A minha infância eu passei com essa família que acolheu a minha mãe. Ela estava grávida eles hoje são meus padrinhos. Ela trabalhou nessa casa 55 anos. Eu cresci dentro dessa casa da família. Na educação agradeço porque não era fácil eles acolher uma pessoa com criança e assim mesmo de criar muito com os filhos deles. A gente se considera irmão de criação, mas eu cresci numa família boa que tinha condições uma boa educação, Graças a Deus. Eu pude ter também essa boa educação. A minha infância, um bom tempo dela não recorde não tenho muitas lembranças. As poucas recordações que eu tenho é que eu chamava meu padrinho de pai, esse que a gente morava junto e minha madrinha ela acredita que eu estou bem. E a minha mãe eu não tenho muitas recordações com ela assim que ela trabalhava direto eu ficava mais com o encargo dos cuidados da minha madrinha[...]" (EN Mulher-Baobá Adriana, 15 de novembro de 2021)

Nessa narrativa aparece o dito e o não dito. A Mulher-Baobá Adriana

⁴⁰ Dissertação da Maria Izabel Cabral da Silva⁴⁰, com o título: A Intergeracionalidade Quilombola: O caso da Comunidade Adelaide Maria Trindade Batista em Palmas – Pr, Disponível em: <https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5837/5/Maria_Isabel_C_Silva_2021.pdf> Acesso dia 8 de out.de 2023.

conta sobre a mãe, sempre ocupada com os afazeres domésticos que envolviam a família (abastada) para a qual trabalhava de empregada doméstica. A mãe, por 55 anos servindo uma família, realizando do trabalho necessário para que aquela família comesse, tivesse sua casa limpa, os filhos cuidados.... Tal como aparece no depoimento, não tem memórias na mãe na infância. Os padrões da mãe convertidos em padrinho (chamado de pai) e em madrinha, a qual ela, deveria cuidar e amar. Afirmo que os filhos dos padrinhos eram como irmãos; ela considerada, filha de criação. Quando nos voltamos para a forma como se constituíram as relações entre estas famílias que tinham empregadas que permaneciam por toda uma vida com famílias nas quais estava garantida a proximidade, certa forma de afetividade e elementos que, coligavam estas relações ao passado escravista.

Certamente que um trabalho etnográfico não temos a pretensão de traçar um perfil psicológico dessas mulheres, tão pouco divagar sentimentos que nutrem por não termos acesso às suas impressões o que queremos é a partir do relato e identificar esse estar junto vivido no interior da casa sabemos que era uma prática corrente no qual antes das dificuldades de manutenção das famílias entregar os filhos para viverem nas fazendas na região dos quais se transformavam em filhos de criação (MARQUES, 2008, p. 71-72)

Considerada filha a semente baobá Adriana narra que,

[...] Tinha vergonha assim dela ter essa condição justamente porque eu estudava com gente que tinha mais poder aquisitivo. Então era bem complicado para mim lidar com isso, eu morava com eles e morava nos fundos da casa deles: falavam meia-água. Não podia levar os colegas" [...] A gente é muito nova toda essas coisas elas pesam demais. Hoje eu com a maturidade que a gente tem que ver tudo isso. Era muito pequeno perto da importância que a gente tem coisas hoje, mas na época era assim. Eu era deles, que era assim que funcionava né. Para compreensão do esforço que ela tinha comigo para me dar todas as coisas sempre. Assim na medida do possível enquanto criança sempre muito bem vestidinha, bem calçada, com joiinha. Assim na adolescência também ela tentou manter isso[...] (EN Mulher-Baobá Adriana, 15 de novembro, 2021)

Qual é a medida para que consigamos narrar nossa história? A fala da entrevistada mostra, de alguma forma, a violência em que estas condições de proximidade existencial e subordinação posicionavam o sujeito: a vergonha pelo trabalho realizado pela mãe, a convivência com pessoas que tinham outra posição de classe e as dificuldades para se incluir um mundo no qual a única possibilidade era ser por subordinação, a impossibilidade de levar os colegas em casa porque a sua casa não era sua: era dos padrinhos. Naquele lugar, ainda que dissesse que era tratada como alguém da família, não poderia sentir-se em casa. A casa era estranhamento: distanciamento da mãe (que precisava fazer o trabalho doméstico), e que produzia vergonha pelo tipo de trabalho que desenvolvia; estranhamento em relação àquela família, "pais de criação" que permitiam que estudasse em escola particular, mas que impediam que tivesse amigos e os levasse a sua casa.

A entrevistada diz "eu era deles". Na frase ela é conferida em alguém, em algo que pertence a alguém. O que significa pertencer a? Que forma histórica esta situação nos traz a memória? Como é possível que no século XX uma pessoa pertencesse a uma família? Como as formas de escravização se transfiguram em outras relações de poder e subordinação? Repete-se o que fora afirmado pela Mulher-Baobá Ingrid, andar "bem vestidinha" era, na experiência do paradoxal narrado pela mulher, símbolo da tentativa da mãe de preservar aquela filha, ainda que para isso tivesse trabalhado por mais de cinquenta anos no mesmo lugar. Como emoldurar essa narrativa?

A presença de pessoas empobrecidas na sociedade que não tinham vínculos consanguíneos era comum em um determinado período da história o qual podemos dizer que a as "mães solas" precisavam trabalhar, assim as famílias que tinham maiores posses, criavam os filhos/filhas das "mães solas" como objetivo de elas atenderem melhor os afazeres domésticos. Demorou um certo tempo para compreender as questões de preconceitos que ficou visíveis na sua narrativa

[...] Na adolescência daí você já difere muito porque você já convive com outras pessoas de outras classes bem melhores né. E quando se fala em Escola Estadual Suplicy já é uma escola com patamar acima. Daí eu comecei a sentir os reflexos do que eu nunca tinha percebido que foi a questão de preconceito de ser menosprezada [...] (EN Mulher-Baobá Adriana, 15 de novembro de 2021)

Para Del Priore, (2012, p. 233) apresenta questionamentos que ajudam o que foi narrado

O lugar da criança negra na sociedade brasileira terá sido sempre o mesmo? Como terá ela passado do anonimato para a condição de cidadã, com direitos e deveres aparentemente reconhecidos? Numa sociedade desigual e vinculada por transformações culturais, teremos, ao longo dos tempos, recepcionado nossas crianças da mesma forma? Sempre choramos, do mesmo jeito, a sua perda? Que marcas trazem as crianças de hoje, daquelas que as antecederam no passado? Mas há, também, questões mais contundentes tais como, por que somos insensíveis às crianças negras que mendigam nos sinais? (DEL PRIORE, 2012, p. 233)

Consideramos que a semente/infância poderá ser o espelho de um país, mas, como todos os espelhos, é um instrumento polido e trabalhado, para que possa representar não só a imagem do que está refletido, mas, aquilo que o objeto gostaria de parecer. A semente-infância passaram e ainda hoje passam por desafios complexos de uma cultura eurocentrada. Então o lugar da criança negra/preta e parda não era o mesmo lugar das crianças brancas?

Algumas sementes saltaram etapas, não tiveram a infância da maneira que nós conhecemos nos dias de atuais. As sementes que têm vivências/experiências de algumas décadas viveram sua infância num solo que faltavam nutrientes, adequados para germinação e desenvolver-se em brotos e torna-se uma árvore gigante, robusta e empoderada.

As vivências da infância da Mulher-Baobá Selvina, se aproximam de Carolina Maria de Jesus, que conseguiu estudar somente até a segunda série do primário e foi morar em São Paulo na primeira favela. Carolina de

Jesus no livro Quarto de Despejo, diário da vida cotidiana em relação a uma crítica social que ela fazia da realidade da favela, "o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças" (JESUS, 2014, p. 29).

A infância da mulher baobá Rita de Cassia, nas suas memórias durante a entrevista manifesta expressões e emoções que de acordo com Antoinette Errante (2000, p. 159) destaca alguns comportamentos que podem estar presentes e aqui destacamos o comportamento de mitigação: uma palavra ou frase que tenta minimizar a importância ou a dor de uma experiência

Quando a semente de baobá Rita disse que viveu sua infância

na favela do Rio de Janeiro, pois, é carioca de nascença, e teve uma infância pobre, pais nordestinos, avós maternos eram negros filhos de escravizados libertos, uma miscigenação entre negros e indígenas. Os avós paternos eram de origem portuguesa. Afirmou que tem dificuldades em rememorar sobre seus avós paternos, seu pai pouco falava sobre seus ancestrais (EN Baobá Rita de Cássia, 18 de novembro de 2021)

No Rio de Janeiro segundo a Baobá Rita nunca teve dissabor por ser negra, sempre morou na favela até a vida adulta. A baobá Rita narrou que o preconceito esteve presente quando vivenciou na escola dos anos iniciais ao ser trabalhado pela professora um desenho sobre profissões e a professora a questionou: - "você está desenhando uma enfermeira"?

A semente baobá disse que estava desenhando

[...]uma médica, a profissão que ela sonhava na infância para o futuro. Eu lembro do vestido que ela usava naquele momento. Mas, a professora disse que nunca tinha visto uma médica negra. Bom eu não sei se foi isso ou não, mas eu não voltei a cogitar a questão de ser médica[...] (EN Baobá Rita de Cássia, 18 de novembro de 2021)

As marcas que o preconceito deixa em uma semente na infância poderá influir em seu futuro, as pessoas não dimensionam ainda o peso das palavras e dos gestos excludentes, pois, o preconceito aparece nas vivências e pode fazer

desistir dos sonhos. Estas estratégias estruturam a sociedade racista, enfraquecem o outro e, tiram a liberdade de escolha. Este comportamento da professora está presente ainda em pleno século XXI, onde ocorre a “valorização dos mais fortes, dos mais belos, dos mais competentes, sem que atente para o “mais”, é muito perigoso” (BENTO, 2005, p.7). Pois, o lugar de negro é “construído a partir das dimensões socioeconômicas, mas também de protagonismo político” (GONZALEZ, HASENBERG, 2022, p. 12).

Para (GONZALEZ, HASENBERG, 2022, p. 10). O termo “lugar” nos remete a uma dimensão muito crucial das desigualdades raciais, e a mãe da semente de baobá Rita de Cássia tinha uma certa preocupação com seus filhos. Ao olharmos para o conjunto das informações fornecidas pelas Mulheres-Baobás percebemos que as raízes das Mulheres-Baobás não tiveram um solo fértil para que pudessem absorver os micronutrientes e os macronutrientes. Todo o movimento da sociedade era para que as pessoas negras esquecessem suas raízes, sua origem. Podemos chamar de micronutrientes de infraestrutura e a estrutura da educação das sementes.

[...] Você é um Baobá. Cada árvore eu criei para uma coisa, lembre-se. Além do mais, você foi o primeiro que eu criei, tem algo muito especial nisso, te dei tudo o que eu tinha de bom, mas depois eu fui me aprimorando. Olhe, a sua semente leva 10 anos para germinar. Isso é muito tempo! (IANCOSKI, 2020, Lenda Baobá)

O pensamento decolonial se coloca como uma alternativa para emergir a voz e visibilidade das sementes subalternizadas e oprimidas que durante muito tempo foram silenciadas.

Para mostrar que as sementes/infâncias são potentes expomos a música do Emicida

Veja só, veja só, veja só, veja só.
Mas como o pensar infantil fascina
De dar inveja, ele é puro, que nem Obatalá
A gente chora ao nascer, quer se afastar de Alla
Mesmo que a íris traga a luz mais cristalina.
Entre amoras e a pequenina eu digo: as pretinhas são o melhor
que há
Doces, as minhas favoritas brilham no pomar

E eu noto logo se alegrar os olhos da menina
Luther King vendo cairia em pranto
Zumbi diria que nada foi em vão
E até Malcolm X contaria a alguém
Que a doçura das frutinhas sabor acalanto
Fez a criança sozinha alcançar a conclusão.
Papai que bom, porque eu sou pretinha também

Fonte: Emicida. AMORAS⁴¹.Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/amoras/>
Acesso dia 10 de set. De 2022.

2.3. Os Brotos da Baobá: juventudes negras

A palavra “broto” apresenta dois significados. Por um lado, é um caule que acaba de brotar de uma planta. Por outro lado, é uma pessoa, mais especificamente o filho ou filha de alguém e os antropólogos

estudam as relações sociais entre os indivíduos e as instituições formadas na sociedade. Uma das instituições mais enraizadas é a família. Se um homem e uma mulher têm um descendente, este seria seu filho ou seu broto, algo como seu descendente biológico. 1) o filho que terá a responsabilidade dos pais; 2) o herdeiro legítimo dos bens dos pais; 3) aqueles que recebe um legado emocional no núcleo familiar. Portanto, há três dimensões relacionadas à ideia de broto: um plano organizacional da própria família, um plano legal que permite organizar a herança dos pais e, por último, um plano afetivo e emotivo (Editora Conceitos, outubro, 2016, s/p.)

Então, metaforizando com a Lenda do Baobá, chamaremos as juventudes das Mulheres-Baobás que fizeram parte da pesquisa de “brotos do Baobás” que vieram de seus ancestrais de forma longa e continuam desafiando o tempo e os homens e mulheres eurocentrados lutando por uma sociedade decolonial

O continente africano aparece para na representação das mulheres Baobás como simbologia, memória ancestral invenção que significa a

⁴¹ Em "Amoras", Emicida conta a história de uma garotinha que reconhece sua identidade a partir de uma conversa com o pai, debaixo de uma amoreira. Com referências à cultura e à resistência negra, o livro fala sobre representatividade e negritude com as crianças. Disponível em: <https://lunetas.com.br/emicida-lanca-livro-infantil/>. Acesso dia 19 de out. de 2022.

capacidade de reexistir.

Os conceitos de juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais adquiriram contornos diferentes.

Ao levar em consideração que a conceitualização da juventude passa necessariamente por seu enquadramento histórico, na medida em que está categoria é uma construção histórica, que responde a condições sociais específicas que se deram com as mudanças sociais que produziram a emergência do capitalismo, o qual outorgou o denominado espaço simbólico que tornou possível a juventude que é concebida como uma categoria etária (categoria sociodemográfica), como etapa de amadurecimento (áreas sexual, afetiva, social, intelectual e físico/motora) e como subcultura.

O conceito de 'condição juvenil' tem muitas acepções. Uma delas é a que acentua os traços comuns, não obstante as dimensões de espaço, tempo e a pluralidade de condições dos que nasceram em um mesmo período histórico; uma segunda dá ênfase às desigualdades de classe, de gênero e de cor; e outra ainda ressalta as características e os padrões culturais. Poderíamos dizer que todas essas perspectivas enriquecem o conceito, ainda que de forma diferente (MINAYO, 1999, p. 14).

A noção mais geral e usual do termo juventudes, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do sujeito e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável.

Enfrentamos diversos problemas na sociedade relacionados as juventudes. Em 1979, Lélia Gonzalez já discutia o tema da Juventude e dizia que

Na medida em que mais da metade da população brasileira é **construída** por menores de 21 anos, e que a maioria da população brasileira é, na realidade, afro-brasileira, constata-se o grave problema em que se encontra a juventude negra: o desemprego (aberto ou não). Existem atualmente no Brasil

cerca de 16 milhões de adolescentes e jovens totalmente entregues à própria sorte, sem a menor perspectiva de vida; ou melhor, sua única perspectiva se constitui no banditismo e na morte. Desnecessário dizer que são negros em sua maioria. Conhecidos popularmente como “pivetes”, “trombadinhas” etc., sua idade varia de 11 aos 17 anos. [...] (GONZALEZ, 1979, p.2).

Será apropriado o conceito sociológico de condição juvenil. Nesta esteira, MINAYO (1999) explicita que:

O conceito de 'condição juvenil' tem muitas acepções. Uma delas é a que acentua os traços comuns, não obstante as dimensões de espaço, tempo e a pluralidade de condições dos que nasceram em um mesmo período histórico; uma segunda dá ênfase às desigualdades de classe, de gênero e de cor; e outra ainda ressalta as características e os padrões culturais. Poderíamos dizer que todas essas perspectivas enriquecem o conceito, ainda que de forma diferente (MINAYO, 1999, p. 14).

Os conceitos de juventudes correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas adquiriram delimitações diferentes.

Erroneamente classificam os jovens por faixa etária, no sentido demográfico do termo, mas, não é o suficiente para compreender as juventudes que a sociedade brasileira

Traremos neste texto também a ideia de juventude segundo Maffesoli “tudo isso que se desenvolve nos “subterrâneos” sociais, como vem apontando Maffesoli (2006), trata-se de um novo sensorium sob o qual as juventudes se movem e se manejam”. Aliás, não se resume às juventudes. Há de se perceber que o mundo responde à outra perspectiva que não mais a das certezas de tudo, do sucesso do futuro, da centralidade do indivíduo e do indivisível. Há de se perceber uma mudança paradigmática que define a Pós-Modernidade, como defendem alguns estudiosos da temática.

As mortes dos jovens e das jovens negras é um problema que enfrentamos no dia a dia que ainda tem suas origens nos mais diversos tipos de racismos.

Mostraremos as Juventudes das Mulheres-Baobás que fizeram parte da

pesquisa. As três fotos abaixo mostram a Mulher-Baobá Adriana que desde muito cedo ingressou no mundo do trabalho, ela é professora de música do (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - CAIC⁴²) Atilio Francisco Xavier Fontana há vinte seis anos atrás.

O broto da juventude Mulher-Baobá Adriana Lima no Conservatório Musical de Francisco Beltrão e abaixo está a fotografia da formatura em música.

Fotografia 15: Formatura em Música Adriana



Fonte: (EN, mulher-Baobá Adriana, 15 de nov. de 2021).

⁴² O modelo CAIC foi implantado visando o desenvolvimento das ações do Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – PRONAICA, instituído pela Lei 8642/93 de 31 de março de 1993. Sendo implantado pela Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, Lei Municipal nº 2120 de 26 de outubro de 1993, vinculado à Secretaria Municipal de Educação. O CAIC Atilio Francisco Xavier Fontana é considerado gigante e majestoso não somente por sua estrutura física modelo PF20 com uma área total construída de 5.541,23 m², mas também pelo grandioso trabalho nele desenvolvido. Atuou com a finalidade de "integrar e articular ações de apoio à Criança e ao Adolescente" através da aplicação da pedagogia da Atenção Integral preconizada pelo Governo Federal, articulada pela Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão e pelo Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (Francisco Beltrão, 2021, p. 20). Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Recanto Feliz – Educação Infantil e Ensino Fundamental, estruturada conforme a reforma do Ensino Fundamental de 09 (nove) anos através da Deliberação 03/06 do CEE (Conselho Estadual da Educação). Esta Proposta foi elaborada pela comunidade escolar (Equipe Pedagógica, funcionários, pais, alunos e representantes da comunidade) de acordo com as orientações da SMEC e do Núcleo Regional de Educação, para nortear o trabalho pedagógico da instituição. Disponível em: <https://www.franciscobeltrao.pr.gov.br/secretarias/educacao/escolas/recanto-feliz/> Acesso dia 7 de out. de 2022.

O broto de baobá Adriana Lima formou-se em violão popular e Teoria e solfejo musical, teoria musical, história da música no Conservatório Musical de Francisco Beltrão e abaixo está a fotografia da formatura em música. Somente depois de se formar na faculdade. Ela teve a oportunidade de pagar e fazer aulas de violão no Conservatório Musical de Francisco Beltrão. "Eu sempre quis fazer aula de música e aprender a tocar instrumento, mas até então não tinha condições de pagar pelas aulas".

Durante a EN a Mulher-Baobá Adriana falou de uma publicação no Jornal de Beltrão e encaminhou a matéria e disse que poderia ser usada e que talvez pudesse complementar e conhecer os percursos da Mulher-Baobá⁴³.

As fotografias são suportes de memórias e suscitam narrativas que potencializada pela organização e pela lógica que ordena as fotografias em uma série que talvez estivesse num álbum de fotografias, ou em uma gaveta de memórias, para (Kossoy,2013, s/p), "precisamos da fotografia pelo que ela representa na construção de uma identidade e da memória coletiva e individual".

A fotografia abaixo mostra um dos corais organizados pela mulher-baobá Adriana que na sua entrevista (EN), disse que era responsável pelo coral da cidade de Francisco Beltrão.

⁴³ Adriana Pinto de Lima: Uma vida dedicada aos corais Disponível em: <https://www.portaldebeltrao.com.br/public/noticias/4094/adriana-pinto-de-lima-uma-vida-dedicacao-aos-corais/24> Acesso 15 de nov. de 2021.

Fotografia 16: Trabalho do broto de baobá Adriana - Corais de Música



Fonte: Acervo pessoal, mulher- Baobá Adriana, 15 de novembro de 2021.

Ahh o coral do Caic, 'Coral Sonho de Canção' me emociona lembrar, tantas crianças que eram pequenas e hoje são adultos bem-sucedidos na vida, quantas crianças cantaram comigo nestes anos de coral, quantas alegrias passaram comigo. Tivemos muitos momentos, altos e baixos, mas sempre tive o maior cuidado com os corais. Teve anos que eu tinha 160 alunos no coral do Caic de várias idades fizemos apresentações em muitos locais e em outros municípios. Todos os eventos importantes que aconteciam na cidade o coral era convidado para se apresentar. Eu e a professora Arlete de Bastiani, professora de Artes no Caic éramos as responsáveis pela organização das apresentações do Auto de Natal da Escola, durante muitos anos cuidamos de toda a preparação e fazíamos a magia acontecer" (EN, mulher- Baobá Adriana, 15 de novembro de 2021)

O broto de baobá Adriana, atualmente é professora, com formação em Magistério, licenciatura em Geografia pela UNIOESTE, com pós-graduação em: O Ensino da Geografia (UNICENTRO) e pós-graduação em Arte-Educação na (UNIOESTE). Faz parte do Quadro Próprio do Magistério – QPM, do Estado do Paraná atuando no Colégio Estadual Tancredo Neves no município de Francisco Beltrão.

Fotografia 17: O tempo e o trabalho



Fonte: Acervo pessoal, mulher- Baobá Adriana, 15 de novembro de 2021.

De acordo com Errante (2020) as lembranças da Mulher-Baobá Adriana, não ocultaram sua história trouxe de forma singela e com saudades do passado dizendo que foram tantas crianças que passaram na sua vida enquanto professora de música. Percebemos que a Mulher-Baobá Adriana fala mais de ser professora de Música e menos de ser professora de Geografia, pois, sua vida é dedicada à música

Nossa memória permite-nos tanto lembrar quanto esquecer. A qualquer momento, nós podemos lembrar, esquecer, e reinventar certos aspectos de nosso passado pessoal e coletivo porque " cada uma das memórias individuais e.... coletivas tenta validar a visão do passado que se tornou importante... no presente (ERRANTE, 2000, p. 153)

Qual é a medida para que consigamos narrar nossa história? A fala

da entrevistada mostra, de alguma forma, a violência em que estas condições de proximidade existencial e subordinação posicionavam o sujeito: a vergonha pelo trabalho realizado pela mãe, a convivência com pessoas que tinham outra posição de classe e as dificuldades para se incluir um mundo no qual a única possibilidade era ser por subordinação, a impossibilidade de levar os colegas em casa porque a sua casa não era sua: era dos padrinhos. Naquele lugar, ainda que dissesse que era tratada como alguém da família, não poderia sentir-se em casa. A casa era estranhamento: distanciamento da mãe (que precisava fazer o trabalho doméstico), e que produzia vergonha pelo tipo de trabalho que desenvolvia; estranhamento em relação àquela família, “pais de criação” que permitiam que estudasse em escola particular, mas que impediam que tivesse amigos e os levasse a sua casa.

A entrevistada diz “eu era deles”. Na frase ela é conferida em alguém, em algo que pertence a alguém. O que significa pertencer a que forma histórica esta situação nos traz a memória? Como é possível que no século XX uma pessoa pertencesse a uma Família? Como as formas de escravização se transfiguram em outras relações de poder e subordinação? Repete-se o que fora afirmado pela Mulher-Baobá Ingrid, andar “bem vestidinha” era uma experiência do paradoxal narrado pela mulher, símbolo da tentativa da mãe de preservar aquela filha, ainda que para isso tivesse trabalhado por mais de cinquenta anos no mesmo lugar. Como emoldurar essa narrativa?

A força da violência racista, advinda de uma criança com ela. Quando a menina a qualifica como suja. Naquele momento, a entrevistada não entendeu a manifestação da outra criança. Como era possível que a outra menina a visse como suja? Como era possível ser preterida na atividade de brincar? O que elas tinham de diferente que impedisse que realizassem atividades cotidianas no dia a dia da criança? Tais questionamentos não podiam ser respondidos por aquela menina. No entanto, o racismo estava presente naquelas relações, nas práticas diárias,

organizando e emoldurando a forma como as relações se estabeleciam.

Tais fatos demonstram que como a brancura se mostra como a regra de identidade, aquele que não precisa se perguntar sobre sua identidade étnica.

O branqueamento da nação brasileira era preocupação dos médicos, intelectuais, advogados e políticos brasileiros que entusiasmaram com a ideia de que a raça branca era superior e estimularam a vinda dos imigrantes europeus para ocorrer a miscigenação no Brasil. A pergunta era: Como construir um projeto de nação respeitável num país com tantos negros? (BENTO, 2005, p.29)

Para a autora as políticas de branqueamento se constituíram em um projeto de país que se mostra e que estrutura a sociedade racista que se distribui sobretudo o tecido social. A diversidade racial produz um repertório que traz enriquecimento e que poderia ser motivo de orgulho e não de discriminação pois foram também os povos negros que contribuíram para o desenvolvimento do país com sua cultura, ciência e tecnologias. Os estudiosos sabem que o berço do desenvolvimento da humanidade é África.

E em pleno século XXI, ainda temos no Brasil diversos obstáculos e entraves para resolver pois, de acordo com os dados da UNICEF

31 milhões de meninas e meninos negros e 140 mil crianças indígenas. Eles representam 54,5% de todas as crianças e adolescentes brasileiros tem feito progressos significativos na melhoria da vida de suas crianças. Reduziu os índices da mortalidade infantil, o número de famílias que vivem com renda inferior a um dólar; melhorou e intensificou as políticas de ensino e de assistência às famílias. Contudo, isso ainda não está acontecendo para todas as crianças que vivem no País, especialmente quando observamos a situação de meninas e meninos indígenas e negros. Dentro de uma perspectiva de direitos humanos, essa igualdade é fundamental para que todos se beneficiem igualmente dos progressos alcançados (UNICEF, 2010, p. 4)

Estudar ainda é um direito que precisa de políticas públicas e da vontade dos governantes, pois as desigualdades entre negros e brancos destaca-se pela sua e que vem ao encontro para diminuir as diferenças entre a escolaridade média das duas populações é uma das várias maneiras

de sua manifestação, a exemplo das discrepâncias observadas nas taxas de abandono e evasão, nas trajetórias escolares, marcadas ou não mais frequentemente pela reprovação, e no desempenho em testes de proficiência.

Nos últimos anos vivemos o desmantelamento das universidades e escolas públicas e que são geridas por organizações privadas que acabam enfraquecendo as conquistas dos movimentos negros. Ainda hoje vivenciamos as dores do preconceito carregadas e sentidas na pele, percorrendo o passado em contraponto com os mitos de cordialidade da democracia racial.

Ouvir a narrativa da Mulher-Baobá Nara mostra que sua infância e juventude foram fases de ingressar no mundo do trabalho com o objetivo de garantir a sobrevivência e minimizar as necessidades básicas.

"[...]minha vida inteira eu trabalhei como empregada doméstica. Então, minha mãe nos criou assim, se eu tinha aula no colégio à tarde eu ia ao trabalho de manhã ou se eu tinha aula no colégio de manhã eu ia para o trabalho à tarde. Em casa de família e raríssimas as vezes que eu fiquei em casa digamos mais estudando. Eu trabalhei muitos anos numa casa de família e eu só saí de lá quando eu entrei na faculdade [...]" (EN, Nara, 20 de novembro de 2021)

Ser estudante e trabalhar de empregada doméstica é vivenciar dupla jornada. Podemos ressaltar que algumas mulheres lembraram fragmentos da infância, da adolescência e fase juventude.

Referir a infância e juventude das Mulheres-Baobás é um pouco complexo pois, de acordo com Bourdieu

[...]juventude, ou ainda na filosofia, de Platão e Alain que designava a cada idade uma paixão específica: à adolescência o amor, à idade madura a ambição. A representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos. Vemos isto muito bem no caso do esporte, por exemplo, no rugby, com a exaltação dos "bons rapazes", dóceis brutalhões dedicados à devoção obscura da posição de "avantes" que os dirigentes e os comentaristas exaltam

("Seja forte e cale-se, não pense"). Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre os sexos) lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar (BORDIEU, 1983, p.1)

Deste modo, a memória das diferentes fases da vida também é encharcada da forma como cada sujeito a reestrutura a partir do momento presente.



Minha corpa só
Minha corpa só
Livre, tenho duas cabeças como o pássaro africano

Sanhofa

Eu olho pra trás e reconheço o futuro
Ficando no agora resplandece o amanhã

Sou forte ainda como a folha. Danbã
Quem orienta e guia nunca erra a direção

Sou uma árvore inteira de olho atento e pé no chão
Cato Prado

3. O PILAR DO MUNDO: MULHER, NEGRA, DOCENTE E OS DESAFIOS DE (RE)EXISTÊNCIA

Eu-Mulher
Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

EVARISTO, <https://www.revistaprosaveroearte.com/conceicao-evaristo-poemas/>
Acesso dia 03/07/2023.

Numa sociedade constituída pelo sexismo com estruturas patriarcais que inferiorizam e silenciam a mulher na formação societal a escritora Conceição Evaristo, no poema: Eu mulher, afirma a potência da força feminina e evidencia que as mulheres são motores da evolução humana, já que são o solo que abriga a semente do novo. Assim, essa percepção poderia ser encaminhada em uma perspectiva essencialista se considerássemos em uma perspectiva biologizante e fizéssemos analogia a capacidade da mulher de gerar um novo ser, parir e cuidar. Mas, essa compreensão, poderia ser alargada se pensarmos a mulher como força motriz criadora de mundos. talvez fosse essa é uma possibilidade

No poema, o eu-lírico se identifica como parte e representante dessa força feminina: escreve de si mesma e exalta as vozes das outras mulheres negras. Com imagens que remetem para a fertilidade, o poema

apresenta a gestação como um movimento quase divino e mágico: "inauguro a vida". Nos versos do poema fortalecem que as mulheres são a origem e o motor da humanidade, já que são o "abrigo da semente" através do qual tudo nasce, cresce, floresce e reproduz deixando seu legado para a humanidade. Teceremos nessa seção, os fios de baobá que exaltam e conectam existência e re(existência).

As narrativas sobre o enegrecer à docência com práticas pedagógicas e os movimentos antirracistas, fortalecendo-se como sobrevivente, insurgente instauradora de formas de ser que permitam a existência a partir de novas formas de existir.

3.1 Mulher Negra: existência e re(existência)

Para compreender e conhecer o Brasil, faz-se necessário destacar que de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE 54% da população brasileira se autodeclara negra. Desse total quase um terço (27,8) é formada por mulheres negras. Milhões de mulheres que ainda seguem na base da pirâmide. Isso porque, ser mulher já não é tarefa fácil no nosso país, ser mulher negra exige esforço e resiliência para re-existir.

Compreender o Brasil é interseccionalizar a sociedade com os mais diversos marcadores: gênero, raça, classe, sexualidade. Destacamos a obra de Ângela Davis "Mulheres, Raça e Classe", que aborda as questões de racismo, o movimento antiescravismo e de Lélia Gonzalez "Primavera para as rosas negras" que aborda a selvageria branca do racismo, do tráfico transatlântico, da escravização dos filhos da África, do movimento negro, e do feminismo negro entre outras imagens que ajudam a pensar. Nesse interim cabe destacar marcos históricos como Dia Internacional da Mulher Negra, Latina e Caribenha 25 de julho a data surgiu a partir de um encontro de mulheres negras, latinas e caribenhas na República Dominicana, em 1992.

No Brasil, nesta mesma data, durante o primeiro governo da Presidente Dilma Rousseff foi decretado o Dia Nacional de Teresa de Benguela e da Mulher Negra. Teresa de Benguela foi uma liderança feminina, quilombola, do século XVIII. Esses reconhecimentos são mais que a criação de uma data como

momento para relembrar determinado feito, pessoa ou situação. Tal questão implica em trazer para o cenário público histórias e narrativas que foram persistentemente obliteradas e olvidadas nas formas como a sociedade se organizou. É neste contexto que Conceição Evaristo no livro: Olhos D'água, denuncia violências vividas, silenciadas. Esta forma de escrita poética envolve sensibilizações, reinscrições, realocamentos que de qualquer forma permite emergir vozes, fantasmagorias que potencializam o existir.

Então podemos dizer que as mulheres negras desde início da colonização foram mulheres insubmissas.

Os mais altos frutos da civilização não podem ser extemporizados, nem podem ser desenvolvidos normalmente num curto espaço de trinta anos. Requer um longo e sofrido crescimento de gerações. No entanto, no mais negro período da opressão das mulheres negras neste país a sua história ainda não escrita é plena de lutas heroicas, luta contra vantagens assustadoras e devastadoras, tão frequentemente terminadas em mortes horríveis; para manter e proteger para que cada mulher guarde o mais prezado que a vida (HOLCKS, p.5,1981)

Assim, o poema ajuda a dialogar com a pesquisa:

Tornar-se árvore
Árvores não nascem árvores.
Tornam-se árvores raízes que desejam a grandeza
Tornam-se galhos brotos que aceitam a incerteza
Tornam-se frutos sementes que invocam a clareza
(DONATI e MARQUES, 2018, p.37).

O poema produz aproximações com Simone de Beauvoir quando ela diz: "Não se nasce mulher, torna-se mulher", (1967, p.9). Esta possivelmente seja a frase que traz provocações ao feminino e o insere na história. Beauvoir (1967) ungiu a cultura da possibilidade de compreender-se a si mesma, face a tema pungiu a história.

Assim são as mulheres negras, tornaram-se Mulheres-Baobás, como os galhos do Baobá. A árvore Baobá, como símbolo da africanidade, incorpora como vimos múltiplas prefigurações, subsidiadas, é claro, por suas qualidades naturais intrínsecas.

Fotografia 18- Árvore baobá de Recife



Fonte: Baobá em Recife (PE). Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/baoba/>. Acesso dia 08/06/23.

A árvore baobá é considerada no panteão das árvores a primeira como reza a lenda de Jéssica Iancoski

– Baobá, meu filho, entenda uma coisa. Não tem porque ficar se comparando com as outras árvores. Você é especial e único para mim. Você é um Baobá. Cada árvore eu criei para uma coisa, lembre-se. Além do mais, você foi o primeiro que eu criei, tem algo muito especial nisso, te dei tudo o que eu tinha de bom, mas depois eu fui me aprimorando. [...] isso não é justo, de jeito nenhum! Eu queria ser como as outras árvores que vejo pelo reflexo do lago. Deus então foi se enfurecendo porque Baobá não entendia a sua importância. E para que ele parasse de ver as outras árvores e se comparar com elas, Deus resolveu virá-lo de cabeça para baixo. E o que ficou para cima foram as raízes, enquanto a copa e as folhas do Baobá ficaram enterradas [...]" (IANCOSKI, 2020, grifo meu)

Observar os galhos dos baobás é compreender que as raízes aparecem de cabeça para baixo e, que os galhos parecem braços prontos ao abraço que conectam se com os ancestrais e com aqueles que virão.

Como fonte de conexão com a ancestralidade, Paulina Chiziane destaca a importância da árvore para os moçambicanos como símbolo de respeito e de ligação com os transcendentais:

Normalmente, fazemos uma oração na base de uma árvore. A oração para o transcendente é feita por uma razão muito especial que é a seguinte: A árvore para nós é o ser mais perfeito, com três dimensões em simultâneo, isto é, a árvore tem a raiz que está no fundo da terra, esse lugar sagrado chamado terra, onde dormem os nossos antepassados; o tronco e a sombra da árvore que representam o cotidiano, o dia a dia, que é a sociedade; e temos a copa da árvore, os ramos da árvore. Então, quando eu faço uma oração na base da árvore, estou me comunicando com três dimensões em simultâneo: o passado, que é representado pela raiz; o presente, que é representado pelo tronco; e pela sombra e o transcendente, que são representados pelos ramos. Por muito que eu junte as mãos e faça prece para o Divino, as minhas mãos são demasiadamente curtas. Então, eu tenho que pedir ajuda da árvore, ajuda do espírito da árvore para elevar a minha oração até o transcendente. Essa é uma das razões que faz com que, de maneira geral, o africano vá à igreja formal para fazer a oração aos domingos, mas, no momento mais sagrado da vida do africano, ele volta para fazer a oração embaixo da árvore. (CHIZIANE, 2021, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UnU1KrOXNJQ>>. Acesso dia 21 de setembro de 2023)

A partir da fala de Chiziane, e diante de uma cosmovisão conectada ela reafirma que uma árvore jamais morrerá transcendentalidade⁴⁴ e mostra algo incomum, que está além dos limites convencionais ou que é considerado superior. O transcendente é o que está além do conhecimento, sendo já forma de conhecimento.

⁴⁴ Transcendente é um adjetivo que demonstra algo que não é comum, que está além dos limites convencionais ou que é considerado superior.

O transcendente é o que está além do conhecimento concreto e que não se baseia somente em dados e conclusões metódicas. São sinônimos da palavra: sobrenatural, nobre, divino, sublime, extraordinário, superior, especial, celestial. Além destes, podem ser antônimos de transcendente: comum, ordinário, simplório, concreto, mundano. Também pode ser usado quando se faz uma referência a uma área de conhecimentos mais complexa, como a filosofia e a metafísica. Disponível em: <https://www.significados.com.br/transcendente/>. Acesso dia 22 de setembro de 2023.

Fazer movimentos de re(existência) é uma necessidade emergente. Uma discussão como propõe Lugones (2014, p. 4), “prescinde que as necessidades reais de “mulheres de cor” serão margeadas, dando espaço para um esvaziamento do seu protagonismo, como ocorre, por exemplo, quando negamos a noção de raça para dar espaço ao jargão em voga na atualidade “somos todos humanos”.

A condição racial demonstra que, em muitos espaços sociais são fronteiras

A condição racial demonstra que, em muitos espaços sociais, a presença dos negros encontra fronteiras. A fronteira a que me refiro não é só uma linha que determina um espaço, um marco físico natural de um sistema simbólico e, embora a conceituação jurídica acarrete por si só, os desdobramentos políticos, ela também encerra em si um significado que opera para além dos aspectos territoriais, definindo-se como marco de referência e identitária[...] (ROESCH, 2014, p.120-121)

As referências identitárias de ser mulher, negra, empobrecida são demarcadores que estabelecem fronteiras difíceis de serem ultrapassadas e que muitas vezes precisamos de energia vital retirada das raízes troncos/galhos e folhas do baobá que são as nossas ancestralidades. Tais apontamentos, determinaram as fronteiras que as mulheres negras não teriam acesso à educação, mas, mesmo no vazio dos bens materiais as mulheres “foram resistentes as dores” dos mais variados tipos de racismos.

Como povo negro, a nossa luta contra o imperialismo racial devia ter-nos ensinado que sempre que exista uma relação de dono / escravo, uma relação entre opressor / oprimido, a violência, o motim e o ódio permearão todos os elementos da vida. Não poderá haver liberdade dos homens negros enquanto eles defenderem a subjugação das mulheres negras. Não pode haver liberdade para os homens patriarcas de todas as raças enquanto eles defenderem a subjugação das mulheres. O poder absoluto dos patriarcas não é libertador(HOLCKS, 1981, p. 85)

Acreditamos que reclamar é um ato político de re-existir, como diz Carolina Maria de Jesus, “Somos um povo sem líder”. Temos que despertar. O país não pode continuar deitado eternamente em berço esplêndido. O nosso país é muito atrasado. O nosso país é muito atrasado (JESUS, 2014, p. 155). A

escritora, avalia o contexto no qual estava inserida, traz na frase o posicionamento social de quem vive um país desigual. A escritora Vilma Piedade, afirma que “ser resistentes as dores é um pensamento que serviu para justificar a escravidão, e estamos até agora no combate ao racismo no Brasil” (PIEADADE, 2017, p.29).

Somos todos e todas seres humanos, mas, as condições de vida são as mais desiguais, como por exemplo acessar o direito a educação as mulheres lutaram e resistiram as mazelas da sociedade. Assim, (ROECH, 2014, p.121) afirma que “[...]a condição de fronteira é conflagrada pela situação de estar na borda, na margem, na barra[...]”. O Brasil negligenciou os direitos das mulheres negras, pois, o centro tinha cor, classe e gênero.

É como afirma a mulher, negra, professora, escritora Vilma Piedade

O lugar de fala é um lugar de pertencimento. Falo desse lugar como Mulher Preta. Ativista, feminista. Feminista. Mas, também falo do lugar das minhas Ancestrais. Lugar marcado pela ausência histórica. Lugar-ausência designado pelo racismo. É desse lugar que digo não. Sororidade une, irmana, mas não basta para nós – Mulheres Pretas, Jovens Pretas. Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo (PIEADADE, 2017, p.17)

Os lugares de pertencer ao grupo das pessoas com Ensino Superior as Mulheres-Baobás, desde a infância até a fase adulta, pois, esses espaços são permeados pelo racismo e pela exclusão

[...]minha mãe saía de manhã cedo e voltava nove horas da noite já digo trabalhando em casa de família com a barriga molhada por que de tanto fazer faxina e lavar roupa. Trazia também professora, aquelas viandinha de comida, deixava de comer um pedaço da melhor carne já digo assim, e trazia para nós e trazia para pôr na vianda do meu pai[...] (EN Mulher-Baobá Nara, 20 de novembro 2021)

Na narrativa da Mulher-Baobá Nara ela usa vocabulários de sua região, fala em “viandinha” que significa qualquer espécie de alimento ou quitute. Deixar de comer o melhor pedaço de carne significa que as necessidades básicas eram complexas, pois como diz a Carolina Maria de Jesus,

[...]percebi que no frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne e comer. Não tomei café, ia andando meia tonta. A tontura da fome é pior do que do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro da estomago (JESUS, 2014, p.44)

As mais variadas formas de sentir fome permeavam a vida das Mulheres-Baobás, e podemos dizer que a fome era de alimentos, de moradia, de educação que podemos chamá-las de pedras no meio do caminho de cada uma de nós

[...]E então assim sabe professora Lucília é uma história assim maravilhosa [...] aos 8 anos de idade tinha uma professora que queria me adotar nunca esqueço dela. Chegou para minha mãe disse assim que eu queria tanto me adotar[...]a minha mãe falou porque a Nara a gente via [...]que é uma menina que se interessava. Uma menina que queria ajudar os outros. E ela pediu, mas assim que eu acredito que no sentido também empregada sabe eu estava deitada eu vou levar a negrinha trabalhar para mim como empregada aí a minha mãe pegou e falou não professora se a senhora quiser que a Nara vá te ajudar no final de semana quando a senhora precisar a Nara pode ir, mas, eu jamais vou dar um dos meus filhos[...] (EN Mulher-Baobá Nara, 20 de novembro 2021)

Na narrativa da depoente percebemos que em determinado momento a professora disse que queria dotá-la. No entanto, sem se preocupar se a família pretendia perder o pátrio poder. Na narrativa percebe-se a objetificação da criança. A professora imagina que a família negra não fazia investimento afetivo na criança: como se a coisa mais fácil fosse dar uma criança negra. Nara disse “que veio de uma família de dez irmãos e seus pais sempre priorizaram os estudos, compravam os materiais escolares em prestações para garantir o direito a educação”. E aos olhos das pessoas que pertenciam uma “classe mais favorecida”, acreditavam que podiam pedir os filhos e filhas dos pobres para “cuidar, educar, “ou seja, para servir como mão de obra barata.

A deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores do Rio de Janeiro teve uma breve participação na escrita do livro: Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada da escritora Preta-Rara,

2019, onde mostra os dados das empregadas domésticas no Brasil, segundo a deputada Benedita da Silva, ex-trabalhadora doméstica, "a realidade do Brasil é que existem 8 milhões de trabalhadores onde 93% são mulheres e 62% dessas mulheres são mulheres negras".

Nós Mulheres-Baobás passamos pela profissão de empregadas domésticas e rompemos o que fora programado quando falamos e agimos de forma resistente e insubmissas que não iremos mais lavar os pratos⁴⁵, limpar a casa, lavar e passar roupa. No imaginário social está presente a ideia de que devemos ocupar a função com baixa remuneração, com pouquíssima escolaridade, ocupando lugar de subserviência. Maya Angelou (2023, p. 65-66), alertou para a situação quando afirmou que "para sobreviver, as almas vastas precisam de refrescos e lembranças diárias de que têm o direito de existir, de ser o que quer que descubram ser".

As almas são eternas e a vida é uma breve passagem, "precisamos exercitar a prática de sair da estrada esperada e abrir um caminho novo [...]".

Assim disse Maya Angelou no seu livro: Não trocaria minha jornada por nada. Concordamos com a escritora que as Mulheres-Baobás podem escolher o que querem ser, mas, numa sociedade classista, sabemos que as escolhas da profissão perpassam posicionamentos sociais. A Mulher-Baobá Rita de Cassia

Mas por incrível que pareça meus maiores problemas com a Negritude foi na educação. Na infância embora fossemos muitos pretos dentro de uma mesma escola algumas passagens que me marcaram tanto que eu não as esqueci. Quando criança, não soubesse lidar com elas. [...] eu lembro aquela coisa [...]eu não vou dizer o nome dela que está gravando e eu não sei se ela está viva ou tá morta. Mas, eu lembro dela até hoje, eu lembro, eu lembro o vestido que ela usava e ela disse tão naturalmente! Que hoje eu vejo que na cabeça dela aquilo não era um problema, eu estava pintando uma médica ela perguntou: se eu ia ser enfermeira, eu falei que não, queria ser médica ela disse: Rita eu nunca vi um médico preto, não sei se foi isso ou não porque eu devia ter uns 7 ou 8 anos, mas, eu não

⁴⁵ Não vou mais lavar os pratos é um poema da Cristiane Sobral que está disponível no site do LITEAFRO: O portal da literatura brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/liteafro/24-textos-das-autoras/932-cristiane-sobral-nao-vou-mais-lavar-os-pratos>. Acesso dia 30 de setembro 2023.

voltei a cogitar a possibilidade de ser médica[...]" (EN, Mulher-Baobá, Rita de Cássia, 16 de novembro de 2021).

A sociedade nos vê com certo descrédito em relação as possibilidades de sermos quem desejamos ser. E como afirma Viola Davis, (2022, p.85) "a invisibilidade do combo formado pela negritude e pela pobreza é brutal". Para desmontar este combo são necessárias políticas públicas de reparação as condições sociais que estivemos submetidos.

Todas as Mulheres-Baobás almejaram o Ensino Superior, pois, acreditavam que seria um dos caminhos que poderiam mudar suas vidas.

A Mulher-Baobá Selvina narra que nos espaços de formação acadêmica "sempre fui a única aluna negra, agora a única professora negra e que ainda tem pessoas que quando chega na Escola onde trabalha dirigem-se a ela como se fosse a zeladora". Ser zeladora não é uma profissão inferior, mas, são as profissões que a sociedade racista, classista quer impor a população afrodescendente.

A educação é um privilégio de poucos e na narrativa da Selvina ficou evidente quando disse "somente eu estudei, se não tinha comida, não ia para escola", parece que sua irmã fazia um movimento de resistir, denunciava as feridas do Brasil. Como diz a Carolina Maria de Jesus (p. 132) no livro Diário de Bitita, "elas têm possibilidades de dividir o mundo. O dinheiro coloca o pobre de um lado, e o rico do outro" e os direitos a educação se restringem ao grupo branco.

Nesse sentido, o feminismo tem cor, nessa discussão, deveria ser compreendido, em sua materialidade, como o próprio feminismo decolonial. Da situação surge uma pergunta: há mesmo a necessidade de marcar a diferença ocasionada pela raça, cor, classe e feminismo e principalmente feminismo negro?

Apesar sob nenhum modo diminuir o sofrimento e as opressões dos homens negros escravizados, é óbvio que as duas forças, o sexismo e o racismo, intensificaram e aumentaram os sofrimentos e as opressões da mulher negra. A área que mais claramente revela a diferenciação entre o status dos escravos homens e as mulheres escravas é a área do trabalho. O homem

negro foi inicialmente explorado como um trabalhador dos campos; a mulher negra foi explorada como uma trabalhadora dos campos, uma trabalhadora das tarefas domésticas, uma criadora de animais e como um objeto dos assaltos sexuais dos homens brancos (BELL HOOKS, 1981, p.18)

Observamos ainda na sociedade contemporânea que a questão de gênero, cor e classe não foram desconstruídas.

E como diz a Mulher-Baobá Iracema

Mulher e negra pioraram ainda mais que “[...] nós moramos no município e tem pouquíssimas famílias negras, é um município branco totalmente, e a gente está infiltrado aqui. Muitas vezes eu chego em algum lugar em algum consultório eles perguntam: você veio de onde? eu falo venho lá de Ampére, mas, você nasceu onde? eu nasci lá em Ampére. Eu falo assim eu tenho que ter vindo lá da Bahia? Lá não sei de onde que parece que eu não deveria ter nascido aqui parece um certo preconceito (EN Mulher-Baobá, Iracema)

De acordo com a narrativa da Mulher-Baobá Iracema, ressalta que parece que no interior do Paraná não pode ter famílias negras, como se na região sudoeste não houvesse famílias negras. Para a narradora, aqui na região sudoeste do Paraná, muitas vezes as pessoas ficam impressionadas e perguntam a origem regional, indagam de onde vim? Parece que o negro vem somente da Bahia, falta conhecimento histórico para compreender a composição da sociedade paranaense.

Vejam abaixo uma obra de arte que retrata as mãos dos povos negros formando o Estado do Paraná. Esta obra de arte serve para lembrar aos brancos que a dívida é histórica. O panorama teria sido tomado da antiga Igreja do Rosário dos Pretos, onde um trabalhador negro “desbasta” uma laje durante uma reforma do templo.

Imagem 07: Pintura de Jean-Baptiste Debret.



Fonte: Disponível em: <https://www.plural.jor.br/colunas/fragmentos-da-historia/bens-culturais-afros-tombados-pelo-estado/> acesso em 2 de set. de 2023.

Mostrar a obra de Aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, Paisagem de Curitiba de 1827 (*Coritiba*), fortalece a ideia de que o navio negreiro veio cheio de pessoas pretas e pretos, mas, também cheio de muita inteligência, tecnologias

Na obra fortalece a ideia de que a presença dos povos negros baseadas no trabalho escravizado, foram o alicerce do desenvolvimento paranaense contribuindo com a ciência da arquitetura e das tecnologias que os povos negros dominavam com sabedoria

[...]a partir de 1853, quando foi criada a Província do Paraná – o território até então pertencia a São Paulo –, a escravidão de africanos marcou a região de forma mais acentuada. Tanto que, quase uma década antes da abolição, em 1876, o Paraná chegou a contabilizar 10.560 escravos –sendo mil na cidade da Lapa e 920 em Curitiba.” As relações de produção, baseadas no trabalho escravo, foram o alicerce do desenvolvimento paranaense a partir do final do século 18”, escreve o historiador Fernando Franco Netto. O historiador Romário Martins relata que em 1884 havia cerca de 6,7 mil escravos distribuídos em pelo menos 24 localidades do Paraná[...] ANTONELLI, 3 set 2021, s/p)

Os quilombolas dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX nos deixaram um patrimônio de prática quilombista. A nós negros e negras e não negros e negras

No século XXI o estado do Paraná, descortinou e deu visibilidade as 37 comunidades negras/quilombolas, passando pela Região Metropolitana de Curitiba (Município de Campo Largo) e chegando a cidades como Ponta Grossa, Castro, Guairá, Jaguariaíva, Foz do Iguaçu entre outros municípios destacados no mapa abaixo.

Mapa interativo 17: População Negra e Comunidades Quilombolas do



As comunidades quilombolas representam a Quilombo dos Palmares, pois, a prática de aquilombarem põe no centro da discussão permanente o problema da legalidade ou ilegalidade da escravidão e dos escravizadores.

Por tudo isto a quilombagem tem uma dimensão nacional, [...] articula nacionalmente, desde os primórdios da escravidão, atravessa todo o sistema escravista, desarticulando-o constantemente, e assume, muitas vezes, aspecto ameaçador para a classe senhoril, como no caso da República dos Palmares (MOURA, 1994, p. 25).

Então evidenciamos a presença dos povos africanos no Paraná e sua organização. Mas, ainda na atualidade o Paraná não se vê como um estado negro, pois, a cultura dos povos paranaenses é negar a sua origem

A presença dos africanos no Paraná ocorreu a partir do século XVII com a exploração do ouro de aluvião no litoral. No século XVIII, a mineração entra em decadência e a mão de obra africana foi remanejada para a agricultura e a pecuária. No século XIX, a mão de obra africana também foi utilizada na extração, beneficiamento e transporte da erva mate. Além dessas atividades, os africanos trabalhavam na extração de madeira para exportação. Os negros no Paraná, como em outras regiões do país, também buscavam formas resistir (MOURA, 1994, p.83)

Assim abrimos as cortinas para povos eurocentrados e reafirmamos que o Paraná é o Estado mais negro da região Sul do País,

e desvela para o Brasil e para o mundo uma parte importante de sua história. Símbolo de resistência de um povo, aos poucos, os quilombos começam a ser encontrados. O Estado que no imaginário coletivo era essencialmente europeu revela outra face (PARANÁ, 2008, p.108)

Destacamos algumas obras importante, aportes teóricos que proporcionam a visibilidade dos povos negros no Estado do Paraná, especialmente o papel das mulheres em seus espaços geográficos, entre tantos destaco o livro: o Paraná Negro de 2008 e a Tese Pedagogia de estar junto: Ética e estéticas no Bairro de São Sebastião do Rocio. A tese destaca mulheres negras, as quais podemos dizer pessoas ativistas e insubmissas: Dona Maria Arlete Ferreira, contadora oficial das histórias da comunidade, professora aposentada e a primeira mulher da comunidade quilombola a que cursou Ensino Superior

"[...] Nas conversas com as moradoras aparecem figuras femininas que tiveram atividades marcantes, liderança no bairro, lideranças na família, mulheres que subverteram os papéis sociais [...]" (MARQUES, 2008, p.121)

As mulheres que fizeram desempenharam diversas funções na

comunidade como: lavadeiras, parteiras, benzedadeiras, cozinheiras e professoras que buscaram formas de sobrevivências em uma sociedade inclusiva. Sobre a questão Werneck evidencia que

A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? Parcelas da sociedade estão dizendo para você que este é o cenário. As leituras que se faz dele traz possibilidades em extremos: pode-se ver tanto a mulher destituída, vivendo o limite do ser-que-não-pode-ser, inferiorizada, apequenada, violentada. Pode-se ver também aquela que nada, buscando formas de surfar na correnteza. A que inventa jeitos de sobrevivência, para si, para a família, para a comunidade. Pode-se ver a que é derrotada, expurgada. Mas, se prestar um pouco mais atenção, vai ver outra. Vai ver Caliban (o escravo de Shakespeare em A Tempestade) atualizado, vivo, pujante. Aquele que aprende a língua do senhor e constrói a liberdade de maldizer! Ao subverter a língua de Próspero — o homem branco —, Caliban — a mulher negra — abre caminho para a liberdade. Radicaliza o jogo. Expõe as regras do jogo que joga: conta o segredo. Descortina o mistério (Introdução do livro: Olhos D' Água, de Conceição Evaristo (Prefácio WERNECK, p.14, 2016)

A autora inventaria os lugares sociais ocupados pelas mulheres negras. Do mesmo modo mostra a resistência como condição existência e liberdade.

No decorrer das histórias as mulheres negras precisaram buscar formas de sobrevivências para si e sua família como podemos acompanhar no livro de Carolina Maria de Jesus: Quarto de Despejo no qual a escritora denuncia todas as formas de discriminação, todas as necessidades básicas de ser humano foram sequestradas a partir do momento que não temos "Casa de Alvenaria".

Passamos a morar na favela pelas questões históricas, políticas, econômicas. Como escreveu Carolina Maria de Jesus, (1986, p.160) "Já estava ciente que os ricos que nascem nas cidades pequenas podem nascer nus, mas os pobres têm que nascer vestidos de paciência para suportar as ignorâncias",

Na entrevista narrativa a Mulher-Baobá Rita de Cassia traz histórias de nas quais o esquecimento (da composição familiar que há antecedeu) é a regra cotidiana. Mesmo as recordações da infância são atravessadas por esse

processo.

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 3)

As memórias do nosso passado foram soterradas em meio a oclusão das ancestralidades. Nesse contexto, precisamos escrever novas histórias do nosso passado.

[...]A minha família da banda da minha mãe a minha avó era descendente de indígena, minha mãe contava que ela minha avó foi pega no mato para se casar com meu avô. O meu avô era negro, filho de escravo liberta, então meu bisavô foi escravo libertado então da banda da minha mãe tem meio que essa mistura indígena. Da banda do meu pai o meu avô, pai do meu pai ele era negro não tenho muito porque meu pai não falava muito dele quem falava mais dos meus avós paternos porque meu pai não conheceu não morreu quando meu pai tinha acho que nove anos de idade meu pai não falava muito, mas a minha vó ele até falava, mas, minha mãe falava muito da minha avó e a minha avó era essa coisa demais a minha avó ela era portuguesa que veio para o Brasil acho que quatro cinco anos de idade. Então ela cresce no Brasil, mas, ela intensa de nascimento dos Apóstolos também mas ela vem para o Brasil com a minha avó que a minha avó paterna a minha bisavó casa é com que eles chamam de brasileiro, e quando eles dizem brasileiro para mim fica muito difícil saber se é um mestiço meio esbranquiçado, ou se é um negro, enfim não tenho muita coisa assim, não tenho mesmo, meu pai quase nunca falava minha mãe falava muito da família dela e o que ela sabia da família do meu pai [...](EN, Rita de Cássia, 16 de novembro de 2021)

Na narrativa da Mulher-Baobá Rita, fica visível que nós não tivemos o privilégio de conhecer os que nos antecederam e que os mais próximos seriam os avós paternos e maternos. Podemos observar uma confusão na memória e nas narrativas e no momento de fala da Rita passa por um envolvimento afetivo que se externaliza por meio da entrevista narrativa.

Ao narrar que sua avó era indígena, e “foi pega no mato” para se casar com

seu avô⁴⁶ nos remete aos casamentos interracialis, mas, como diz Daniel Munduruku

[...] Apesar de ser comum esta situação nunca deixo de pensar nela. Acho esquisito quando alguém se orgulha de ter tido uma avó que foi escravizada por um homem que a usou durante toda uma vida e a obrigou a gestar filhos que provavelmente não queria. Penso que a maioria das pessoas não se dá conta de que esta narrativa é repetida tantas vezes e de forma poética para esconder uma dor que devia morar dentro de todos os brasileiros: somos uma nação parida à força. Foi assim com os primeiros indígenas forçados a receber uma gente que se impôs pela crueldade e pela ambição; uma gente que tinha olhares lascivos contra os corpos nus – e sagrados – das mulheres nativas [...] (MUNDURUKU, s/p. 2017)

O que podemos compreender na citação de Munduruku, é que essas narrativas históricas são naturalizadas, romantizadas escondendo as formas de violências vividas e experienciadas por nossas avós e são recontadas, por vezes, como um olhar do colonizador.

[...] O Brasil foi “inventado” a partir das dores de suas mulheres e é importante não esquecermos esta história para podermos olhar de frente para nosso passado e aprendermos com ele. O Brasil precisa se reconciliar com sua história; aceitar que foi “construído” sobre um cemitério. Apenas dessa forma saberemos lidar com criatividade sobre a verdadeira história de como “minha avó foi pega a laço [...]” (MUNDURUKU, s/p. 2017)

A narrativa de dores ancestrais, não tem a função de reativar uma ferida antiga. Esta nova construção permite que escrevamos histórias em que as violências vividas pelas mulheres negras e indígenas seja rememorada. Esse reconhecimento é fundante da identidade nacional e mostra que no passado podemos encontrar elementos para entendermos a estrutura desigual sobre a qual se assentou isso que conhecemos como história. E na visibilidade dos escritores e escritoras insubmissos, e por meio do vigor de sua escrita fazer o movimento recontar a história por meio das experiências dos povos negros e

⁴⁶ Casamentos indígenas, casamentos mistos e política na América portuguesa: amizade, negociação, capitulação e assimilação social. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/8NtfwpkYdxps33XTh6t3QhQ/?lang=pt>> Acesso: dia 30/07/2023.

negras e indígenas.

Assim amarramos alguns fios da história das Mulheres-Baobás, que dessas ancestralidades “pegas no laço”, coligando essa afirmação a um conjunto de violência que tal alocação carrega. Na história pessoal a frase “foi pega a laço” fez parte das narrativas familiares, recontada pelos tios pelos como característica de uma família interétnica. No entanto, é estarrecedor pensar que a avó, sofreu violências, teve seu corpo tomado pelo avô. Desse modo, na raiz da organização familiar está a história de uma mulher que não teve opção, “pega no mato” permaneceu em um casamento que se iniciou com ato de violência.

Precisamos, constantemente afirmar que os colonizadores escreveram uma versão da história que precisa ser rasurada para que novas escritas sejam possíveis. Essas outras versões da história têm que estar presentes nos espaços escolares, como prevê a Lei 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (1996), em seu artigo 28, inciso 4, esclarece a necessidade de incluir as diferentes culturas e etnias que formaram o povo brasileiro.

Na contemporaneidade, a Lei 10.639/03 altera a LDB 9394/96 em seus artigos 26 e 79. Algumas alterações, referem-se à obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira em estabelecimentos de ensino desde a etapa da Educação Infantil, Ensino Fundamental: anos iniciais e finais, Ensino Médio e Ensino Superior em instituições públicas e particulares e à inclusão, no calendário escolar, do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Na Lei 10.639/03 teve sua regulamentação legitimada pelo Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução n.º 1, de 17 de junho de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

O Parecer CNE/CP003/2004 respaldou a aprovação das Diretrizes. Faz se necessário mencionar a Lei 11.645 sancionada pelo Presidente da República em 10 de março de 2008, que ampliou a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira para História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no

currículo oficial da rede de ensino desde a Educação Infantil ao Ensino Superior.

Temos diversos aparatos legais, pedagógicos que podemos fazer uma educação antirracista usando a Pedagogia do Baobá que o professor, filósofo, pesquisador e escritor Eduardo David de Oliveira, (UFBA/FACED diz em sua Tese Filosofia da Ancestralidade,

Pedagogia do Baobá⁴⁷ visa esta construção como um encontro consigo e com o outro, utilizando-se de uma semiótica produzida em território próprio, valendo-se dos valores forjados na história da comunidade. É assim que o negro-africano forja a si mesmo e, por força da coragem do enfrentamento de si, renasce no Outro, tendo sido ele e o Outro transformado numa dialética de amor (OLIVEIRA, 2021, p. 47)

E precisamos registrar que nos períodos de 2018 a 2022, os direitos dos povos indígenas e dos povos negros estavam ameaçados por interesse de uma população eurocentrada que detinham cargos e estabelecia acordos políticos para manter concentração da riqueza, reeditando movimento de dizimação desses grupos humanos sem pudor de excluir a palavra direito do seu estreito vocabulário.

Relembramos algumas polêmicas e desorganização do Ministério da Educação e Cultura que em maio de 2020, o ex-ministro da Educação deu indícios desse pensamento após uma reunião ministerial com o presidente da

⁴⁷ A sabedoria expressa na Pedagogia do Baobá dá conta de situar o educando e o educador nos três fundamentos da educação: saber conhecimento, saber fazer (habilidade) e lugar de ser (ética). A educação é um valor para os africanos e seus descendentes, ainda que pareça "incrível que o povo negro tenha eleito a escolarização como valor de refúgio e de construção, tendo em vista que a escola busca alienar africanos e descendentes, das raízes originais, ao impor crenças, formas de pensamento, visão de mundo própria dos europeus" (Silva, 2000, p. 83-84)" (OLIVEIRA, 2007, p.146) (grifo nosso). No trecho acima, Oliveira (2007) cita Silva, reiterando os aspectos pedagógicos da cosmovisão a partir dos Baobá. O "saber conhecimento", "saber fazer" e "lugar de ser" são valores fundamentais para amplificar o horizonte complexo dos processos de ensinagens. O conhecimento se enraíza na encruza que segue pelo caminho da própria natureza do conhecimento, da capacidade de saber fazer, construir o que quer que seja, sem perder de vista os valores sociais ali imbricados. Portanto, a circularidade proposta pelo Baobá sugere que o/a aprendiz se esforce para ampliar sua percepção do mundo, entendendo-o em toda a sua integralidade. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/598878/2/eBook_Oficina_de_Pr%C3%AAticas_Pedagogicas.pdf. Acesso dia 10 de set. de 2023.

República. Nela, declara:

Odeio o termo 'povos indígenas, odeio esse termo, odeio! O [termo] povos ciganos! Só tem um povo nesse país. Quer, quer, não quer, segue de ré. É povo brasileiro, Só tem um povo! Pode ser preto, pode ser branco, pode ser japonês, pode ser descendente de índio, mas tem que ser brasileiro, pô. Acabar com esse negócio de povos e privilégios. Só pode ter um povo. (WEINTRAUB, 2020)

O texto demonstrou uma recusa à ideia de ancestralidade, determinação povos, diversidade, alteridade. A recusa a ideia de que o racismo produziu pensamentos e relações assimétricas compuseram a tônica dos discursos oficiais.

Quais são os privilégios que os povos negros e indígenas têm desde a formação da sociedade brasileira até os dias atuais? Saúde, educação, moradia entre outros direitos que são basilares para sobreviver? A partir de 2023, se vê uma possibilidade de pegar os fios dos baobás e continuarmos na luta combatendo as injustiças que negaram e negam para os povos que formam a diversidade cultural deste país.

Questionar os direitos humanos que foram silenciados é uma questão de políticas públicas as quais a escritora Carolina Maria de Jesus, denuncia no seu livro: Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, "o que aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la" (JESUS, 2014, p.29).

Assim a Baobá Selvina reafirma: "Eu cansei de dormir sem janta, levantava de manhã e não ter nada para comer[...] a mãe sapecava uns bastões de farinha de trigo e eu comia para matar a fome" (EN Mulher-Baobá, Selvina, 18 de novembro de 2021).

Não podemos retroceder, e sim, resistir para existir e a Mulher-Baobá Rita de Cassia, enfatiza que "desde criança morou na favela e naquele lugar não me enxergava preta, não dava conta da negritude"

Os povos negros foram morar na favela⁴⁸ não por acaso, mas, devido aos contextos econômicos e políticos que estruturaram a sociedade.

A Mulher-Baobá Professora Rita de Cássia, enfatiza que

Desde criança morei na favela no Rio, sou carioca, vim de uma infância pobre, morei na favela até minha vida adulta[...]. E naquele lugar não me enxergava preta, não se dava conta da negritude, pois, nunca tive nenhum dissabor por ser negra[...]" (EN, Rita de Cássia, 16 de novembro de 2021)

Então podemos dizer que as mulheres negras desde início da colonização foram mulheres insubmissas e contribuíram para a construção da sociedade.

Os mais altos frutos da civilização não podem ser extemporizados, nem podem ser desenvolvidos normalmente num curto espaço de trinta anos. Requerer-se um longo e sofrido crescimento de gerações. No entanto, no mais negro período da opressão das mulheres negras neste país a sua história ainda não escrita é plena de lutas heroicas, luta contra vantagens assustadoras e devastadoras, tão frequentemente terminadas em mortes horríveis; para manter e proteger para que cada mulher guarde o mais prezado que a vida (HOLCKS, p.5,1983)

Selecionamos também as narrativas da professora paraense Diva Guimarães, que podemos chamá-la de "Mulher-Baobá", ela faz a seguinte narrativa:

[...] Eu sobrevivi e sobrevivo hoje, como brasileira, porque tive uma mãe que fez de um tudo, passou por tudo 'que é' humilhação para que nós pudéssemos estudar". Sou neta de escravos. Aparentemente a gente teve uma libertação... que não existe até hoje!" "Esse país vive hoje porque meus antepassados deram condições para todos!" Isso é importante frisarmos sempre! O país foi construído e viabilizado através de sangue negro! [...] (Flip 2017 - Território Flip/Flipinha: Diva Guimarães)⁴⁹

Ela narra que a capital do Paraná,

[...]os dominantes, coloniais acreditam que Curitiba é uma cidade europeia, nega a contribuição dos povos que já habitavam neste espaço geográfico e ignoram o trabalho

⁴⁸ Histórico das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23. Acesso dia 31 de ago, de 2023.

⁴⁹ Flip 2017 - Território Flip/Flipinha: Diva Guimarães. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z5aS8bukb2o&t=4s>. Acesso dia 15 de janeiro 2022.

escravizado realizado pelas pessoas que foram sequestradas dos seus diversos países do continente africano[...] (Flip 2017 - Território Flip/Flipinha: Diva Guimarães)

A afirmação da autora chama atenção para dois processos: primeiro, a negação de direitos dos indígenas como povos originários, que habitavam essas terras: segundo os sujeitos negros que chegaram em movimento diaspórico como escravizados e vistos como não pertencentes a esse lugar. Nas duas situações há movimento de desconhecer direitos e instituir-se como narrador privilegiado do processo histórico.

A Mulher-Baobá Diva Guimarães, nasceu em 1939, e foi registrada somente em 1940, neta de escravizada com portugueses. Diva nasceu na Serra Morena no estado do Paraná e sua narrativa na Flip foi uma oportunidade para externalizar vivências

"[...]nasci no mato", graduei em Fisioterapia e Educação Física. me tornei professora e aposentei como educadora. Nunca parei de buscar conhecimentos, gosto de visitar comunidades remanescentes – quilombos e comunidades indígenas e tinha um sonho de participar da Feira Literária Internacional de Paraty - FLIP e conhecer Conceição Evaristo. Foi neste espaço que Diva Guimarães publicizou sua trajetória de mulher negra. Somente aos 77 anos teve a oportunidade de tornar-se uma verdadeira diva na luta contra o racismo, o sexismo e o classismo [...]" (Flip 2017 - Território Flip/Flipinha: Diva Guimarães)

Na narrativa e Diva relatou que tinha um sonho de conhecer a Mulher-Baobá Conceição Evaristo. E acreditamos que o sonho das Mulheres-Baobás que se encontram nas palavras de Conceição Evaristo, com sua narrativa não-linear, marcada por cortes temporais, em que passado e presente se imbricam e fortalecem as denúncias dos sofrimentos dos povos negros. Com o sonho de conhecer escritoras negras faz nos lembrar da música: Caçador de Mim, na voz de Milton Nascimento

Caçador de mim
Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim

Preso a canções, entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer, senão o correr da luta
Nada a fazer, senão esquecer o medo
Abrir o peito à força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai sonhando demais
Mas aonde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim
Nada a temer, senão o correr da luta
Nada a fazer, senão esquecer o medo
Abrir o peito à força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai sonhando demais
Mas aonde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Fonte: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47402/>> Acesso dia 2 de setembro de 2023.

E a Mulher-Baobá Rita de Cássia com seus galhos e regalos, criou um relevo potente ao narrar sua existência e re(existências), ela disse “[...] a gente sabe daqueles problemas que a gente vai enfrentando, mas, essa coisa de se enxergar preto, foi um processo que ele foi intensificado depois que eu vim morar no Sul [...]” (EN, Mulher-Baobá Rita de Cássia, 16 de novembro de 2021).

A música apresenta esse movimento de procura para saber quem se é. Ao olhar o conjunto dos materiais coletados nas entrevistas se percebe que este é um movimento experimentado pelas Mulheres-Baobás. Depreendemos que em suas práticas pedagógicas a procura persiste de produção de educação antirracista. Essas mulheres desejam saber quem são, onde estão, como mobilizar a potência do que se tornam. Do mesmo modo, são levadas a se perguntar como “fugir das armadilhas” que são muitas, e se estruturam de maneira complexa em uma sociedade racializada que engendra formas de posicionar Mulheres-Baobás em posição de subalternidade.

3.2 Enegrecer à Docência: práticas pedagógicas e o antirracismo

Coragem

O que a vida quer da gente é coragem
Coragem para seguir adiante mesmo
Sentindo que a diferença se encontra
Por diversas vezes sobre o tom da pele
As marcas da desigualdade
Num olhar preconceituoso
Na forma como um negro retratado
O que me afeta é a falta de afeto
Falta de oportunidades de emprego
E condições de estudo
Sonho com o dia que empunharemos livros
No lugar de armas de fogo
Rogo pelo fim da escravidão
Ainda que tardia, luto contra a apatia
A educação é a chave
Para abrir as portas do conhecimento
Romper barreiras e muros de concreto.
Ano após ano de esquecimento
Construir pontes ao invés
De barricadas na favela[...]".
(CAMPOS, 2022, p. 28) Baobás de Concreto

O poema acima foi retirado do livro: Baobás de Concreto de Fabiana Fernandes de Campos, mulher negra que escreve para protestar os dissabores das vidas pretas. Fabiana em seu poema retrata a cor da pele, a violência, os desafeitos das desigualdades, a valorização da educação. Ela se autodeclara mulher preta servidora pública do Ministério da Saúde, administradora por formação, artesã por vocação e poetisa de coração.

E faz o movimento de sankofanar através dos lápis e papéis que faz suas poesias uma delas chama-se: Coragem, e a vida quer da gente é coragem para lutar contra o racismo, o sexismo. e precisamos demasiadamente de livros e educação e mostrar que as rodas da educação para os povos negros surgiram com Teatro Experimental Negro.

Assim as Mulheres-Baobás que fizeram parte desta dissertação carregam consigo resistências, coragem para abrir as portas das escolas, colégios e universidades em busca do conhecimento, pois, para essa população as escolas eram lugar de estranhamento.

Enegrecer à docência é uma luta histórica dos povos negros para termos direitos a educação. Vários movimentos foram ativos no sentido de produzir

educação antirracista. Destacamos o Teatro Experimental Negro – (TEN), que foi fundado em 13 de outubro de 1944, no Rio de Janeiro, por iniciativa do economista e ator Abdias do Nascimento (1914-2011), com o apoio de amigos e intelectuais brasileiros. Em reportagem encontramos a seguinte afirmação “para caminhar para frente é necessário olhar para trás”, como foi intitulada a matéria da jornalista (BOTELHO, 2020, s/p.).

o Teatro Experimental do Negro tinha como objetivos:

a) Resgatar os valores da cultura africana, marginalizado pro preconceito e mera condição folclórica, pitoresca ou insignificante; b) através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura, tentar educar a classe dominante "branca", recuperando-a perversão etnocentrista, de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental; c) erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquiado de preto, norma tradicional quando o personagem negro exigia qualidade dramática do intérprete; d) tornar impossível o costume de usar o ator negro em papeis grotescos ou estereotipados: como moleques levando cascudos, ou carregando bandejas, negras lavando roupa, ou esfregando o chão, mulatinhas se requebrando, domesticados Pai Joões e lacrimogêneas, Mães Pretas; e) desmascarar como inautêntica e absolutamente inútil a pseudocientífica literatura que a pretexto de estudo sério focalizava o negro raríssimas exceções, como um exercício esteticistas ou diversionista: eram ensaios apenas acadêmicos, puramente descritivos, tratando de história, etnografia, antropologia, sociologia, psiquiatria, e assim por diante, cujos interesses estavam muito distantes dos problemas dinâmicos que emergiam do contexto de racista da nossa sociedade (NASCIMENTO, 2016, p. 161-162)

O Teatro Experimental Negro, foi além das lutas acima citadas, buscou trabalhar com as pessoas das classes menos favorecidas: favelados, as empregadas domésticas, os operários, os frequentadores de terreiros colocando-os no centro da história e como riqueza humana.

Os povos da Diáspora pelo Atlântico construíram seus próprios caminhos partindo de suas Histórias, de suas experiências e vivências. Criaram e recriaram relações, processos, costumes, crenças e rituais que lhes possibilitaram enfrentar o horror branco da escravidão.

Os povos negros resistiram, sobreviveram e estabeleceram as bases para que nós, afrodescendentes, pudéssemos seguir na busca por uma

(re)existência neste mundo.

A ideia de criação do TEN surgiu quando Abdias do Nascimento assistiu à peça O Imperador Jones, do dramaturgo norte-americano Eugene O'Neil, no Teatro Municipal de Lima, no Peru, em 1941. Naquela peça "o protagonista era interpretado por um ator branco, com a pele pintada de preto – prática conhecida, hoje, como "blackface" –, o que intrigou Abdias e provocou uma luta continua

As elites, escondidas atrás da ciência positivista, falaram de si mesmas. Contaram a sua história de acordo com os acontecimentos que lhes pareciam mais interessantes. Elevaram ao status de universal o que lhes era específico e rebaixaram ao nível de inferior as culturas que comparadas à sua foram percebidas como diferentes (CRUZ, 2005, p. 25)

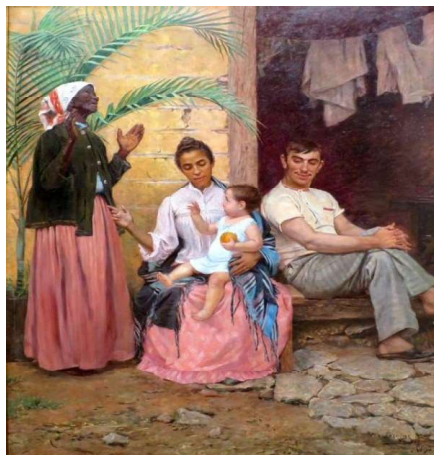
Para o professor Kabengele Munanga

o embate por justiça social precisa ultrapassar o discurso, pois, segundo ele as palavras são importantes, mas, a luta se faz com políticas. Esse uso generalizado do racismo pode constituir uma armadilha ideológica, na medida em que pode levar à banalização dos efeitos do racismo, ou seja, a um esvaziamento da importância ou da gravidade dos efeitos nefastos do racismo no mundo. Por que os negros se queixam tanto, pois afinal não são as únicas vítimas do racismo (MUNANGA, 2014, p. 10)

Para ainda dar visibilidade que a sociedade trazemos uma obra A Redenção de Cam como paródia sobre a forma como se estruturavam as relações raciais no Brasil. João Batista de Lacerda representou o Brasil no Congresso Internacional das Raças. Naquele evento, queria demonstrar que a miscigenação no Brasil produziria nova sociedade em que a negrura se dissiparia gradativamente a partir da miscigenação. três personagens representam as três gerações necessárias para que o Brasil se tornasse um país branco. O homem branco à direita, ao que tudo indica, o marido da mulher ao centro e pai da criança, olha para o menino com admiração. Ele é o elo que permite o branqueamento completo dos descendentes da senhora, possivelmente escrava e, assim, a sua salvação.

Mas, acreditamos que o fenômeno dos mais diversos tipos de racismos estão longe de acabar ou minimizar, parece que em pleno século XXI, na era da robotização os comportamentos humanos ainda permanecem

Imagem 08- A Redenção de Cam⁵⁰



Fonte: “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil. Disponível em: < <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>>. Acesso dia 19 de ago. de 2023.

⁵⁰ Mas o racismo e as teorias que o justificam não caíram do céu, eles têm origens mítica e histórica conhecidas. A primeira origem do racismo derive do mito bíblico de Noé do qual resulta a primeira classificação, religiosa, da diversidade humana entre os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). Segundo o nono capítulo da Gênese, o patriarca Noé, depois de conduzir por muito tempo sua arca nas águas do dilúvio, encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, ele se deitara numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura fez, junto aos seus irmãos Jafé e Sem comentários desrespeitosos sobre o pai. Foi assim que Noé, ao ser informado pelos dois filhos descontentes dá risada não lisonjeira de Cam, amaldiçoou este último, dizendo: seus filhos serão os últimos a serem escravizados pelos filhos de seus irmãos. Os calvinistas se baseiam sobre esse mito para justificar e legitimar o racismo antinegro. A Segunda origem do racismo tem uma história conhecida e inventariada, ligada ao modernismo ocidental. Ela se origina na classificação dita científica derivada da observação dos caracteres físicos (cor da pele, traços morfológicos). Os caracteres físicos foram considerados irreversíveis na sua influência sobre os comportamentos dos povos. Essa mudança de perspectiva foi considerada como um salto ideológico importante na construção da ideologia racista, pois passou-se de um tipo de explicação na qual o Deus e o livre arbítrio constitui o eixo central da divisão da história humana, para um novo tipo, no qual a Biologia (sob sua forma simbólica) se erige em determinismo racial e se torna a chave da história humana. Disponível em: < <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>>. Acesso dia 19 de ago. de 2023.

Faz-se necessário ressaltar que os racismos com seus múltiplos usos e suas numerosas lógicas se torna tão vulgar, sem originalidade, que é usado para explicar tudo. Mas, o deslocamento mais importante do eixo central do racismo pode ser observado a partir de 1948 até 1994, com a implantação do Apartheid na África do Sul. Esse regime sustentou por meio de diversas formas violências, extensa legislação segregacionista. Na África do Sul essas normas proibiam os negros de circular em no território, os expulsava de suas casas e lhes dava acesso precário à educação e saúde dentre outras formas de cerceamento da liberdade da população negra.

[...]A segunda origem do racismo tem uma história conhecida e inventariada, ligada ao modernismo ocidental. Ela se origina na classificação dita científica derivada da observação dos caracteres físicos (cor da pele, traços morfológicos). Os caracteres físicos foram considerados irreversíveis na sua influência sobre os comportamentos dos povos. Essa mudança de perspectiva foi considerada como um salto ideológico importante na construção da ideologia racista, pois passou-se de um tipo de explicação na qual o Deus e o livre arbítrio constitui o eixo central da divisão da história humana, para um novo tipo, no qual a Biologia (sob sua forma simbólica) se erige em determinismo racial e se torna a chave da história humana (MUNANGA, 2014, p. 10)

Assim as professoras sentiram na pele as questões de racismos, desde o ingresso na Educação Infantil ao Ensino Superior, bem como nos espaços de trabalhos, pois, ainda no século XXI, a sociedade não compreendeu os conceitos básicos de raça, etnia, classe, destaca-se de acordo com Munanga que

O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sociocultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território (MUNANGA, 2014, p. 12)

Para enegrecer à Docência com práticas pedagógicas antirracistas é necessário ressaltar que na região sudoeste do Paraná há, já algum tempo um

conjunto de práticas mobilizadas pelo Grupo de Estudos Etno-Culturais para combater o racismo por meio de estudos e práticas voltadas para organização de educação antirracistas.

O mesmo grupo de estudos em organizou o Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais em 2010 que tinha como objetivo debater questões atinentes a aplicação da lei 10.639/2003. Naquela ocasião docentes atuantes na educação básica poderiam se inscrever no curso (gratuito) envolvendo-se nas diversas disciplinas que que tinham como função problematizar o racismo e produzir práticas antirracistas nas escolas em que atuavam. O significado destas práticas foi discutido por Nilma da Silva Gomes

A certeza de que nós, negras e negros brasileiros, construímos e produzimos afrobrasilidade(s) não foi e nem é aprendida na escola. Essa certeza tem sido ensinada e aprendida no contexto das lutas sociais antirracistas e tem como protagonista as diversas formas de luta e resistência negras. Dentre elas, destaco a ação, as reivindicações, as denúncias e a luta do Movimento Negro brasileiro (GOMES, 2018, p.115)

Para a autora (GOMES, 2018), "as Escolas sozinhas não conseguem fazer o movimento decolonial, faz se necessário que os Movimentos Negro (MN), principalmente no contexto das ações afirmativas, que recolocou o debate sobre a raça no Brasil", mesmo com críticas, há um aumento da institucionalização do uso das categorias de cor do IBGE nos formulários e nos censos.

No reconhecimento do Movimento Negro, organizado com o legado epistemológico intrínseco, como produtores de um tipo específico de conhecimento: o conhecimento nascido na luta. Um conhecimento que quanto mais se consolida, mais tem a capacidade de transformar a sua própria forma de ver, perceber e interpretar os problemas que motivam a sua luta. Um conhecimento que se organiza na forma de produção intelectual e de práticas políticas, sociais e pedagógicas. A essa organização político-epistemológica denomino como saberes ou conhecimentos emancipatórios produzidos historicamente pela população negra, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro (GOMES, 2018, p. 117)

A formação continuada e permanente para uma educação antirracista acontece também com a participação da sociedade em

seminários, colóquios, fóruns, especializações.

Articulados às práticas e intervenções do Movimento Negro e sendo reeducados direta ou indiretamente por ele, também é possível encontrar, no Brasil, vozes e corpos negros anônimos que atuaram e ainda atuam na superação do racismo e na afirmação da identidade, dos valores, do trabalho, da cultura e da vida da população negra, no Brasil. São as negras e os negros em movimento: artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãos e cidadãs que possuem uma consciência racial afirmativa e lutam contra o racismo e pela democracia, mas não atuam necessariamente em uma entidade ou organização específica (GOMES, 2018, p. 116)

As Carolinas, as Divas e as Mulheres-Baobás vivenciaram a intolerância, o preconceito, a discriminação e as diversas formas de violências, mas, foram resilientes e foram se "[...] intelectualizando e, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amargumes da vida [...]" (JESUS, 1986, p.161).

E a Mulher-Baobá Rita de Cássia com seus galhos e regalos, criou um relevo potente ao narrar sua existência e re(existências), ela disse

Foi no Sul que vivenciei as experiências explícitas de discriminação. Situações como: ser acompanhada em qualquer loja que eu entre e quanto menor a loja mais vigiada sou. Fui preterida por uma universidade de ser a representante de minha turma em um vídeo de propaganda institucional "porque eu não era loira de olhos azuis". Ouvi expressões ofensivas ditas por colegas professores, que em seguida repetiam "ah, é brincadeira, viu?!" (EN, Mulher-Baobá, Rita de Cássia, 16 de novembro de 2021)

Rita, na sua fala, como é ser mulher negra na região sudoeste do Paraná externaliza as diferenças de tratamento nas questões da vida diária. Entende que que nesse lugar o racismo, que afeta toda a sociedade brasileira se intensifica na região. De acordo com a entrevistada a relação com os colegas de escola era margeada por discurso subliminar que mesclava racismo, dissimulações e jogos que dificultavam as relações cotidianas. Sabemos que as normativas educacionais do Paraná implantaram as equipes Multidisciplinares⁵¹ – EM criadas com a função de potencializar esta discussão

⁵¹ Resolução n.º 3399/10 Sued/Seed e a Instrução n.º 010/10 Sued/Seed. São espaços

no interior das escolas paranaenses. Conveniente saber que todas as Mulheres-Baobás entrevistadas fizeram e fazem parte da EM nas suas respectivas escolas. Viam nestes espaços/tempos possibilidades de romper processos de discriminações, preconceitos e potencializar práticas antirracistas.

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (MUNANGA, 2005, p.15)

Para o autor no processo que envolve formação de professores e professoras o trato da Educação para as relações Étnico -Raciais por vezes não se apresenta de maneira significativa o que denota o despreparo para o trato da questão nas práticas pedagógicas que mobilizaram. As Equipes Multidisciplinares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (EMERER) no âmbito da Secretaria de Estado da Educação – SEED, nos Núcleos Regionais de Educação – NRE, nas instituições de ensino regulares e modalidades de ensino, com o aporte legal da resolução SEED, foi instituída em 2010 a partir de nº 807 - 16/02/2023 - Equipes Multidisciplinares (EMER) podem fazer a

de debates, estratégias e de ações pedagógicas que fortaleçam a implementação da Lei n.º 10.639/03 e da Lei n.º 11.645/08, bem como das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena no currículo escolar das instituições de ensino da rede pública estadual e escolas conveniadas do Paraná. Na perspectiva da construção de uma educação de qualidade, da consolidação da política educacional e da construção de uma cultura escolar que conhece, reconhece, valoriza e respeita a diversidade étnico-racial, as Equipes Multidisciplinares tem como prerrogativa articular os segmentos profissionais da educação, instâncias colegiadas e comunidade escolar. Fonte: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=560>, acesso: 22 de outubro de 2023.

diferença ao propor práticas antirracistas. Mas, o que as Mulheres-Baobás pensam sobre a participação nas Equipes Multidisciplinares?

Eu participei algumas vezes, não muito, acho que duas ou três vezes só das equipes multidisciplinares. Eu vejo bastante ainda bastante forte essa questão [...] no sentido assim que parece que sempre o professor negro faz menos. Os negros não sabem, não tem condições, não conseguem fazer nada nesse sentido. Assim eu vejo [...], eu sempre defendi, sempre, isso eu sempre tive comigo essa defesa, desde criança sempre defendendo, essa bandeira. Eu uso a vida inteira e nunca vou abandonar a luta por direitos. Acho que nasci com ela. (EN, Mulher-Baobá, Iracema, 18 de novembro de 2021).

A Mulher-Baobá Iracema narrou que sempre defendeu as questões étnico raciais. A sua narrativa deixa transparecer o sentimento de que seus pares não valorizam o seu trabalho. Como se o preconceito impedisse de ver sua capacidade. A experiência profissional, a trajetória na docência, a atuação em diferentes níveis do ensino não é suficiente para suplantar o racismo. Esses apontamentos fazem ver a força estruturante do racismo e do mesmo modo que na educação, como em outros campos do conhecimento o sujeito negro terá que provar incessantemente sua qualidade, sua formação será questionada exigindo constante afirmação da sua identidade.



Paobá

Paobá

*Eu sou a folha que desprende da Paobá
Cruzando o oceano sou sopro da cachimba da vovó
Sentada na calçada sem contar o tempo, é Orixá
Fois sabe-e-la quem governa seu bumbô
A leveza de quem se expande por inteiro
Porque nunca se apartou da natureza
Cato Prado*

4 MULHERES-BAOBÁS: ASPERSÃO DE SEMENTES BAOBÁS NA MICRORREGIÃO DE FRANCISCO BELTRÃO

Eu sou a folha que desprende da Baobá
Cruzando o oceano, sou sopro do cachimbo da vovó
Sentada na calçada sem contar o tempo, é orixá
Pois sabe ela quem governa seu bumbar
A leveza de quem se expande por inteiro
Porque nunca se apartou da natureza, um corpo só
Livre, tenho duas cabeças

Como o pássaro africano sankofa
Eu olho pra trás e reconheço o futuro
Fincado no agora, resplandece o amanhã
Sou forte ainda como a folha, Baobá
Quem venta e guia nunca erra a direção.

(Letra música Caio Prado)

Ouvir a música de Caio Prado após escrever esse texto implica em reunir um conjunto alocações que fomos provocadas a pensar: a primeira é a palavra enraizamento. Desta percepção, emerge uma ligação profunda com o desconhecido. Se por ações engendradas na colonialidade fomos levadas a esquecer, neste movimento procurado de escrita sou forçada a recordar: relembrar percursos, reatar vínculos, examinar testes de DNA, conhecer o percurso de Mulheres-Baobás e reconhecer-me como tal. Este é movimento denso, intenso que machuca meus galhos baobás, mas na dor da seiva que escorre dos galhos quebrados reencontro uma história de mulheres negras; a segunda retiro direto da música, leveza. Esta palavra parece entrar em contradição com tudo que ouvi: histórias escritas com letra escarlate que o racismo foi inscrevendo na pele dessas mulheres. No entanto, tal como a letra da música indica, se expandir parece condição assumida pelas docentes negras. Expandir ideias, pensamentos, possibilidades e encontrar potência naquilo que tinha como função torná-las impotentes diante de realidade adversa. Terceira, temporalidades; atentar para estes tempos que se entrecruzam em movimento nos quais o futuro pode se desenhar se assumirmos traços que ligam o agora, passado, futuro. E como o pássaro sankofa apresentado como metáfora da vida que para prosseguir precisa lançar o olhar para atrás. Deste modo, as três sentenças ajudam a olhar o

conjunto do material coletado e, ainda com a metáfora do baobá, vê-las como docentes negras que assumiram a tarefa (consciente ou inconscientemente) de aspergir sementes de baobá na migro região de Francisco Beltrão.

Na investigação tivemos como problema de pesquisa o questionamento: quais os percursos educativos Mulheres- Baobás atuantes na Educação Básica na microrregião de Francisco Beltrão? A interrogação não pode ser respondida de forma final, porque as Mulheres-Baobás que foram sujeitas da pesquisa continuam escrevendo estes percursos: atuando como docentes nas escolas, atuando no cuidado de suas famílias, assumindo relações próximas com os discentes que cruzaram seu caminho. Deste modo, pode parecer que a pergunta proposta era frágil e inquiria de maneira retórica. No entanto, ao ouvirmos as histórias das docentes sujeitas da pesquisa. Reafirmamos o significado do registro dessas histórias, do reconhecimento que suas práticas têm para uma educação antirracista.

O objetivo geral da pesquisa foi conhecer os percursos escolares das Mulheres-Baobás. Neste sentido, as narrativas das docentes deram a conhecer suas vivências na infância, juventude e vida adulta. Sabemos que ao narrar o sujeito elege memórias, momentos, dizeres. Do mesmo modo, silencia sobre temáticas que não deseja lembrar ou que, no acaso da memória não emergiram como necessidade presente. As narrativas das docentes negras, mostrou como o racismo emoldura a identidade das sujeitas negras. Do mesmo modo, deu a conhecer a forma como cada uma precisou resistir a essas estruturas, mobilizando ações que implicaram em afirmar sua identidade, comprovar sua capacidade técnica e assumir os desafios da docência (do mesmo modo que outros professoras) mas, empreender estes movimentos em meio a lógica racializada implicou em sofrimentos e dores que transparecem nos relatos. As Mulheres-Baobás afirmaram que são constantemente desafiadas sobre a formação que fizeram, confundidas como capazes de ocupar outras atividades na escola que não a docência, submetidas a avaliação constante sobre suas práticas e conhecimentos. Entendem que acertaram ao escolher a docência, mas

argumentam que para elas esse cotidiano, por vezes, profundamente difícil.

Dentre os objetivos específicos propusemo-nos a identificar as Mulheres-Baobás da microrregião de Francisco Beltrão: Neste movimento estabelecemos critérios como autodeclaração racial, tempo de magistério, atuação na educação básica dentre outros para selecionar as sujeitas. Deste modo, as 11 docentes negras, nominadas Mulheres-Baobás aceitaram compor o grupo e narrar suas histórias. Na microrregião de Francisco Beltrão 91 docentes se autodeclararam pardas, enquanto 15 se autodeclararam pretas. Deste modo, ainda as sujeitas selecionadas (ainda que não fosse o objetivo) representam um percentual significativo das docentes negras. Mas o foco da investigação não era esse. Podemos perceber que os docentes (masculinos e femininos) que se autodeclararam negras (pretas e pardas) representam 11%, totalizando 141 docentes que se declaram pardos e 20 professores que se declaram pretos, perfazendo um total de 161 professores. Esses números permitem afirmar que no magistério da microrregião de Francisco Beltrão tem poucas professoras negras (se consideramos o número de professoras não negras) e que, provavelmente o racismo está atuando no processo de acesso a profissão docente.

Outro objetivo específico foi conhecer as biografias e as narrativas das Mulheres-Baobás, educadoras negras. Ao ouvir os relatos percebemos que criar canais para ouvir histórias é ação fundamental para grupos sub-representações. Deste modo, o sujeito ao ouvir sua própria voz, ao rememorar acontecimentos, e, descrever relações vividas no espaço escolar, ao assumir-se como narrador elabora e compõe sua autobiografia. Desse modo, a um movimento duplo: o sujeito fala de si e tenta elaborar uma narrativa sobre seu percurso escolar e percebe como sua história se conecta com outras histórias que fazem intersecção com a sua; de outro lado, ao elaborar histórias de professoras negras colaboramos para escrever outra história da educação que apareçam personagens que foram invisibilizados pela forma como se estruturou a educação.

Desse modo, tal como ouvimos na música de Caio Prado, sentimos a

vibração da vida que diz "Sou forte ainda como a folha, Baobá, quem venta e guia nunca erra a direção". E assim é... e assim foram histórias esperando o papel em branco, palavras que estavam em mim, nas sujeitas, que estão na música, que se imbricam "para não perder a direção".



em corpo só
Livre, tenho duas cabeças como o pássaro afigurano Sanchafa
Eu olho pra traz e reconheço o futuro
Ficando no agora resplandece a amanhã
Sou forte ainda como a folha. Paobá
Zuem vento e gusa nunca erra a direcção
Sou uma árvore inteira de olho atento e pé no chão

Paobá

Paobá

Calo Prado

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/adelia-a-poesia-e-a-vida-convite-para-o-3o-encontro-do-dialogos/o-perigo-de-uma-historia-unica-chimamanda-ngози-adichie-pdf.pdf>. Acesso em 20 set. 2023.

ANGELOU, Maya. **Eu Sei Por que o Pássaro Canta na Gaiola**. Trad. Regiane Winarski. Bauru: Astral Cultural, 2018.

_____, Maya. **Não trocaria minha jornada por nada**. Trad. Julia Romeu. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2023.

Árvores e escrita, com Paulina Chiziane e Itamar Vieira Junior - áudio original. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=UnU1KrOXNJQ>. Acesso em: 02 set. 2023.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e Contar História Oral**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro, editora FGV, 2004.

Angela Davis: **"Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela"** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso 07 de agosto de 2022.

ALVAREZ, Ferreira, Agripina Encarnacion. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos** Bachelardianos [livro eletrônico. Londrina: Eduel, 2013. 1 Livro digital. Disponível em: https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem_digital.pdf. Acesso dia 06 de agosto de 2022.

ALVES, Alê. Ângela Davis: **"Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela"**. El país, Salvador, 27, jun. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso dia 28 de março de 2022.

ARANTES, Tadeu José. **Pesquisa investiga marcas do racismo em “famílias inter-raciais**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/pesquisa-investiga-marcas-do-racismo-em-familias-inter-raciais/>> Acesso 8 de out.de 2023.

Baobá: **Propriedades e curiosidade desta árvore tão majestosa**. Publicado por Redação Green Me em 15/03/2017. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/informar-se/biodiversidade/65082-baoba-propriedades-e-curiosidades-desta-arvore-tao-majestosa/> >Acesso 07 de agosto de 2022.

BARROS Arisia. **Cada minuto. Raízes da África**. Disponível em: <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2010/12/27/sou-negra-ponto-final> >Arisia Barros 27/12/2010 Acesso 8 de out.de 2023.

BAUER,W. MARTIN. Gaskell George: tradução: Pedrinho A. Guarese. **Pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som: um manual prático**. Ed., RJ: Vozes, 2008. Disponível em: <<https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisaqualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>>. Acesso dia 22 de dezembro de 2020.

BELÉM, Valéria; Cabelo de Lelê. São Paulo - IBEP. 2012

BENTO, Silva Aparecida Maria. **Cidadania em preto e Branco: Discutindo as relações raciais**. Editora: ática, 3 ed. 2005.

BLANCA, Santana. **Continuo preta: A vida de Sueli Carneiro**.1 ed. São Paulo Companhia de Letras, 2021.

BOURDIEU, P. **A “juventude” é apenas uma palavra**. In: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 12.990**, de 09 de junho de 2014.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro

de 2003. Brasília, 2003.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, 2005 **História da Educação do Negro e outras histórias**/Organização: Jeruse Romão. 278p. (Coleção Educação para Todos).

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal/1988.

_____. Secretaria Nacional de Juventude Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude / organizado por Helena Abramo. – Brasília: SNJ, 2014.

Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/politicas%20de%20juventude1.pdf>>. Acesso 8 de out.de 2023.

CARTA CAPITAL. **Educação**. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/educacao/conheca-as-palavras-que-herdamos-da-africa/>> HYPERLINK

"<https://www.geledes.org.br/palavras-de-origem-africana-no-vocabulario-brasileiro/>>. Acesso dia 5 de jan.de 2022.

CASCUDO. Luís da Câmara, 1898-1986. **História da Alimentação no Brasil** – São Paulo: Global, 2004, p. 204.

CASTANHA. Marilda. **Aggbalá: um lugar continente**. 2. Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. Disponível em: <<https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/05/o-poder-da-identidade.pdf>>. Acesso dia 15 de out. de 2022.

COUTO. Mia **Poemas escolhidos**. apresentação José Castello 1ª- ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CRISTOVON. Perla Aparecida Zanetti, **Violência doméstica contra mulheres: práticas cotidianas**. Orientadora: Dissertação de mestrado.

UNIOESTE, Programa de Pós-Graduação em Educação, Orientadora Sônia Maria dos Santos Marques, 2019.

CHIZIANE. Paulina. **Niketche: uma história da poligamia**. São Paulo:

Companhia das Letras. 2004. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2945722/mod_resource/content/1/CHIZIANE-Paulina-Niketche-Uma-historia-de-poligamia.pdf>. Acesso dia 7 de out. 2023.

_____. Paulina. **Eu, Mulher...** Por uma nova visão do Mundo. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5551594/mod_resource/content/1/EU%2C%20MULHER...%20POR%20UMA%20NOVAVIS%C3%83O%20DO%20MUNDO%20-%20Paulina%20Chiziane.pdf>. Acesso dia 7 de out. 2023.

DAVIS. Ângela. Conferência na UFBA. Salvador, Bahia, **Ativismo, Feminismo, Movimentos sociais, Brasil, Racismo, América do Sul**, América Latina, Delitos ódio, Discriminação, Mulheres, América, Preconceitos, Delitos, Problemas sociais, Sociedade, Justiça, Carolina Maria de Jesus.

DAVIS. Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE. Mary. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020.

DIAS. Nascimento. **Manifesto Colher de Pau**. Publicado em 8 de abril de 2015. Disponível em: <https://fbssan.org.br/2015/04/manifesto-colher-de-pau/>. Acesso dia 8 de out. de 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs Capitalismo e esquizofrenia**. V.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, ed. 34 94p. Coleção TRANS, 1995.

DUARTE. Mel. **Não desiste, negra, não desiste!** TEDx São Paulo Salon. 21 de dez. de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FfDvjbsCFmM>>. Acesso dia 06 de agosto de 2022.

Emicida. **Amoras**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/emicida/amoras/>>. Acesso dia 10 de set. de 2022.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/divulgacao/escrevivencia-a-escrita-de-nos/>>. Acesso dia 31/08/2022.

_____. Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro. Pallas, 2016.

_____. Conceição. (2020). **A escrevivência e seus subtextos**. In: Duarte, C.; Nunes, I. (org.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.

_____. Conceição. **Grafia-desenho de minha Mãe, Um dos Lugares de**

Nascimento de minha Escrita. Rio de Janeiro, agosto de 2005. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>>. Acesso dia 3 de set.2022.

_____. **A escrivência serve também para as pessoas pensarem.** Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>. Acesso dia 3 de out. de 2023.

_____. Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

ERRANTE. Antoinette. **Mas afinal, a memória é de quem?** Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas. p. 141-174, set. 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30143/pdf>>. Acesso dia 26 de out. 2021.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas).** Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERREIRA, Sabrina. **Canjica:** conheça a origem do alimento da culinária nordestina. Disponível em: <<https://falauniversidades.com.br/canjica-conheca-a-origem-do-alimento-da-culinaria-nordestina/#:~:text=Para%20Nei%20Lopes%2C%20o%20termo,relacionad as%20ao%20surgimento%20da%20canjica>>. Acesso de 27 de março de 2022.

FUKS, Rebeca. **Retirantes de Cândido Portinari:** análise e interpretação do quadro. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/quadro-retirantes-de-candido-portinari/>>. Acesso dia 5 de janeiro de 2022.

GAUTHIER, Zanidê Jaques. **A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas:** o aporte da sociopoética. Revista Brasileira de Educação. Jan / Fev / Mar / Abr 2004 Nº25. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/26421904_A_questao_da_metфора_da_referencia_e_do_sentido_em_pesquisas_qualitativas_o_aporte_da_sociopoetica>. Acesso dia 20 de maio de 2022.

GARCIA, Fernanda Maria. **Dor dos inocentes:** Brasil recebeu 775 mil crianças escravizadas da África. Fonte BBC Brasil. 18 /06/2020. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/dor-dos-inocentes-brasil-recebeu-775-mil-criancas-escravizadas-da-africa/>>. Acesso dia 7 de set.2022.

GASKELL, George. **Entrevistas Individuais e Grupais.** Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro 2003.

GAUTHIER, Zanidê. **A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas:** o aporte da sociopoética. Revista Brasileira de Educação Jan /fev. /Mar /abr. 2004 N° 25. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/PGYsfwLfVZVB5vDhkHgCCDb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso dia 07 de abril de 2022.

GELEDÉS. Baobá – **árvore símbolo fundamental das culturas africanas tradicionais.** Disponível em: Acesso em: 27 de novembro de 2016.
PENSAMENTO VERDE. Você sabe o que é Baobá? Conheça esta impressionante árvore africana. Disponível em: Acesso em: 27 de novembro de 2016.

GUIMARÃES. Juca. PORTAL GELEDES, **Documentário Flores de Baobá traça paralelos entre a vida de professoras negras do Brasil e dos EUA.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/documentario-flores-de-baoba-traca-paralelos-entre-vida-de-professoras-negras-do-brasil-e-dos-eua/>. Acesso dia 20 de nov. de 2021.

GOMES, Lino, Nilma. **Raça e Educação Infantil:** à procura de justiça Revista e-Curriculum, São Paulo, v.17, n.3, p.1015-1044jul./set. 2019e-ISSN: 1809-3876Programa de Pós-graduação – PUC/SP<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44232/29876>>. Acesso dia 10 de set. de 2022.

GONZALÉZ, Lélia. **A juventude negra brasileira e a questão do desemprego.** 1979.

GONZALÉZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras:** Lélia Gonzales em primeiras pessoas. 1 ed. Editora Filhos da África, 2018.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomás Tadeu da Silva. São Paulo: DP&A Editora, 2006.

_____. Stuart. **Quando foi o pós-colonial?** Pensando no limite. In: Hall, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais, p. 101-131. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Stuart. **Da Diáspora Identidades e mediações culturais.** Organização: Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em:<https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Da_Diaspora_-_Stuart_Hall.pdf> Acesso dia 17 de set.2023.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva.** In: História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki -Zerbo. 2.ed. rev.

– Brasília: UNESCO, 2010. p. 181 - 218.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

_____, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986. Disponível

em: <<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/Grupo%20de%20Estudos/8%20-%20Di%C3%A1rio%20de%20Bitita%20-%20Carolina%20Maria%20de%20Jesus.pdf>> . Acesso dia 10 de set. de 2022

KOSSOY, Boris. **Fotografia e Memória**: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, E. (Org). O Fotográfico. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2005. P. 39-45.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. (1985). **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: Danças, piruetas e mascarados. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas- São Paulo: UNICAMP, 2003.

Lendas brasileiras" em *Só História*. Virtuous Tecnologia da Informação, 2009-2022. Disponível na Internet em: <<http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/br/>>. Acesso dia 02 de out. de 2022.

LITERAFRO, **Dados Biográficos**. Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso dia 27 de dezembro de 2020.

LIMA, Heloisa Pires; GNEKA, Georges; LEMOS, Mário. **A semente que veio da África**. São Paulo: Salamandra. 2005.

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de axé**: identidade e resistência. Rio de Janeiro. Ed. Senac Nacional, 2004.

LOTTA, Gabriela. **Teoria e análises sobre implantação de políticas públicas no Brasil** / Brasília: Enap, 2019. 324 p. Disponível em:

<https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4162/1/Livro_Teorias%20e%20An%C3%A1lises%20sobre%20Implementa%C3%A7%C3%A3o%20P

ol%C3%Adticas%20P%C3%Bablicas%20no%20Brasil.pdf>. Acesso dia 28 de nov. 2021.

MACHADO, B. A. “**Recordar é preciso**”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982 – 2008). Dissertação (Mestrado em História) – UFF. Niterói, 130 p. 2014. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1824.pdf>> Acesso dia 08/09/2023.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16783/1/pele-da-cor-da-noite.pdf>>. Acesso dia 8 de out.de2023.

MACHADO, Sara Abreu da Mata. **Baobá na encruzilhada**: ancestralidade, capoeira, angola e permacultura. Tese. (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <[Google.com/search?q=MACHADO%2C+Sara+Abreu+da+Mata.+Baobá+na+encruzilhada%3A+ancestralidade%2C+capoeira%2C+angola+e+permacultura.+Tese.+%28Doutorado+em+Difusão+do+Conhecimento%29+-+Faculdade+de+Educação%2C+Universidade+Federal+da+Bahia%2C+Salvador%2C+2016.&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR985BR985&oq=MACHADO%2C+Sara+Abreu+da+Mata.+Baobá+na+encruzilhada%3A+ancestralidade%2C+capoeira%2C+angola+e+permacultura.+Tese.+%28Doutorado+em+Difusão+do+Conhecimento%29+-+Faculdade+de+Educação%2C+Universidade+Federal+da+Bahia%2C+Salvador%2C+2016.&aqs=chrome.69i57.1041j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=MACHADO%2C+Sara+Abreu+da+Mata.+Baobá+na+encruzilhada%3A+ancestralidade%2C+capoeira%2C+angola+e+permacultura.+Tese.+%28Doutorado+em+Difus%C3%A3o+do+Conhecimento%29+-+Faculdade+de+Educa%C3%A7%C3%A3o%2C+Universidade+Federal+da+Bahia%2C+Salvador%2C+2016.&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR985BR985&oq=MACHADO%2C+Sara+Abreu+da+Mata.+Baobá+na+encruzilhada%3A+ancestralidade%2C+capoeira%2C+angola+e+permacultura.+Tese.+%28Doutorado+em+Difus%C3%A3o+do+Conhecimento%29+-+Faculdade+de+Educa%C3%A7%C3%A3o%2C+Universidade+Federal+da+Bahia%2C+Salvador%2C+2016.&aqs=chrome.69i57.1041j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acesso dia 15 de out.2022.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento Comum**: compêndio de Sociologia Compreensiva. Tradução: Aluizio Ramos Trinta. Editora Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**: Título original: Éloge de la raison sensible. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARQUES, Sônia Maria dos Santos. **Pedagogia do Estar Junto**: Éticas e estéticas do Bairro São Sebastião do Rocio. Tese de Doutorado – UFRGS, 2008.

_____, Sônia M. S; COMAR, Sueli R. [et al.] **Educação, Cultura e Etnia**, Aportes teórico metodológicos para a formação de professores – Francisco Beltrão: Unioeste – Campus de Francisco Beltrão, 2010. 250p.

MATÊ. **Contos do Baobá**: quatro contos da África Ocidental adaptados e ilustrados por Matê. 2. ed. São Paulo: Global, 2017.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O Desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1992.

_____. Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima: Ensaios, discursos e reflexões**. Tradução: Odorico Leal. 1ª Ed. São Paulo, Companhia das letras, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **Minha vó foi pega a laço**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/minha-vo-foi-pega-a-laco/>. Acesso dia

NASCIMENTO, Abdias; **O genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. 3 ed. São Paulo. Perspectivas, 2016.

NOVIKOFF, Cristina. VITORIO, Álvaro. **Fotografia: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Editora Pontocom, 2016. Disponível em: http://www.editorapontocom.com.br/livro/45/fotografia_45_57d802d609447.pdf. Acesso dia 06 de janeiro de 2022.

OLIVEIRA, de David Eduardo. **Filosofia Da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira** Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/598878/2/eBook_Oficina_de_Pr%C3%A1ticas_Pedagogicas.pdf. Acesso dia 10 de set. de 2023.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Cadernos temáticos: inserção dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares**. Curitiba: SEED-PR, 2005.

PRETA, Rara. **Eu empregada doméstica: A senzala moderna é o quartinho da empregada**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PIEADADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo. Nós, 2017.

PROTASIO, MARQUES, MARSCCHNER. **Sudoeste do Paraná, organização territorial étnica**. Dourados Ms UFGD, 2010.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor. 2005. Disponível em: https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso dia 06 de janeiro de 2022.

QUIJANO, Aníbal *Colonialidade, poder, globalização e democracia* Novos Rumos 4, Ano 17, Nº 37, 2002.

Referência autoral (APA): Editora Conceitos.com (out., 2016). **Conceito de Broto**. Disponível em: <<https://conceitos.com/broto/>>. São Paulo, Brasil. [...] de Conceitos.com <<https://conceitos.com/broto/>> acesso dia 1 de out. de 2022.

Redação Pensamento Verde. **Você sabe o que é Baobá?** Conheça esta impressionante árvore africana. Disponível em: <https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/voce-sabe-o-que-e-baoba-conheca-esta-impressionante-arvore-africana/>. Acesso dia

ROESCH. Isabel, Correa Cristina. **Docentes negros: imaginários, territórios e fronteiras no ensino universitário**. Tese de Doutorado, Santa Maria, Rio Grandedo Sul, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3481/ROESCH%2c%20ISABEL%20CRISTINA%20CORREA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso dia 02 de setembro de 2023.

RONCOLATO. Murilo. **A tela “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil**. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso dia 3 de nov. 2023.

SANTANA, Tairine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Conceição Evaristo: **A escrivência servem também para as pessoas pensarem**. Itaú Social, Rede Galápagos, São Paulo, 9 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrivencia-serve-tambem-para-as- pessoas-pensarem/>>. Acesso dia 07 de ago. de 2022.

SANTANA, Bianca; **Continuo Preta**: A vida de Sueli Carneiro. 1.ed – São Paulo. Compinas das Letras 2021.

SANTOS. Moraes Cristina Elaine. Griot Digital: **Ressignificando a Ancestralidade Afrobrasileira na Educação**, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16022021-110956/publico/ELAINE_CRISTINA_MORAES_SANTOS_rev.pdf>. Acesso dia 14 de out. de 2022.

SANTOS, Marcos F. **Ancestralidade e convivência no processo identitário**: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03[S.l.: s.n.], 2005.

SILVA, Luiz. **Literatura negro-brasileira**/Cuti – São Paulo: Selo Negro, 2010. – (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prapedi/wp-content/uploads/2021/05/Literatura-Negro-Brasileira-Col.-Consci%C3%Aancia-em-Debate-by-Cuti-z-lib.org_.pdf>. Acesso dia 02 de setembro de 2022.

SILVA, da Cabral Izabel. **A Intergeracionalidade Quilombola**: O Caso Da Comunidade Adelaide Maria Trindade Batista Em Palmas – Pr. Orientadora: Dissertação de mestrado. UNIOESTE, Programa de Pós-Graduação em Educação, Orientadora Sônia Maria dos Santos Marques, 2021. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5837/5/Maria_Isabel_C_Silva_2021.pdf> Acesso dia 8 de out.de 2023.

SISTO, Celso. **Mãe África**: Mitos lendas fabulas e contos. São Paulo, Paulus, 2007.

SOARES, Vieira, Lizandra. MACHADO, Sandrine Paula. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. Rev. psicol. polít. vol.17 no.39 São Paulo maio/ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext> "http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002"& "http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002"pid=S1519-549X2017000200002>. Acesso dia 31 de agosto de 2022.

SOUZA, Neusa Santos. (1983). **Tornar-se negro** ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Neusa_Santos_Souza_-_Tornar-se_Negro.pdf?1599239573> Acesso dia 3 de out.de 2023.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Disponível em: <https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2022/03/Sodr%C3%A9_Muniz-Pensar-Nag%C3%B4.pdf>. Acesso dia 31 de agosto de 2022.

UNICEF. **O impacto do racismo na infância**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O_impacto_do_racismo_na_infancia.pdf>. Acesso dia 1 de out. de 2022.

WALDIMAN, Maurício. **Baobá na paisagem africana**: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial. África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, São Paulo, número especial 2012: 223-236. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/102638/100902>>. Acesso dia 97 de agosto de 2022.

WERNECK. Jurema, IRACI. Nilza, CRUZ. Simone. **Mulheres negras na primeira pessoa**. Porto Alegre: Redes Editora, 2012.

XAVIER. Giovana. **Você pode substituir mulheres negras objeto estudo por mulheres negras que contam sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

APÊNDICE I- contatos das Mulheres-Baobás (na versão definitiva esmaecer os contatos)

	Nome	Formação	Cidade	Colégio	Email	Whatsapp	Data da entrevista	Horário
1	Adriana Lima OK	Geografia	Francisco Beltrão	Colégio Estadual Tancredinho Neves Escola Municipal Recanto Feliz - CMC			15/11	16h
2	Anaildes OK	Pedagogia	Francisco Beltrão	Colégio Cívico Militar Vicente de Carli			16/11	19h
3	Celina Carvalho OK		Ampère	aposentada			16/11	13h20
4	Francielly Soares Mafoletti OK	Educação Física/ Pedagogia	Francisco Beltrão	Colégio Estadual Suplicy e Colégio Estadual Leo Flack			15/11	19h15
5	Ingrid Mayara Spina Andrade OK	Pedagogia/recente	Francisco Beltrão	OMEI Peter Pan			15/11	13h30
6	Iracema de Carvalho	Geografia	Ampère	Escola Estadual do Campo - professora aposentada			18/11	
7	Lucia Rocha	Pedagoga	Francisco Beltrão	Colégio Estadual Tancredinho Neves			19/11	19h30
8	Nara Maria Pena OK	Química	Francisco Beltrão	Colégio Estadual Tancredinho Neves			16/11	17h30
9	Onira de Fátima Carvalho	Matemática/ Educação Especial	Ampère	aposentada			25/11	13h30
10	Rita de Cassia dos Santos Lima	Pedagogia	Planalto	Colégio Estadual João Zacco			16/11/21	20h
11	Selvina OK	Pedagogia	Verê	Escola Estadual do Campo Marcelo Deodoro da Fonseca			18/11	13h30



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: Histórias de vida: biografias de professoras negras
namicrorregião geográfica de Francisco Beltrão, Paraná

Pesquisadora: Lucília Gouveia

Orientadora: Sônia Maria Marques Santos

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Endereço: Avenida Dambros Piva, 716, Marmeleiro - Paraná. CEP: 85.605-370 –
Fone: (46) 999221706

Endereço eletrônico: lucilia.gouveia@unioeste.br

Nome do entrevistado: _____.

Endereço: _____.

Fone: () _____ - _____

Este estudo tem o objetivo de:

Objetivo Geral:

Construir as biografias de professoras negras a partir das narrativas nos territórios educacionais da Educação Básica;

Objetivos Específicos

- Identificar as educadoras negras da microrregião geográfica de Francisco Beltrão;
- Conhecer as biografias e narrativas das educadoras negras;
- Compreender as narrativas das educadoras negras; para tanto serão necessários os seguintes procedimentos:

Para tanto serão necessários os seguintes procedimentos:

Realizar entrevistas narrativas;

Coletar fotografias constante no acervo pessoal das entrevistadas e as registradas pela pesquisadora;

Fazer análise documental;

Benefícios: Registrar os percursos educativos das docentes negras na microrregião de Francisco Beltrão.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa e ter meus direitos de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, finalidades, benefícios e outras informações relacionados à pesquisa.
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo; desde que informe a pesquisadora.
3. Em caso de qualquer dúvida ou esclarecimento, entrar em contato com a pesquisadora ou instituição na qual se realiza o estudo (Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE).

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa autorizando a pesquisadora a identificar a entrevistada, a publicar imagens cedidas ou o que foi por mim relatado no formato de artigos, livros e demais publicações acadêmicas.

Marmeleiro, 04 de novembro de 2021. Nome do sujeito da pesquisa:

Nome Completo: _____

Assinatura: _____

Eu, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo.

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSckgmEhVA0BdUAUnLgCdygLY38gif9n17XrLcm_P_DldMmav1A/viewform?pli=1

APENDICE IV - Questionário para as participantes da pesquisa com questões objetivas e subjetivas.

Elaborado pelo google

formulário https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdOCTEIVeguZRvfZgkYLWf9k325O79ee_-zkhe8wnEAeNJlaQ/viewform e enviado o link no grupo de whatsapp.

Dados de Identificação

1 - Nome completo:

2 - Data de nascimento:

3 - Você é natural de qual cidade e

estado? 4 - Estado Civil:

5 - Tem filhos? Sim () Não ()

6 - Qual Ensino Médio você fez? Magistério () Ensino Médio Geral () Ensino Médio na EJA () Educação Profissional e Tecnológica () Ensino Médio na EJA à Distância – EaD ()

7 - Em qual ano você concluiu o Ensino Médio?

Qual foi sua primeira graduação? Arte () Ciências Biológicas () Educação Física () Geografia () História () Letras/espanhol () Letras/ inglês () Matemática () Pedagogia () Química () Física () Outro ().

8 - Em que ano você concluiu sua primeira graduação? 9 - Quantas pós-graduação você fez?

Uma pós graduação () Duas pós graduações () Três pós graduações () Mais que quatro pós graduações ().

10 - Qual foi sua primeira pós-graduação?

11 - Em que ano conclui a sua primeira pós-graduação?

12 - Fez o Programa de Desenvolvimento Educacional

(PDE)? Sim () Não ().

13 - Em qual ano você concluiu?

14 - Quantos anos de atuação na Docência*

0 a 3 anos () 3 a 6 anos () 6 a 9 anos () 9 a 12 anos () 12 a 15 anos () 15 a 18 anos () 18 a 21 anos () 21 a 24 anos () 24 a 27 anos () 27 a 30 anos () 30 a 33 anos () 33 a 36 anos () acima de 36 anos.

15 - Na sua academia você teve professoras negras?

Sim () Não ().

16 - Nas escolas/colégios em que você atua ou atuou teve ou tem professores e professoras negras? Quantos?

Nenhum () somente eu () 2 professoras Negras () professoras Negras) 4 professoras Negras () 5 professoras Negras () 6 professoras Negras () 7 professoras Negras () 8 professoras Negras () 9 professoras Negras 10 professoras Negras s () Acima de professoras Negras ().

17 - Qual etapa da Educação Básica que você atua:

Educação Infantil () Ensino Fundamental Anos Iniciais () Ensino Fundamental Anos Finais () Ensino Médio () atua ou atuou no Ensino Superior () Outro ().

18 - Qual modalidade você atua?

Educação de Jovens e Adultos () Educação Especial () Educação Básica do Campo () Educação Profissional e Tecnológica () Educação Escolar Indígena () Educação Escolar Quilombola () Educação a Distância () Outro ().

19 - Ser professora negra é.....:



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Francisco Beltrão

Rua Maringá, 1200 - Bairro Vila Nova — Caixa Postal 371

Fone/Fax (46) 3520 4848 — CEP: 85 605 010 — Francisco Beltrão – PR.

OFÍCIO 01/2021

DE: Lucília Gouveia

Mestranda em: Programa de pós-graduação stricto sensu em nível de Mestrado, área de concentração Educação, linha de pesquisa Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

PARA: Maria de Lourdes Bertani

Chefe do Núcleo Regional de Educação de Francisco Beltrão

Assunto: Fornecimento dados relacionados aos educadores e educadoras no Estado do Paraná e no Núcleo de Francisco Beltrão

Data: 24/10/2021

Venho por meio deste solicitar junto ao Núcleo de Educação de Francisco Beltrão, alguns dados relevantes para a minha pesquisa no Programa de Mestrado, que tem como tema: Histórias de vida: biografias de professoras negras na microrregião geográfica de Francisco Beltrão, Paraná, com orientação da Professora Drª Sônia Maria dos Santos Marques

Os dados necessários para a pesquisa são: Números de professores e professoras do Estado do Paraná, professores do Quadro Próprio do Magistério - QPM e do Processo Seletivo Simplificado - PSS com alguns critérios e especificando o Núcleo Regional de Educação.

- a) gênero (masculino ou feminino);
- b) autodeclaração de professoras pretas e professores pretos, pardos e pardas com características fenotípicas negroides;
- c) professores e professoras indígenas;
- d) professores brancos e professoras brancas

Acreditamos que por meio da análise destas informações colaboramos para informar a comunidade a visibilidade dos educadores e educadoras paranaenses relacionadas as identidades negras.

Desde já, agradecemos à acolhida da solicitação, e ficamos no aguardo de sua resposta.

Atenciosamente,

Lucília Gouveia Mestranda

Professora Dr^a Sônia Maria dos Santos Marques

Orientadora área de Educação

Convite

Eu Lucília Gouveia, com um “sorriso negro”, mestranda no Programa de pós-graduação stricto sensu UNIOESTE, com a orientação da Professora Dr^a Sônia Maria dos Santos Marques, temos a honra de convidá-las para participar da I Reunião da Pesquisa com o tema: Histórias de vida: biografias de professoras negras na microrregião geográfica de Francisco Beltrão, Paraná.

O objetivo desta reunião é conhecer o grupo que farão parte da pesquisa e organizar a entrevista individual.

Dia 04/11 às 19h

Contamos com a participação dos vossos “sorrisos negros” na reunião.



O link da reunião será disponibilizado minutos antes.

Disponível em: <https://pt.org.br/grandes-mulheres-negras-que-fizeram-a-historia-do-brasil/>, Acesso dia 25/10/21.

APÊNDICE VII-Compromisso de devolução de fotografias das sujeitas da pesquisa.



“Um sorriso negro, um abraço negro traz felicidade”.

O mundo todo é rodeado de memórias, inclusive na fotografia. É tão importante fixar na mente aquilo que já vivemos, quem nós conhecemos, o que fomos, como crescemos. A fotografia nos permite “olhar para trás” e reviver tudo aquilo de novo. Fotos de aniversário, no colégio, rodeado de seus velhos amigos, isso são memórias que um dia podem se tornar importantíssimas para o nosso futuro.

Disponível em: <https://www.tecnicopias.com.br/blog/interna/199-a-importancia-da-fotografia-no-registro-de-momento>. Acesso dia 04/12/2021.

Eu, Lucília Gouveia portadora do RG. _____, Mestranda em: Programa de Pós-Graduação stricto sensu em nível de Mestrado, área de concentração Educação, linha de pesquisa Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. A pesquisa tem o tema: Histórias de vida: biografias de professoras negras na microrregião geográfica de Francisco Beltrão, Paraná, com orientação da Professora Drª Sônia Maria dos Santos Marques.

Recebida professora _____ fotografias emprestadas para digitalização e posterior devolução.	Data da devolução: _____
---	------------------------------------

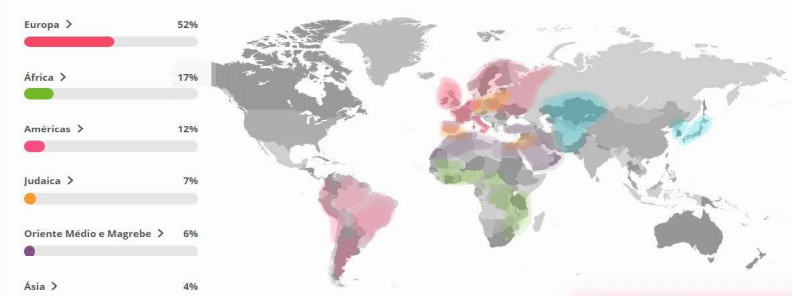
Agradeço desde já a participação /colaboração na nossa pesquisa.
Obrigada!

ANEXO I: Mapa 1- Porcentagem de docente que se autodeclararam pretos e pardos no Estado do Paraná.



Fonte: Acervo da Secretaria de Educação do Estado do Paraná

ANEXO II: Mapa 02: Exemplo de mapa do Gênero Básico.....76



Fonte: Disponível em: <https://www.genera.com.br/blog/o-que-vem-em-cada-pacote-da-genera/>. Acesso dia 27 de nov. de 2021.

ANEXO III: Mapa interativo 03: Teste Genera – Mulher- Baobá Francielly.



FRANCIELLY SOARES MAFIOLETTI

FM

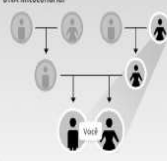
Linhagem Materna

O recurso Linhagem Materna indica o seu haplogrupo materno, isto é, a rota percorrida pelos seus ancestrais matrilineares ao longo do tempo. A partir de uma análise do DNA mitocondrial (mtDNA), é possível traçar o caminho que eles fizeram há mais de 100 mil anos. Essa ferramenta considera apenas a sua linhagem matrilinear, ou seja, a sua mãe, sua avó materna, sua bisavó materna, trisavó materna e, assim, sucessivamente, até milhares de anos atrás).

Compartilhe seus resultados:

Sobre este relatório

DNA Mitocondrial



O teste de linhagens indica qual a rota percorrida pelos seus ancestrais. Para descobrir a rota da sua linhagem materna, é feita uma análise do DNA mitocondrial (mt-DNA), um conjunto de haplogrupos encontrado nas mitocôndrias. Esses haplogrupos são um grupo de alelos (formas alternativas de um determinado gene) que carregam as características genéticas herdadas pelo pai e pela mãe. Assim, mesmo que a DNA tenha sofrido alguma mutação, é possível rastrear a origem e o caminho do seu haplogrupo materno ao longo de mais de 100 mil anos.

Seu haplogrupo: M



Derivado da linhagem L3, o haplogrupo M corresponde a uma ramificação muito robusta, surgindo na África entre 60 e 80 mil anos atrás e espalhando-se por muitos continentes. Acredita-se que esse haplogrupo represente o início da saída dos humanos modernos da África, em particular dispersando-se pelo Oriente Médio e pelo sul da Ásia, rumando pela costa do Oceano Índico. Por ser uma linhagem muito antiga e pouco frequente, não corresponde tão bem aos grupos étnicos atuais encontrados ao redor do planeta.

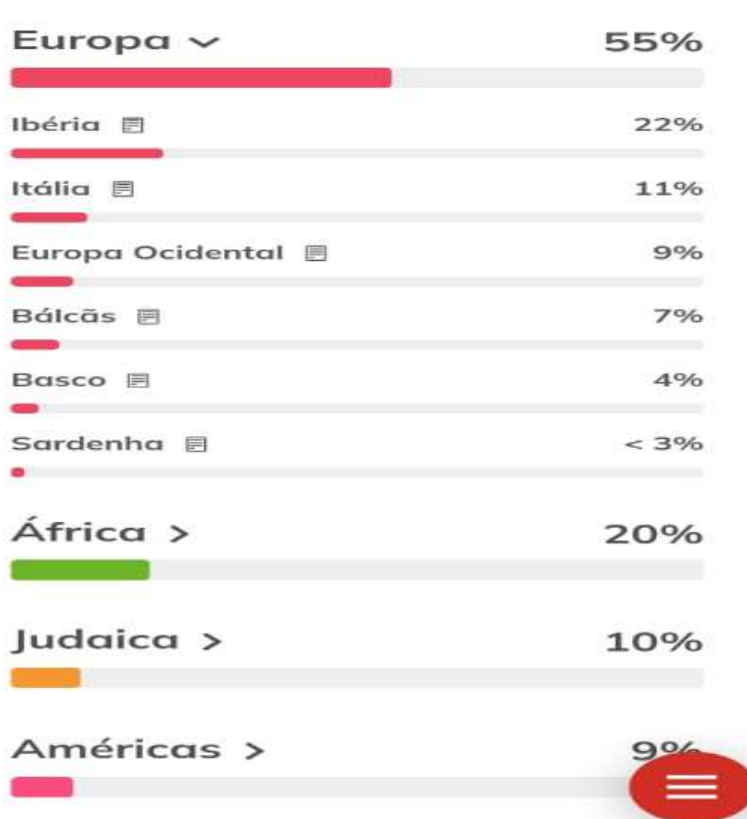
Eva mitocondrial 200 a 99 mil anos



Todas as linhagens de mtDNA tem origem em uma só mulher. Ela não era a única nem a primeira humana viva naquela época, mas sua linhagem mitocondrial é a única que existe nos dias de hoje, sendo a ancestral de todos os humanos vivos. Pesquisadores a chamam de "Eva Mitocondrial" ou "Eva biológica".

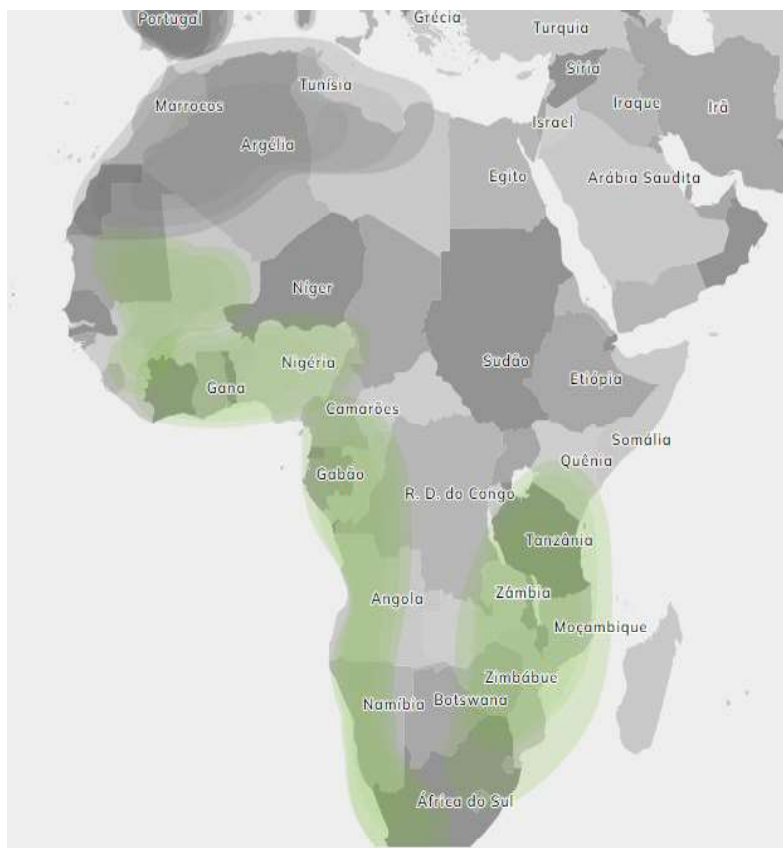
Fonte: arquivo pessoal de Mulher Baobá Francielly, material cedido para a pesquisa.

ANEXO IV: Mapa interativo 04: Teste Genera – Mulher- Baobá Francielly.



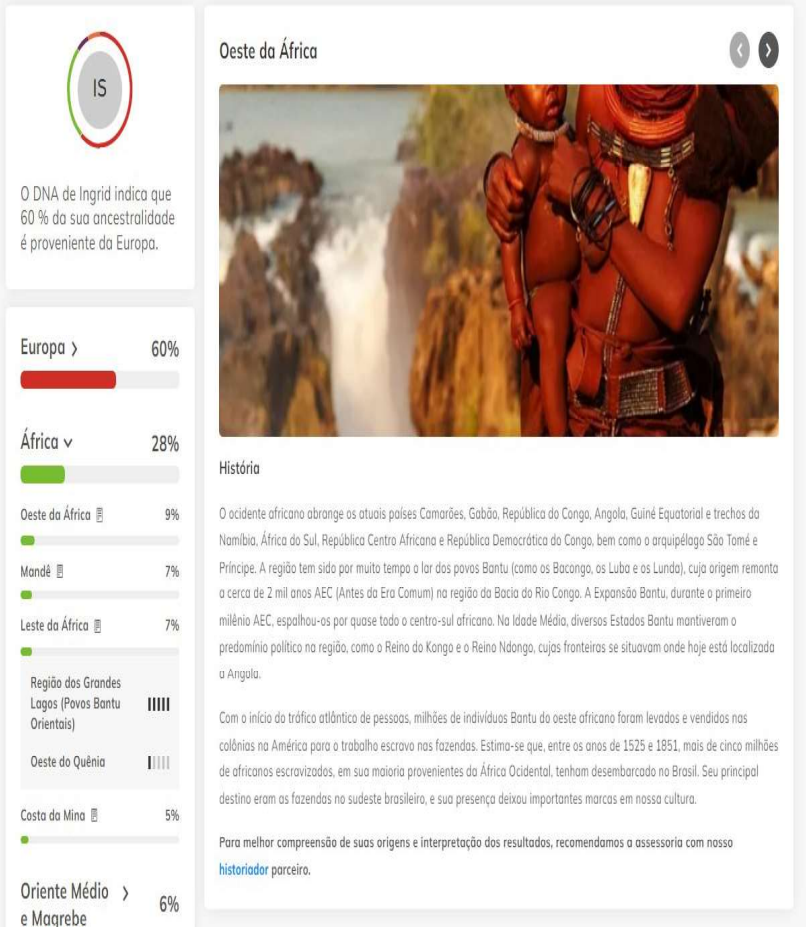
Fonte: arquivo pessoal da Mulher-Baobá, cedida para a pesquisa

ANEXO V: Mapa interativo 05: Teste Genera – Mulher- Baobá Ingrid.



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa.

ANEXO VI: Mapa interativo 06: Teste Genera – Mulher- Baobá Ingrid.



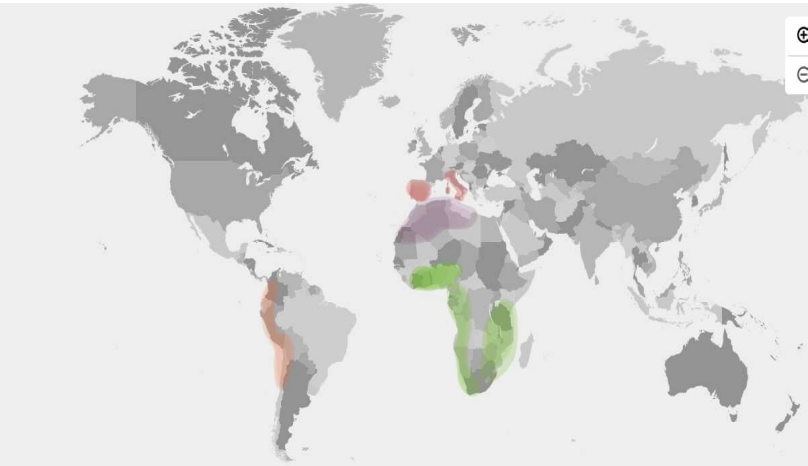
Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa

ANEXO VII: Mapa interativo 07: Teste Genera Mulher-Baobá Onira.



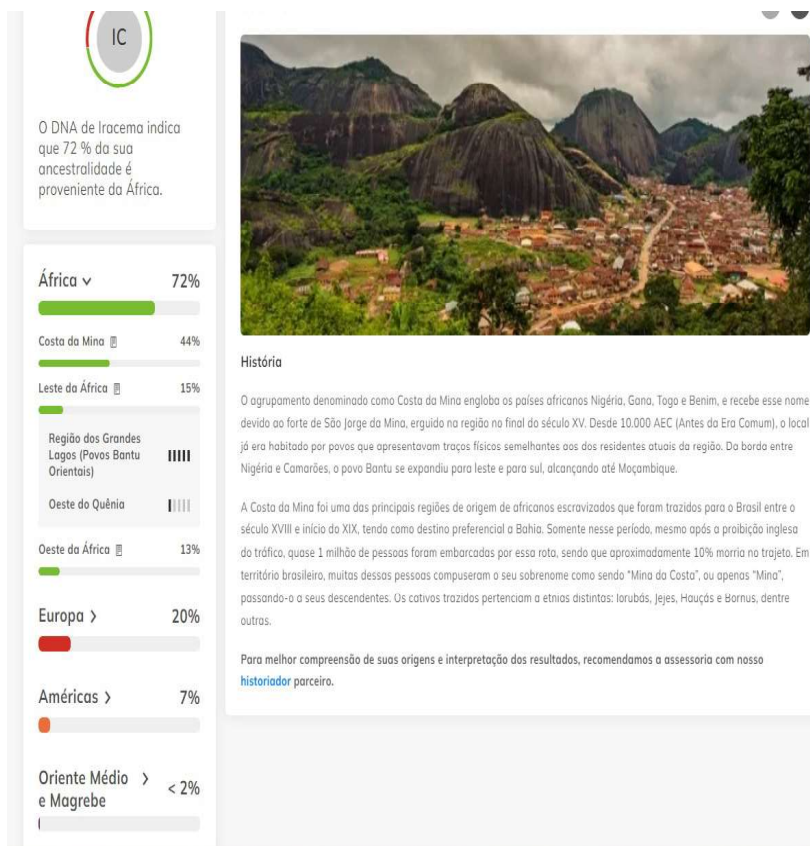
Fonte: Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa Mulher-Baobá

ANEXO VIII: Mapa interativo 08: Localização origem Iracema Mulher-Baobá.....87



Fonte: arquivo pessoal de cada Mulher-Baobá, cedida para a pesquisa.

ANEXO IX: Mapa Interativo 09: Herança genética da Mulher-Baobá Iracema.

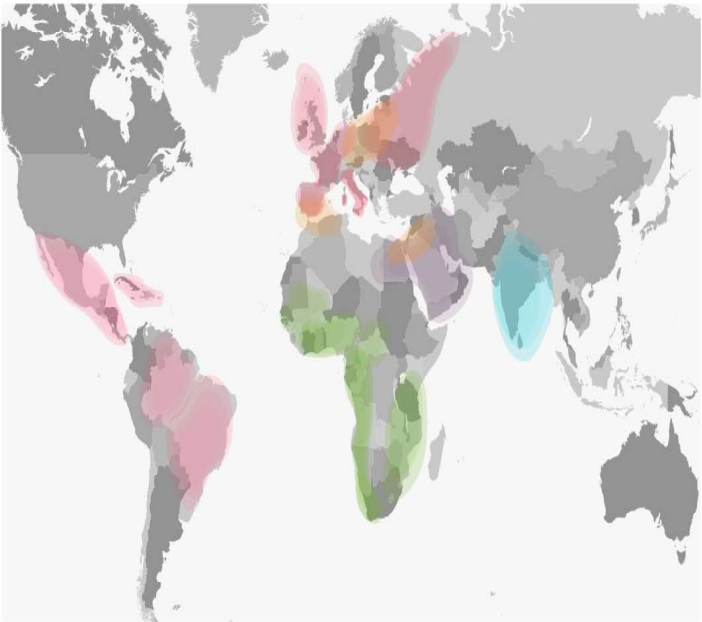


Fonte: arquivo pessoal de cada Mulher-Baobá, cedida para a pesquisa.

ANEXO X: Mapa interativo 10: Teste Genera da Mulher- Baobá Rita de Cássia.



Rita de Cássia Dos Santos Lima



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa

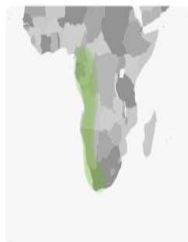
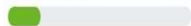
ANEXO XI: Mapa interativo 11: Teste Genera da Mulher- Baobá Rita de Cássia.

Oeste da África

África 57%



Oeste da África 18%



História

O ocidente africano abrange os atuais países Camarões, Gabão, República do Congo, Angola, Guiné Equatorial e trechos da Namíbia, África do Sul, República Centra Africana e República Democrática do Congo, bem como o arquipélago São Tomé e Príncipe. A região tem sido por muito tempo o lar dos povos Bantu (como os Bacongá, os Luba e os Lunda), cuja origem remonta a cerca de 2 mil anos AEC (Antes da Era Comum) na região da Bacia do Rio Congo. A Expansão Bantu, durante o primeiro milênio AEC, espalhou-os por quase todo o centro-sul africano. Na Idade Média, diversos Estados Bantu mantiveram o predomínio político na região, como o Reino do Kongo e o Reino Ndongo, cujas fronteiras se situavam onde hoje está localizada a Angola.

Com o início do tráfico atlântico de pessoas, milhões de indivíduos Bantu do oeste africano foram levados e vendidos nas colônias na América para o trabalho escravo nas fazendas. Estima-se que, entre os anos de 1525 e 1851, mais de cinco milhões de africanos escravizados, em sua maioria provenientes da África Ocidental, tenham desembarcado no Brasil. Seu principal destino eram as fazendas no sudeste brasileiro, e sua presença deixou importantes marcas em nossa cultura.

Português do Brasil

"Moleque", "cachaça", "dengo" e "cochilo" estão entre as palavras de origem Bantu que figuram entre as mais pronunciadas na nossa língua - também chamadas de bantuísmos. O que pouca gente sabe é que a influência que os idiomas africanos exercem sobre o português brasileiro vai muito além do vocabulário: mesmo nossa pronúncia, com muito mais ênfase nas vogais do que nas consoantes (ao contrário do português lusitano), bem como o ato de pronunciar as vogais de maneira mais aberta, são marcas linguísticas oriundas dos mais de quinhentos anos de intercâmbio cultural entre falantes europeus e africanos.

Futebol Bacongá

Os falantes do idioma quicongo são conhecidos como Bacongá, e abrangem uma gama de etnias muito presentes no norte de Angola e nos dois Congos. Como atitude de fortalecimento de sua identidade étnica, de maneira a superar fronteiras e segregações religiosas, eles costumam organizar campeonatos e torneios esportivos - especialmente de futebol - em que os times e torcidas são definidos por agrupamentos étnicos.

Referências e leituras adicionais:

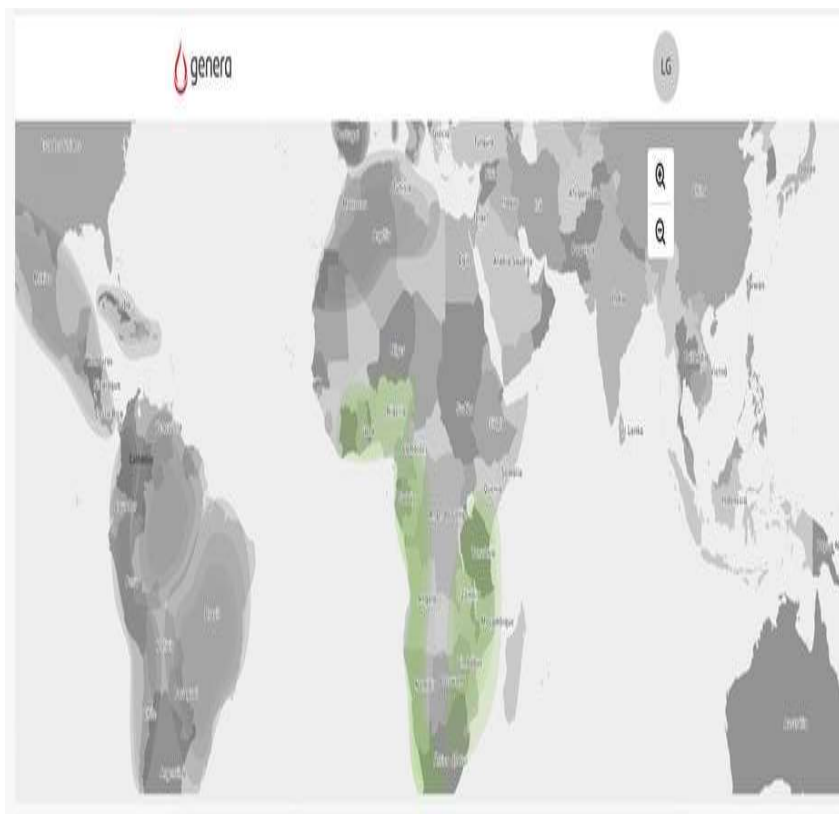
CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=214>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MARTIN, Phyllis. Leisure and Society in Colonial Brazzaville. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VANSINA, J. New Linguistic Evidence and 'The Bantu Expansion'. The Journal Of African History, [s.l.], v. 36, n. 2, p.173-195, jul. 1995. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/S0021853700034101>.

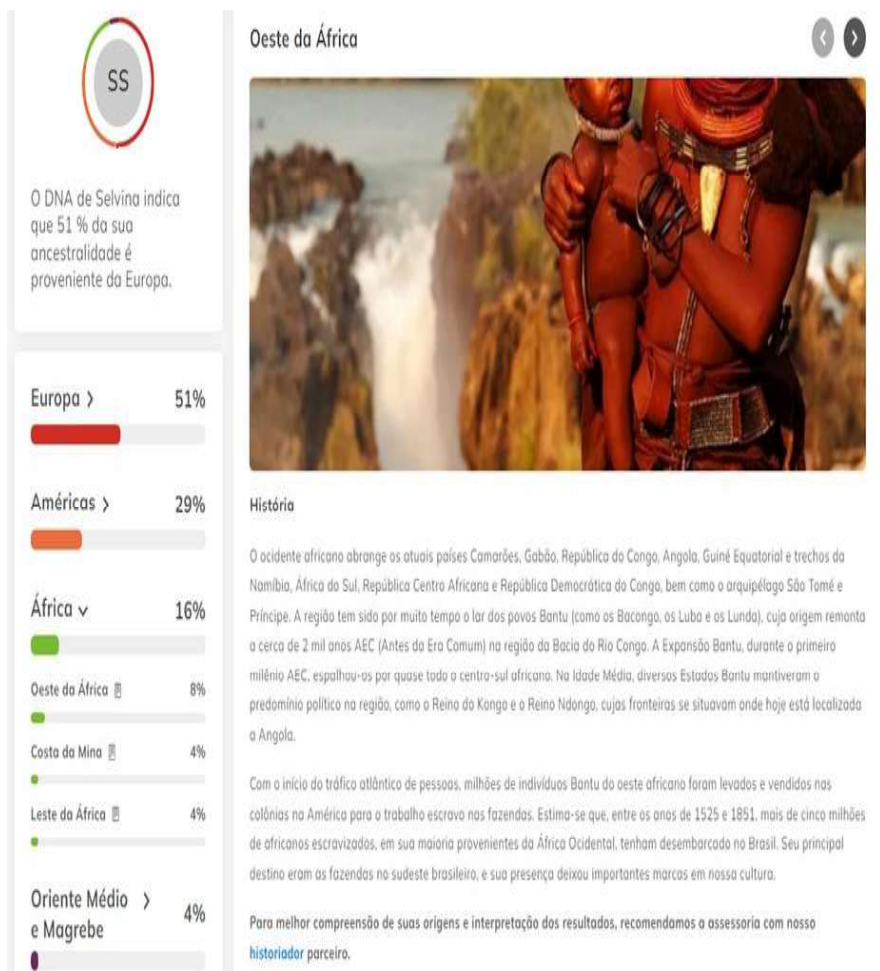
Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa

ANEXO XII: Mapa interativo 12: Teste Genera da Mulher- Baobá Selvina.



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa

ANEXO XIII: Mapa interativo 13: Teste Genético da Mulher- Baobá Selvina.



Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa

ANEXO XIV: Mapa interativo 14: Teste Genera Mulher- Baobá Adriana.



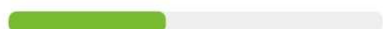
Ancestralidade Global ?

ADRIANA, seu DNA indica que 42% da sua ancestralidade é proveniente da África.

Compartilhe seus resultados:



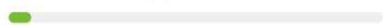
África ▾ 42%



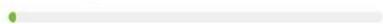
Oeste da África 32%



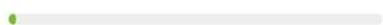
Costa da Mina 6%



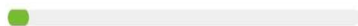
Mandê < 3%



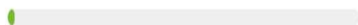
Chifre da África < 3%



Costa da Mina 6%



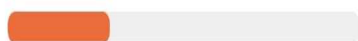
Mandê < 3%



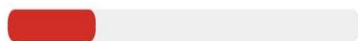
Chifre da África < 3%



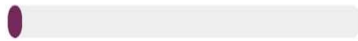
Américas > 29%



Europa > 25%

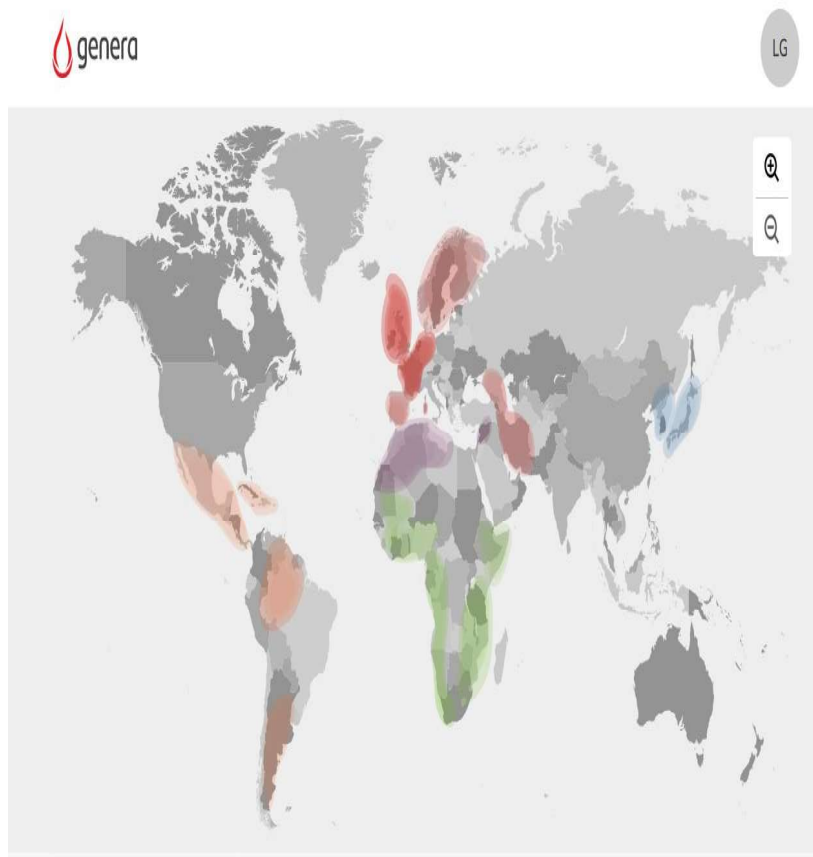


Oriente Médio e Magrebe > 4%



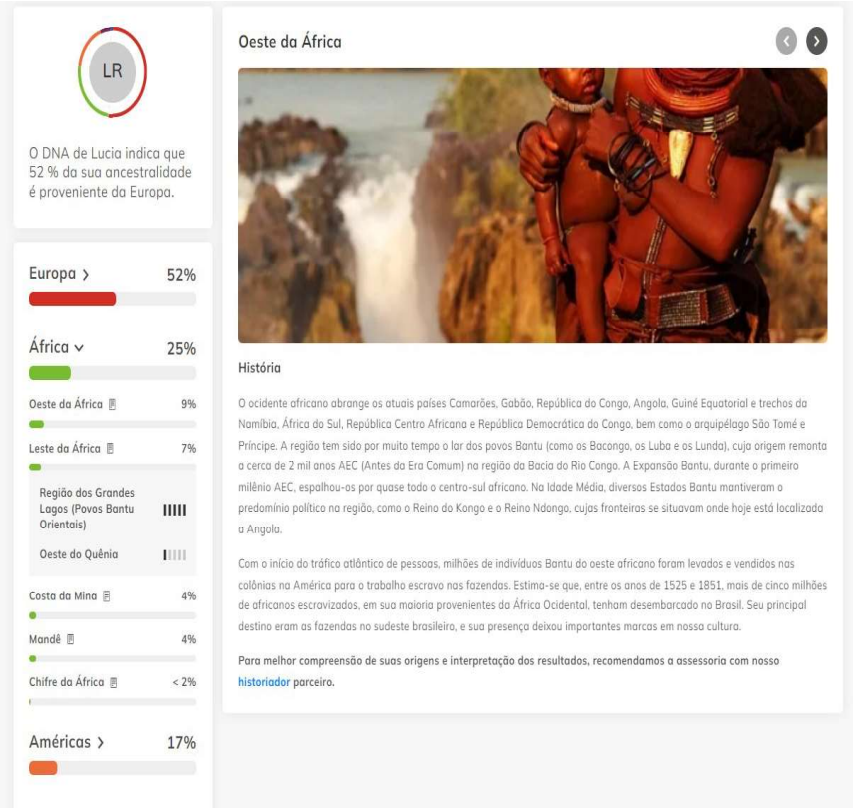
Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa.

ANEXO XV: Mapa interativo 15: Teste Genera da Mulher- Baobá Lúcia.

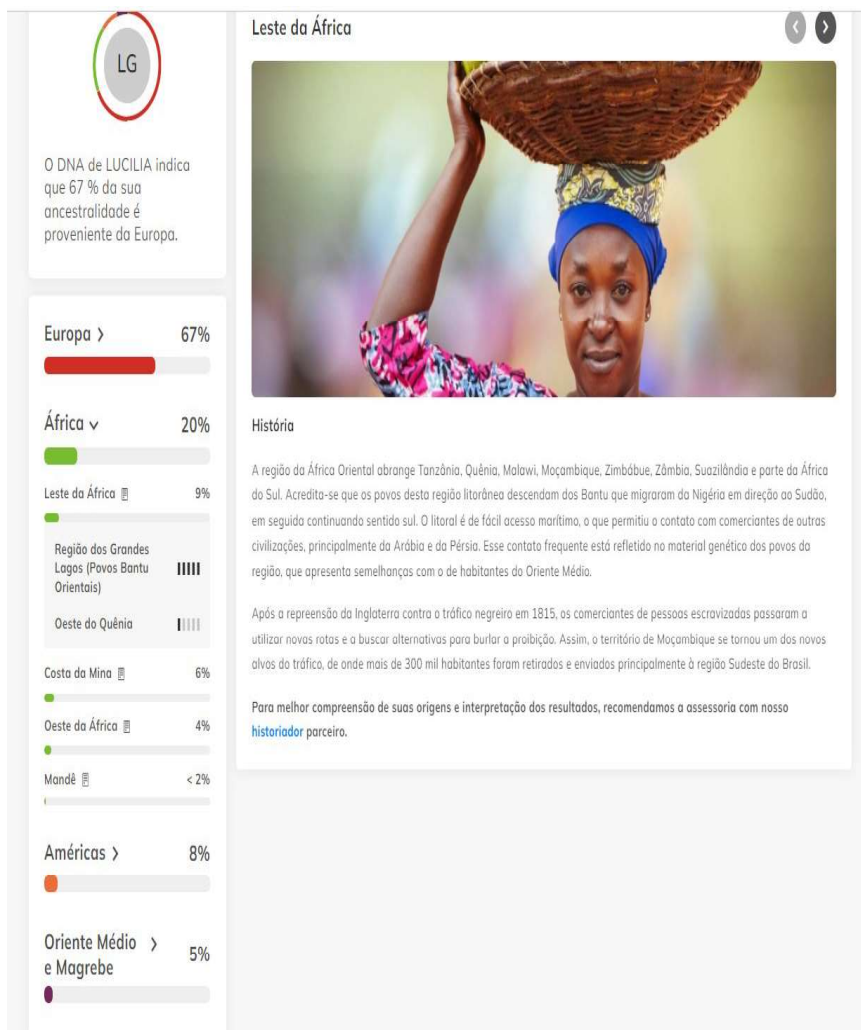


Fonte: arquivo pessoal de cada Baobá, cedida para a pesquisa

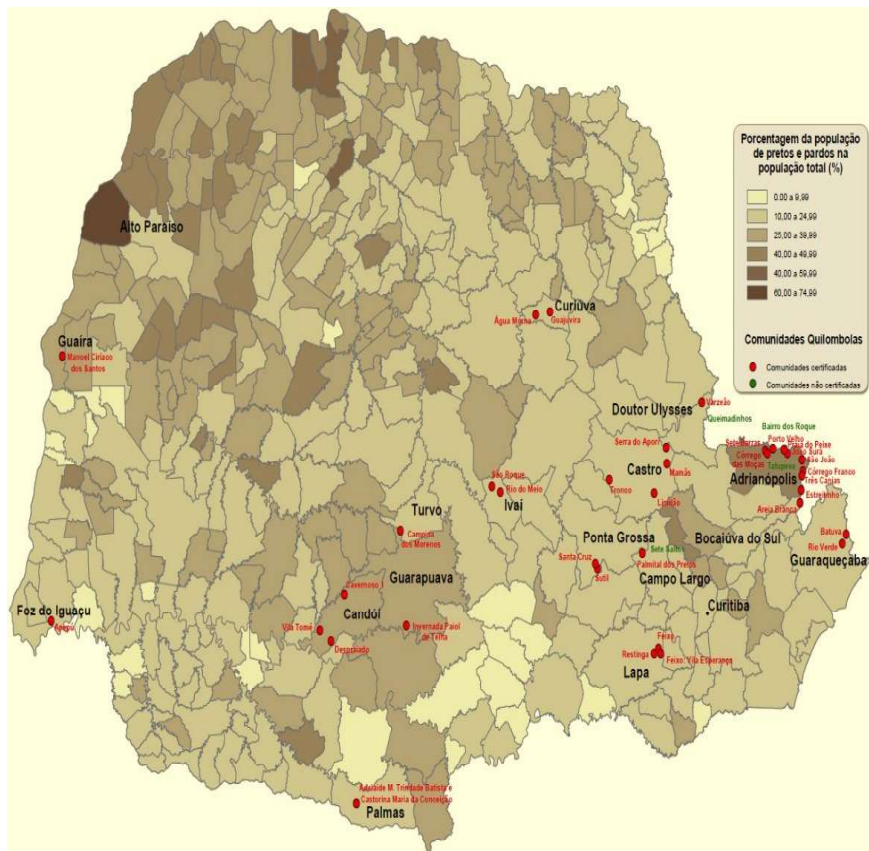
ANEXO XVI: Mapa interativo 16: Teste Genera da Mulher-Baobá Lucia Rocha.



ANEXO XVII: Mapa interativo 17: Teste Genera da Mulher-Baobá Lucília.



ANEXO XVIII: Mapa 18: População Negra e Comunidades Quilombolas do Paraná.



Fonte: Disponível em: <<http://www.guiageo-parana.com/mapas/quilombolas.htm>>.
Acesso dia 19/08/23.